

A História de JOANA d'ARC, ditada por ela mesma

Psicografia de Ermance Dufaux (Médium de Kardec)



Edições LEON DENIS

HISTÓRIA DE JOANA D'ARC

A HISTÓRIA DE JOANA D'ARC - Ditada por ela mesma
ERMANCE DUFAUX

1ª Edição: fevereiro de 1997; até a 4ª tiragem, 10º milheiro.
novembro de 2001; 5ª tiragem, 11º milheiro.
março de 2003; tiragem, 12º milheiro.

L 1110297

Capa: *J. Luciano Moraes*

Diagramação e Composição: *Levy Andrade*

Copidesque e Revisão de Originais: *Albenina Escudeiro Sêco*

Revisão Tipográfica: *Teresa Cunha*

Ficha Catalográfica feita na Editora
CIP - Brasil - Catalogação na fonte

133.9 D'Arc, Joana - (Espírito) - 1412-1431
D226h História de Joana d'Arc: ditada por ela mesma, [psicografia]
Ermance Dufaux; trad. Denise Villas Bôas. – Rio de Janeiro: CELD, 2003.

254 p.; 22 cm

ISBN – 85-7297-106-8

Ao alto do título: Evocação dos espíritos.

Capa: J. Luciano Moraes

I. Espiritismo

I. Dufaux, Ermance

II. Villas Bôas, Denise

III. Título

W. Gualberto

CRB/7-1288

CDD- 133.9

Para pedidos de livros dirija-se ao Centro Espírita Léon Denis – Editora
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro, RJ-RJ. CEP 21331-290.
Telefax (0XX21) 2452-1846 Fax (0XX1) 2450-4544
Site: <http://cefcf.org.br>
E-mail: editora@celd.org.br
Remessa via Correios e Transportadora.

CNPJ 27.921.931/0001.89 IE 82.209.980

Evocação dos Espíritos

História de Joana d'Arc
Ditada Por Ela Mesma

ERMANCE DUFAUX

Idade: 14 anos

1ª Edição

Paris. Impresso por H. Carion

64, rue Bonaparte, (próximo à Praça Saint-Sulpice).

EVOCATION DES ESPRITS

HISTOIRE

JEANNE D'ARC

Avec ses visions

EMMANUELE DUFFREY

Age de 16 ans

avec ses visions



PARIS

LEDOYER, LIBRAIRE-ÉDITEUR,
rue de Valenciennes, 11.

1870

Reproduction et traduction interdites.



Paris — Imprimé chez M. Garnier, 41, rue de Valenciennes.
Paris de la presse française.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Prefácio	11
Capítulo I	15
Capítulo II	37
Capítulo III	57
Capítulo IV	77
Capítulo V	95
Capítulo VI	113
Capítulo VII	131
Capítulo VIII	157
Capítulo IX	201
Capítulo X	213
Apêndice	223
Momentos Fotográficos	233

Esta página foi deixada em branco intencionalmente

APRESENTAÇÃO

A “História de Jeanne d’Arc”, que ora apresentamos aos nossos leitores, numa tradução de Denise Villas Bôas, é uma obra psicográfica, ditada pela “Pucelle d’Orlans” a Ermance Dufaux, uma menina que contava então 14 anos e que, por seus dotes morais e mediúnicos, colaborou com Allan Kardec na elaboração da 2ª edição de “O Livro dos Espíritos”, Ermance foi médium do Espírito São Luiz que tanto ajudou o Mestre Kardec na grandiosa obra da Codificação.

O poder descritivo da narração minudenciosa, a riqueza dos detalhes como, por exemplo, a relação de todos os participantes de seu “julgamento” — nome completo, profissão e títulos de cada um deles — nos dão uma ideia das qualidades da médium receptora e do Espírito que a ditou.

A trajetória de Jeanne d’Arc em solo francês é conhecida mundialmente. A sua obstinada bravura, a devoção sem limites aos Espíritos que lhe apareciam, e que a conduziram em seus atos nessa encarnação, o seu imenso amor pela França, aliados a sua simplicidade, sua pureza, seu bom senso e a nobreza do seu caráter tornaram-na a heroína sem par desde o século XV.

Em “A História de Jeanne d’Arc” vemos a luta de duas forças: a do bem, personificada no puro ideal da “Pucelle” — tão puro quanto ela mesma — e a do mal, representado pelo falso ideal de justiça de seus pseudos julgadores, digo pseudos já que o seu objetivo não era julgar, mas condenar Jeanne à morte, como realmente fizeram, apoiados no abandono a que Jeanne foi relegada por Charles VII — a quem ela fizera

coroar lei da França — no descaso e na iniquidade dos próprios franceses que se tornaram assim os cúmplices perfeitos dos mandatários de sua morte.

Sob a acusação de “herege relapsa”, (acusação tecnicamente perfeita segundo alguns historiadores) Jeanne d’Arc foi queimada viva no dia 30 de maio de 1431, aos 19 anos de idade.

Nesse momento mesmo, algumas pessoas se mostraram horrorizadas e arrependidas por terem participado de seu sacrifício; é célebre a frase pronunciada pelo inglês John Tressart, um dos secretários de Henri VI, que saiu de junto do cadafalso se lamentando, e, em lágrimas, exclamou: “Estamos todos perdidos, queimamos uma santa!” Outra frase que também se eternizou foi a de Jean Alepée, cônego da catedral, e que era totalmente contrário a Jeanne: “Gostaria que minha alma estivesse onde acredito que está a desta mulher”.

Somente mais tarde o povo francês reabilitou-se de seu procedimento para com Jeanne. Charles VII, em 15 de fevereiro de 1450, escreveu uma carta a Guillaume Bouillé, deão da Catedral de Noyon, ordenando que fossem iniciadas investigações no processo pelo qual seus inimigos, devido ao “imenso ódio que nutriam por Jeanne, mataram-na perversa e injustamente, com requintes de crueldade”.

Depois de inúmeras “démarches”, em junho de 1456, o Grande Inquisidor de Bréhal fez uma revisão no caso e no dia 7 de julho, na Catedral de Rouen, Jean Jouvène de Ursins pronunciou o seu veredicto oficial, dizendo entre outras afirmativas: “... decretamos e declaramos o dito julgamento e sentença como contaminados por fraudes, calúnias, iniquidade, contradições e erros manifestos de fato e de Lei e juntamente com a abjuração, a execução e todas as suas consequências, como nulas, sem valor e sem efeito. ... Proclamamos que Jeanne não contraiu mancha alguma de infâmia e que ela está totalmente limpa disso...”

Jeanne foi beatificada em 1909, por gestões iniciadas em 1890 pelo Papa Leão XIII, e canonizada em 1920.

O sacrifício de Jeanne, porém, não foi em vão, ela conseguiu despertar o sentimento patriótico do povo francês e assim propiciar o êxito da França na Guerra dos 100 Anos.

Temos a certeza de que o leitor gostará de ler a “História de Jeanne d’Arc”, enriquecida pela Editora CELD que, em sua edição, inseriu fotografias e 120 notas de rodapé com informações sobre lugares, fatos e pessoas participantes dessa tragédia que marcou para sempre a presença da “Pucelle d’Orléans” entre nós.

Finalmente, cabe-nos agradecer aos confrades Aparecido Belvedere e Cláudia Bonmartin que nos fizeram chegar às mãos cópias do original francês, em duas edições distintas, de a “Histoire de Jeanne d’Arc”.

Colocamos, como curiosidade, a reprodução fac-similada das referidas edições datadas respectivamente de 1855 e 1860.

Albertina Escudeiro Sêco

Esta página foi deixada em branco intencionalmente

PREFÁCIO

Filha de um simples agricultor, minha vida deveria ter sido calma e pacata, como o riacho desconhecido que corre sobre a relva; mas não foi assim: Deus não o quis.

Não foi a ambição, mas sim as imperiosas ordens do céu que me fizeram sair de minha humilde condição. A meus olhos, as flores dos campos eram mil vezes mais bonitas que todas as joias de um rei, e eu achava que a glória era como uma chama que queima a borboleta que ousa aproximar-se.

Não me orgulho de minha missão, eu a vejo como uma gota de orvalho caída por acaso numa folha, da qual ela logo escorrerá para se evaporar com as suas semelhantes.

Tão logo esta carreira me foi indicada, mil obstáculos surgiram para me desencorajar: eu duvidava do céu e de mim mesma, Deus, porém, não me abandonou, novas visões vieram me fortalecer; Ele queria somente me mostrar que, sem Ele, eu nada poderia; eu era como as rodas que fazem avançar a carroça, mas que são inúteis se uma força estranha não as impulsiona.

Ele queria retirar do meu coração o orgulho que teria se apoderado de mim, caso sua providente solicitude não me tivesse advertido de minha fraqueza. Ver minha pátria livre das amarras vergonhosas que a mantinham cativa: esse era o mais doce sonho da minha jovem Vida. Uma vaga tradição da casa paterna dizia que uma mulher realizaria esse sonho, e o Todo Poderoso, através de um milagre, me informava que essa mulher era eu! ... Eu, humilde virgem de Domremy!...

Qual pessoa, por mais perfeita, não teria sentido, com essa revelação, sua alma transbordar de orgulho? A revelação me afligi; o demônio me atacou; Deus o venceu para me proteger.

Eu esperava encontrar uma estrada ampla e sem problemas que me levaria ao meu objetivo por entre milhares de flores; puro engano! As rochas e precipícios, a cada passo, me dificultavam a passagem.

Quando todos os meus esforços e todas as tentativas se mostravam inúteis, Deus então me pegava pela mão e me fazia transpor a uns e superar a outros. Reconheço minha fragilidade e aprendi a tudo esperar Dele, somente Dele! Encontrei espinhos onde esperava flores; e apesar de me serem bem penosos, eles serviram para proteger meus passos dos abismos que me rodeavam. Frequentemente o vento me fazia curvar quando eu acreditava ser forte o suficiente para enfrentá-lo, porém, a mão que me havia colocado no meio da tempestade sempre me impedia de ser quebrada.

Para que eu não me tornasse inútil, para não dizer prejudicial aos projetos do céu, era preciso que um guia seguro me mantivesse no bom caminho: Deus permitiu a seus santos virem ao meu encontro tomando formas visíveis. Essas visões eram para mim como o ímã que dirige sempre para o norte a agulha da bússola; eu estava certa de não me desvirtuar seguindo seus conselhos, que eu sempre tenho escutado.

Tomei-me (involuntariamente) a rival dos Dunois, dos La Hire, dos Xaintrilles, Isso me entristecia; a felicidade não se encontra nos palácios, como imaginam os homens, mas comumente nas choupanas e nos corações dos humildes. Os prazeres mundanos são como as flores do Efêmero; mas os prazeres do dever são como as flores da Imortalidade, que não murcham nunca.

A suspensão do cerco de Orléans, a jornada da sagração e as vitórias conquistadas pelos franceses eram para mim acontecimentos felizes, eles, contudo, não me proporcionavam a mesma alegria que sentia quando estava na minha choupana; eu sinto falta das minhas coroas de flores feitas com centáureas azuis e margaridas, bem como da roca que eu fiava à sombra de velhas nogueiras. Esperava rever minhas alegres montanhas... Pobre de mim! Minha missão tinha acabado, mas era preciso ficar; a vontade do rei e da França me retinham... Talvez a minha também.

Preces, avisos, ameaças, meus celestes protetores, não pouparam nada para me salvar. Pobre de mim! Dir-se-ia que uma venda escondia de minha visão o abismo que deveria me devorar. Minha imprudência me deu novos direitos à glória; junto ao título de libertadora recebi o de desafortunada; conquistei o primeiro com o preço da minha felicidade e o segundo com o preço da minha vida. A infelicidade sagra os heróis, como o sangue sagrava os eleitos do circo; sob uma moita de espinhos, a glória, como a violeta, parece mais bonita aos olhos de todos; purificada pela infelicidade, ela parece envolta por um círculo de fogo do qual a serpente da inveja não ousa se aproximar.

Se eu perdi na Terra uma felicidade passageira, a inocência da minha vida, as correntes da prisão e as chamas da fogueira me proporcionaram uma felicidade que nunca se acabará.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente

I

Vim ao mundo em Domremy¹, cidadezinha pobre, perto de Vaucouleurs², filha de Jacques Darc e de Isabeau Daix, sua esposa. Minha mãe só era conhecida em Domremy pelo nome de Romé; eu explico: Jean Romé era um honesto lavrador de Domremy. Um dia, quando ele ia colher galhos no bosque Chesnu, encontrou uma menina abandonada que devia ter uns seis anos. Ele soube por ela, não sem tristeza, que seu nome era Isabeau Daix e que os “bourguignons”³, tinham-na expulsado do vilarejo de Macey, após terem massacrado seus pais que eram “armagnacs”⁴. Penalizado quanta ao futuro dessa criança e não podendo pensar em abandoná-la, vista que o céu a tinha confiado a ele de uma maneira tão evidente, Jean a levou para casa e a educou como se fosse alguém de seu próprio sangue, apesar de já ter duas filhas: Jeanne e Ameline. Quando ela estava em idade de se casar ele a casou com meu pai, que já estava fixado em Domremy há algum tempo. Ele lhe deu como dote a choupana onde eu nasci. Eu já tinha então três irmãos: Jacquemain, Jean e Pierre, bem coma uma irmã chamada Isabeau.

¹ Domremy: cidade do Distrito do Neufchâteau, Departamento de Vosgues, localizada a sudoeste de Paris. (N. da E.)

² Vaucouleurs: cidade do Distrito de Commercy, Departamento da Meuse, localizado a leste de Paris (N. da E.)

³ “Bourguignons”: partido do duque de Bourgogne, oposto ao “armagnacs” (N. da E.)

⁴ “Armagnacs”: partido do duque de Orléans. Dilacerou a Fran no tempo de Charles VI e Charles VII, com suas lutas contra a facção dos “bourguignons”. O conflito durou 100 anos e só em 1435, com o Tratado de Arras, que reconciliou Charles VII e Philippe III, le Bon. (N. da E.)

Meus pais, pobres e honestos, só puderam me dar uma educação compatível com a situação deles; eu aprendi a costurar e fiava quando não estava cuidando dos animais com minha irmã.

Desde minha infância fui educada dentro de importantes sentimentos de devoção e de amor por meu legítimo soberano, bem como de uma imensa raiva pelos ingleses, raiva que só fazia aumentar os danos da guerra, e os comentários, muitas vezes exagerados, sobre as crueldades que eles infligiam continuamente a todos aqueles que se mantinham fiéis a seus soberanos, principalmente contra os infelizes camponeses, sempre as primeiras vítimas da guerra.

Homens, mulheres, velhos, até crianças, todos comentavam diariamente sobre as desgraças do infeliz Charles VI⁵, que estávamos longe de responsabilizar pelos males que afligiam a França, males que atribuíamos principalmente à culpada Isabeau de Bavière⁶, mulher desnaturada, que soube livrar seu coração de sentimentos que até mesmo os animais mais ferozes não conseguem reprimir, e que os esqueceu a ponto de arrancar da cabeça de seu filho uma coroa da qual ele era o legítimo herdeiro.

Os infortúnios sem fim que os franceses experimentavam não puderam diminuir a adoração que eles tinham por Charles VI, nem o fizeram perder o título de “rei bem-amado”, o título mais nobre que um soberano possa cobiçar, e que ele guardou para a eternidade.

Não nos cansamos de festejar as virtudes do jovem Delfim Charles⁷ e de suas grandes qualidades que pareciam anunciar para a França um futuro brilhante, se um dia ele viesse a subir ao trono de seu pai.

⁵ Charles VI, le Bien-Aimé (o Bem-Amado): filho de Charles V e de Jeanne de Bourbon, nasceu em Paris (1368- 1422), rei da França em 1380. Governou inicialmente sob a tutela de seus tios que dilapidaram o Tesouro e provocaram, por causa da cobrança de novos impostos, a revolta dos Maillotins. Após afastar seus tios e substituí-los por antigos Conselheiros de seu pai, fez uma boa administração que lhe proporcionou o nome de “Bem-Amado”. Foi atacado pela loucura no decorrer de uma expedição contra o duque de Bretagne. Seu reino — dilacerado pela rivalidade entre “bourguignons” e “armagnacs”, entregue à anarquia, governado por sua mulher, Isabeau de Bavière — cai, quase todo, em poder dos ingleses. (N. da E.)

⁶ Isabeau de Bavière: rainha da França (1371-1435), filha de Etienne II, duque da Bavière, casou-se com Charles VI e muitas vezes foi regente. Ela se passou dos “armagnacs” para os “bourguignons” e entregou a França aos ingleses pelo Tratado de Troyes (assinado em 1420, na cidade do mesmo nome) no qual Henri V, da Inglaterra, foi reconhecido como Regente da França (N. da E.)

⁷ Delfim Charles: (1403-1461), filho primogênito de Charles VI, seria conhecido como Le Victorieux (O Vitorioso)

Minha família, meus companheiros e eu, em particular, não parávamos de enviar aos céus fervorosas preces para abrandar sua cólera, para a obter a expulsão dos inimigos e o restabelecimento do legítimo soberano.

Um dia, eu tinha 13 anos, estava fiando sentada sob um carvalho no jardim da casa de meu pai, quando escutei uma voz que me chamava. Não vendo ninguém, pensei ter sido um engano da minha imaginação; mas a mesma voz se fez ouvir alguns segundos depois. Eu vi então, numa nuvem resplandecente, Saint-Michel acompanhado de anjos do céu. Ele me disse para rezar e confiar, que Deus libertaria a França, e que, dentro em pouco, uma moça, sem contudo dizer seu nome, seria o instrumento do qual ele se serviria para perseguir os ingleses e repor a França sob a autoridade de seus reis legítimos. Com essas palavras eles desapareceram, deixando-me num profundo espanto e muito assustada com uma tal visão; eu dediquei, incontinentemente, minha virgindade a Deus.

Vendo-me pensativa, minha irmã Isabeau, que acabara de chegar, disse-me sorrindo:

— O que você está fazendo aqui, sua preguiçosa? Olhando para o ar? Não seria melhor continuar sua costura?

Minha irmã era pouco mais velha do que eu; ela era dotada de uma personalidade forte e de um raro bom senso. Nunca guardei segredo dela, assim não hesitei em lhe confiar o que tinha acabado de me acontecer com a firme decisão de seguir seus conselhos. Após me ouvir, ela disse que eu estava louca, que provavelmente eu tinha adormecido com a alma muito preocupada com os problemas da França; que esta visão era somente uma criação da minha imaginação muito fértil. Constatando que eu persistia em negar todas as suposições que pôde fazer para abalar a minha convicção, ela disse então que me acreditava de boa-fé, mas que me aconselhava a não comentar com ninguém sobre essa aventura. Eu segui seu conselho, no se falou mais sobre isso e esse caso logo caiu no esquecimento, mas não por muito tempo.

Aproximadamente um mês depois eu reví o arcanjo e seus anjos. Ele me deu bons conselhos e me disse diversas coisas sobre o destino da França. Suas visitas tornaram-se bastante frequentes; um dia, ele disse que em breve eu veria Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.

— Filha de Deus, acrescentou ele, segue seus conselhos e faz o que te disserem; elas são realmente enviadas pelo Rei do céu para te guiar e dirigir; obedece a elas em tudo.

Pouco depois eu vi, junto a ele, duas jovens mulheres de uma radiante beleza. Elas estavam magnificamente vestidas; usavam, sobre a cabeça, coroas de ouro, ornamentadas com pedras preciosas. Ajoelhei-me e beijei seus pés. Uma delas me disse que se chamava Catherine e a outra Marguerite. Elas repetiram o que Saint-Michel me havia dito sobre a França e desapareceram. Saint-Michel, os anjos e elas apareciam raramente, porém, eu sempre escutava suas vozes acompanhadas por uma imensa claridade.

Um ano depois, vi ainda os três santos que me disseram a mesma coisa, ordenando-me, todavia, revelar tudo na hora do serão noturno.

À noite, toda a família e alguns vizinhos estavam reunidos em volta da poltrona de minha avó; a conversa versava, como de costume, sobre os infortúnios atuais. Charles VI tinha, há alguns anos, terminado sua infeliz existência; os negócios na França estavam mais desesperadores a perda desse infeliz reinado parecia inevitável porque, a cada dia, a cada hora, os ingleses obtinham novas vantagens sobre os franceses desencorajados. O único remédio para esses males seria o restabelecimento de Charles VII, que os inimigos chamavam por escárnio “o rei de Bourges”.

Eu obedeci as ordens das santas, que me haviam mandado revelar a próxima libertação da França; meu pai, ouvindo-me falar assim severamente me impôs silêncio; minha irmã Isabeau, que tinha compreendido por ela mesma, apoiou-me vivamente, e cada um, visto que já era tarde, retirou-se pensativo.

Alguns meses depois, enquanto guardava os animais, escutei uma voz que chamava pelo meu nome; vi, uma vez mais, Saint-Michel, Sainte-Marguerite e Sainte-Catherine que, dessa vez, disseram que a jovem, qual eles haviam falado, seria eu. Eles desapareceram imediatamente, deixando-me estática e não sabendo o que pensar de uma revelação tão inesperada. Voltei para casa decidida a contar tudo a meu pai a fim de receber seus conselhos. Como na vez anterior, ele foi incrédulo, porém uma voz disse de repente:

— O que Jeanne diz, tu deves acreditar, porque é a verdade.

Um de meus tios, chamado Raymond Durand, conhecido como Laxart, cunhado de minha mãe, tendo escutado isso, disse que seria necessário deixar agir a Providência; que ela não deixaria de agir corretamente.

Existia em Domremy um lavrador chamado Conradin de Spinal; era o único “bourguignon”⁸ que residiu nesse vilarejo. Eu sentia por ele uma profunda antipatia⁹; porém, venci esse sentimento e consegui segurar, junto com ele, uma criança sobre a pia batismal, o que estabelecia, nessa época, uma espécie de parentesco entre padrinho e madrinha.

Os habitantes de Domremy só conheceram os males da guerra pelo que ouviam falar; soubemos logo que os “bourguignons” destruíram os arredores e avançavam em direção à nossa cidade, todos os habitantes fugiram levando seus rebanhos e seus objetos mais valiosos; eles foram se refugiar em Neufchâtel¹⁰, na região da Lorena. Minha família e eu nos hospedamos na casa de uma bondosa senhora, conhecida como a Ruiva, e lá ficamos cinco dias, durante os quais eu levava os animais de meu pai para o pasto, junto com minha irmã Isabeau; o resto do tempo, ajudava nossa bondosa anfitriã na arrumação da casa, junto com minha mãe e minha irmã.

Foi muito triste ver Domremy quando para lá retornamos: a igreja tinha sido entregue às chamas; o trigo, os grãos, tinham sido devastados; as árvores frutíferas foram cortadas ou derrubadas; as videiras, arrancadas, e as casas, pilhadas, em resumo poderíamos dizer que uma torrente devastadora passara sobre esse povoado, até então calmo e pacífico. Foi com aperto no coração que revi esses locais queridos, outrora tão alegres.

A desolação era ainda maior no recinto sagrado: Os altares foram profanados, as estátuas dos santos e os crucifixos, quebrados ou então

⁸ “Bourguignon”: partidário dos “bourguignons”. (N. da E.)

⁹ Acusaram-me de ter dito, diversas vezes, que eu queria ver sua cabeça cortada, esse desejo seria incompatível demais com a minha piedade para que eu o tivesse formulado; disse somente, em várias oportunidades, que desejava que Conradin mudasse de partido. (Nota da edição francesa)

¹⁰ Neufchâtel: atualmente é a cidade de Neufchâteau, localizada no Departamento de Vosges. (N. da E.)

cobertos por imundícies, as imagens sagradas, diante das quais eu sempre acendia velas ou depositava flores, tinham sido vítimas das chamas; as paredes, enegrecidas pela fumaça do incêndio, pareciam ter sido cobertas por uma mortalha de luto e de desolação. Um silêncio lúgubre reinava e todos os lugares onde antes se escutavam os cantos das senhoras e moças, o mugir dos animais e o grito das aves, bem como o barulho dos trabalhadores.

Como as minhas preces foram ardentes nesse dia! Quantas vezes supliquei a Deus tomar toda a minha felicidade, todos os dias de minha vida, para, em troca, livrar minha pátria dessas terríveis calamidades! Quando meu pai e meus irmãos voltaram do campo, eles trouxeram triste certeza de que nossas colheitas estavam perdidas, e que todos horrores da miséria iriam castigar aqueles lugares onde, quinze dias antes, reinava a abundância e a prosperidade. Que coisa triste é o coração humano! Não contente com os problemas que se abatiam sobre nós, cada pessoa procurava, como numa espécie de prazer, levantar o véu que encobria o futuro para procurar novos motivos de alarme, como se Deus não estivesse sempre conosco para nos prover de tudo.

Estava em Neufchâtel um rapaz de Toul que viera a negócios; ele me viu enquanto orava na igreja; tocado pela minha beleza e por minha devoção, concebeu o projeto de desposar-me. Colheu informações sobre mim e sobre minha família que só o fortaleceram em sua decisão.

Quando retornamos a Domremy ele foi pedir minha mão a me pai, que a concedeu sem maiores dificuldades. O rapaz era bom sob todos os aspectos e possuía alguns bens.

Meu pai não sabia ao certo o que devia pensar de minhas visões; um sonho que teve, no qual me via partir com militares, fazia com que ele desejasse ardentemente meu casamento, apesar de minha tenra idade.

Como eu sempre obedecera a ele, bem como a minha mãe, com total submissão, meu pai acreditou que eu consentiria, sem oposição, no que eles esperavam de mim. Ele ficou tão surpreso quanto furioso quando respondi simplesmente, mas com segurança, que não queria me casar. Ele ameaçou me bater e prendeu-me no meu quarto para que eu fizesse minhas reflexões.

No dia seguinte repeti a mesma coisa; ele recorreu então a um meio que acreditava eficaz: foi o de estimular o pretendente a me convocar diante do juiz. Efetivamente ele fez isso; eu, porém, quando soube que estava citada a comparecer ao tribunal, declarei, diante de meu pai e do rapaz que, se um dia me casasse, não seria com ele; que preferia lavar a terra com minhas unhas a tornar-me sua esposa. Meu pai, minha mãe, minha família, meus amigos, todos intervieram para tentar mudar minha opinião; a insistência deles me irritava, porém, fortaleceu a minha decisão. Quando parti para Toul, meu pai disse que, visto ser tão teimosa, eu deveria me livrar desse problema como pudesse, que ele não estava disposto a me ajudar, por nada desse mundo. Eu jurei, diante do juiz, dizer a verdade, e protestei afirmando que não tinha feito promessa alguma àquele rapaz, enquanto que ele sustentava obstinadamente o contrário.

— Está bem!, disse eu, então mostre suas provas.

Como não havia provas, ele se embaraçou e confessou que eu nunca lhe fizera promessa de casamento, e que, se ele o afirmara, foi somente para me coagir a aceitá-lo como marido.

Durante vários anos, minhas revelações só foram conhecidas pelo meu círculo habitual de amigos. Um dia as vozes me disseram: Jeanne, vai te encontrar com o senhor de Baudricourt¹¹, comandante de Vaucouleurs; tu lhe dirás que ele te dê armas, um cavalo e dois fidalgos para te conduzir ao rei, que, por sua vez, te dará militares para levantar o cerco de Orléans. Tu o levarás em seguida a Reims¹² para fazer a sua sagração. Tu encontrarás em Sainte-Catherine de Fierbois¹³, no túmulo de um intrépido cavaleiro, que se encontra atrás

¹¹ Robert de Baudricourt: comandante na cidade de Vaucouleurs, a quem Jeanne falou, em primeiro lugar, sobre seu desejo de socorrer Charles VII; ele acabou por conduzi-la, sob sua guarda, até Chinon, onde Jeanne se encontrou com o rei. (N. da E.)

¹² Reims: cidade do Departamento de Marne, localizada a nordeste de Paris. (N. da E.)

¹³ Sainte-Catherine de Fierbois, localizada entre as cidades de Loches e de Chinon, no atual Departamento de Indre-et-Loire, foi, durante o século XIV, um local muito frequentado. Sua origem, que certamente não passa de uma lenda, é atribuída a Charles Martel (688-741), que após sua vitória em Poitiers — onde, em 732, aniquilou os sarracenos, comandados por Abd-er-Rahman, salvando, assim, a civilização cristã — teria mandado erguer, num lugar chamado Fierbois, uma pequena capela e ali depositado sua espada em ação de graças. Somente em 1375, após Jean Godefroy, um burguês de Sainte-Maure, ter se curado dentro da capela, a peregrinação recomeçou. Em 1516, Leão X (Jean de Médicis, que foi papa de 1513 a 1521), erigiu Sainte-Catherine de Fierbois em paróquia, trata-se, nesse caso, da atual igreja, de estilo gótico se bem que construída no fim do século XV, com um campanário em forma piramidal. (N. da E.)

do altar-mor, uma espada em cuja lâmina há cinco cruzeiros. O que acabamos de te dizer, e o que já revelamos antes, nós o fizemos por ordem de Deus, bem como, de Saint-Louis, o protetor da França.

Eu tinha perguntado aos santos se deveria dizer isso a meus pais, eles responderam que eu fizesse o que quisesse, que eles, porém, o desaconselhavam, temendo que meus pais colocassem obstáculos à minha viagem. Era o que eu pensava também; a incredulidade de meu pai com respeito às vozes não me encorajava a dizer-lhe que elas me mandavam partir; eu não ousei falar nem mesmo com minha mãe e irmãos, todavia contei toda a verdade a Isabeau, minha irmã.

As vozes apressavam minha partida; não poderia mais permanecer onde estava; há quase um mês que eu procurava, inutilmente, uma oportunidade para ir até Vaucouleurs, sem que meus pais soubessem, quando então, meu tio Durand, que morava em Petit-Burey, povoado localizado entre Domremy e Vaucouleurs, veio passar alguns dias em nossa casa. Eu confiava nele, aliás ele mesmo declarara formalmente a meu pai que acreditava em minha missão celeste. Eu contei a ele o que as vozes me tinham dito e supliquei que me fornecesse os meios de empreender essa viagem. Ele prometeu que iria ver o senhor Robert de Baudricourt e lhe falar de mim.

Ele foi realmente procurá-lo; mas monsenhor Robert disse que eu era uma extravagante; que seria bom me dar umas boas palmadas e bastonadas para me curar dessa loucura. Implorei ao meu tio para nada comentar com meu pai, que era bem enérgico para colocar em prática essa receita.

Algum tempo depois encontrei um meio de ir a Vaucouleurs com Pierre, meu irmão caçula. Fui encontrar-me com o senhor de Baudricourt que após me ouvir, riu do que ele chamou de um sonho de moça. Como meu irmão deveria trazer algumas tarefas para meu tio Durand, voltei sozinha para Domremy, bastante desanimada com o pouco sucesso da viagem.

Havia perto da cidade, uma bela fonte que desfrutava da sombra de uma antiga tília; toda a cidade vinha até ela buscar a água para suas necessidades.

Sentei-me ao pé dessa árvore e pus-me a pensar tristemente no fracasso da recente visita, duvidando um pouco da veracidade da minha

missão pois achava impossível que Deus, se tivesse realmente me escolhido, me abandonasse nessa viagem da qual dependia o sucesso de minha missão.

“Não teria sido eu, vítima de um sonho ou talvez influenciada por maus espíritos?”

Tais eram as perguntas que me fazia interiormente quando, de repente, vi Sainte-Marguerite; ela possuía uma beleza admirável, seus cabelos louros caíam em grandes cachos sobre seus ombros alvos como o alabastro; a brancura imaculada de seu vestido e a nuvem resplandecente que a envolvia, acrescentavam bem pouco ao brilho de sua deslumbrante beleza. Ela me disse com um angelical sorriso:

— Jeanne, por que desanimas desse jeito? Por que te desgostares por causa desse insucesso? Deus te protege. Vai, retorna a casa de teus pais que estão preocupados com a tua ausência; a lua com sua fronte radiosa iluminará teu caminho.

Realmente, até aquele momento a escuridão era grande; mas, as suas palavras, o astro da noite a dissipou. Após o desaparecimento da doce visão, fiquei ainda algum tempo pensativa a olhar a lua prateada mirando-se no espelho da fonte; tomei então o caminho da nossa choupana, bem preocupada com a recepção que me seria feita.

Como já esperava, fui mal recebida por meus pais que, por causa do meu desaparecimento, tinham mergulhado numa inquietação mortal. Meu pai perguntou-me de onde eu vinha e quem permitira que eu me ausentasse por três dias sem avisar ninguém. Respondi-lhe que vinha de Vaucouleurs, da casa do senhor Robert de Baudricourt, e que estava tão somente obedecendo as vozes; elas tinham ordenado que eu fosse explicar a ele minha missão. Como conheciam a minha obstinação em sustentar a veracidade dessas visões, ele acreditou nas minhas palavras e não me bateu. Só falamos dessa viagem, eu e minha irmã para lastimar o seu desagradável resultado. Fui a Saint-Nicolas, perto da cidade de Nancy¹⁴, na Lorraine, uma peregrinação extremamente conhecida graças aos milagres desse

¹⁴ Nancy: antiga capital da Lorraine, situada no Departamento do Meurthe-et-Moselle, dista 307 quilômetros do leste do Paris. (N. da E.)

santo. O duque de Lorraine estava nessa ocasião muito doente; todos temiam por sua vida. Instruído sobre a fama de minhas visões, ele me pediu um remédio que pudesse curá-lo. Disse-lhe que sua cura dependia de sua reconciliação com a duquesa, sua esposa, a qual, enfadada com suas atitudes, tinha se separado dele. Ele me colocou um anel repleto de diamantes no dedo, deu-me algum dinheiro, que eu ofereci aos pobres, e se despediu de mim, decepcionado com minha resposta.

Como meus pais me prendiam muito, e velavam por mim com grande severidade, no intuito de impedir que eu voltasse a Vaucouleurs, implorei a meu tio que lhes pedisse para me deixarem passar dois dias na casa dele. Meu pai não hesitou em aceitar pois sabia que eu estaria tão bem na casa dele como na própria casa paterna.

Havia somente oito dias que eu tinha chegado a Petit-Burey, quando meu tio cedeu aos meus pedidos e levou-me para Vaucouleurs. Ficamos hospedados na casa de uma senhora chamada Catherine, esposa de Henri, um senhor que consertava carroças em Vaucouleurs. Durante vários dias não pude chegar até o comandante; ele, finalmente, consentiu em me receber; mas, após ter-me feito diferentes perguntas, despachou-me mandando-me ir para os “quintos dos infernos”. Retornei a sua casa passado algum tempo, dessa vez, enfadado com minha insistência, enviou-me o cura de Vaucouleurs, acreditando que eu estivesse possuída pelo demônio, mas o pobre homem, após inúmeras preces, não pôde me curar. Voltei a Petit-Burey, depois para Domremy, para a casa de meus pais que de nada desconfiaram.

Voltei pouco depois, com meu tio, à casa do comandante, que achava que tinha se livrado de mim para sempre; ele não quis me receber. Fiquei três semanas em Vaucouleurs, indo a casa dele a todo instante. Ele voltou atrás na sua decisão e resolveu me receber. O fracasso dos exorcismos do cura o tinham colocado de péssimo humor.

Antes de ir visitá-lo, eu perguntara aos santos o que seria preciso fazer para convencê-lo; eles me responderam que deveria dizer-lhe que os franceses tinham acabado de perder uma batalha em Órleans; que esse fracasso seria conhecido na história sob o nome de “Jornada dos

Arenques”¹⁵. O comandante, surpreso com a segurança com a qual eu predisse esse revés, disse-me que voltaria a me chamar. Soube-se, pouco tempo depois, a verdade sobre o que eu lhe havia dito; desde então ele não tinha mais razão para se recusar a me enviar ao rei.

Ele me armou dos pés à cabeça, deu-me um cavalo e dois fidalgos da região de Champagne¹⁶, chamados Jean de Metz e Bertrand de Poulengy, que só consentiram em me acompanhar após muita relutância, o caminho estava ocupado pelos ingleses. Esses dois nobres e outras cinco pessoas compunham toda a minha escolta; eram meu irmão Pierre, Collet de Vienne, um arqueiro chamado Richard e dois moços de cavalaria, Jean de Honnecourt e Julien.

A realização do que eu havia predito fazia com que as pessoas, mesmo as de minha cidade, me olhassem como se eu fosse uma profetisa inspirada por Deus; eu então jurei que nós não encontraríamos obstáculos difíceis, para vencer a aversão deles.

Nós nos colocamos em marcha para ir a Chinon¹⁷, residência atual do rei. Como eu havia dito, não encontramos nenhum empecilho. Durante o caminho, dormimos em igrejas, refúgios (infelizmente frequentemente violados) dos infortunados camponeses cujas humildes palhoças haviam sido queimadas.

Passamos também por Sainte-Catherine de Fierbois, onde ficamos três dias. De lá escrevi para Carlos VII para comunicar-lhe minha missão, rogando que ele me respondesse se eu poderia ir vê-lo em Chinon. Após sua resposta afirmativa, continuei meu caminho e cheguei finalmente a Chinon, com todos aqueles que me acompanhavam, no dia 24 de fevereiro. Enviei imediatamente ao rei, as cartas do monsenhor de Baudricourt, através das quais anunciava a Charles minha missão e rogava que ele me concedesse uma audiência, apesar dele se atormentar por

¹⁵ “Jornada dos Arenques”: combate travado pelos franceses, no dia 12 de fevereiro de 1429, para embargar um comboio de arenques (peixes) destinado aos ingleses que sitiavam Orléans. (N. da E.)

¹⁶ Champagne: antiga província francesa, capital Troyes; foi unida à França em 1285 por Philippe, le Bel, e deu origem aos atuais Departamentos de Ardennes, Marne, Aube e Haute-Marne. (N. da E.)

¹⁷ Chinon: cidade do Departamento de Indre-et-Loire, localizada a sudoeste de Paris. (N. da E.)

tentar obter-me esse favor. O rei, sempre rodeado por seus favoritos, era inacessível e parecia esquecer, numa covarde indolência, que tantos corajosos cavaleiros sacrificavam suas fortunas e suas vidas para tentar restabelecer seu trono.

Fiquei três dias em Chinon sem poder falar com ele. Desde o segundo dia, ele ordenou que eu fosse até a casa de Iolande d'Arragon¹⁸, rainha da Sicília, sua sogra, a fim de ser examinada por ela, pois um dos preconceitos da época era o de que uma bruxa não poderia ser virgem; entretanto, diversos exemplos recentes haviam mostrado seu pouco fundamento. O exame provou minha inocência e, desde esse dia, fui denominada a Donzela.

Finalmente após três dias durante os quais o conselho hesitou entre o medo e a curiosidade, esta última triunfou e Charles VII me chamou à sua presença; após ter sido submetida a um exame e a um interrogatório. Quando me dirigia ao encontro do rei, encontrei um militar que, me apontando com o dedo, perguntou:

— É a Donzela quem vem lá?

— Sim, respondeu-lhe um dos que me acompanhavam.

Ele gritou:

— Renego Deus, se eu passasse ao menos uma noite com ela, ela não continuaria Donzela!

Ouvindo-o falar desse jeito virei-me e disse:

— Como pode o senhor renegar Deus quando está prestes a morrer?

Ele se foi rindo dessa predição, porém, uma hora depois, caiu na água e se afogou.

O rei para me testar, disfarçou-se e misturou-se a multidão de bajuladores; há muito tempo os retratos vendidos pelos mascates, e sua figura marcada nas moedas, tinham-me feita conhecê-lo; foi sem dificuldade que eu o distingui dentre todos os presentes, dizendo-lhe entre outras coisas:

— Monsenhor, Delfim, eu me chamo Jeanne, a Donzela; sou enviada por Deus para colocar a coroa sobre sua cabeça e para expulsar os ingleses desse reino, ao qual eles não têm direito algum.

¹⁸ Iolande D'Arragon (1380-1442) casou-se com Louis II d'Anjou, rei da Sicília; mãe de Marie d'Anjou, mulher de Charles VII. (N. da E.)

Charles e os que o rodeavam não puderam dissimular a profunda surpresa que lhes causou a distinção que eu havia feita ao rei, sem tê-lo jamais visto. Charles, entretanto, disse que não poderia crer nas minhas palavras, que eu lhe desse um sinal sobre a verdade do que dizia.

Após ter feito sair todas as pessoas, eu disse que ele tinha entrado disfarçado, há algum tempo atrás, na casa da duquesa de Bourgogne, por razões que a gravidade da história não me permite revelar, e que poderiam ter causado a ele consequências funestas. O rei, escutando-me falar sobre isso, não pôde deixar de enrubescer-se; e me fez jurar, pela minha alma, que nunca revelaria esse segredo a quem que fosse. Realmente, esta revelação, a qualquer momento que fosse feita, poderia causar as maiores desgraças, fazendo nascer no duque, que já não era muito unido a ele, um inimigo mortal.

Charles, desde esse dia, ficou convencido da veracidade da minha missão; entretanto, ele resolveu que me levariam a Poitiers¹⁹, para ser examinada pelo parlamento lotado nessa cidade, e que ele mesmo também iria. O rei ordenou a Guillaume Bellier, juiz de Troyes²⁰, seu mordomo, que me hospedasse em sua casa. A esposa desse oficial, tão destacado pelo seu mérito quanto por suas virtudes, foi incumbida de cuidar de mim, enquanto se obtinham informações sobre minha vida em Domremy, em Vaucoulers e em Greuse.

Estando no palácio do rei, vi entrar um senhor. O rei perguntou, para me testar, quem era ele. Respondi então:

— Gentil Delfim, é o duque Jean d'Alençon. Entretanto, eu jamais o tinha visto.

O rei nomeara comissões para me interrogarem; fui questionada todos os dias. Aguardando que tudo ficasse pronto para minha partida, o rei se divertia em fazer-me correr de vez em quando com a lança; eu cumpria esse exercício de forma a obter todos os votos.

¹⁹ Poitiers: capital da antiga província de Poitou e que deu origem aos Departamentos de Deux-Sèvres, de La Vendée e de La Vienne, é neste último que Poitiers está localizada a 340 quilômetros do sudoeste de Paris. (N. da E.)

²⁰ Troyes: capital da antiga província de Campagne, Departamento de Aube; está localizada a 158 quilômetros do sudoeste de Paris. Troyes foi libertada do domínio inglês por Jeanne d'Arc, em 1429. (N. da E.)

Fui visitar as duquesas d'Alençon, a mãe e a esposa do duque, na abadia de Saint-Florent, perto de Saumur, onde moravam na época. Fiquei com elas quatro dias, durante os quais pude desfrutar de sua bondosa amizade.

Ao longo do caminho, perguntei a um dos cavalheiros que me acompanhavam, para onde eles me levavam; ele respondeu que íamos a Poitiers, onde eu deveria submeter minha missão ao julgamento daqueles que a França considerava homens sábios e esclarecidos; não pude deixar de dizer:

— Teria razão para temer; porém, com a ajuda de Deus, que me conduziu até agora, espero triunfar sobre todos os obstáculos que eles levantarão.

Permaneci em Poitiers, na casa de Jean Rabateau; minha guarda ficou sob a responsabilidade de sua esposa.

Logo no dia seguinte, uma grande quantidade de doutores em Teologia e bacharéis veio me encontrar. Quando os vi, sentei-me num banco perguntando o que queriam. Um deles respondeu que vinha da parte do rei, para testar se realmente poderiam dar crédito às minhas palavras, e para me provar, por motivos sérios, que ninguém deveria crer em mim. Começaram então a fazer perguntas sobre religião, as perguntas mais capciosas que eles puderam achar; com a ajuda de Deus e dos santos, respondi tão bem que tiveram que se calar. Eles partiram se interrogando como era possível que uma moça da minha idade pudesse resolver formulações que teriam confundido até mesmo os mais esclarecidos dentre eles.

No dia seguinte, dois doutores em Teologia (um carmelita e outro dominicano), vieram também me ver. O padre da Ordem das Carmelitas disse amargamente:

— Jeanne, você deve saber muito bem que a Escritura Santa proíbe que se acredite em tais absurdos, quando deles não se tenham provas efetivas. Respondi sem me alterar:

— Não quero tentar Deus; o sinal que eu darei da verdade do que eu previ será realizado quando eu libertar Orléans²¹ do estado de sítio

²¹ Orléans: antiga capital de Orléanais, está localizada no Departamento de Loiret, a 116 quilômetros do sul de Paris; o cerco de Orléans, pelos ingleses, em 1428/1429, ficou célebre. Foi ali que Jeanne d'Arc iniciou a missão de salvar a França do domínio inglês. (N. da E.)

em que ela se encontra, e também quando levar o Delfim a Reims para a sacração.

Disse-lhe ainda que eles só teriam que me acompanhar e presenciariam essas realizações.

Então ele perguntou:

— Por que a senhora chama de Delfim ao rei, nosso senhor?

Respondi:

— Só o chamarei de rei quando ele tiver sido sagrado e coroado em Reims, para onde devo conduzi-lo.

O irmão dominicano iniciou no mesmo tom que o primeiro:

— Jeanne, a senhora pede cavalheiros militares e diz que a vontade de Deus é que os ingleses sejam expulsos deste reino; contudo, se isso que a senhora diz verdadeiro, a vontade de Deus já não seria suficiente? Por que a necessidade de militares?

Eu respondi:

— Os militares combaterão e Deus lhes dar a vitória sobre os inimigos.

Após me examinarem demoradamente, os doutores se reuniram e concluíram que o rei poderia me colocar a prova e que, provavelmente, eu deveria ter sido enviada por Deus, a julgar por minhas respostas que estavam todas conforme a piedade mais ardente e esclarecida. Ficou combinado que eu seria encarregada de fazer entrar em Orléans o comboio de víveres, armas e provisões de todos os gêneros, que se preparava em Blois²². Foi o responsável pelas petições da casa do rei que me deu a notícia.

— Jeanne, disse ele. A senhora será encarregada de levar um comboio para Orléans. Creio que terá dificuldades para fazê-lo, pois será necessário passar diante dos ingleses que são fortes e poderosos.

— Nós o levaremos sem problemas, sem que inglês algum ouse se opor, respondi.

O rei deu-me o melhor cavalo que podia existir, e armas feitas exclusivamente para mim; depois me enviou a Tours²³.

²² Blois: cidade do Departamento de Loir-et-Cher, localizada a 172 quilômetros do sudoeste de Paris. (N. da E.)

²³ Tours: antiga capital da província de Touraine, está localizada a 237 quilômetros do sudoeste de Paris. (N. da E.)

Eu pedi para que fossem procurar a espada que estava na igreja de Sainte-Catherine de Fierbois; ela se encontrava no túmulo do cavaleiro inumado, perto do altar. Ela estava velha e enferrujada; foi limpa e colocada numa bainha decorada com flores de lys. Perguntaram-me se eu já tinha visto tal espada, respondi que não, mas que os santos me revelaram sua existência e sua presença nesse túmulo.

Isto foi mais um motivo de surpresa para todos.

Deram-me uma comitiva digna da posição de um chefe de guerra; tive pajens, escudeiro e militares. Dentre os primeiros, havia um cavaleiro chamado Louis de Comics, e dentre os segundos, um escudeiro chamado Jean Dolon, ambos foram designados especialmente pelo rei para me conduzirem e para estarem sempre ao meu lado; tive também um capelão. Encarreguei meu irmão Pierre, e algumas pessoas nas quais tinha confiança para escolhê-lo dentre os padres mais venerados e mais conhecidos por sua devoção e piedade; meu irmão escolheu o bom e santo padre Jean Pasquerel.

Mandei fazer um estandarte branco, semeado de flores de lys, sobre o qual estava representado o Salvador, sentado no seu trono, nas nuvens; ele segurava um globo com sua mão esquerda; com sua mão direita parecia abençoar um raminho florido de flor de lys que um anjo trazia nas mãos enquanto que um outro anjo parecia rezar ao lado esquerdo de Nosso Senhor. Os nomes de Jesus e Maria estavam bordados com letras de ouro.

Compareci diante do conselho do rei para discutir sobre a maneira de expulsar os ingleses do nosso reino.

Inspirada pelos santos, eu expus tão bem os meios para realizá-lo que nenhum dos chefes de guerra que estavam presentes, nem mesmo os mais célebres, teria feito melhor. O resultado das frequentes entrevistas que eu tinha com o rei e seu conselho foi o de inspirar a todos uma inteira confiança e o de semear o terror entre os ingleses, para os quais a fama já tinha feito conhecer o meu nome, exagerando contudo meu mérito.

Finalmente, despedi-me do rei para ir a Blois, onde se preparava o comboio que eu deveria conduzir, e onde deviam vir me encontrar os militares que me acompanhariam e entrariam comigo em Orléans para defender aquela cidade; de sua salvação dependia o futuro da França.

Foi na Igreja Saint-Sauveur de Blois que meu estandarte foi abençoado. Aguardando aqueles que me acompanhariam, enviei aos ingleses, através de um arauto chamado Guyenne, uma carta concebida nesses termos:

† Jesus Maria †

“A sua majestade, o rei da Inglaterra, ao sr. duque de Bedford²⁴, a quem os senhores chamam Regente do reino da França; ao senhor Guillaume de la Pole, conde de Suffolk; Jean, senhor de Talbot²⁵, e ao senhor Thomas, senhor de Scales, que os senhores chamam tenente coronel do dito duque de Bedford, obedeçam ao Rei do céu! Entreguem ao rei da França as chaves de todas as cidades que vocês usurparam do dito rei Charles, único e legítimo herdeiro da coroa francesa. Jeanne, a Donzela, foi enviada por Deus para restabelecer sobre o trono, Charles, Delfim de Viennois, seu verdadeiro dono. Ela está prestes a lhes conceder a paz, se os senhores concordarem com ela; se, ao contrário, o senhor rei da Inglaterra, se recusar a evacuar o reino, saiba que ela combaterá seus homens em qualquer lugar que estejam. Caso, entre eles, existam alguns que peçam para voltar ao seu país, Jeanne os deixará passar sem lhes causar mal algum. Estejam certos de que a Donzela foi enviada pelo Rei dos reis para expulsá-los, bem como a sua gente, do reino da França, e que meus homens farão um tamanho massacre de seus ingleses que nunca se terá ouvido falar de coisa parecida. Ela, porém, lhes roga piedade para com vocês e para com eles; não se façam matar! Estejam convictos de que Deus vela sobre ela e sobre os seus; que Ele dará mais força somente para eles e que os senhores não a terão jamais, mesmo com todas as tropas do mundo. Quanto aos senhores, soldados ingleses que estão diante de Orléans, ela os intima, em nome de Deus, a se retirarem para seu país; caso não obedeçam, temam a cólera de Deus e os males

²⁴ Bedford: John do Lancastre, duque de Bedford. (1389-1435), irmão de Henri V, rei da Inglaterra, e regente da França em nome do seu sobrinho Henri VI após Azincourt, onde, a 24 de outubro de 1415, a armada francesa foi vencida pelos ingleses. (N. da E.)

²⁵ Talbot: Jean Talbot, conde do Shrewsbury, capitão inglês, nasceu em 1388 e morreu na Batalha do Castillon (1453). (N. da E.)

que ocorrerão causados pela desobediência às suas ordens. Estejam certos de que o reino da França não é dos senhores, que ele pertence somente a Charles, Delfim de Viennois, único filho do falecido rei Charles VI, de boa memória, legítimo herdeiro da coroa francesa e que a possui ofertada pelo Rei do céu; saibam que logo ele entrará triunfante em Paris. Se os senhores não derem atenção ao que ela lhes diz, em nome de Deus, lembrem-se de que, em algum lugar, nós vamos encontrá-los, e faremos com que os senhores se arrependam dessa obstinação, mostraremos quem tem maior direito: Charles ou os senhores. Jeanne, a Donzela, os intima: Guillaume de Poule, conde de Suffolk; Jean, senhor de Talbot e Thomas, senhor de Scales, lugar-tenente do duque de Bedford, intitulado regente da França por Henri VI, rei da Inglaterra, a responder se querem conceder a paz cidade de Orléans. Lembrem-se de que, se não fizerem, muitos males advirão. Duque de Bedford, que os senhores chamam de regente, em nome do seu sobrinho, do reino da França, a Donzela lhe implora que não se faça massacrar nem à sua gente. Caso não obedeçam a sua súplica, ela fará tanto que os franceses realizarão os mais belos combates dos quais a cristandade terá sido testemunha, e que seus homens os expulsarão desse reino ao qual os senhores não têm direito algum. Redigido na terça-feira da semana Santa, ditado por Jeanne, a Donzela.

Sobre o endereço fiz colocar; “Escutem em nome de Deus e da Donzela”, seguido de: “Para o Duque de Bedford, que se diz o regente do reino da França em nome do rei da Inglaterra.”

Queria que se conduzisse o comboio pela Beauce²⁶, local onde o poderio dos ingleses era mais forte; porém, os capitães que deveriam conduzi-lo comigo até a cidade de Orléans, de comum acordo com o conde de Duflois, concluíram que se iria pela Sologne²⁷. Eles, entretanto, não me avisaram nada e me deixam crer que seguiríamos pelo caminho da Beauce; enquanto que na realidade era o da Sologne. Os capitães eram: o marechal de Boussac, Gilles de Rhets, o almirante de Culent,

²⁶ Beauce: capital, Chartres, Departamento de Eure-et-Loir, localizada a 96 quilômetros do sudoeste de Paris. (N. da E.)

²⁷ Sologne: região que se estende por três Departamentos: Loiret, Loir-et-Cher e Cher. (N. da E.)

Ambroise de Lore e La Hire²⁸. A escolta era composta por aproximadamente seis mil homens.

Reuni todos os padres e religiosos da cidade, formei um batalhão sagrado que se posicionou a frente do comboio, fazendo soar nos ares hinos sacros que os soldados, arrebatados de alegria e seguros da vitória, repetiam com entusiasmo e fervor. Antes de partir mandei expulsar todas as mulheres fáceis.

Pois havia sempre um grande número delas próximo às tropas; fiz, também, todos os soldados se confessarem e já se havia dado a santa comunhão na véspera da partida. Eles puseram dificuldades para o ato de se confessarem, contudo eu os convenci mais facilmente do que esperava.

Sabendo da nossa chegada a Orléans, os habitantes da cidade enviaram navios pelo rio Loire, para pegar víveres e algumas pessoas que deveriam entrar com eles na cidade; mas vieram me dizer que o vento estava contrário e que as tropas estavam desencorajadas por causa desse obstáculo imprevisto. Eu disse que tivessem paciência; que o tempo mudaria logo e que tudo entraria na cidade no mesmo dia. Com efeito, algum tempo depois, vimos os navios chegarem a toda vela. Elas tinham sido montadas pelo conde de Dunois²⁹ e pelas pessoas mais importantes da cidade, que não podendo controlar a impaciência que tinham de me conhecer, vieram ao meu encontro para ver logo aquela a quem os moradores de Orléans já davam o título de “Libertadora”.

O Bastardo de Orléans, mal o navio ancorara, apressou-se em descer, seguido por fidalgos, ele me abordou dizendo:

— A senhora é Jeanne, a Donzela, enviada por Deus para libertar a boa cidade de Orléans, e colocar o diadema sobre a fronte de Charles da França?

²⁸ La Hire: Etienne de Vignoles, chamado La Hire, capitão francês, nascido em Vignoles (1390/1444). Ele acompanhou Jeanne d’Arc ao cerco de Orléans, e tentou tirá-la da prisão de Rouen, porém, sem sucesso. (N. da E.)

²⁹ Dunois: Jean d’Orléans, conde de Dunois, filho natural de Louis d’Orléans, conhecido como o Bastardo de Orléans, irmão de Charles VI, nascido em Paris (1403-1468). Ele combateu os ingleses ao lado de Jeanne d’Arc e também após a sua morte. (N. da E.)

— Sim, respondi, o senhor é o conde de Dunois, Bastardo de Orléans?

— Sim respondeu ele.

— Muito hem! Então por que nos fez passar pela Sologne, ao de nos conduzir pela Beauce? Eu não disse que os ingleses, com todo o seu poderio, não ousariam nos atacar?

O conde, desconcertado com essa pergunta, disse que somente seguiu o conselho de todos os capitães. E retomei:

— Conde de Dunois, ignora então o senhor que eu só ajo sob as ordens de Deus! O senhor o crê menos sábio que os homens? O senhor achou provavelmente que me confundiria e tornaria vãs minhas promessas, porém, com a ajuda de Deus, triunfei sobre todos os obstáculos, e lhe trago o melhor auxílio que uma cidade sitiada jamais poderia esperar.

Entrei logo em Orléans com meu estandarte na mão, o Bastardo à minha direita e La Hire à minha esquerda, sendo seguida por meus soldados, por fidalgos da cidade e por uma multidão de pessoas do povo que se empurravam quando eu passava, saudando-me com gritos de alegria e aclamações as mais entusiastas. Desci em frente à casa de Jacques Boucher, tesoureiro do duque de Orléans. Desarmeime imediatamente pois não estava habituada a usar armas, sentia-me terrivelmente incomodada. Haviam preparado uma ceia esplêndida, mas só comi um pouco de pão e de queijo. Após essa refeição, fui para o quarto que tinham destinado para mim, o da filha do tesoureiro, que sempre o dividiu comigo durante minha estadia em Orléans. Fui à igreja render graças a Deus pela sua proteção e, ao voltar, não tive nada mais urgente para fazer do que ir deitar-me. Estava extremamente cansada por causa da grande viagem.

Na manhã do dia seguinte, o Bastardo implorou-me para ir até sua casa. Lá encontrei o senhor de La Hire, Florent D'Illiers, Jean de Gamaches e todos os chefes militares que estavam em Orléans. Minha opinião era que se atacasse imediatamente as bastilhas inglesas; todos os capitães, porém, preferiram esperar as tropas que deveriam atravessar da Loire para Blois, refutei essa ideia e lembrei das consequências que o menosprezo dado à minha opinião havia trazido quando quis passar pela

Beauce. Gamaches, sensibilizado por minhas reflexões e, sobretudo vendo que minhas ideias iam sobrepor-se às suas, lamentou-se muito.

— Já que os senhores preferem, cavalheiros, disse com um tom amargo, a opinião de uma tagarela de baixo escalão àquela de um nobre cavaleiro tal como eu, não direi mais nada, ao contrário, contudo usarei minha espada em tempo e lugar certo. Poderei ser morto, mas assim o quero em nome do rei e de minha honra; desfaço aqui meu estandarte e passo a ser somente um simples escudeiro, preferindo antes servir a um nobre militar, do que ter o comando de uma mulher que foi, talvez, não se sabe o quê.

Dizendo essas palavras, dobrou seu estandarte e o entregou ao Bastardo de Orléans, que estava bastante aborrecido com a discórdia reinante entre os chefes militares e eu. Todos os bons franceses que lá estavam intervieram para nos reconciliar; conseguimos tomar a iniciativa de nos abraçar, o que fizemos mal nos tocando e a contragosto. Chegamos a um acordo mais ou menos unânime, aguardaríamos a tropa, porém, alguns chefes militares iriam a Blois para apressar a chegada. Fiquei furiosa com a decisão, mas foi preciso me resignar.

Os ingleses, violando o direito das pessoas, aprisionaram Guyenne e o acorrentaram. Esse Guyenne, como já dissera anteriormente, era o arauto que eu incubira de levar a carta ditada por mim em Blois. Em 30 de abril, dia seguinte à minha chegada, de comum acordo com o conde de Dunois, comandante de Orléans, enviei um mensageiro para pedir sua libertação; era Ambleville, meu segundo arauto. O Bastardo deu-lhe um de seus arautos para acompanhá-lo, e ordenou aos dois que dissessem aos inimigos que, caso eles recusassem esse pedido e cumprissem a ameaça (eles disseram que queimariam Guyenne, assim como todos aqueles que acreditassem em minhas palavras, como sendo hereges), ele usaria de represálias contra todos os prisioneiros que possuía naquele momento. Algumas pessoas, parentes e amigos desse arauto, testemunharam suas aflições sobre seu destino, eu os reconfortei dizendo que o enviariam de volta sem lhe terem feito nenhum mal. De fato, os ingleses, intimidados pela ameaça do conde, devolveram seu arauto bem como o meu.

Esse último era portador de uma carta que me foi endereçada pelos ingleses e que continha todas as ofensas que eles poderiam ter achado. Perguntei a Guyenne o que os inimigos pensavam de mim; ele respondeu que eles me achavam uma feiticeira e que meu nome os deixava cheios de terror.

— O que diz Talbot? Repliquei ainda.

— O que ele diz? Ele enche a senhora de injúrias e ameaça queimá-la viva, se conseguirem, um dia, fazê-la prisioneira.

Então eu lhe disse:

— Volta até Talbot; levarás teu amigo que estava preso, dirás ao general inglês que eu não me preocupo nem um pouco com suas ofensas; diz-lhe também que se ele nos atacar, nós saberemos recebê-lo de tal modo que ele não retornará jamais; que, caso ele consiga me aprisionar, ele fará comigo o que quiser, porém, se eu o derrotar, que ele levante o cerco e volte à sua família, com seus ingleses, a fim de se poupar e a ele também de todo tipo de mal.

Guyenne me obedeceu e levou seu amigo.

II

La Hire praguejava sem parar, o que me afligia demasiado; eu tentava reprimi-lo, sem sucesso; ele me fazia belas promessas tão rapidamente esquecidas quanto feitas; um dia, quando eu o repreendia, ele me disse:

— Ah! Senhora Jeanne, eu já deveria ter compreendido; é fácil falar, mas se a senhora tivesse sido educada como eu, no ambiente militar, a senhora xingaria como um diabo; a senhora me faz caminhar como uma criança. Graças a senhora, *eu esvaziei minha velha bolsa*³⁰, porém, por todos os diabos do inferno...

Ele viu pela minha atitude que ainda lhe escapara uma falha; e disse logo:

— Desculpe-me! Não é minha culpa, sai sem eu pensar, mas nesse caso, acalme-se — disse-me ele vendo que suas explicações começavam a me irritar — por todos os diabos! Eu ficarei mudo como um peixe.

— Você não precisa, interrompi-o já impaciente, fazer um xingamento para prometer que não vai mais xingar; mas, já que você tem necessidade absoluta de fazê-lo, xingue em nome de sua bengala.

— A senhora encontrou a solução, disse ele encantado com esse arranjo; a senhora é uma moça hábil; eu vos cumprimento por todos os dias..., pela minha bengala, quero dizer, eu não acreditava que a senhora fosse tão bem informada.

³⁰ Logrei fazê-lo confessar-se (Nota da edição francesa).

Durante os dois primeiros dias de maio, chegaram novos comboios e novas tropas. Eu me mantinha sempre à frente de uma tropa, entre a cidade e os inimigos, para impedir que a invadissem e para proteger a entrada dos víveres e dos soldados, porém, não tive nada para fazer, os ingleses não se mexeram e continuaram a nos deixar passar tranquilamente, olhando-nos do alto de seus fortes.

Logo que os víveres entraram na cidade comigo, os capitães se despediram para retornar a Blois, onde fariam um conselho com o arcebispo de Reims, chanceler da França, e com outros importantes personagens, para saber o que deveríamos fazer. Eles enviaram comboios como já dissera antes, a cada dia, preparando um ainda bem maior que os capitães, que me haviam acompanhado, resolveram levar a fim de ficarem comigo para defender Orléans.

Eu lhes disse para passar pela Beauce, o que evitaria o problema dos navios e os obstáculos imprevistos que esse tipo de transporte sempre suscita. Dessa vez eles me ouviram e vieram por esse caminho que era defendido pela maior fortaleza que os ingleses tiveram nesse cerco; a fortaleza tinha o nome de Londres. O comboio chegou em Orléans no dia 3 de maio, à noite, sem ter encontrado nenhum obstáculo; entretanto, apesar de saber que os ingleses não se mexeriam, fui ao seu encontro com o conde de Dunois e algumas tropas. Várias palavras, que o conde de Dunois deixou escapar, me fizeram suspeitar que escondiam algo importante; achei que fosse a hora da chegada de Fastol, chefe inglês que devia levar os reforços aos sitiados; eu disse energicamente ao Bastardo:

— Bastardo, peço-lhe, em nome de Deus, que me informe a hora exata da chegada de Fastol, porque se isso ocorrer sem que eu o saiba, mando cortar sua cabeça.

Essa ameaça, que eu não teria colocado em execução, era necessária para domar a insubordinação dos chefes que agiam segundo seus caprichos, comprometendo frequentemente, com essa atitude, os interesses do rei e da França. Ela teve como resultado o de me impor ao Bastardo e aos capitães que tiveram, a partir de então, mais deferências para comigo.

No dia seguinte, os capitães que haviam chegado no dia 3 saíram à noite sem me avisar. Eles atacaram a bastilha de Saint-Loup, que o senhor de Talbot trazia bem munida de soldados e de víveres e que era extremamente fortificada. Eu, prostrada por causa do cansaço dos dias precedentes, estava dormindo nessa hora quando Sainte-Catherine me acordou e disse:

— Jeanne, arma-te rápido e vai até o Forte de Saint-Loup, que os franceses atacaram inoportunamente; eles recebem nesse momento a pena de sua imprudência; alguns deles já estão mortalmente feridos; vai ao encontro deles e tu os trarás triunfantes. Ela também indicou o caminho que eu deveria seguir.

Na casa só estavam a filha dos senhores e meu pajem. Chamei-o, mas ele julgou oportuno não me responder, preferindo que sua companheira viesse me prestar serviço. Impaciente por não vê-lo, resolvi ir buscá-lo, pode-se imaginar o pavor que minha presença na sala causou a Louis e a filha de Jacques Boucher: ela se escondeu e ele balbuciou algumas desculpas que não escutei durante muito tempo; eu lhe disse para ir rapidamente selar meu cavalo e trazê-lo para mim. Após tentar inutilmente vestir minha armadura, resolvi chamar Charlotte (filha do tesoureiro), a fim de que me ajudasse nessa tarefa extremamente importante, porque da maneira que ela fosse feita dependia muitas vezes a vida daquele que a carregava. Vendo que ela era mais desajeitada que eu, e que desse jeito não acabaríamos nunca, a impaciência começou a tomar conta de mim quando Louis, que trazia meu cavalo, veio me socorrer devolvendo-me também o bom humor.

Montei de imediato e me pus a galope, seguindo a direção indicada por Sainte-Catherine. Cheguei, estandarte ostentado face aos franceses que, me vendo, se encheram de nova coragem. Logo forçamos os ingleses do forte a se retirarem para o campanário, contra o qual iniciamos imediatamente o ataque.

Talbot fez vir uma grande quantidade de ingleses de outros fortes para socorrer o de Saint-Loup, porém, os chefes militares que haviam ficado na cidade velavam sobre nós; vendo o perigo que corríamos eles deixaram Orléans imediatamente com várias tropas que colocaram em

posição de batalha. Talbot, vendo que estávamos prontos para recebê-lo, fez retornar seus ingleses e abandonou a bastilha que, em menos de três horas, estava inteiramente em nosso poder.

Alguns de nossos inimigos que se retiraram para o campanário vendo que não podiam se defender mais, pegaram roupas de padres e de religiosos, esperando que elas servissem de salvação contra a fúria dos inimigos que queriam matá-los; eu, porém, salvei-os, mostrando dessa maneira aos franceses que seria melhor mantê-los prisioneiros. Cento e setenta e quatro pereceram neste ataque; duzentos foram presos.

Todos os franceses, tão logo a Fortaleza foi conquistada, puseram-se a demoli-la; não ficou pedra sobre pedra. Nós a incendiamos logo após a retirada dos alimentos e de tudo o que julgamos poder nos ser útil. Encontramos grande quantidade de víveres, o sr. Talbot os tinha fornecido abundantemente alguns dias antes. Em triunfo levamos tudo para Orléans; fomos logo à igreja render graças a Deus por esse brilhante sucesso; os sinos, com seus sons alegres, celebraram também esta vitória e acabaram por levar mais desânimo ao coração dos ingleses, consternados com essa perda. No dia seguinte, 5 de maio, dia da ascensão, os chefes militares realizaram um conselho do qual eu participei. De volta à cidade, ditei uma segunda carta assim concebida:

“Aos ingleses: da parte do verdadeiro Deus, eu ordeno que abandonem seus fortes e que voltem para seus lares. Lembrem-se de que vocês não têm nenhum direito ao reino da França e que Jeanne, a Donzela, fará com que se arrependam dessa temeridade caso desobedeçam às suas ordens. Eu enviarei minhas cartas de uma forma mais conveniente, caso vocês retenham prisioneiros os arautos portadores das mesmas, o que me obriga a incumbir uma flecha para a realização desse serviço.”

Eles me responderam com injúrias; enviei uma terceira carta pelo mesmo modo; ela não teve maior sucesso. Eu disse, algumas linhas acima, que os chefes militares se reuniram em conselho do qual eu tomei parte. Discutimos longamente se deveríamos atacar Fastol, que trazia reforços consideráveis para os inimigos, antes de sua junção com a armada inglesa, bastante enfraquecida naquele momento pela retirada do duque de Bourgogne. A maioria queria que atacássemos o forte; essa opinião, que

era a minha também, prevaleceu. Eu queria que fôssemos com todas as forças de que dispúnhamos, à bastilha de Saint-Laurent, onde estavam o senhor de Talbot, os principais chefes militares e toda a sua elite; entretanto, os chefes militares, longe de seguirem meu conselho, não quiseram fazer nada nesse dia por causa da sua santidade: era a festa da ascensão.

Apesar de ter garantido a eles a nossa vitória e de lhes dizer que o tempo certo de tomar esse forte, eles decidiram que começaríamos a atacar as fortalezas que defendiam a Sologne, para poder assim receber, sem dificuldades, os alimentos vindos de Berri³¹ e de outras regiões. Ao mesmo tempo eles terminaram a reunião.

Voltei para casa extremamente descontente com a atitude deles e com o pouco caso que faziam da minha opinião. Fui nesse dia desafiar os ingleses que estavam no forte de Tourelles; desejava, há bastante tempo, intimá-los a acabar com o cerco de Orléans e a voltar para suas casas; eles me responderam com injúrias, as mais grosseiras, que me fizeram desabafar em lágrimas, mas que serviram para estimular ainda mais minha coragem.

Na sexta-feira, 6 de maio, atravessei a região do Loire a frente de 400 franceses, diante de Glacidas, que comandava o forte de Tourelles. Essa Fortaleza estava sendo defendida por 500 homens, a elite das tropas inglesas. Imediatamente ele retirou suas tropas que se encontravam no forte de Saint-Jean-le-Blanc e elas foram aumentar a guarnição que protegia a bastilha dos Augustins. Para evitar que eles a retomassem novamente, mandei incendiar o forte Saint-Jean-le-Blanc.

Apesar da maioria dos meus soldados não terem ainda atravessado o rio, não me encaminhei diretamente para o forte dos Augustins e, com a ajuda daqueles que me acompanhavam, logrei implantar meu estandarte sobre essa bastilha. Os ingleses do forte gritaram tanto que foram escutados pelos soldados da Fortaleza de Saint-Prive, e estes saíram em grande número para ir socorrê-los.

Todos os inimigos que vinham da Fortaleza de Saint-Prive gritaram para alertar os dos Augustins. Meus soldados, apavorados com esses

³¹ Berry: antiga província francesa; em 1100 foi comprada por Philippe I que a anexou à coroa. Berry formou os atuais Departamentos de Cher e de Indre. (N. da E.)

gritos, fugiram logo. Forçada a segui-los, formei a retaguarda. Percebendo que nós abandonávamos o ataque, os ingleses apareceram numerosos para nos perseguirem, fizeram isso gritando e cobrindo-me de injúrias de toda espécie. De repente fiz meia volta com alguns de meus soldados, os mais valentes da tropa, e fomos direto sobre os ingleses, atacando-os vigorosamente. Apavorados ao ver que eu retomava as rédeas da situação, eles fugiram. Consegui, finalmente, reunir todos os meus franceses que, envergonhados por terem fugido com medo de tão pouca coisa, perseguiram os ingleses com furor até dentro do forte dos Augustins, onde eles se refugiaram coma puderam.

Finquei meu estandarte sobre os fossos; incentivei meus soldados a cumprirem com o seu dever e a apagar, através da coragem e da tomada do forte, a vergonha com a qual eles acabavam de se cobrir. Após combater longo tempo, e sem o menor sucesso, falava-se de retirada, eu, porém, consegui fazê-los ficar e, após um combate sangrento, nós invadimos todo o forte. Fui ferida no pé por uma armadilha. Os ingleses eram numerosos nesse forte; foram todos massacrados, apesar de minhas ordens e minhas orações. Encontramos no local grande quantidade de víveres e riquezas de várias espécies; pegamos ludo para levar para Orléans e incendiámos a bastilha dos Augustins.

Só restou, do lado da Sologne, o “boulevard” e o forte de Tourelles, que protegiam a entrada da ponte construída sobre o rio Loire, neste local; enviei para lá a maioria dos meus soldados para formar o cerco e voltei a contragosto a Orléans; gostaria de ter me reunido aos meus soldados de Tourelles para compartilhar com eles o perigo e para encorajá-los. Os capitães, porém, se opuseram a essa ideia.

Logo que cheguei ao hotel, pedi que colocassem um curativo sobre minha ferida, que aliás era superficial. Preocupada com meus soldados que ficaram em Tourelles, não consegui fechar os olhos durante toda esta noite, durante a qual os ingleses, que estavam no “boulevard” de Saint Prive, atravessaram o Loire com seus barcos, após incendiar o forte que eles tinham abandonado, foram para a bastilha de Saint-Laurent. A viva claridade que emanava do incêndio do forte de Saint-Prive aumentava

ainda mais meus alarmes; eu temia que os ingleses nesse “boulevard” atacassem os franceses que se encontravam em Tourelles.

Mal colocara o curativo em minha ferida, os chefes militares de Orléans, e todos aqueles que estavam nesta cidade, a mando do rei, vieram me procurar para deliberar sobre o que deveria ser feito. Os que vieram a mando do rei só o fizeram porque achavam que não poderiam agir de outra forma; porque só bem contrariados é que seguiam a ideias de uma mulher, preferindo as suas as minhas. Minha opinião foi a de atacarmos o forte de Tourelles no dia seguinte, na aurora, e de atravessar o rio Loire com todos os soldados de que pudéssemos dispor: os capitães de Orléans aplaudiram com entusiasmo esse projeto; entretanto, os capitães a mando do rei o acharam ruim, como de hábito. À meia noite, já estava de pé para dar minhas ordens. Enquanto me arrumava para montar a cavalo, Jacques Boucher, meu anfitrião, veio me dizer que ele acabara de comprar uma alose³² e me convidou para comê-la junto com ele e sua família.

Respondi-lhe:

— Mestre Jacques, só a comeremos no jantar para o qual eu voltarei passando pela ponte; ferida, é hem verdade, mas vencedora dos inglês e senhora de Tourelles; nós traremos um “goddam”³³ que comerá sua parte. Durante a noite, os burgueses de Orléans tinham feito os preparativos necessários para o ataque que eu imaginara, e deram ordens para aqueles que deveriam me acompanhar estarem a postos para sair assim que o sol despontasse. Pus-me, finalmente, ao comando das tropas, certa da vitória que eu lhes havia prometido. Atrás de nós vinha um corpo de tropas carregando tábuas, pranchas de madeira, tudo enfim que eu acreditei poder nos ser útil, tanto para reparar rapidamente a ponte, para podermos atravessar o rio Loire, como para formar o cerco em torno da cidade.

Tinha sob minhas ordens 500 franceses.

Atacamos vigorosamente os ingleses, e eles se defenderam da mesma forma. Nós nos combatemos até às 16 horas sem que o menor

³² Alose: nome sob a qual estão reunidos vários tipos de peixes marinhos, entre eles a sardinha. (N. da E.)

³³ “Goddam”: alcunha que era dada aos ingleses. (N. da E.)

sucesso nos encorajasse. O Bastardo de Orléans e os capitães, vendo que não avançávamos e que já era tarde, decidiram que deveríamos nos retirar com a artilharia, para a cidade, até o dia seguinte. Nesse momento uma flecha veio me ferir gravemente a garganta, retirei-me imediatamente para um canto, desarmeime e estanquei o sangue que corria abundantemente de minha ferida; de repente vi Sainte-Catherine que me disse:

— Jeanne, os franceses combateram até agora sem sucesso, porém, coragem! Eles conquistarão hoje o “boulevard” e o forte, e voltarão vitoriosos para Orléans.

Montei imediatamente a cavalo e fui pedir ao Bastardo de Orléans a graça de ficar ainda algumas horas, assegurando-o de nossa vitória, corri em seguida até a base do forte e lá finquei meu estandarte gritando:

— Coragem, franceses, eles são nossos!

Escutando-me falar assim, eles redobram os esforços. Os ingleses, tomados por um terrível pânico, abandonaram o “boulevard” e se retiraram para Tourelles, nós, porém, logo nos apossamos de tudo.

Glacidas, outros chefes ingleses, e todos aqueles que não foram mortos ou feitos prisioneiros, quiseram se retirar para seus fortes, mas a ponte levadiça caiu dentro do rio Loire que engoliu em suas águas todos os inimigos. Dos 500 ingleses, 300 foram mortos e 200, aprisionados. Essa importante conquista resultou na liberação da passagem da Sologne e na consternação dos corações ingleses. Senhora de Tourelles, mandei incendiar a cidade e consertar, imediatamente, a ponte para poder atravessar o rio Loire com facilidade. Voltamos triunfantes para Orléans às 18 horas. Não se pode imaginar a alegria dos cidadãos; vieram em multidão até meu hotel, cobrindo-me de agradecimentos e de ações de graças.

Assim que cheguei; fiz-me desarmar e tratar o ferimento que, felizmente, não era perigoso embora fosse sério. Só tomei um gole de vinho e fui deitar-me, após ter ordenado retirar, de dentro do rio Loire, o corpo de Glacidas, o inglês que mais me xingou, e mandar entregá-lo seus compatriotas.

Os ingleses, durante a noite de 7 para 8 fizeram uma grande reunião para deliberar se deviam ficar ou levantar o cerco, tendo esta última

opinião prevalecido. Domingo, 8 de maio, eles saíram de suas bastilhas com os prisioneiros que fizeram e se puseram em posição de batalha do lado da Beauce. De comum acordo com o Bastardo de Orléans, com os capitães e com os chefes de guerra, nossas tropas saíram e se colocaram em posição de batalha, na mesma ordem que as tropas inglesas. Eles não esperaram que nós os atacássemos; entraram precipitadamente, uma parte na direção de Jargeau e o restante na direção de Meung-sur-Loire, abandonando seus doentes, seus víveres, sua artilharia, etc. Os chefes militares quiseram persegui-los eu, porém, tinha horror de espalhar o sangue humano inutilmente, o que me fez proibir a perseguição e querer que os deixássemos livres durante todo esse dia. Assim Orléans foi libertada em 8 de maio de 1429. Os ingleses perderam, em 3 dias, de 6000 à 8000 soldados.

Assim que eles partiram, enviei Étienne, senhor de Vignolles, chamado La Hire, e Ambroise, senhor de Lore, acompanhados por cerca de 120 lanceiros para observar sua atitude, a fim de tudo contar ao rei.

Eles o seguiram durante três léguas e voltaram a cidade para me dizer que os inimigos se refugiaram em Jargeau; no Meung-sur-Loire, na Beaugency, e em todas as cidades que eles possuíam ainda do lado da Loire.

O conde de Suffolk enviou correspondência para prevenir Jean, duque de Bedford, do que acabara de acontecer. O duque encontrava-se então em Paris, temendo que a notícia das vitórias conquistadas pelos franceses levasse os parisienses a voltar à obediência do rei e a se sublevarem contra os ingleses, partiu logo de Paris e foi ao bosque de Vincennes, onde convocou imediatamente militares de vários lugares; vieram poucos, pois os “picards”³⁴ e outros que eram do partido dos ingleses, os abandonaram.

Desde que não existia mais nada a temer por parte dos ingleses, todos os habitantes de Orléans saíram da cidade e foram para as bastilhas que tinham sido abandonadas e as queimaram e também às fortificações.

³⁴ “Picards”: pessoa da região da Picardie. (N. da E.)

Encontramos uma grande quantidade de víveres e riquezas de toda a espécie, principalmente de artilharia e de munição de guerra, que eu fiz transportar para a cidade. Ateou-se fogo às bastilhas e aos “boulevards” com gritos de contentamento.

Um capitão chamado Bourg-le-Bar fora aprisionado pelos ingleses; o senhor de Talbot tinha confiado sua guarda a um agostino, seu confessor, inglês de nascença; este quis levá-lo para a tropa inglesa, mas Bourg-le-Bar não concordou; aproveitando-se de uma oportunidade em que estava sozinho com o monge, propôs a ele que o levasse até Orléans em seus ombros. O bom monge não apreciou essa fantasia, vendo, contudo, que não podia resistir aos seus insistentes pedidos e menos ainda aos seus punhos, resolveu obedecer e carregou-o em seus ombros.

Eu recebi corretamente o capitão, que chegou sobre sua montaria de espécie única, e prendi o agostino, que nos foi bem útil em seguida, revelando-nos segredos importantes.

Carlos VII, durante essa feliz modificação de sorte, ficara em Loches, em sua indolência habitual.

Ele estava, aliás, retido por Agnès Sorel³⁵ e por seus protegidos, aos quais eu incomodava sobremaneira. Após alguns dias de descanso, fui para Orléans, apesar dos meus anfitriões quererem me deter. Minha ferida ainda não estava curada, contudo pus-me a caminho no dia 13 de maio, acompanhada pelo Bastardo de Orléans, por Etienne de Vignoll conhecido por La Hire, e por todos os chefes militares, para ir até Loches, dar conta ao rei Charles do sucesso de nossas empresas.

Fizeram-me uma esplêndida recepção na corte. Gostaria de partir imediatamente para retirar os ingleses dos lugares que eles invadiram e levar o rei para Reims, onde ele deveria ser sagrado. Até então o sucesso sempre coroara minhas atividades bem como todas as minhas promessas se concretizaram; entretanto, o rei e seu conselho hesitavam ainda em ir para Reims. Essa dúvida era de certo modo justificada pela temeridade da empresa: seria preciso, para chegar até a capital de Champagne, então

³⁵ Agnès Sorel: nascida em Touraine (1422-1450), denominada a Senhora de Beauté, em razão do feudo que Charles VII lhe havia dado, Beauté-sur-Mame, próximo a Vincennes. Agnès Sorel foi a favorita de Charles VII, exercia grande influência sobre ele e deu-lhe quatro filhos. (N. da E.)

em poder dos inimigos, atravessar com forças pouco consideráveis um país repleto de ingleses.

O rei reuniu vários conselhos em Tours; o resultado final dessas conferências foi o de convocar nobres e militares de todos as localidades. O comando dessas tropas foi entregue ao duque Jean d'Alençon³⁶, de comum acordo comigo. Tínhamos ordem de expulsar os ingleses que estavam nas margens do rio Loire.

Após o encerramento dos conselhos, o rei me chamou para uma audiência particular; ele me falou durante muito tempo sobre a guerra e sobre o futuro da França, elogiando, segundo suas próprias palavras, os meus grandes feitos. Observei sua postura constrangida; adivinhei facilmente a razão da audiência particular; era então uma mostra de estima muito pouco comum, mas eu tive o cuidado de não apressá-lo a se explicar nem de deixá-lo aproveitar essa ocasião em que, durante cerca de 2 horas, estive a sós com ele.

Antes da partida, os capitães se despediram do rei, eu os acompanhei, apesar, do que fez Agnès Sorel para impedir o rei de ter uma nova audiência comigo, coisa que ela temia acima de tudo.

O duque de Alençon ia montar a cavalo quando a duquesa, sua esposa, veio, banhada em lágrimas, jogar-se em seus braços, suplicando para que ele não partisse; eu a tranquilizei assegurando que traria seu marido de volta são e salvo.

Dirigimo-nos a Jargeau; pela tomada dessa cidade com a nossa campanha. Chegamos no sábado, dia 22 de maio de 1429, por volta de 1 hora da manhã e começamos logo o cerco. Vieram ao nosso encontro o conde de Dunois, o senhor de Boussac, marechal de França, o senhor de Graville, chefe dos arqueiros, o senhor de Culant, almirante de França; Ambroise, senhor de Lore, Etienne de Vignolles, chamado La Hire, Gauthier de Boussac e outros capitães. Havia na cidade entre 700 e 800 ingleses sob o comando de Guillaume de la Poule³⁷, duque de Suffolk e

³⁶ Jean d'Alençon: cremos tratar-se de Jean V, (1409-1476), embora todos os chamassem de La Poule. (Nota da edição francesa)

³⁷ Guillaume de la Paule: o verdadeiro nome desse cavalheiro em La Pole, embora todos o chamassem de La Paule. (Nota da edição francesa)

William de La Pole, duque de Suffolk, nasceu em Colon (1396-1450) capitão inglês, forçado por Jeanne d'Arc a levantar o cerco da cidade de Orléans. (N. da E.)

de seus dois irmãos: Jean e Alexandre. Oito dias se passaram com grandes escaramuças, que não deram em nada, durante as quais ocorreu algo que creia dever comentar, e que aumentou ainda mais minha reputação.

Um dia, o duque de Alençon estava na cidade dando ordens; vim correndo lhe dizer:

— Duque de Alençon, retire-se desse lugar onde o senhor está, ele será fatal para a senhor, pois aquela máquina, (mostrei-lhe com o dedo uma bombarda³⁸ que estava sobre a muralha), o matará.

Ninguém pode lhe negar nada, disse-me ele rindo, vamos lá! é preciso obedecer.

Tão logo ele saiu, uma bala inimiga atingiu e matou um cavaleiro de Anjou, que estava no mesmo lugar antes ocupado pelo duque. Quando ele soube que o outro morrera, prometeu sempre levar em conta os meus avisos, todas as vezes que eles se relacionassem tanto com ele.

Havia na praça uma espécie de gigante, chamada Guillaume, o inglês, motivo de terror entre meus franceses, os quais ele matava sem piedade. Mandei que um homem, Jean, o canhoneiro, atirasse nele; Jean me respondeu:

— Eu já fiz isso, mas, até agora, inutilmente; ele é invulnerável.

Esta também era a opinião das tropas.

— Eu sei disso, mas desta vez, contestei, vocês vão conseguir!

Com efeito, a cabeça do terrível gigante rolou até os pés do duque de Suffolk que excitava seus homens.

Implorei ao duque, que estava perto de mim, que chamasse La Hire que tentava parlamentar com o comandante da cidade. Assim que sua ordem foi executada, eu lhe disse:

— Avante, duque de Alean! Vamos todos ao ataque!

Os canhões, que estavam posicionados há vários dias, tornaram a entrada praticável. Subi ao local e logrei fincar meu estandarte; os inimigos, porém, me cobriram de flechas, uma delas rasgou minha bandeira, despedaçou meu capacete e me fez cair no fosso. No mesmo instante uma multidão de cavaleiros fez uma barreira com seus próprios corpos e

³⁸ Bombarda: antiga máquina de guerra, uma espécie de canhão que, na Idade Média, servia para o lançamento de grandes pedras. (N. da E.)

me ajudou a levantar. Apareci imediatamente na entrada, diante dos olhos consternados dos ingleses; a violência do golpe os fez acreditar que eu não os atormentaria mais sobre essa terra. Gritei para meus soldados.

— Coragem, companheiros! A cidade é nossa!

Em verdade, pouco depois a invadimos. Havia nesse local 1200 lidados ingleses, dos quais 800 foram mortos, bem como Alexandre de la Poule, o mais novo dos irmãos de Suffolk; 400 foram feitos prisioneiros, dentre eles Guillaume e Jean de la Poule. Assim foi tomada a cidade de Jargeau em 30 de maio; essa cidade foi pilhada e a igreja, que possuía imensas riquezas, teve o mesmo destino.

Depois, nos encaminhamos para a cidade de Orléans. Os franceses, esquecendo sua generosidade rotineira, massacraram, durante o caminho, todos os prisioneiros; foi com dificuldade que o duque de Alençon e eu podemos salvar a vida do duque de Suffolk e de outros grandes senhores. Nós ficamos nessa cidade alguns dias, durante os quais enviamos correspondência ao rei para avisá-lo dessa conquista. Lá, os senhores de Retz, de Chauvigny, de Laval e alguns outros nos trouxeram reforços.

Nesse momento, Arthur de Richemont³⁹, condestável da França, irmão do duque de Bretanha, contrariado com a inação em que vivia há algum tempo em Parthenay, veio até Blois, com 1200 soldados, oferecer seus serviços ao rei que, governado por la Trémouille, inimigo do intendente, recusou-os, ordenando que se retirassem.

Durante nossa estadia em Orléans, construímos máquinas apropriadas para fazermos os cercos de Meun e de Beaugency. Os senhores de Scales e de Talbot, que estavam [em] Beaugency, sabendo desses preparativos, mandaram homens de toda parte para reforçar as guarnições dessas duas cidades. Os ingleses da cidade de Ferté-Hubert receberam ordem para vir até Beaugency. Na sua retirada eles incendiaram o castelo; nossos homens puderam, porém, salvar alguma coisa. Uma contra-ordem os fez partir antes de Fastol, que deveria deixar Paris, nesse mesmo dia, com um comboio escoltado por grande número de ingleses.

³⁹ (W) Richemont: Arthur de Bretagne, conde de Richemont, (1393-1458) condestável da França, depois duque Arthur III da Bretagne. (Condestável era o chefe supremo do exército). (N. da E.)

Na quarta-feira, 15 de junho, fui para Orléans acompanhada pelo duque de Alençon, tenente-general da armada do rei, de alguns nobres senhores, barões e fidalgos, bem como por uma grande quantidade de pessoas do povo. Fomos a Beaugency. Paramos na ponte de Meun, que os ingleses reformaram a fim de melhor se defenderem; contudo, após intenso combate que durou nada menos que um dia, nós os vencemos e impusemos nesse local uma guarnição nossa.

No dia seguinte fomos a Beaugency, que os senhores de Scales e de Talbot acabavam de abandonar, retirando-se para Yenville, onde Fastol, apavorado com a tomada de Jargeau, veio encontra-los, após deixar em Etampes o comboio que ele conduzia. Vendo-nos, os ingleses abandonaram a cidade de Beaugency para se esconderem no castelo e sobre a ponte. Tomamos imediatamente conta da cidade, formando um cerco em volta do castelo e da ponte, ao lado do rio Beauce.

Um dia após nossa chegada a Beaugency, o conde de Richemont veio ao nosso encontro acompanhado por diversos nobres, dentre os quais Jacques de Divian, irmão do senhor de Chateaubriand, do senhor de Beaumont e do conde de Perdriac.

O rei, sabendo que o condestável, apesar de suas ordens, avançava sempre, proibiu o duque de Alençon de recebê-lo, o que nos colocava aos dois, numa situação embaraçosa. Corria um boato sobre uma possível traição do conde, do qual La Trémouïne⁴⁰ havia se servido habilmente junto ao rei. Entre nós, alguns como La Hire e o Bastardo de Orléans queriam a ajuda dele; outros, que eram a maioria, queriam servir ao rei. Concordava com o primeiro grupo, porém, o segundo, devido ao seu maior número, ganhou. De pleno acordo com o duque, que finalmente compartilhava minha opinião, tomei a decisão de receber o condestável; temia as consequências funestas que esse tipo de divisão causaria a todos nós. Os rumores que surgiam de todas as partes levaram-me a reunir todos os capitães; eles acabaram concordando comigo prometendo empregar suas mediações entre o rei e o conde. Este último sacrificou uma parte de sua arrogância, e o rei, por insistência nossa, e apesar da

⁴⁰ La Trémouïlle: acreditamos tratar-se de Georges la Trémouille, favorito do rei Charles VII (1382-1446) ele contribuiu para criar a anarquia no início do reinado (N. da E.)

oposição de Trémouille, aceitou receber os serviços de Richemont, que pode juntar suas tropas às nossas. Quando o condestável me abordou, disse:

— Jeanne, parece que a senhora quer medir forças comigo; não sei quem a senhora é, nem por quem foi enviada, se por Deus ou pelo diabo; se é por Deus, não a temo, pois ele conhece bem minhas intenções assim como as suas; se é por parte do diabo, eu vos temo ainda menos.

Eu lhe assegurei o meu devotamento enquanto ele fosse fiel ao rei. Ficou estabelecido que o condestável formaria o cerco do lado da Sologne. Na manhã seguinte, sexta-feira, 17 de junho, o magistrado de Évreux, que estava em Beaugency, pediu para falar comigo, era sobre um tratado a ser deliberado. Reuni rapidamente o conselho, e, ao meio dia, o tratado já estava assinado. Os principais artigos eram: que eles devolveriam o castelo e a ponte para nós; que eles teriam a vida poupada; que partiriam na madrugada do dia seguinte deixando no castelo, seus cavalos, seus víveres, suas roupas, etc.; que nenhum deles poderia levar móveis acima do valor de um marco de franco; que eles poderiam ir para onde quisessem, porém, não poderia lutar contra os franceses antes do prazo de 10 dias. No sábado, 18 de junho, de madrugada, todos os ingleses, que eram em número de 500, partiram.

Uma noite, o senhor de Talbot, o de Scales e Fastol, pensando que nos fariam abandonar Beaugency, atacaram a ponte de Meun. Eles, porém, o fizeram tardiamente pois no dia seguinte, 18 de junho, após a partida dos ingleses, nossa vanguarda socorreu os que estavam em Meun; os outros os seguiram e nós nos colocamos em posição de batalha diante da cidade; os ingleses, porém, abandonaram rapidamente a cidade e seus bens, fugindo para o lado de Beauce.

Parti logo, acompanhada pelo duque de Alençon, pelo conde de Vendôme, pelo senhor de Saint-Sévère, por Boussac, marechal da França, por Louis de Culant, almirante da França; pelos senhores de Albret, de Laval, de Lohéac, de Chavigny, etc. Perseguimos ferozmente os inimigos, que encontramos perto de Patay⁴¹, num local chamado Cognées. O duque de Alençon me disse, assim que os viu:

⁴¹ Patay: nesta cidade, do Departamento de Loiret, Jeanne d'Arc venceu os ingleses em 1429.

— Jeanne, eis os ingleses em posição de batalha; nos combaterão?

Eu então lhe perguntei, sem responder sua pergunta:

— O senhor tem boas esporas?

— Como, interrompeu ele, recuando, precisamos fugir?

— Não, respondi, é para persegui-los, pois logo os venceremos sem que tenhamos a lamentar muitas perdas.

A vanguarda avançou destemidamente sobre os inimigos que não esperavam, de modo algum, este ataque; pouco tempo depois, os ingleses, que não tiveram tempo de se colocar em posição de batalha, foram inteiramente exterminados. Suas perdas foram avaliadas em 2200 soldados; outros 5000 foram feitos prisioneiros, bem como os senhores de Talbot, de Scales, Messire Thomas Rameston, Hugues Foie e muitos outros nobres ingleses, que seria longo mencionar.

Os foragidos foram perseguidos até o forte de Yenville, do qual os moradores fecharam as portas e depois subiram as muralhas de proteção da cidade atirando sobre os ingleses. O capitão que comandava o castelo correu em defesa dos seus com a maior parte de seu contingente, deixando o castelo com seu escudeiro, e tenente, e poucos soldados. Quando o tenente soube da derrota dos seus, entregou o castelo, e fez o juramento de ser um bom e leal francês durante toda sua vida.

Os moradores de Yenville abriram imediatamente as portas da sua cidade, onde encontramos uma quantidade imensa de artilharia e de riquezas as mais diversas. Um francês fizera vários prisioneiros, um deles não podia segui-lo devido a um ferimento que recebera e que mal lhe permitia manter-se em pé. Seu condutor, não podendo fazê-lo andar mais rápido, bateu em sua cabeça com um toco de madeira, com tanta violência que o infeliz cativo caiu quase inanimado. Bastante indignada, saltei do meu cavalo, parei e puni o francês; corri até o inglês para tentar reanimá-lo, porém vendo que ele estava morrendo, chamei um padre, que o colocou em condições de comparecer diante do juiz supremo. Logo depois de seu último suspiro em meus braços, cobrindo-me de bênçãos. Dei ordem para que os prisioneiros fossem tratados com humanidade, ameaçando com penas severas, todos aqueles que no o fizessem.

La Hire veio me dizer que, apesar de minhas proibições reiteradas, algumas mulheres de má vida conseguiram entrar no campo. Fui imediatamente ao local onde elas se encontravam e as persegui batendo com todas as minhas forças sobre suas costas e ombros com o dorso de minha espada; eu estava tão exaltada que a quebrei em pedaços; felizmente não era a espada de Sainte-Catherine de Fierbois, mas uma outra que tomei de um “bourguignon”.

Sabendo da derrota dos ingleses, a guarnição francesa da ponte de Meun entrou na cidade e a pilhou. Messire Jean Fastol e outros mais que ali se encontravam após a derrota de Patay, fugiram novamente, indo para Corbeil. Os inimigos abandonaram também os locais que tinham ocupado perto da Beauce e os deixaram em chamas. Dessa maneira a batalha de Patay encerrou gloriosamente nossa campanha.

Toda a armada voltou no mesmo dia, 18 de junho, para Orléans. Os burgueses dessas cidades haviam forrado as paredes de ricas tapeçarias. Bandeiras, onde se lia o nome de *Joana a Donzela*, ou *A nossa Libertadora*, estavam presentes em todas as janelas; cúpulas e guirlandas de flores ocultavam o azul do céu de nossos olhos fascinados; as ruas estavam revestidas de flores e plantas; é bem verdade que se esperava a visita do rei, que não pôde vir pois ficou retido em Sully⁴² por Agnès Sorel.

Charles, na véspera de minha chegada, que ocorreu no dia 20 de junho, presenteou-me com um esplêndido vestido de damasco branco, semeado de flores de lys em diamantes; uma leve armadura de mulher (eu só tinha armadura masculina), um capacete ornamentado com seis plumas brancas; uma echarpe, do mesmo tecido do vestido, e um fascinante puro sangue branco, ajazado de veludo azul céu semeado de flores de lys em ouro. O efeito que produzi vestida com esse traje é descrito neste trecho de uma carta do duque de Alenon ao rei⁴³:

“... Quanta nossa bela inspiradora, Vossa Majestade não pode imaginar a admiração que ela provocou durante nossa passagem. A

⁴² Sully-sur-Loire, localizada no Departamento de Loiret. (N. da E.)

⁴³ Foi somente após muita insistência de nossa parte que ela fez a descrição de sua toilette e beleza. (Nota da edição francesa)

senhorita usava o rico vestido oferecido por Vossa Majestade; seus cabelos castanhos caíam em glandes cachos sobre seus ombros; nosso sol de primavera, raramente galante, não ousou insultar a formosura do seu gracioso rosto; sua armadura mal escondia seu talhe tão elegante e flexível. Ela levava nas mãos o estandarte que, frequentemente, inspirou nossa coragem e nos guiou para o caminho da glória. As plumas brancas do seu capacete e sua linda cabeleira, levemente agitada pelo vento, tudo enfim parecia formar no ar um glorioso penacho.

Quando a vi tão bela, tão graciosa; quando seu doce olhar se dirigiu para mim, uma agitação desconhecida penetrou em minha alma, fiquei imobilizado sem poder sair do lugar; esqueci até de lhe oferecer a mão para montar sobre seu palafrém⁴⁴. “Que tem o senhor, duque de Aleçon?” disse-me ela mostrando duas fileiras de pérolas, “parece que o senhor me achou feia!”, acrescentou com tom irônico. Não respondi e logo montei a cavalo e tomei posição ao seu lado. Imploro-vos senhor, mostreis esta missiva a minha bela duquesa, pois, antes de minha partida, ela parecia temer que os belos olhos de Jeanne me tornassem um marido infiel...”

O povo compareceu em multidão, diante de nós, com suas roupas de festa; todo o clero usava trajes de cerimônia, estandartes erguidos, vieram todos nos receber à porta da cidade. Ao meio dia, fomos à igreja onde cantamos um cântico de ação de graças.

Fui em seguida para a casa do mestre Jacques Boucher, meu antigo anfitrião, local onde passei apenas uma noite. A uma hora da manhã, já estava a caminho para Sully. O rei ali se encontrava; consegui convertê-lo a vir ao castelo de Neuf-sur-Loire. Todos os capitães e chefes militares se reuniram a ele. Foram realizados vários conselhos findos os quais ele voltou para Sully.

Após sua partida, voltei a Orléans, de onde retirei as tropas, as munições de guerra e tudo o que era inútil aos moradores. Enviei tudo para Gien⁴⁵ e segui com eles. O rei se juntou a nós com suas tropas.

⁴⁴ Palafrém: cavalo destinado ao desfile dos reis e nobres, na Idade Média (N. da E.)

⁴⁵ Gien: cidade localizada no Departamento de Loiret. (N. da E.)

Enviou também arautos para avisar aos comandantes das cidades e fortalezas de Bonny, de Cosne e de la Charité que eles deveriam se render sem resistência, mas eles se recusaram.

Após termos tomado posições a beira do rio Loire, o condestável Arthur de Richemont ficou em Beaugency, com ordem de não comparecer diante do rei. O condestável, apesar de visivelmente sentido com os ultrajes que recebia incessantemente, soube, inspirado por verdadeiro amor à pátria, sacrificar seu ressentimento em prol da liberdade da França.

Quando saí assegurei-lhe, bem como a todos os principais militares, que conseguiríamos facilmente revogar essa ordem. Entretanto, tínhamos nos incumbido de uma tarefa nada fácil, pois Charles, apesar de sua fraca personalidade, não voltava atrás em suas palavras. Sabendo a influência que eu exercia sobre ele, fui vê-lo sozinho; pus-me de joelhos, suplicando-lhe recebesse o condestável, o que ele recusou.

Os grandes chefes juntos mostravam a ele que essas contínuas recusas poderiam representar a queda de seu trono, já tão enfraquecido. Com efeito, o duque da Bretanha, molestado com os insultos feitos ininterruptamente a seu irmão Richemont, poderia querer vingança, rompendo a frágil neutralidade que mantinha até então, e formar aliança com os ingleses.

Pode-se dizer que, de certo modo, a moderação de Richemont salvou uma segunda vez a França. Triunfamos sobre a obstinação do rei; o condestável pôde voltar a frequentar a corte, porém foi motivo de novos insultos, como veremos em seguida.

O rei foi a Gien para deliberar se iriam seguir minha opinião. Há algum tempo eu apressava Charles para ir a Reims, para ser sagrado, empresa no mínimo imprudente, mas quanta coisa era possível, graças à magia do meu nome? Todos aqueles orgulhosos conselheiros, tão vaidosos e tão ciumentos de sua origem e de sua autoridade, tiveram que concordar com a opinião de uma moça de 17 anos.

O rei enviou Louis de Culant, almirante da França, com um grande número de militares, para formar o cerco de Bonny que foi entregue após acordos.

A rainha veio a Gien, no intuito de acompanhar o rei até Reims e dividir com ele as honras da sagração. Ele reuniu seu conselho para deliberar se ela deveria ou não acompanhá-lo. O transtorno que teriam ocasionado as damas do seu cortejo e os perigos a que ela se submeteria fez prevalecer o voto negativo; aliás o rei pouco se incomodava com ela. Ficou decidido que ela iria a Bourges.

Nada mais parecia se opor à nossa ida a Reims quando nova dificuldade surgiu: tratava-se do condestável, que La Trémoille queria despoticamente excluir da viagem. Realizamos conselhos, cujo resultado foi que Richement não acompanharia o rei até Reims e que, durante esse tempo, ele iria percorrer, com os seus homens, Orléans e Le Maine, para impedir o ataque dos ingleses a essas províncias. Todos os obstáculos foram eliminados, e nos colocamos a caminho.

No dia de nossa partida, o duque de Alençon, o conde de Vendôme, o senhor de Laval, os sires de Lohéac, de Retz, de Albret, e alguns outros se juntaram a nós. Meu nome espalhava uma tamanha confiança dentre os Franceses que alguns nobres, não podendo se equipar corretamente de acordo com sua classe social, nos acompanhavam como simples arqueiros, com o objetivo, diziam eles, de poder participar da libertação do seu reino.

III

Auxerre⁴⁶ recusou-se a abrir suas portas ao rei; lembrando ainda de seus malfadados conselhos. La Trémoille e eu pensávamos que não seria oportuno sitiá-lo, que pertencia ao duque de Bourgogne, temendo, talvez, sem razão, que essa atitude o irritasse e que ele se unisse ainda mais aos ingleses. Todos os comandantes e nobres, extremamente descontentes com a conduta de La Trémoille para com o condestável, viram, contrariados, prevalecer a nossa opinião. Contentamo-nos com os víveres que Auxerre doou, em pequena quantidade, é bem verdade, mas que nos foram bem úteis. Ela prometeu além disso que seguiria o exemplo de outras cidades. Ficamos três dias acampados diante dessa praça.

Fomos em seguida até Saint-Florentin, onde os moradores se submeteram inteiramente, não ficamos muito tempo ali.

Dirigimo-nos então para Troyes, que agiu como Auxerre. O rei mandou avisar aos moradores que eles deveriam se render, o que recusaram, como já disse antes. Alguns dias após, enviei-lhes uma carta assim concebida:

† Jesus Maria †

“Caros e bons amigos, senhores, burgueses e moradores de Troyes. Jeanne, a Donzela vos convoca, a mando do Rei do céu, seu soberano

⁴⁶ Auxerre: cidade localizada no Departamento de l'Yonne, a sudeste de Paris. (N. da E.)

senhor, ao serviço do qual ela se empenha cada dia, a obedecer e a reconhecer o rei da França, que estará brevemente, com a ajuda do Rei Jesus, em posse de Reims, de Paris e de todas as suas boas cidades, esperando que façam seus inimigos.

Leais franceses, compareçam diante do rei Charles, sem que nenhum de nos falte, para honrá-lo com suas presenças e seus bens.

Caso no ajam desse modo, eu prometo e certifico sobre suas vidas que nós entraremos, com a ajuda de Deus, em todas as cidades do reino, apesar de nossos inimigos. Deus os mantenha em sua Santa guarda. Resposta imediata. Escrita em Saint-Gale, diante da cidade de Troyes, terça-feira, 14 de julho”.

Sobre o endereço, coloquei: “Aos senhores burgueses da cidade de Troyes.”

Essa carta foi lida publicamente e os moradores enviaram cópias para algumas pessoas em Reims. Essa cidade, nessa época, estava excessivamente fortificada; a guarnição, formada pela elite de soldados ingleses e “bourguignons”, era composta por 600 militares. Quanto a nós, não tínhamos nem víveres nem artilharia. Reuniu-se novamente o conselho do qual eu não fiz parte dessa vez. Alguns queriam passar adiante, outros, em maior número, queriam voltar para Orléans, nenhuma dessas opções era viável.

Nesse ínterim, os três santos me apareceram, indicaram o caminho a seguir e me asseguraram da rendição de Troyes em menos de cinco dias. Quando apareci diante do rei, e após ter explicado tudo, perguntei se as pessoas me dariam crédito. Ele me respondeu que não sabia, caso o que eu dissesse fosse razoável ele me acreditaria de bom grado. Perguntei-lhe mais uma vez a mesma coisa, ele me respondeu com as mesmas palavras que acabara de pronunciar. Então eu lhe disse:

— Senhor, em menos de três dias a cidade se submeterá às suas ordens, caso o senhor deseje permanecer aqui durante alguns dias.

O chanceler me interrompeu dizendo:

— Jeanne, nos sentiríamos felizes em invadir até mesmo seis cidades, contudo, não acredito em suas palavras.

Todos então se puseram a me fazer mil objeções. Reiterei minha promessa, bastante sentida vendo que ninguém acreditava em mim, e saí imediatamente. Vendo-me voltar mal humorada, meu escudeiro disse:

— Vamos, senhora. Jeanne, vejo que não acreditaram na senhora.

Não respondi nada e fui para minha tenda.

Após minha saída, começaram a apresentar no conselho: que a fome estava espalhada na tropa real; que estávamos diante de Troyes há cinco ou seis dias, durante os quais a poderosa escaramuça que acontecera provara que os ingleses estavam resolvidos a se defenderem; que nós não tínhamos nem artilharia nem material necessário para empreender o cerco e, finalmente, que só poderíamos receber socorro da cidade de Gien, localizada a trinta léguas desse local.

Um antigo conselheiro do rei, chamado Robert le Masson, senhor de Trèves, levantou-se e disse que nós empreendêramos essa viagem graças a mim; que sempre estivemos protegidos seguindo meus conselhos, que ele achava que a melhor coisa a fazer seria, uma vez mais, seguir meus conselhos. Sua opinião prevaleceu.

Assim que soube do resultado, montei a cavalo, estandarte à mão, para começar os preparativos para a tentativa da tomada da cidade, todos prontos para fazê-lo e sob o meu comando. Os moradores da cidade e meus soldados viram, em torno de mim e de meu estandarte, inúmeras borboletas brancas que esvoaçavam fazendo, segundo eles, ressoar no ar maravilhosos concertos que não tive a graça de ouvir.

Preparei tudo com uma habilidade que surpreendia todos os chefes militares, nesse momento o bispo, os nobres da cidade e outras pessoas vieram pedir audiência com o rei, proposta que foi aceita, como já era de se supor. Para explicar essa submissão imprevista é preciso voltar a algum tempo atrás: a maravilhosa visão das borboletas brancas tinha lembrado nos moradores e, principalmente aos ingleses, a tomada da cidade de Orléans, bem como a constante felicidade de nossos soldados. Essas considerações os levaram a refletir se deveriam se defender ou, ao contrário, se submeter. Todos escolheram a segunda opção; os ingleses e “bourguignons”, eles mesmos, apavorados só em ouvir falar meu nome, aconselharam a submissão. A tropa teve a permissão de bater em retirada

com seus prisioneiros. Quando soube desse artigo do tratado, fui até a porta da cidade por onde eles teriam que passar. Assim que os vi disse:

— Por Deus, vocês não levarão esses prisioneiros! Agi com tanta firmeza que eles não receberam nem mesmo o devido resgate.

Os moradores, prevenidos contra mim enviaram o padre Richard, célebre pregador, para me dizer que eles duvidavam que eu fosse realmente enviada por Deus. O padre, que temia estar diante de uma mulher possuída pelo mal, aproximou-se fazendo o Sinaí da Cruz e jogando-me água benta. Vendo sua atitude disse-lhe sorrindo:

— Aproxime-se sem medo, eu não voarei.

Entre às 8 horas em Troyes; posicionei os arqueiros ao longo das ruas por onde o rei deveria passar. Charles entrou às 9 horas, acompanhado por senhores e chefes militares, com grande pompa. Troyes nos ofereceu vários víveres em abundância. O rei lotou nessa cidade alguns oficiais para substituir os ingleses. Os moradores prestaram juramento de fidelidade ao rei e partimos então para Châlons, na região de Champagne.

Quando os moradores dessa cidade souberam de nossa chegada, enviaram o bispo e um grande número de fidalgos para prometer ao rei, plena e inteira obediência.

Encontrei nessa cidade meu padrinho Jean Morel, Conradin de Spinal e vários moradores de Domremy. Eles deram notícias da minha cidadezinha e me cobriram de perguntas; entre outras coisas perguntaram se eu temia morrer durante os combates:

— Não, respondi, o que eu temo é a traição.

Eles jantaram comigo e, quando os deixei, dei minhas roupas vermelhas, já usadas, para meu padrinho.

Essa noite ficamos em Châlons. No dia seguinte, assim que o rei nomeou os oficiais que ficariam na cidade, como em Troyes, fomos para Reims. Paramos a quatro léguas de Reims, em um castelo pertencente ao arcebispo daquela cidade.

A rendição de Reims era o objetivo mais importante e o mais difícil de nossa empresa; a guarnição era composta por 600 homens de elite, sob o comando de Saveuse e de Châtillon. O rei estava impossibilitado

de formar o cerco. Assim que os dois comandantes souberam da rendição de Troyes e de Châlons, reuniram os homens eminentes da cidade e lhes perguntaram se sentiam a firme vontade de se defenderem.

— Vocês são fortes o bastante para nos ajudar? perguntaram os moradores.

— Não, responderam os comandantes, mas se vocês puderem aguentar durante seis semanas, nós traremos grandes reforços da parte do duque de Bedford ou do duque da Borgogne.

Com o consentimento desses moradores, eles foram, aparentemente, buscar Socorro. Quando saíram, os homens eminentes da cidade disseram que seria necessário se submeterem ao rei; o povo aplaudiu entusiasmado essa proposta; ficou decidido então que os nobres, os clérigos e leigos seriam delegados para apresentar a chave da cidade ao rei.

O arcebispo entrou na cidade no sábado, 16 de julho, pela manhã, eu só cheguei à noite com o rei e os nobres. Os duques de Bar e de Lorraine, bem como o donzel⁴⁷ de Commercy vieram, acompanhados por vários militares, oferecer seus serviços a Charles.

Ficou estabelecido que o rei seria sagrado⁴⁸ no dia seguinte, domingo, 17 de julho; toda a noite e madrugada foram empregados para os preparativos necessários visando dar a essa cerimônia tanto brilho e magnificência quanto fosse possível. O rei, na véspera, apresentou armas na catedral.

Assim que chegamos a Reims, o arcebispo mandou construir um tablado ricamente decorado. O rei para lá se dirigiu, acompanhado por seus pares que eram: os duques de Borgogne, de Normandie e de Aquitaine, representados pelo duque de Alenon; o conde de Clermont, filho do duque de Bourbon, e o conde de Vendôme; os condes de Flandre, de Toulouse e de Champagne, representados pelos Senhores LaTrèmoille,

⁴⁷ Donzel: chamava-se, na Idade Média, ao moço que ainda não em armado cavaleiro. (N. da E)

⁴⁸ Sagração: cerimônia de origem hebraica e que remonta ao primeiro rei de Israel, Saul, que foi sagrado por Samuel. Pela sagração, o rei ficava com a sua autoridade revestida de um caráter religioso e tornava-se, assim, rei por direito divino. A cidade de Reims tinha o privilégio de fazer, na catedral de Saint-Remi, a sagração dos reis da França, nela Charles VII foi sagrado em 17 de julho de 1429. (N. da E.)

de Laval e de Beaumanoir. Os pares eclesiásticos foram: o arcebispo de Reims e os bispos de Châlons, de Orléans, de Séz, de Troyes e Bourges. Segundo a tradição eles mostraram o rei ao povo declarando:

— Eis aqui, vosso rei que nós, pares da França, coroamos rei e soberano senhor; caso haja dentre vós alguém que a isso se oponha, aqui estamos para fazer justiça, caso contrário, Charles, aqui presente, filho legítimo do rei Charles, de boa memória, será consagrado amanhã pela graça do Espírito Santo. O povo então gritou: Noël!⁴⁹ aclamação que nessa circunstância, marcava seu consentimento e sua alegria.

No dia seguinte, antes mesmo da aurora, escrevi para o duque de Bourgogne:

† Jesus Maria †

“Destacado e temido príncipe, duque de Bourgogne, Jeanne, a Donzela, vos convoca, por parte do Rei do céu, nosso justo e soberano senhor, a fazer com o rei da França uma boa e sincera paz, que dure muito tempo. Perdoem-se um ao outro, do fundo do coração e totalmente, como devem fazer os verdadeiros cristãos, e se vos agrada fazer guerra, ide atacar os Sarracenos.

Príncipe da Bourgogne, eu vos peço, suplico e convoco, tão humildemente quanto possível, para não mais guerrear contra o reino da França, faça retirar sem demora vossos homens que estão nas cidades e fortalezas do reino da França. O gentil rei da França está prestes a fazer a paz convosco, salvo atentado à sua honra e caso ele não possa confiar inteiramente no senhor. Faço saber em nome do Rei do Céu, meu justo e soberano senhor, para vosso bem, por vossa honra e sobre sua vida que o senhor não ganhará a batalha contra os leais franceses e que todos aqueles que fizerem guerra ao santo reino da França, lutam contra o Rei Jesus, Rei do Céu e de todo o mundo, meu justo e soberano Senhor.

Eu vos peço, suplico e convoco, de mãos postas: não façam essa batalha, não lutem contra nós com seus nobres e vassalos. Estejam certos

⁴⁹ Noël: grito que, antigamente, impelia o povo por ocasião de todo acontecimento político feliz. (N. da E.)

de que, qualquer que seja o número de pessoas que tragam contra nós, os senhores não ganharão a batalha, será lastimável ver jorrar o sangue daqueles que serão enviados contra nós.

Há três semanas eu os avisei, através de um arauto, para que comparecessem à sagração do rei, que se realizara na cidade de Reims, hoje, domingo, décimo sétimo dia do presente mês de julho; porém desde essa ocasião não obtive nem resposta nem notícia do já citado arauto. Eu vos recomendo a Deus e peço que Ele o tenha na sua Santa guarda, caso isso seja o desejo Dele. Suplico a Deus para restabelecer a paz entre o rei e o senhor. Escrita no citado local de Reims, no décimo sétimo dia de julho. Acima do endereço escrevi: Ao duque de Bourgogne.”

Às 5 horas da manhã, os marechais de Retz⁵⁰ e de Boussac, o mestre dos arqueiros, Graville e o almirante de Culant, que haviam sido nomeados pelo rei responsáveis pela Santa Ampola⁵¹, foram à abadia de Saint-Remy de Reims para prestar o juramento de hábito antes da sagração. Então o abade, vestido com as roupas de cerimônia, acompanhado por seus religiosos, levou a Santa Ampola até a catedral, coberta com um dossel de veludo e de seda, sustentado por quatro religiosos. O arcebispo veio recebê-la na porta e a colocou respeitosamente sobre o altar-mor.

Eu assistia, com meu estandarte à mão, ocupando lugar de honra, a todas as cerimônias habituais da sagração. Quando elas acabaram, joguei-me aos pés do rei e supliquei-lhe que me permitisse voltar a Domremy com meu pai, minha mãe e meus parentes, que tinham vindo me ver em Reims; ele me levantou com bondade, mas não disse nada de positivo.

Após a cerimônia, voltei para a casa de minha anfitriã, que me demonstrou grande afeição.

⁵⁰ Esse marechal de Retz não era outro senão aquele a quem o assassinato de suas sete mulheres proporcionou tão estranha celebridade e que atualmente ainda subsiste numa das lendas de Perrault: “O Barba Azul”. (Nota da edição francesa)

⁵¹ Santa Ampola: pequeno frasco de vidro, conservado, antigamente, na abadia de Saint-Remi do Reims (catedral de Reims) contendo óleo que servia para a unção dos reis da França na cerimônia da sagração. Diz a lenda que a Santa Ampola data de 496, quando Saint-Remi batizou Clovis I naquela catedral. (N. da E.)

— Vamos, Jeanne, minha amiga, disse-me ela, eis um belo dia para a senhora e para nós. Acredito que a senhora gostaria de comer um pouquinho, de toda forma, eu já preparei o jantar.

Após o jantar, fui para meu quarto, mas qual não foi minha surpresa quando o vi inundado por uma luz pura, tão bela que só posso compará-la com esta luminosidade que me envolve atualmente. Senti que estava liberada do meu envoltório terrestre; vi, nesse momento, os três santos, que me disseram:

— Jeanne, tu realizaste a missão que Deus te confiou. Volta para Domremy para buscar, no seio da tua família e de uma feliz obscuridade, uma felicidade que tu só encontrarás nesse lugar.

Quando não os vi mais, deixei-me cair sobre uma cadeira, profundamente desencorajada, sabia que o rei no me deixaria sair pois só minha presença tornava seus soldados invencíveis, e por essa mesma razão eles também se julgavam invencíveis. É preciso dizer que essa vida agitada, e repleta de aventuras agradava à minha natureza viva e impetuosa; talvez eu só a deixasse se fosse forçada. Junto a esses pensamentos juntaram-se alegres lembranças de minha felicidade de outrora. Desde que uma auréola de glória cobria meu nome, eu não me sentia mais verdadeiramente feliz.

De repente um leve barulho tirou-me bruscamente dessas meditações; era uma caixinha de “buis”⁵², presente de meu padrinho no dia de meu batizado; eu a colocara sobre a mesa momentos antes, um dos meus movimentos, provavelmente, a fizera cair, ou seria antes uma advertência do céu. Eu a abri maquinalmente e só achei uma dessas alianças de couro, benzidas, as quais a superstição daqueles tempos e a ingênua credulidade do povo atribuíam uma felicidade eterna. Ela me fez lembrar um episódio de minha vida de mocinha, fato que, frequentemente, me havia espantado e apavorado.

Um dia, contava então 12 anos, num belo e quente dia do mês de julho, estava ocupada com meus colegas e minha irmã, trançando guir-

⁵² “Buis”: buxo, pequena árvore, originária da Europa e da Ásia, com flores alvas e de madeira útil para trabalhos de marchetaria, instrumentos musicais, de desenho, etc. (N. da E.)

landas de “bleuets”⁵³ e margaridas, que íamos colocar nos galhos de uma antiga tília, em cujo velho tronco nodoso havia uma estátua da virgem, grosseiramente esculpida. Repentinamente, uma senhora de idade, horrível de se ver, atraída sem dúvida pelo nosso canto, veio, com seu aspecto medonho, nos gelar de favor. Segurava uma varinha de aveleira⁵⁴, coberta com hieróglifos avermelhados e sem sua casca, com exceção de um pedaço que, com nosso medo, pensamos que fosse uma serpente enrolada. Sua estranha vestimenta e seus cabelos grisalhos, que caíam embaraçados sobre seus ombros, davam-lhe o aspecto de uma enfurecida que escapou do inferno. Imagine meu pânico quando a vi caminhar em minha direção. Agachei-me perto da rústica madona, na esperança de ali me proteger; que me visse imaginaria que eu era uma pomba palpitante nas garras de um abutre. Ela pegou minha mão e a abriu, então, um véu fúnebre cobriu meus olhos, eu só via a terrível varinha, seguindo o contorno das linhas da minha mão; escutei a velhinha murmurar, com uma voz cruel, palavras que ela parecia me endereçar, e das quais retive somente:

— França... Deus... sangue... guerreiros... vitórias... prisão... chamas... ingratidão...

De repente, ela me sacudiu fortemente e falou em voz alta, o que me fez sair de uma espécie de letargia:

— Criança, uma glória mortal cerca o teu nome, não te deixes seduzir por ela; assim que teu dever não te retiver mais, volta ao anonimato.

Ela recomeçou então seu estranho discurso no qual prisão e chamas, únicas palavras que eu consegui reter, se repetiam incessantemente. Finalmente ela me deu a aliança já mencionada, dizendo:

— Lembra-te da Giralda, a cigana, e de suas palavras.

Desapareceu logo em seguida em direção ao bosque, deixando em meu coração uma inquietação perpétua. Infelizmente, como quase todas as pessoas cuja existência difere das multidões, e que Deus adverte por meios que parecem impossíveis, tive por essa predição uma negligência da qual senti, mais tarde, as funestas consequências. Ela falava sobre

⁵³ “Bleuets”: planta ornamental do gênero centáurea, com flores de cor azul, muito comum na França. (N. da E.)

⁵⁴ Aveleira: árvore pequena, da família das betuláceas, que produz a avelã. (N. da E.)

meu cativo e minha trágica morte, que eu teria evitado se seguisse seus conselhos.

Essa lembrança, e a ameaça que acreditava ter visto no aviso dos santos, levaram-me a pedir ao rei, mais uma vez, permissão para partir. Ele estava à mesa, pus-me a seus pés banhada em lágrimas suplicando-lhe que me permitisse voltar para Domremy, junto a meus pais e minha irmã. Vendo-me nesse estado, quase todos os presentes não retiveram suas lágrimas; até mesmo o rei, conteve com dificuldade as suas, levantou-me com bondade e disse que meu pedido o afligia muitíssimo, mas que ele deveria examinar com seus conselheiros se seria possível atender tal pedido.

A resposta não se fez esperar: foi uma ordem para ficar. As considerações que o fizeram decidir tal coisa foram, primeiro, que minha presença e minhas palavras decidiam os acontecimentos e a convicção que tinham os soldados de que seriam invencíveis enquanto me tivessem junto a eles, tornando tudo mais fácil. A consternação que minha presença provocava entre os inimigos nos assegurava a vitória sem derramamento de sangue: essa era a segunda razão.

Porém, qual no foi minha surpresa, quando, ao voltar para casa, revi os três santos que me aguardavam. Sainte-Catherine, que eu sentia como se fosse minha protetora particular, disse-me com tristeza:

— A audiência que tu vais ter com o rei (ele me dissera para ir vê-lo na manhã seguinte), terá para ti as consequências mais funestas, caso não sigas nossos conselhos. O rei concebeu por ti uma paixão criminosa que é necessário que tu recuses. Ela é tão pouco duradoura que tua ausência a faz eclipsar-se. Quanto às suas intenções, ele poderá te enganar. Lembra-te que o título de moça virtuosa é mais nobre e mais digno de desejo que o de amante de um rei.

Eles desapareceram em seguida. O que ela me dissera era verdadeiro; o rei insinuou sutilmente uma promessa de casamento tão ilusória como é de praxe em tais circunstâncias. Rejeitei suas propostas, indignada, saí furiosa por só ter despertado em seu coração sentimentos tão culposos, ao invés de estima e de amizade aos quais meus serviços me teriam permitido pretender. Tomei então, não sem lamentar, a decisão de

voltar para minha cidade. Ficamos dias em Reims e no quarto dia para Corbeny.

Quando eu era bem jovem, houve, na minha cidade, uma espécie de epidemia que dizimou muitas crianças que tinham entre dois e três anos. Essa doença produzia um tipo de letargia e, nesse caso, ia-se consultar as feiticeiras que, visto sua ignorância, declaravam a morte real da criança. Atingida por esse mal, quase tive o mesmo destino das infelizes vítimas da credulidade daquele tempo, quando, de repente, uma senhora desconhecida, vendo o desespero de minha mãe, perguntou o que ela estava sentindo.

— Boa mãe, jogaram feitiço em minha filha, respondeu ela.

— É isso que a faz morrer... interrompeu a desconhecida com uma voz rouca.

Ela me examinou durante algum tempo e disse à minha para acompanhá-la. Após algumas horas de caminhada, elas chegaram finalmente a uma gruta onde a desconhecida entrou e logo saiu com uma tocha acesa. Pediu a minha mãe para segui-la. Após meia hora de caminhada por túneis subterrâneos, a bruxa (porque o era realmente) abriu a porta de uma pequena caverna onde se via uma confusão de bichos empalhados, ferramentas com formas desconhecidas e todos os apetrechos das bruxas naquele tempo. Uma tocha de resina, que alumava fracamente o laboratório, dava, com sua luz sinistra, um aspecto pavoroso a todos os objetos. Minha mãe estava no auge do medo; porém seu amor materno a sustentou e impulsionou sua coragem.

A desconhecida me colocou sobre uma mesa coberta com sinais mágicos e abriu um livro. Leu algumas páginas e me examinou novamente. Um grito de espanto escapou do seu peito, e, voltando-se para minha mãe disse, olhos fixos no livro que parecia descrever diante dela os seguintes acontecimentos:

— Eu vejo: a pomba põe para correr o leopardo... Ela plana nos ares... Imprudente, tu vais longe demais!... Como o fênix, ela ergue sua fogueira... Como ele, ela renascerá, porém, em sua verdadeira pátria...

A essas palavras, ela se deixou cair sobre um banco, parecia extremamente desanimada; finalmente ela se levantou e esmagou algumas

ervas, e, dando à minha mãe do pó que estava dentro de uma caixa, ela lhe disse:

— Tu pegarás metade deste pó, e o dissolverás em um copo com água proveniente da fonte das Féés-de-Notre-Seigneur (era aquela que estava perto da cidade e da qual eu já falei), depois farás tua filha bebê-la; quanto à outra parte, tu darás a ela depois que tua filha te tiver deixado para ir cumprir uma coisa extraordinária.

Minha mãe executou suas ordens e assim me devolveu à vida. Ela me deu a caixa após meu primeiro regresso de Vaucouleurs e me recomendou levá-la sempre comigo.

Na véspera de minha partida minha anfitriã entrou em meu quarto. Como me parecesse muito triste eu lhe perguntei o que tinha. Ela me respondeu que sua sobrinha havia perdido seu filho, com a idade de dois anos; explicou-me então a doença do menino até em seus mínimos detalhes. Eu reconheci a doença da qual falei acima. Pensei imediatamente no pó e disse a minha anfitriã para ir buscar um copo com água no qual dissolvi uma pitada do remédio. Eu pedi para ver o menino e, ajudada por sua mãe, o fiz beber a poção, apesar das zombarias das vizinhas às quais a letargia havia feito supor uma morte real e fez com que achassem muito engraçado dar remédios àqueles do outro mundo.

O menino, como eu previa, voltou à vida para grande alegria de seus pais e extrema surpresa das comadres. Não deixaram de me atribuir a ressurreição de um morto.

Segundo a tradição o rei foi a Corbeny, no 3º dia após a sagração, para rezar sobre o túmulo de Saint-Marcoul e tocar as escrófulas⁵⁵ dizendo:

— O rei te toca; Deus te cura.

Após fazer suas preces e oferenda, fomos até Vailly, pequena fortaleza que pertencia ao arcebispo de Reims, situada a quatro léguas de Laon e de Soissons⁵⁶.

⁵⁵ Escrófula: tuberculose ganglionar linfática e, as vezes, óssea e articular, com supuração e fistulização. Tocar as escrófulas em um ritual que consistia na cura das escrófulas pela imposição das mãos do rei. Os reis seriam possuidores do “toque curador”. (N. da E.)

⁵⁶ Soissons, Laon e Vailly, cidades situadas no Departamento de Aisne, a nordeste de Paris. (N. da E.)

Mal chegamos, Charles enviou algumas pessoas até Laon, convocando todos os moradores para que o reconhecessem, o que fizeram com grande júbilo. A mesma cena se repetiu em Soissons. Saímos no dia seguinte de Vailly para a cidade de Laon onde ficamos três dias. Durante período as cidades de Château-Thierry⁵⁷, Provins, Coulommiers, Crécy-en-Brie⁵⁸, etc., delegaram alguns de seus nobres para virem apresentar a Charles sua submissão. Ele nomeou alguns como seus oficiais o que agradou muito aos habitantes.

Após uma breve estadia em Soissons, fomos para Château-Thierry onde ficamos pouco tempo vindo em seguida para Provins.

Os rumores desses sucessos vieram logo até Paris e consternaram os grandes senhores da Inglaterra que ali residiam. O duque de Bedford disse claramente que nos combateria. O duque de Borgonha, pressionado pelo duque de Bedford, veio a Paris onde várias reuniões se realizaram. O duque de Bedford, temendo que os parisienses se revoltassem a favor de Charles, fez retinir os púlpitos de declarações e ultrajes contra os “armagnacs” (esse era o título dado àqueles que eram a favor do rei). O tratado entre o Delfim, que se tornou Rei, e o duque de Borgonha, bem como o homicídio de Montreau⁵⁹, foram trazidos à tona para fazer com que Charles fosse odiado pelos parisienses.

Numa grande assembléia, o duque de Borgonha renovou suas queixas e protestos que causaram entre os assistentes diferentes murmúrios. O duque de Bedford tomou a palavra e impôs silêncio. Ele perguntou ao povo se ele estava determinado a perseverar no seu apego ao rei da Inglaterra, na sua obediência ao duque de Bedford, regente da França, e na sua dedicação ao duque da Borgonha. Incitaram os assistentes a levantarem a mão como símbolo de afirmação, o que eles fizeram em sua grande maioria a contragosto. O duque de Borgonha tomou imediatamente o caminho de Flandre, prometendo trazer tropas para socorrer os ingleses.

⁵⁷ Château-Thierry: localizada no Departamento de Aisne, a 41 quilômetros do Paris. (N. da E.)

⁵⁸ Provins, Coulommiers e Crécy-en-Brie: cidades localizadas no Departamento de Seine-et-Marne. (N. da E.)

⁵⁹ Montreau (no original francês): acreditamos tratar-se do Montereau-Faut-Yonne ou Montereau, localizada no Departamento de Seine-et-Marne. Em Montereau, Jean-sans-Peur, duque de Bourgogne, (filho de Philippe le Hardi e neto do rei Jean, le Bon) que era chefe do partido dos “bourguignons”, teria sido assassinado por Tanneguy Duchâtel um dos chefes do partido dos “armagnacs”, em 1419. (N. da E.)

Há algum tempo uma cruzada tinha sido publicada contra os “hussites”⁶⁰ da Boêmia. A opinião mais provável era que Martin V, que ocupava na época o trono pontifical, só havia publicado essa cruzada no intuito de favorecer o partido de Charles através dessa digressão. O duque de Gloucester se opôs radicalmente, usando de todo seu poder, e a razão que ele fazia prevalecer era o bem do Estado; ele, contudo, tinha raiva do papa, que pronunciara a nulidade de seu casamento com Jacquelin de Hainault. O crédito do cardeal de Winchester prevaleceu; o parlamento deu seu consentimento a essa cruzada, apesar de certas condições. Os cruzados, num total de 5000, comandados pelo cardeal de Winchester vieram a Paris para servir, até o mês de dezembro, sob as ordens do duque de Bedford, para quem esse socorro permitiria nos combater sem retirar contingentes de outras cidades.

O duque de Bedford estabeleceu seu campo entre Corbeil e Melun. Após essa notícia deixamos Provins e fomos com a tropa acampar perto de um castelo chamado Motte-Nangis, perto de Brie. Desde nossa chegada, recebemos ordens para manter as tropas em posição de batalha. Nós o fizemos com maravilhosa presteza, achando que o duque Bedford viria nos atacar em breve. Com efeito, a todo instante recebíamos notícias de sua aproximação. Passamos o dia inteiro armados; o duque, porém, mudou de idéia e voltamos a Paris, apesar de ter tantos militares quanto nós, quer dizer 12000 homens.

Alguns bajuladores covardes e tímidos insinuaram ao rei que deveríamos retornar às margens do rio Loire. Charles os escutou e recebemos ordem de caminhar para Bray-en-Champagne, a fim de atravessar o Sena sobre a ponte segura e cômoda dessa cidade. Tinham-lhe assegurado que os moradores ficariam felizes em se submeter; contudo na noite do mesmo dia, quando deveríamos passar, um bom número de ingleses chegou e os habitantes, contentes ou não, abriram suas portas para eles. Não fomos avisados de nada e era assim, sem nenhum receio, que nos aproximávamos. Alguns militares da tropa real foram na frente, mas os

⁶⁰ Hussite: partidário das doutrinas religiosas de Jean Hus (ou Huss), 1369--1415, reformador tcheco, nascido na Boêmia, excomungado por Alexandre V e depois queimado vivo, condenado pelo Concílio de Constança (N. da E.)

ingleses vieram atacá-los e quase todos foram mortos ou aprisionados. Os duques de Alenon, de Bar e todos os capitães aproveitaram essa ocasião para pedir ao rei para voltar atrás. Fomos então para Dom Martin. O povo se amontoava diante de nós gritando Noël e entoando cânticos religiosos. Emocionada até as lágrimas com essa felicidade, disse ao conde de Dunois, que se encontrava ao meu lado:

— Eis um povo bom e religioso, ficaria bem feliz em morrer nessa região.

O chanceler me perguntou:

— A senhora sabe onde e quando vai morrer?

Respondi:

— Não! isso acontecerá segundo a vontade de Deus; eu cumprirei seu desígnio que era o de liberar a cidade de Orléans e de conduzir o Rei até Reims. Gostaria que me fosse permitido voltar para perto de meu pai e minha mãe, para tomar conta do rebanho junto com minha irmã, pois temo, acrescentei, que algo de ruim me aconteça.

Assim que o regente soube que estávamos em Dammartin⁶¹, ele saiu de Paris com seus homens e veio se colocar perto de nós para a batalha em uma posição mais vantajosa. Posicionamos, igualmente, nossas tropas e esperamos o ataque. O rei enviou La Hire para reconhecimento da posição deles; houve combates durante quase todo o dia, mas que não tiveram resultado algum. O duque de Bedford, temendo a impetuosidade dos franceses, e, sobretudo, perder a situação que lhe dava tantas vantagens sobre nós, não saiu de suas trincheiras. No começo da manhã ficamos surpresos pois não vimos mais ninguém: eles haviam voltado para Paris.

Tomamos rumo para Crécy na região de Valois, de onde o rei enviara arautos para Compiègne⁶² e para Beauvais⁶³. A primeira dessas cidades respondeu que reconheceu Charles como seu soberano senhor; a segunda deu a mesma resposta e perseguiu seu bispo e senhor, Pierre

⁶¹ Dammartin-em-Goële: localizada no Departamento de Seine-et-Marne. (N. da E.)

⁶² Compiègne: localizada no Departamento de Oise, ao norte de Paris. (N. da E.)

⁶³ Beauvais: localizada em Oise, a 74 quilômetros do norte de Paris. (N. da E.)

Cauchon⁶⁴, tão indigno do mérito de padre quanto do de ser um francês. O rei decidiu que iria a Compiègne; fomos alojados em Barron, uma vila perto de Senlis⁶⁵, cidade pertencente aos ingleses.

Certa manhã, vieram, precipitadamente, dizer ao rei que o duque de Bedford avançava para nos combater e para nos interceptar o caminho. O rei enviou Ambroise de Lore e o senhor de Xaintrilles⁶⁶ para saber o verdadeiro intento dos inimigos. Os dois, acompanhados somente por vinte homens bem montados, não tardaram em ver nuvens de poeira se elevando na direção de Senlis. Julgando, com razão, que eram os inimigos, eles enviaram um de seus homens ao rei, para avisá-lo de suas suposições. Assim que verificaram que essas suposições tinham fundamento, enviaram um outro mensageiro para nos prevenir. Atravessamos imediatamente o rio que passa perto de Barron e fomos para Montpilloi.

Logo os senhores de Xaintrilles e de Lore vieram dizer que os ingleses começavam a atravessar o pequeno rio. A passagem era de tal modo estreita que só podiam passar dois cavalos de cada vez. O rei dispôs suas tropas para a batalha e nós marchamos direto para o inimigo que esperávamos surpreender. Eles todos já tinham passado. Logo os dois exércitos estavam separados por apenas três quartos de légua⁶⁷. Todo esse dia se passou em escaramuças nas quais não tivemos muitas baixas. Ao pôr do sol, os inimigos se retiraram para a cabeceira do rio e nós fomos acampar em Montpilloi.

Na madrugada do dia seguinte o rei dividiu seu exército em três batalhões principais. Os comandantes dos batalhões eram o duque de Alençon e o conde de Vendôme; os da ala direita, os duques de Bar e Lorraine e, finalmente, os da ala esquerda, os marechais de Boussac e Retz. Eu estava na direção de um destacamento encarregado de decidir a batalha com De Albret, o Bastardo de Orléans, La Hire e Xaintrilles.

⁶⁴ Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, morto em 1442. Reitor da Universidade de Paris, abraçou o partido dos “bourguignons” e adquiriu uma triste celebridade pela parte que tomou processo e na condenação de Jeanne d’Arc. (N. da E.)

⁶⁵ Sentis: localizada em Oise. (N. da E.)

⁶⁶ Xaintrilles: Jean Poton de Xaintrilles ou Saintrilles, fidalgo gascão (da Gasconha, antigo ducado francês) valente capitão de Charles VII, amigo de La Hire e companheiro de Jeanne d’Arc. Morreu em 1461. (N. da E.)

⁶⁷ Légua: medida equivalente a 6600 metros; 3 quartos de légua correspondem, aproximadamente a 5 quilômetros, (4950 metros). (N. da E.)

Os comandantes dos arqueiros eram o senhor de Gravelle, mestre dos arqueiros da França, e Jean Foucault, cavaleiro de Limousin. O rei, acompanhado por La Trémoille e seus guardas, percorreu as fileiras com uma intrepidez e uma coragem dignas de seu nome e de sua classe, estimulando os soldados.

Logo os ingleses chegaram e se dispuseram em posição de batalha segundo seu hábito, quer dizer se entrincheiraram atrás das paliçadas. O rei, de comum acordo com os senhores, queria atacar os inimigos que tinham passado a noite fortalecendo o campo situado com vantagem; mas todos os capitães demonstraram a imprudência dessa atitude, o que o incitou à decisão de esperar os inimigos. Contudo nós nos aproximamos deles até mais ou menos cem passos de distância. Segundo seu hábito, a tropa inglesa não saiu das trincheiras e só houve escaramuças pouco mortais, porém, ao por do sol, houve uma batalha mais séria que durou noite a dentro, após essa batalha voltamos para Montpilloi e os ingleses para Paris.

Na manhã seguinte fomos para Crécy, em Valois, e de lá até Compiègne, onde fomos recebidos com grande alegria. O rei nomeou como governador dessa cidade Guillaume de Flavy, nobre “picard”⁶⁸.

Os habitantes de Beauvais, de Senlis, de Saint-Denis, etc., colocaram suas cidades sob obediência ao rei. A tropa real saiu de Compiègne e eu montava a cavalo quando um mensageiro de Jean IV, conde de Armagnac, me entregou uma carta do seu senhor; eis o seu conteúdo:

“Minha muito cara senhora, recomendo-me humildemente à senhora e vos suplico, em nome de Deus, que a senhora me esclareça sobre a divisão que reina atualmente na Santa Igreja universal, sobre os papas; pois há três soberanos pontífices que têm pretensão ao papado. Um está em Roma e se faz chamar Martin V, e todos os reis cristãos obedecem a ele; o outro se encontra em Paniscole, no reino de Valência e tem o nome de Papa Clément XII; o terceiro, não sei onde mora, ele tem junto a si o cardeal de Saint-Etienne e algumas poucas pessoas; ele se faz chamar papa Benôit XIV. O primeiro, que se diz papa Martin, foi

⁶⁸ “Picard”: nascido na Picardie. (N. da E.)

eleito em Constance com o consentimento de todas as nações cristãs; aquele que se faz chamar Clément, foi eleito em Paniscole, após a morte do papa Benôit XIII, por três cardeais; o terceiro, que se nomeia papa Benôit XIV, foi eleito secretamente pelo cardeal de Saint-Etienne.

Queira, minha caríssima e honradíssima senhora, suplicar ao nosso bendito Senhor Jesus Cristo para que, em sua misericórdia infinita, ele queira, através da senhora, nos indicar qual dos três papas nomeados acima, é o verdadeiro, e a qual deles quer que obedeçamos. Se é ao que se diz Martin, ao que se diz Clément ou finalmente ao que se diz Benôit? Em qual dos três devemos crer? Pois estamos prontos a cumprir a vontade do Bendito Senhor Jesus Cristo. Imploro, também, caríssima e honradíssima senhora esclarecer-me sobre o que devo pensar a respeito do fato de certos profetas se dizerem inspirados pelo espírito de Deus.

Vosso súdito, conde de Armagnac”.

Ditei imediatamente a seguinte resposta:

† Jesus Maria †

“Conde de Armagnac, muito caro e bom amigo, eu, Jeanne, a Donzela, acuso recebimento da mensagem, que o senhor me enviou para saber de mim, pelo conselho de minhas vozes, em qual dos três papas, de acordo com o que me mandou por escrito, o senhor deve crer e obedecer. Não posso dizê-lo agora. Quanto ao que o senhor me perguntou sobre os profetas que se dizem inspirados pelo espírito de Deus, eu lhe responderei quando estiver em Paris ou em outra parte, em repouso, com a permissão do bendito Rei Jesus, Rei do Céu e do mundo inteiro, meu justo e soberano senhor. Isto certo eu vos recomendo a Nosso Senhor e imploro que ele o tenha em sua santa guarda, se for o seu desejo. Escrita em Compitène, no 22º dia do presente mês de agosto.”

Nós fomos nos alojar em Senlis.

No final do mês de agosto, o duque de Bedford deixou Paris com sua tropa, para ir até a Normandie, ele temia nosso ataque; pois corria o boato de que o rei em pessoa iria até lá. Talvez ele tenha sido influenciado por Richemont, a fim de aproveitar o pavor que essa notícia não deixaria

de causar. Richemont entrou na Normandie, surpreendeu Evreux e percorreu uma parte da província. Com a notícia, o duque de Bedford apressou sua marcha, porém quando ele chegou, já era tarde demais: com os atos de sua chegada o condestável partira.

O duque de Bedford, antes de ir para Paris, nomeou como governador Louis de Luxembourg, bispo de Thérouanne, chanceler da França, o pelos ingleses. Reunimos no palácio cortes soberanas, membros universidade, a maioria dos vigários, os responsáveis pelas casas religiosas e os mais importantes burgueses. O objetivo dessa numerosa assembleia era a renovação do juramento ao tratado de Troyes.

Na véspera de nossa partida de Senlis, o rei reuniu o conselho para deliberar sobre o que deveríamos fazer. A maioria dos conselheiros votou pelo ataque de Paris. Ficou decidido que iríamos a Saint-Denis pra ali nos preparar.

O rei distribuiu a tropa em três lugares: Montmart⁶⁹, Aubervilliers⁷⁰ e La Chapelle⁷¹, um vilarejo a meio caminho entre Paris e Saint-Denis. Eu fiquei nesse último local com os duques de Alençon e de Bourbon, os condes de Vendôme e de Laval, os senhores de Retz e de Boussac e outros, pois a lista é bem grande.

Os generais, baseados em falsos relatórios, esperavam que tentando invadir a capital nós colocaríamos os moradores a nosso favor⁷².

Marcaram o ataque para domingo, 8 de setembro, o dia do nascimento de Nossa Senhora. Nesse dia, a tropa comandada pelo duque de Alençon, o conde de Cremon e o senhor de Montmorency, se aproximou da porta de Saint-Denis para fazer crer aos ingleses que se pensava em atacá-los desse lado.

⁶⁹ Montmartre: antiga vila dos arredores de Paris, anexada à capital francesa em 1860. (N. da E.)

⁷⁰ Aubervilliers: localizada em Seine, próximo a Saint-Denis. (N. da E.)

⁷¹ La Chapelle-la-Reine: localizada em Seine-et-Marne. (N. da E.)

⁷² Algumas pessoas me acusaram de ser a causadora dessa imprudente ação; mas, desde a sagração, eu tinha a firme convicção de que minha missão estava realizada, o que me fazia, desde essa época, não discutir sobre as opiniões e as decisões do conselho, como antes. Aliás, outras razões me retinham; os serviços que eu havia prestado ao rei, e a consideração demonstrada por mim, haviam feito vários invejosos. Decidi não dar mais ideias e me limitava a encorajar o exército real através de minhas palavras e atitudes. (Nota da edição francesa).

Nesse momento, um destacamento, tendo como chefes os marechais de Retz e de Boussac, veto atacar a porta de Saint-Honoré. Os inimigos tinham levantado uma trincheira diante do muro do mercado dos porcos (bairro de Butle-Saint-Roch) nós a tomamos em pouco tempo. O bispo de Théroouanne, l'Isle-Adam, Créquy e Bonneval acorreram para nos combater.

Nós acreditávamos, como mencionei anteriormente, que os homens do rei sublevariam o povo no momento do ataque, morta essa esperança, falou-se em retirada, Acostumada a vencer, recusei-me, obstinadamente, a me retirar. Eu gritava para que levassem feixes de lenha para cobrir os fossos, dos quais eu ignorava totalmente a profundidade, a fim de podermos alcançar o muro; de repente uma seta me atingiu na coxa. Obrigada pela dor e pelo sangue que estava perdendo, retirei-me e fui me deitar atrás de uma pequena elevação. Algumas pessoas da nossa tropa sabiam ser impossível preencher o fosso; porém, seja por ciúme ou por qualquer outro motivo, eles não pensaram em me avisar.

Fiquei onde estava durante muito tempo, quase sozinha, sem que ninguém se preocupasse comigo. A noite caíra e, não me vendo voltar, o duque de Alençon ordenou que fossem me buscar, eu não queria me retirar de modo algum. O duque veio me falar do perigo que eu corria e me conduziu pessoalmente, com toda nossa tropa até La Chapelle.

No dia seguinte fui com o duque de Alençon a Saint-Denis⁷³, onde o rei se encontrava.

⁷³ Saint-Denis: localizada no norte de Paris. (N. da E.)

IV

O céu me deu um novo aviso; os deboches dos soldados me causavam tamanha indignação que sempre me faziam sair da minha habitual suavidade. Em Saint-Denis, vi militares e uma moça que davam vazão a excessos. Tomada de indignação contra essa infeliz, expulsei-a do campo, batendo nela e nos seus companheiros com o dorso da minha espada. Desde o incidente de Patay, tomara o cuidado de me munir, para essas ocasiões, de um cassetete que era mais apropriado para essa finalidade, mas, dessa vez, não tive tempo de ir procurá-lo e quebrei em dois pedaços a minha querida espada de Sainte-Catherine de Fierbois. O rei a enviou a um especialista em armas que nada pode fazer. Essa perda muito me afligiu e entendi ver a mão de Deus nesse aviso. Esse pensamento, e o abandono em que me encontrava, levaram-me a pedir novamente permissão para me retirar. Desde o cumprimento de minha missão, quando necessitava conversar com os santos, punha-me em prece, logo eles me apareciam ou falavam comigo. Suas aparições eram cada vez mais constantes e eles sempre pediam para que me afastasse do rei. Sempre em vão.

Oferei minhas roupas de guerra aos religiosos de Saint-Denis, que com elas ergueram um monumento diante do relicário do apóstolo do França.

A rainha Marie d'Anjou⁷⁴, vivia mal com o rei. Eu freqüentemente reclamava com Charles sobre a frieza com essa bondosa e virtuosa

⁷⁴ Marie d'Anjou: filha de Louis II, duque d'Anjou (1404-1463), casou-se com Charles VII, tornando-se rainha da França. (N. da E.)

princesa e tentava de ludo para reconciliá-los. A rainha soube que ele passaria pela região de Berry a caminho de Chinon, e foi esperá-lo na cidade de Selles. Assim que o viu, veio encontrá-lo. O rei, contrariado ao ver sua nobre e jovem esposa, parecia disposto a dar-lhe uma ingrata recepção, porém, tanto insisti que ele dissimulou e consentiu em recebê-la, bem como em ir com ela até Bourges⁷⁵. Feliz com essa novidade quis eu mesma ir contá-la à rainha Marie, que me falou de sua grande felicidade. Tal reconciliação causou tanta alegria a mim quanto descontentamento a Agnès Sorel e a La Trémouille, que não gostavam da jovem rainha.

Saí de Bourges com o senhor de Albret e militares. O objetivo de nossa campanha era a conquista de Charil e de Saint-Pierre-le-Moûtier. Atravessamos o rio Sena, pela cidade de Bray⁷⁶, que se entregou, e o rio Yonne, pela cidade de Sens⁷⁷ que também nos abriu suas portas.

De lá fomos para a região da Loire, para então seguirmos para Saint-Pierre-le-Moûtier, cidade fortificada, situada em Nivernais⁷⁸, entre o rio Loire e o rio Allier. Logo formamos o cerco e em breve a brecha foi praticada. Encorajei os militares com palavras e com meu exemplo; os inimigos, porém, se defenderam vigorosamente e nos expulsaram. Entretanto eu não podia abandonar o ataque. Jean Dolon que, como comentei no início dessa história, tinha sido especialmente incumbido pelo rei, assim como Louis de Comtes, de me proteger, veio pedir que eu retornasse ao acampamento.

Eu estava com seis militares ao meu redor, que não queriam me abandonar, repliquei que não deixaria meu posto sem ter terminado a conquista. Jean, então, foi levar essa notícia ao acampamento, onde ela inflamou as tropas com uma coragem renovada, seja excitando seus brios, seja fazendo-os temer a repreensão por terem me abandonado. Os inimigos não esperavam esse segundo ataque e tomamos a cidade, após uma fraca resistência. Os capitães que me acompanhavam queriam atacar Charité-sur-Loire⁷⁹. Fui com eles mas fracassamos totalmente.

⁷⁵ Bourges: antiga capital de Berry, no Departamento de Cher. (N. da E.)

⁷⁶ Bray: trata-se Bray-sur-Seine, cidade de Provins, localizada no Departamento de Seine-et-Marne. (N. da E.)

⁷⁷ Sens: cidade localizada no Departamento de Yonne, a sudeste de Paris. (N. da E.)

⁷⁸ Nivernais: antiga capital do Departamento de Nièvre, atual Nevers. Nesta região, entre o rio Loire e o rio Allier, fica a cidade de Saint-Pierre-le-Moûtier. (N. da E.)

⁷⁹ Charité-sur-Loire ou La Charité: cidade localizada no departamento de Nièvre. (N. da E.)

Os ingleses da guarnição de Melun⁸⁰, tinham se ausentado para ir pilhar as cidades vizinhas. Ao voltarem, encontrando as portas trancadas, foram para Corbeil, e, chamando, para ajudá-los as guarnições das vilas próximas, se apresentaram diante das muralhas de Melun. Fui a essa e para defendê-la e ajudei Jean Foucault, e outros capitães que lá se encontravam, a expulsar os ingleses. Eu estava sobre o fosso quando as santas apareceram e disseram:

— Jeanne, antes de Saint-Jean, cairás em poder dos teus inimigos; mas, te submete à vontade de Deus, ele te ajudará nas provas que te aguardam.

Supliquei-lhes que obtivessem de Deus a permissão para que eu morresse antes de cair em poder dos ingleses, para evitar os tormentos de uma longa prisão; elas responderam apenas:

— Tem paciência; Deus te ajudará.

Elas me reiteravam, quase todos os dias, esse aviso; porém, não contei nada a ninguém para não desencorajar os homens fiéis ao rei e me resignei.

Fui a Lagny-sur-Marne⁸¹, ameaçada ininterruptamente pelos ingleses. Mal chegamos, soube que quatrocentos ingleses atravessavam a Île de France⁸². Fui ao encontro deles com Jean Foucault, Geoffroy de Saint-Aubin, etc. Logo os encontramos e iniciou-se uma batalha. Quase todos morreram ou foram feitos prisioneiros; voltamos então para Lagny.

O chefe inimigo que tínhamos combatido era Franquet d'Arras, tão célebre por suas pilhagens quanta por sua crueldade; ele se encontrava entre nossos prisioneiros; o bailio⁸³ de Senlis e os juízes de Lagny pediam sua libertação para que fosse entregue aos rigores da lei. Como eu queria trocá-lo por um parisiense, recusei no início, mas, sabendo da morte do parisiense, cedi às instâncias do bailio e lhe entreguei Franquet que, após um processo de 15 dias, teve uma pena à altura das faltas cometidas.

⁸⁰ Melun: cidade localizada no Departamento de Seine-et-Marne, a 40 quilômetros do sudoeste de Paris. (N. da E.)

⁸¹ Lagny-sur-Marne: cidade localizada no Departamento de Seine-et-Marne. (N. da E.)

⁸² Île-de-France: região da antiga França, constituída em província no século XV e que compreendia os atuais Departamentos de Aisne, Oise, Seine, Seine-et-Oise, Seine-et-Marne e parte do de Somme. (N. da E.)

⁸³ Bailio: antigo magistrado provincial. (N. da E.)

Certo dia, estando na igreja de Lagny, trouxeram um menino morto, as meninas da cidade vieram rezar diante da imagem de Nossa Senhora, para que ela tivesse piedade da criança e suplicar a Deus para lhe conceder um pouco mais de vida. Fui ao encontro delas e quando me aproximei da criança, notei alguns sinais de vida e falei para todos que realmente ele não estava morto, puderam então dar-lhe o batismo.

O rei, que se encontrava em Bourges, recomendou minha família para torná-los nobres como recompensa por meus serviços. As cartas de nobreza que ele nos deu abrangiam homens e mulheres. Minha família tomou o nome de Dulys e as seguintes armas: fundo azul, com uma espada de prata colocada sobre ornamentos amarelos, a ponta para cima, punho e copos de ouro, tendo, de cada lado, uma flor de lys em ouro, e, sobre a ponta da espada, uma coroa do mesmo metal.

A tomada de Compiègne era de grande importância para os ingleses. O duque de Borgogne tomou todas as medidas para que a cidade fosse cercada por todos os lados ao mesmo tempo. Apesar do mistério que envolvia essas decisões, nós fomos avisados e entrei nessa cidade junto com Xaintrilles.

Os ingleses chegaram logo. O duque de Borgogne se posicionou em Condin, situada a uma légua de Compiègne; Jean de Luxembourg, conde de Ligny, em Clarey; Baudo de Noailles em Marigny, sobre o aterro junto ao rio, e Montgomery do lado oposto.

Contando em tirar proveito da desordem inseparável de uma chegada, fiz uma saída à frente de 600 homens e fui atacar Marigny⁸⁴, local onde se encontravam Luxembourg e outros generais. Combatemos inicialmente com vantagem, porém as tropas inglesas vieram socorrer Baudo de Noailles. Pensamos em retirada, Como sempre eu formava a retaguarda; às vezes vinha para a linha de frente e os inimigos fugiam aterrorizados. Chegando próximo à barreira, encontrei-a fechada e um arqueiro inglês, mais forte que os outros, me segurou e puxou do cavalo. Imediatamente Lyonnell, o Bastardo de Vendôme, correu em minha direção; sem condições para me defender, rendi-me a ele.

⁸⁴ Marigny: supomos tratar-se de Margny-lès-Compiègne, cidade localizada em Oise, próxima a Compiègne. (N. da E.)

Acusaram Flavy de ter sido o responsável por minha detenção, quando mandou fechar a barreira; sem ser totalmente inocente, ele não foi inteiramente culpado. Logo após a chegada dos franceses ele deu para fechar as barreiras, sem saber se eu tinha entrado ou não. Os soldados logo vieram lhe dizer que eu estava em mãos do inimigo, implorando sua permissão para que abrissem a barreira, o que ele recusou, temendo que os “bourguignons” e os ingleses se aproveitassem disso para invadir a cidade.

Todos os franceses voltaram para Compiègne lamentando sua derrota e a minha prisão. Os inimigos tiveram mais alegria do que ganho nessa batalha em razão da minha reputação de bruxa, amplamente divulgada entre eles. Os soldados se abraçavam e se parabenizavam por tão bela captura.

Enquanto isso, Lyonnel, brutalmente, me desarmava e conduzia a Marigny, onde confiou minha guarda a um número enorme de militares. Não era preciso tanto; cercada por um batalhão, eu não poderia escapar facilmente. É bem verdade que ele queria também me proteger da fúria de seus soldados, que teriam me cortado em pedacinhos. Os militares vinham de todas as partes para me ver, não ficaram encantados comigo, eu não estava bonita nessa época; eu havia cortado os cabelos após o cerco de Orléans, e, desde então, usava-os arredondados na altura dos ombros, como todos os homens da época, e quando eu não passasse ao menos quinze minutos penteando-os, eles caíam tão desgraciosamente sobre minhas costas que eu parecia quase uma louca. Nesse dia eu usava sob minha armadura uma túnica de veludo vermelho.

O duque de Bourgogne veio me ver e falou durante muito tempo sobre diferentes assuntos; depois retirou-se com seus homens.

Lyonnel entregou-me imediatamente a Jean de Luxembourg, conde de Ligny, mediante um pagamento.

Dois dias após minha prisão, quinta-feira, 25 de maio de 1430, Louis de Luxembourg, bispo de Thérouanne, chanceler da França para o rei da Inglaterra, recebeu carta de seu irmão, o conde de Ligny, informando que eu era sua prisioneira. O bispo, muito contente, fez celebrar um “Te Deum” à Nossa Senhora. Foram enviadas cartas a todas as cidades sob o comando inglês notificando-os sobre minha detenção.

Irmão Martin, vigário geral da Inquisição na França, escreveu ao duque da Borgogne pedindo-lhe que me entregasse às mãos da Inquisição, dizendo que eu era suspeita de crimes de heresia e que deveria ser julgada por seu tribunal; mas não deram atenção a essa carta.

Pouco tempo depois, Jean de Luxembourg enviou-me ao castelo de Beaulieu⁸⁵. Assim que fiquei sozinha em minha prisão, caí sobre a cadeira e chorei convulsivamente. Logo a cela inundou-se de luz; levantei a cabeça, que estava entre minhas mãos, e vi Sainte-Catherine que me fitava com seu doce sorriso; ela segnou afetuosamente minha mão direita e disse:

— Jeanne, tem coragem, Deus te ajudará.

Escutando-a ajoelhei-me e beijei seus pés num gesto de respeito (esqueci de dizer que sempre fazia isso, cada vez que via um de meus celestes protetores) e perguntei se seria libertada. Ela me disse que eu seria através de uma grande vitória. Em seguida disse-me para sofrer meu martírio pacientemente e me submeter totalmente à vontade de Deus, assegurando-me que se agisse assim, iria com ela para o paraíso. Desapareceu logo após, repetindo:

— Jeanne, tem coragem, Deus te ajudará.

Quando não a vi mais, ajoelhei-me para agradecer a Deus a certeza de que ele me deu de minha próxima libertação; não entendendo essa predição, bem clara entretanto, estava persuadida de que seria logo posta em liberdade, ainda que fosse necessário um milagre para tal realização. Minha ignorância em relação ao meu destino era uma prova real da bondade divina; caso eu previsse minha morte, minha coragem me abandonaria e eu teria vivido durante os poucos meses que me restavam, angústias inenarráveis.

Como já era tarde, deitei-me logo e dormi profundamente. Sonhei, como todos os prisioneiros, que estava livre. Parecia que retornara ao meu humilde povoado; via a antiga igreja onde Deus me recebera entre o número de seus filhos. Vi a modesta choupana onde vivi bem feliz e incógnita. Pai, mãe, parentes, amigos, todos se apressavam para me rever;

⁸⁵ Beaulieu: localizada em Loches, Departamento de Indre-et-Loire, a sudoeste de Paris. (N. da E.)

minha mãe me abraçava chorando de alegria. A alegria mais viva e a amizade mais sincera estavam presentes em todos os rostos que me cercavam, porém, que pena! os gritos de um sentinela, que vigiava a torre, espantaram esses sonhos felizes bem como o sono que os proporcionara.

Sentei-me e chorei, existiam, porém, alguns consolos na amargura das lágrimas; elevei meu pensamento a Deus numa fervorosa prece e me senti mais calma. Levantei-me e caminhei para a estreita janela que clareava minha cela. À medida que o dia chegava, via os arredores se animarem e os camponeses começarem a se movimentar em seus pacíficos trabalhos; essa visão deixou-me mais triste, fazendo lembrar dos dias felizes de minha infância. Todo esse dia foi passado nessas agitações. Um forte desejo me fazia esquecer um pouco de minhas penas e medos: recuperar a liberdade. Minha ardente imaginação não tardou em me fornecer os meios: uma parede de madeira, com tábuas mal unidas, separava-me de uma passagem pouco freqüentada, que dava para o bosque. Ao cabo de muito esforço consegui separar algumas tábuas menores. Era a hora em que o guarda trazia minha refeição cotidiana, que consistia em um pouco de água e pão “bis”⁸⁶. Recoloquei as tábuas no lugar para que ele nada percebesse e resolvi esperar a noite para tentar escapar. Chegado o momento to desejado, preparava-me para deixar o quarto em que estava presa, rezava a Deus para abençoar minha ação, quando minhas duas celestes protetoras apareceram:

— Jeanne que vais fazer? É preciso que vejas o rei dos ingleses.

Elas logo desapareceram sem deixar tempo para lhes fazer a mínima objeção.

Continuei minha ação sem me preocupar com a honra de ver o infante-rei. A abertura que eu tinha feito era estreita; mas como eu tinha o corpo fino e estava muito magra, consegui sem grande esforço atravessar a porta de saída que, felizmente, estava fechada com um trinco que dava para meu lado. Eu me preparava para fechar a porta, fechando assim os guardas da torre, quando Deus enviou, desse mesmo lado, o porteiro do

⁸⁶ Pão “bis”: assim se denominava o pão de qualidade inferior, de cor cinza. (N. da E.)

castelo. Esse homem, bastante surpreso, me perguntou o que eu fazia naquele local. Sem lhe responder, tentei escapar, correndo com toda energia para o campo, mas ele me reteve pelo braço e deu o alarme. Vieram em seu socorro e apesar de meus esforços, obrigaram-me a voltar para a prisão. Vi, sem desencorajar, minha tentativa falhar, pensando que o momento não fosse aquele. Disse a mim mesma, com resignação que não era do agrado de Deus que eu escapasse dessa vez, e que era necessário que eu visse o rei dos ingleses, como as vozes me haviam dito.

Antes mesmo que o conde de Ligny soubesse dessa tentativa de evasão, ele já decidira me enviar para o castelo de Beaurevoir, na Picardie, situado a 4 léguas ao sul de Cambrai. Fora as razões políticas que lhe faziam temer minha presença junto aos franceses, e os conselhos que a prudência lhe sugeria, minha juventude, beleza, inocência e infelicidade lhe inspiraram um vivo interesse que era como um dever: colocar-me em um local onde não tivesse que temer os ataques dos inimigos grosseiros que zombavam cruelmente de meu pudor.

Madame de Beaurevoir, sua esposa, e madame de Luxembourg, sua irmã, encontravam-se nesse local. Elas me receberam como se fosse uma irmã querida. Assim que cheguei, tomei um banho, deram-me roupas novas e levaram-me ao quarto que me serviria de prisão; elas me haviam preparado tudo que pudesse minorar a minha situação, com o tato que só as almas sensíveis e delicadas possuem em elevado grau. Elas quase não me deixavam; às vezes uma delas passava a noite comigo. Deram-me todo o consolo que era possível receber naquela situação; deram-me bordados e fios, ocupações que me lembravam os humildes trabalhos de minha infância e ajudavam a ocupar minha mente. Para me compensar um pouco pelos passeios que me eram proibidos, elas traziam flores do campo ou pequenos pássaros que tiravam para mim, de suas mãos desoladas. Todas essas atenções me traziam lágrimas pois me lembravam a felicidade de ser livre, e eu implorava para que elas devolvessem aqueles seres aos ninhos que os viram nascer. Eu imaginava a doce imagem felicidade e da alegria de seus pais com a visão dos filhinhos queridos.

De vez em quando, elas me pediam (com grande sutileza para não me magoarem), que eu usasse roupas femininas, sabendo que essa era a

principal acusação e mesmo a única que existia contra mim. Porém, minhas protetoras, cuja solicitude não fora desmentida em momento algum, impediram-me de atender a tal pedido. Minhas nobres anfitriãs deram-me inutilmente, roupas do meu sexo que elas acreditavam as mais próprias para me agradar. Elas insistiam e até me deram tecidos para que eu as confeccionasse pensando que as roupas que me haviam presenteado não eram do meu gosto; eu recusava com doçura e firmeza dizendo-lhes que não deixaria de usar roupas de homem sem a permissão de Deus que me havia feito usá-las para que eu corresse menos riscos, em meio a homens grosseiros e corrompidos, que me rodeavam desde que eu deixara a casa de meus pais.

O conde de Ligny autorizara sua mulher e sua irmã a me cercarem de cuidados. As vezes ele enviava, para me distrair, o cavaleiro Raymond, senhor de Macy; esse senhor, porém, me feria, sem o desejar, nos instintos mais sagrados da natureza; sua conversa e seus gestos grosseiros, para não dizer indecentes, me desagradavam muito.

Durante os 4 meses de minha estada em Beaurevoir, desfrutei de todos os consolos que não eram incompatíveis com minha situação de prisioneira de guerra.

Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, era o inimigo mortal de Charles VII e dos “armagnacs”, nome dado aos monarquistas. Seu ódio por mim era ainda mais violento. Ele me via como a primeira causa de seu afastamento e pela perda de seus rendimentos que Charles VII então retivera. Ele me reclamava como se eu tivesse sido presa em seu território. Falso! Estava na diocese de Soissons⁸⁷, limítrofe com Beauvais. Ele escreveu ao rei da Inglaterra e tudo fez para que eu fosse citada em seu tribunal.

A Universidade de Paris, inteiramente dedicada aos ingleses, não deixou escapar essa oportunidade de mostrar seu zelo; escreveu várias vezes ao Duque da Borgogne para que ele me encaminhasse à Inquisição para ser julgada por ela, como tendo usado de magia e sortilégio. Suas cartas eram repletas de fel contra mim; elas não obtiveram resposta. A

⁸⁷ Soissons fica localizada no Departamento de Aisne, a nordeste de Paris, e Beauvais, no Departamento de Oise, mais ao norte da capital francesa. (N. da E.)

faculdade escreveu também para o conde de Ligny, parabenizando-o por ter agido como leal cavaleiro, usando de seu poder para prender uma mulher que, se dizendo virgem, tinha ferido tão gravemente a majestade de Deus e desonrado a Igreja por suas idolatrias, erros e más doutrinas. Dizia também que a minha libertação ofenderia as leis divinas da maneira mais grave. Seria longa a citação das cartas; basta dizer que todas exprimiam o ódio mais envenenado.

A atitude da Universidade e principalmente a opinião transmitida de que todo Cristão era obrigado a obedecer à Inquisição e ao bispo de Beauvais, no que me dizia respeito, levaram este último a se aliar com o conde de Ligny, o duque de Borgogne e o rei da Inglaterra. O conselho real consentiu em pagar aos dois primeiros meu resgate contanto que eles me colocassem em suas mãos.

O bispo escreveu também, em seu próprio nome ao duque de Borgogne e a Jean de Luxembourg. Talvez seja útil transcrever essa carta curiosa:

“Eis o que participa o bispo de Beauvais a monsenhor duque de Borgogne, a monsenhor Jean de Luxembourg e ao Bastardo de Vendôme, em nome do rei, nosso mestre, e em nome do duque de Beauvais. Que uma certa prisioneira, chamada Jeanne, a Donzela, seja enviada para que ele a entregue à Igreja, que deve lhe fazer seu processo, como sendo suspeita de ter cometido vários os crimes, sortilégios, idolatrias, invocações de demônios e outras coisas a respeito de nossa santa fé e contra ela.

Que ela não deve ser prisioneira de guerra, como parece ser, pelas razões expostas acima. Entretanto, querendo agradecer àqueles que a prenderam e a detém, o rei consente liberalmente em lhes dar até a soma de 6000 francos. Quanto ao dito Bastardo, ele consente em lhe dar 200 ou 300 libras de rendimento anual.

O dito bispo intima, em seu nome, as pessoas mencionadas a lhe entregarem a referida mulher que foi presa em sua diocese e sob sua jurisdição espiritual, para que ele possa lhe fazer um processo segundo os costumes; para isso ele está pronto a pedir a assistência do Inquisidor de fé, caso seja necessário, a de doutores em Teologia, em Direito Civil, e outros notáveis personagens “experts” em ação de justiça, como a

matéria o solicita, para que seja ponderada e devidamente feita na exaltação da fé e com o conhecimento daqueles que foram, nessa matéria, escandalizados e afrontados, nessa ocasião, pela mulher. Caso os nomeados acima queiram repetir o que acabo de dizer, apesar da prisão dessa mulher não ser comparável a de um rei, príncipe ou grande senhor, que poderia se resgatar mediante pagamento de 10000 francos, segundo usos e costumes da França, o nomeado bispo intima, em nome do rei, os súditos a lhe remeterem a Donzela, lhes assegurando a soma de 10000 francos. Finalmente, o dito bispo segundo forma e direito, exorta os já nomeados duque de Bourgogne, o conde de Ligny e o Bastardo de Vendôme, a lhe remeterem a referida mulher segundo explicações acima.”

Essa negociação não tardou a esmorecer; de um lado o conde Ligny não podia se resolver a me entregar a meus inimigos e aos queimadores da Inquisição; por outro lado, Charles VII agia junto ao duque de Bourgogne para ser aceito pagar meu resgate.

Essa demora aumentava o ódio dos meus inimigos, que tentavam esmagar todos aqueles que se interessavam por mim, e também todos os que guardavam um prudente silêncio. Uma bretã chamada Pierrone, foi queimada por ter garantido que eu era bondosa e que agia em nome de Deus. Pretextaram para puni-la, aparentemente com justiça, que ela blasfemara dizendo que Deus lhe aparecia vestido de uma longa roupa branca e com uma túnica vermelha. Ainda que a tivessem pego em flagrante delito de mentira, teriam que colocá-la num hospício, jamais numa prisão.

O conde de Ligny, começou a se deixar envolver, só era retido pelas solicitações de sua esposa, que se jogava a seus pés implorando para que ele não me entregasse à morte. Apesar dos cuidados que minhas nobres anfitriãs tomavam para me ocultar essas notícias, eu sabia de tudo.

O que me entristecia mais era ver-me impossibilitada de salvar Compiègne. O desejo de levantar o seu cerco foi um dos principais motivos da minha tentativa de evasão do castelo de Beaulieu. Meus inimigos se divertiam com minhas aflições; os guardas me davam falsas notícias que anunciavam a derrota dos franceses ou novos desastres que caíam sobre eles. Vendo como eu me preocupava um deles me disse até que todos os homens de Compiègne, a partir de 7 anos, seriam massacrados.

Essa notícia causou-me tanta dor que eu quase enlouqueci. Gritava frequentemente na agitação e preocupação:

— Como Deus deixa perecer os bons de Compiègne que foram tão fiéis a seu senhor?

A notícia de que eu fora vendida aos ingleses acabou por me perturbar totalmente. Resolvi tentar tudo antes de cair em mãos inimigas, o que me tiraria toda a esperança de salvar Compiègne. Minhas santas protetoras tentaram, em vão, acalmar minha exaltação. Uma única saída me restava, também, temerária: jogar-me do alto da torre onde estava prisioneira. Ela tinha cem pés de altura, entretanto eu não pensava que pudesse me matar ou me ferir. A execução desse projeto era difícil para mim, visto como eu estava. Saint-Michel, Sainte-Marguerite e Sainte-Catherine, particularmente, fizeram todo o possível para me dissuadir dessa idéia.

Sainte-Catherine dizia quase todos os dias que eu não saltasse, que Deus me ajudaria assim como às pessoas de Compiègne. Eu lhe respondi que, já que Deus lhes viria em ajuda eu queria lá estar.

— Jeanne, repetiu ela, é preciso que tu suportes pacientemente o que ocorrerá; tu não serás libertada antes que vejas o infante da Inglaterra.

— Verdade? Respondi, eu não quero vê-lo, nem ser posta em mãos dos ingleses.

Assim que o momento propício chegou, eu me recomendei a Deus e a Nossa Senhora, fechei os olhos e me atirei. Primeiro senti que atravessava o espaço rapidamente; depois pareceu que minha corrida ia diminuindo, como se braços tivessem me segurado. Contudo, quando toquei a terra, minha cabeça chocou-se fortemente contra uma pedra e, com a dor que senti, eu desmaiei.

Os guardas correram; como me viram sem movimentos pensaram que eu estava morta. Logo voltei a mim e perguntei o que acontecera, surpresa de estar lá. Disseram que eu me jogara da torre e perdera a consciência do que se passara.

Enquanto me desesperava por estar impossibilitada de correr em socorro dos habitantes de Compiègne, escutei a voz de Sainte-Catherine que me dizia:

— Jeanne tem coragem! Tu vais te curar e os de Compiègne serão salvos.

Essa promessa, porém, não me convenceu do destino dos habitantes desta fiel cidade; estava tão triste com minha impotência que passei três dias sem tocar na comida.

Minha desobediência às proibições das santas me custou muito pesar. Sainte-Catherine vendo que eu deplorava amargamente meus erros, disse que eu fosse me confessar e pedir perdão a Deus. Obedeci, e logo ela me assegurou que Deus me abençoava e que ele salvaria os habitantes de Compiègne, no dia de Saint-Martin de inverno.

Minhas boas amigas não me abandonaram, elas me dispensavam cuidados assíduos, e logo me curei. Uma nova prova me aguardava: seria preciso deixar a senhora de Beaufort e a senhorita de Luxembourg, essas amigas tão caras que Deus me havia dado no meu infortúnio. As despedidas foram tristes; parecia a nós três que era a última vez que nos veríamos aqui em baixo; um vago pressentimento me fazia prever problemas maiores, entretanto, a religião me ajudava e eu as deixei, levando a esperança de revê-las numa outra vida.

Levaram-me para Arras⁸⁸, local onde os oficiais nomeados pelo Conselho do infante rei deveriam vir me buscar, e logo me conduziram ao castelo de Crotoy⁸⁹, na Picardie. Nesse local fui tratada com mais rigor e em Beaufort, porém, a amizade também ali me consolou: um sacerdote segundo Deus, homem pleno de virtudes e de mérito, estava preso na mesma prisão que eu, era Nicolas Quenville, chanceler da igreja Amiens⁹⁰, doutor em Direito Canônico e Civil. Celebrava quase todos dias a santa missa numa sala da torre destinada a esse uso, como eu a muito devota, sempre a assistia e recebia quase todas as vezes o augusto sacramento da Eucaristia.

⁸⁸ Arras: localizada no Departamento de Pas-de-Calais, antiga capital de Artois, a 175 quilômetros do norte de Paris. Nesta cidade foi assinado, em 1435, o famoso Tratado de Arras, reconciliando Charles VII e Philippe, le Bon. (N. da E.)

⁸⁹ Crotoy: localizada em Abbeville, Departamento de Somme, a norte de Paris (N. da E.)

⁹⁰ Amiens: capital da antiga província da Picardie. De uma parte da Picardie foi formado o Departamento de Somme onde Amiens está localizada a 130 quilômetros do norte de Paris. (N. da E.)

Os santos me apareciam sempre, principalmente Saint-Michel. Ele fizera várias previsões sobre a França e eu repeti para Charles VII aquelas que se relacionavam particularmente com ele; todas logo se realizaram. Os santos me fizeram grandes revelações sobre o duque Charles de Orléans, prisioneiro da Inglaterra na época, disseram, entre outras coisas, que seu filho único, que nasceu alguns anos depois de minha morte, subiria ao trono após o neto de Charles VII, e que sua memória seria querida e venerada entre os franceses. Outras revelações importantes me foram feitas nessa época, mas, ao repeti-las, eu faria apenas uma inútil e enfadonha digressão.

Enquanto eu definhava, resignada, numa triste prisão, as promessas de meus celestes protetores tinham se realizado: os franceses obtiveram algumas vitórias e Compiègne fora liberada; Gournay-sur-Aronde⁹¹, Pont-Sainte-Maxence⁹², Longueuil⁹³, e outras cidades, estavam novamente sob o domínio francês. Meus inimigos me esconderam cuidadosamente essas notícias, mas os santos tudo me revelaram e tive tanta felicidade como se tivessem anunciado minha liberdade. Poton de Xaintrilles e seus corajosos companheiros finalizaram com dignidade minha obra, graças à sua coragem e à proteção do céu; mas os ingleses viram em mim a única razão de suas derrotas e a raiva contra mim aumentava. Todos, até o mais humilde soldado, queriam minha morte. Ainda que me mantendo entre as grades, eles me temiam tanto que recusavam sair em expedições, achando que enquanto eu estivesse viva, eles teriam derrotas e problemas.

Todo inglês tiranizava os franceses que suportavam impientemente esse jugo. Eles roubavam as mulheres de seus maridos e as filhas de seus pais; frequentemente roubavam aos infelizes chefes de família os frutos de seu trabalho para os dissipar em orgias. Nada se comparava à horrível miséria dos franceses; muitos buscavam no suicídio um remédio para problemas mais terríveis que a morte, porém, a maioria se transformava em escravos dóceis e covardes adutores de seus cruéis perseguidores.

⁹¹ Gournay-sur-Aronde (no original francês): acreditamos tratar-se de Gournay-em-Bray, localizada no Departamento de Seine-Maritime, a noroeste de Paris. (N. da E.)

⁹² Pont-Sainte-Maxence: localizada no Departamento de Oise, ao norte de Paris. (N. da E.)

⁹³ Longueuil (no original francês): acreditamos tratar-se de Longueau, localizada no Departamento de Somme, próxima à Amiens. (N. da E.)

A Universidade de Paris, que tantas vezes havia dado exemplos de sabedoria, era então quase totalmente composta de ingleses. Ela escreveu duas cartas, uma em 2 de novembro, endereçada a Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, na qual ela reclamava de sua indolência. Dizia que se ele tivesse agido com a diligência necessária, meu processo já teria sido realizado e que eu nem estaria mais em suas mãos. Terminava pedindo para vir me julgar em Paris.

A outra missiva destinava-se ao infante-rei, ou seja ao seu conselho, seu objetivo era convencê-lo a me entregar ao bispo de Beauvais e à Inquisição. O duque de Bedford e os dirigentes ingleses esperavam que essas atitudes lançassem sobre a França a desonra de uma morte útil a seus interesses.

Novos problemas vieram agravar minha situação, aumentando o terror e superstição dos inimigos. Pensaram em me transferir para Rouen⁹⁴, onde se encontravam o infante e seu conselho. Durante nossa viagem de Crotoy à capital da Normandie, fizemos algumas paradas. Na última, enquanto me preparava para montar a cavalo, um inglês que estava perto de mim, achando que eu subia muito lentamente, deu-me um golpe com a sua lança nas partes do corpo que se apoiam sobre a sela. Apesar de não ser muito profunda, a ferida causou dores intoleráveis.

Encerram-me na grande torre do castelo de Rouen. Fizeram para mim uma espécie de gaiola de ferro, na qual fui presa. Eu estava muito apertada; tinha uma corrente muito grossa no pescoço, uma na cintura, outra nos pés e duas nas mãos. Teria sucumbido a essa terrível angústia se Deus e minhas santas protetoras não tivessem me consolado. O anjo Gabriel, o mesmo que anunciou à Virgem Mãe sua divina missão, veio me visitar várias vezes. Nada pode descrever sua sincera solicitude e as inestimáveis consolações que me deu. Morrendo de fome, semivestida, cercada de imundícies e feridas pelas correntes, eu buscava na religião a coragem para perdoar meus carrascos.

A duquesa de Bedford, irmã do duque da Bourgoigne, soube como eu era tratada; com profunda piedade, ela quis me ajudar, pediu ao duque,

⁹⁴ Rouen: antiga capital da Normandie. De uma parte da Normandie (Caux e Bray) foi formado o Departamento de Seine-Maritime onde Rouen está localizada. (N. da E.)

seu marido, que me transferisse para local mais amplo, com claridade e com vista para o campo.

Minha pena foi um pouco amenizada. Durante o dia só tinha ferros nos pés; eles eram suficientemente longos e me permitiam dar alguns passos na prisão. À noite, ficava presa pelos pés a um par de ferros ligados a uma corrente fortemente chumbada numa grossa peça de madeira; tinha uma outra corrente na cintura, de maneira que me era impossível andar. Cinco ingleses escolhidos no meio do populacho ficaram de me vigiar. Três dormiam no meu quarto e os outros dois vigiavam a porta. Eles me cobriam de injúrias as mais grosseiras; divertiam-se em me acordar no meio da noite dizendo que iria morrer e que vinham me buscar para a fogueira. Eles podiam tentar tudo, eu não podia acreditar que os ingleses quisessem me matar, não tendo eu cometido nenhum crime que pedisse a pena capital. Eu pensava que me devolveriam em troca de dinheiro e que se ainda não estava livre era porque Charles VII não completara as negociações para o pagamento do resgate.

Era extremamente casta, mas essa virtude foi para mim fonte de tormentos; os guardas, sabendo que sempre fui contra os maus costumes, se divertiam em cantar músicas obscenas e em fazer propostas indecentes. Não satisfeitos com as palavras, tentaram várias vezes me violentar; faziam isso tanto por eles quanto para satisfazer o bispo que lhes prometera uma boa recompensa se eles conseguissem tirar minha virgindade. Caso tivessem êxito, Cauchon poderia facilmente condenar-me como bruxa.

A salvação do gênero humano saíra de uma virgem; cria-se quase universalmente no mundo cristão que Satanás tinha uma grande aversão e respeito por toda mulher imaculada, o que tornava essa qualidade incompatível com a magia e a bruxaria. Uma vez meus guardas foram tão longe que se o conde de Warwick, atraído por meus gritos, não tivesse me socorrido, eu estaria perdida. Graças a esse senhor, tive novos guardas que me respeitavam mais. Os perigos desse gênero, que eu corri desde que deixei o castelo de Beauveroir, me imbuíram de um extremo reconhecimento para com as santas protetoras: com roupas masculinas estava menos exposta aos ultrajes. Se eu tivesse cedido às estâncias das damas

de Beaurevoir, ao perder a segurança que eu tinha quando estava na casa delas, teria sido impossível recuperar aquela que me davam as minhas roupas de homem.

Várias pessoas conseguiram visitar-me, mas esse favor dificilmente se concedia o que era uma felicidade para mim, pois as perguntas de uns, as lamentações de outros, a curiosidade de todos, junto à maior indiferença, eram extremamente difíceis para mim. Nas grandes desgraças, o isolamento é um bem que todos os infortunados sabem apreciar; pelo menos pode-se chorar a vontade, sem temer os olhares indiscretos dos indiferentes.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente

V

Meu processo custou muito dinheiro aos ingleses; além da soma enorme que eles deram para me obter, eles pagaram todas as despesas do processo e deram também gratificações consideráveis a todos que os ajudaram.

O bispo não podia exercer sua jurisdição na diocese de Rouen, sem o consentimento do cabido⁹⁵ que estava investido de autoridade arquiépiscopal, a sede de Rouen não estava completa. Ele lhe pediu autorização e logo a conseguiu; imediatamente foram feitas as cartas que lhe outorgaram território e jurisdição para realizar meu processo em toda a extensão da diocese.

As cartas patentes do infante-rei apareceram logo; o conselho autorizava em seu nome, que eu fosse a julgamento. Concedendo ao bispo de Beauvais a faculdade de instruir, conjuntamente com a Inquisição, deixando entender que me liberavam para a justiça eclesiástica com certa repugnância, e o conselho se reservava, sempre em nome do jovem Henri, de me devolver, caso eu não fosse condenada à morte; não havia desde então, para mim, nenhuma chance de salvação.

Cauchon empregou todos os seus cuidados para seguir escrupulosamente as formas usadas pela Inquisição em seus julgamentos para que aquele que ele ia presidir tivesse a validade infalível daqueles que ele intentava⁹⁶. Ele achou que a presença do Inquisidor fosse necessária

⁹⁵ Cabido: corporação dos cônegos (padres) de uma catedral (N. da E.)

⁹⁶ Intentar: (jurídico), propor em juízo. (N. da E.)

para isso, logo, fez todos os esforços para que ele viesse. Contudo, se ele desejava ardentemente vê-lo entre os juízes, o irmão Jacques Graverand não desejava menos vivamente não tomar parte neste processo; presentes, promessas, ameaças de morte, nada foi economizado para vencer seus escrúpulos; com ou sem vontade, ele teve que participar do meu processo. Ele delegou pela diocese de Rouen, Jean le Maistre, irmão pregador. A missão que lhe foi confiada não lhe agradava muito; ele apresentou mil dificuldades e conseguiu ser encarregado somente do papel de testemunha e de “docteur consulté”⁹⁷. Mais tarde, todavia, teve que aceitar o papel de juiz.

O bispo de Beauvais teve um encontro com a presença de oito doutores licenciados e mestres bacharéis em Artes, para combinar as primeiras medidas a serem tomadas, Jean le Maistre não compareceu, porém figurou como juiz no processo verbal dessa seção, durante a qual foram dados os detalhes necessários sobre minha pessoa, minha prisão e meus pretensos crimes. Nessa ocasião leram todos os atos relacionados ao meu processo tais como as cartas patentes que o autorizavam e as cartas territoriais dadas ao bispo de Beauvais.

Após a descrição dos motivos da consulta, o bispo instruiu seus colegas com as informações que ele já tomara sobre mim e, em comum acordo, decidiram que iriam buscar outras mais amplas e precisas. Procederam à eleição dos oficiais do tribunal e a todos os atos preliminares do processo.

Quase todos os doutores quiseram me transferir, segundo o costume, para prisões eclesiásticas; o bispo, porém, continuou firme e disse que não seria o responsável pela minha transferência do castelo de Rouen. Essa resposta causou murmúrios; Cauchon, porém, não levou em consideração o descontentamento dos doutores consultados nem as minhas reclamações.

Numa segunda seção realizada na sua casa, o bispo leu o processo verbal da assembléia precedente e comunicou em seguida aos conselheiros

⁹⁷ No original “docteur consulté”: acreditamos tratar-se de “Docteur Consulteur” o que significa, no caso, um Doutor da Igreja (Docteur de l’Eglise), teólogo de uma grande autoridade, e consultor (Consulteur) do Santo Ofício. Nos processos da Inquisição, ele era encarregado, pelo Papa, de dar sua opinião, seu voto, sobre questões de fé, de disciplina. (N. da E.)

ou juizes assessores as informações que obtivera sobre mim, tanto em Domremy quanto em Vaucouleurs e em outros locais que eu tinha frequentado.

Disseram-lhe que eu era boa moça, casta, modesta, paciente, moderada, prudente, muito meiga, trabalhadeira, temente a Deus e que gostava de cuidar dos pobres doentes; que era bem educada segundo meu meio, tinha bons costumes, uma conversa honesta e pacífica, que nunca praguejava, que obedecia a meus pais e que procurava a amizade das senhoras e moças mais virtuosas; que quando terminava os trabalhos da casa — que haviam me ocupado desde a idade da discricão até a época em que deixei o país — ao invés de andar sem rumo pelas ruas ou ir dançar com as outras jovens eu ia me ajoelhar na igreja para rezar com recolhimento e fervor; que era tão tímida que qualquer palavra me desconcertava; tão caridosa que muitas vezes dividia meu pão com os pobres; e finalmente, tão hospitaleira que várias vezes meu pai teve que usar de sua autoridade para me impedir de dar minha cama aos pobres sem abrigo; que assistia regularmente aos ofícios e me aproximava freqüentemente dos sacramentos com as disposições de uma boa cristã; minhas ocupações, dizia-se, eram as mesmas que as das outras crianças da cidade: os trabalhos da colheita com os camponeses e os de casa com minha irmã e minha mãe. Quanto aos meus divertimentos eles eram tão inocentes quanto minhas tarefas. De tempos em tempos eu fazia peregrinações e acendia velas diante das imagens de Nossa Senhora e dos santos. No verão, entranhava guirlandas de flores com minhas companheiras, para decorar as capelas campestres. Freqüentemente ia com meus colegas, cantar sob a árvore das fadas; era uma grande faia⁹⁸, de uma beleza notável, que ficava perto de uma fonte; já falei sobre ela no começo da história. Ela servia de ponto de encontro para toda a cidade; as moças e rapazes vinham dançar em torno dela, acompanhados pelos pais; nós ali fazíamos refeições campestres, que os trovadores errantes ou ainda as senhoras da cidade alegravam com as suas narrativas. Os castelões de

⁹⁸ Faia (em francês, hêtre): grande árvore florestal, com muitas flores, tronco reto, produz cortiça lisa, madeira branca, resistente e flexível; a faia, que cresce na Europa e na Ásia, atinge mais de 40 metros de altura. (N. da E.)

Domremy não desdenhavam se misturar a esses divertimentos; Catherine de la Roche, senhora de Jean de Boulermont, ali comparecia freqüentemente com suas filhas. Durante as procissões os galhos da árvore venerada, repletos de flores, tomavam-se um santuário florido no qual se depositava o Salvador do mundo.

Não havia, em tudo que foi apurado, nada de repreensível, por isso Cauchon julgou útil falsificar os depoimentos daqueles que tinham feito a sindicância, e prestou contas à assembléia como hem quis. Os assessores decidiram que seriam redigidos artigos com todas as informações tomadas sobre mim e as notas que continham o que a opinião pública dizia a meu respeito, para que a questão de minha inocência ou de minha culpa ficasse mais fácil para resolver. O bispo fez algumas objeções a essa decisão, vendo, porém, que seus colegas estavam de acordo, ele se resignou a opinião da assembléia, querendo, contudo, influenciar aqueles que seriam os responsáveis pela redação dos artigos.

Ele estava tão certo do resultado de suas manobras quanto de suas informações, que foram aceitas sem contradição, apesar de serem uma mistura grosseira de verdades e mentiras. O processo verbal, mesmo o da primeira sessão, tinha sido singularmente alterado; entretanto os juízes não tinham testemunhado nada, com medo dos bispos e dos ingleses. Essa deferência com a qual não contava, o animou a tal ponto que ele não se preocupou mais em observar a forma que o incomodava tanto.

Numa terceira audiência, os assessores disseram que o bispo procedeu a uma informação preparatória; eis o que o levou a esse pedido extraordinário, segundo o que lemos acima. Um homem, chamado Nicolas Bailly, tinha sido encarregado de obter as informações. Ele trouxe toda a verdade para o bispo, que dela fez o uso que já vimos. Bailly teve a oportunidade de conversar com um dos assessores, que lhe falou da pesquisa que ele havia feito; compreende-se, sem dificuldade, a surpresa de Bailly ao ouvir falar coisas tão contrárias àquelas que ele conhecia, eles logo chegaram a uma conclusão. O assessor, indignado, trouxe para a audiência a conversa que teve com o Sr. Bailly. Pode-se imaginar o ódio de Cauchon; ele acusou Bailly de traidor e mentiroso, afirmando que ele fizera um relatório completamente diferente, e concluiu que as

informações eram falsas e que ele não fora até minha região. Os assessores fingiram que se contentaram com essa resposta, sentindo a que ponto suas posições eram perigosas; eis porque eles decidiram que seriam tomadas informações preparatórias.

O bispo se achava numa tremenda dificuldade: ele não queria obter novas informações nem recolher os boatos que se espalhavam sobre mim, uns e outros me eram favoráveis. Ele tinha a intenção de se servir do depoimento de Bailly para me fazer perguntas capciosas, mas, para conseguir seu objetivo, era preciso que ele tivesse algumas informações que pudesse confirmar orgulhosamente.

Nicolas l'Oyseleur, um de seus parentes, lhe propôs uma solução. Diria que vinha de minha região e se introduziria na prisão como prisioneiro de guerra. O bispo, encantado, aceitou e não demorou a pô-la em prática.

Fizeram um buraco na parede da prisão e o camuflaram de modo a deixar passagem para o som da voz. Trouxeram dois padres, Guillaume Manchon e Guillaume Colics, conhecidos como Boys-Guillaume, encarregados de escrever o que escutassem. Explicaram aos dois, previamente, que queriam estar certos de minhas mentiras pela minha própria boca, e que, por essa razão, Nicolas l'Oyseleur devia se introduzir na prisão, vestido com roupa curta, fingindo ser "armagnac", nascido em Domremy e prisioneiro de guerra, a fim de me fazer falar.

Pouco antes de sua chegada, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite me apareceram:

— Jeanne, disse Sainte-Marguerite, atenção com as tuas palavras, não confia na pessoa que vai chegar pois a serpente esconde seu veneno sob as flores.

Sentada na cama, eu pensava no sentido daquelas palavras quando a porta se abriu lentamente; um homem de má aparência entrou e falou-me respeitosamente; veio com o conde de Warwick que fez um sinal aos guardas para que o seguissem. Quando a porta foi fechada, L'Oyseleur olhou cuidadosamente ao nosso redor, como se quisesse se assegurar de que estávamos sozinhos.

— Ah Jeanne! disse ele, que Deus seja bendito por Essa imensa consolação que me concedeu: a de poder vê-la! somos os dois da mesma região.

— O senhor? respondi surpresa, e qual é o seu nome?

— Nicolas l'Oyseleur

— Como?

— Nicolas l'Oyseleur

Pensei um momento e disse:

— Não conheço esse sobrenome.

— Há muito tempo deixei a região querida, disse ele, e só voltei após sua partida.

Ele deu notícias de minha família, amigos, negócios da França, todas falsas. Conseguiu, sem dificuldade, ganhar minha confiança e encaminhou a conversa para as visões; e eu contei-lhe tudo, exceto o segredo do rei e as revelações que as vozes me proibiram de repetir. Ele fingiu acreditar e falou durante muito tempo sobre a bondade de Deus.

Sabendo o quanto amava os franceses ele falara com expressões do mais sincero amor pelo país. Quando ele se foi, chorei, acreditando que nunca mais o veria, apesar de sua promessa de voltar.

Durante todo esse tempo, o bispo de Beauvais, o conde de Warwick e os dois notários tinham ficado no quarto ao lado, escutando o que eu dizia. O bispo mandou que Manchon e Boys-Guillaume escrevessem o que tinham escutado, os dois, porém, se recusaram, dizendo que seria ilegal começar um processo dessa forma; mas se eu repetisse essas mesmas palavras no tribunal, eles as registrariam sem problema. Se o bispo não alcançou seu objetivo, pelo menos não fracassou totalmente, minhas imprudentes palavras tornavam-se, em suas mãos, as armas perigosas que ele usaria habilmente contra mim.

Não contente de me enganar indignamente l'Oyseleur quis ler até os recônditos mais secretos de minha alma, me confessando. Na terceira visita que me fez, disse-me que era padre. Não pude esconder minha surpresa sobre o que ele me ocultou, enquanto me dispunha a falar sobre meus segredos. Ele disse que, como prisioneiro de guerra, tinha que esconder sua posição, com medo que o pusessem em julgamento por ter pego em armas para lutar contra os "armagnacs". Incapaz de enganar, pensei que assim fosse com todas as pessoas, era muito fácil me iludir. Encantada com o que acabava de saber, implorei-lhe para que ouvisse

minha confissão. O que ele, logicamente, não recusou já que era esse o objetivo de seus esforços. Mal saiu, repetiu tudo o que ouvira para o bispo de Beauvais. Felizmente as vezes me proibiram que revelasse o segredo do rei; aliás o juramento que Charles VII me havia feito fazer já era suficiente para me impedir de revelá-lo ainda que sob o sigilo da confissão.

Jean le Maistre, vice Inquisidor da diocese de Rouen, recusou-se a tomar parte do procedimento; Cauchon queria a todo custo que ele não ficasse à parte, contando fazer de sua presença uma salvaguarda para o futuro. Numa nova sessão, ele expôs aos assessores quanto a presença de Jean le Maistre podia ser-lhe útil e pediu que o chamassem. Eles consentiram, de comum acordo, e a assembleia se dispersou para se reunir algumas bolas mais tarde.

O vice Inquisidor foi, apesar de sua repugnância, apresentar suas cartas de credencial e pediu para ser dispensado da participação no procedimento, porque ele não poderia, vista que seus poderes não se estendiam a ponto de testemunhar em um processo pertencente à diocese de Beauvais, apesar de ter sido instruído em Rouen. O bispo terminou a sessão para saber a opinião dos outros sobre esta dificuldade.

Numa nova reunião, Cauchon disse que as pessoas que haviam sido consultadas lhe deram a certeza de que o vice Inquisidor poderia trabalhar com ele; mas seria preciso, contudo, que ele, bispo de Beauvais, escrevesse ao Inquisidor Jacques Graverand para lhe pedir que viesse trabalhar no processo ou pelo menos, para nomear alguém em seu lugar. Jean le Maistre respondeu que ele consentia que o bispo instrísse sem ele, visto que ele não podia agir sem prévia autorização, o que fez com que durante esse tempo, ele tenha assistido ao meu processo como juiz assessor. Liberada a assembléia, o bispo decidiu que abriríamos definitivamente o processo na segunda-feira, dia 21 de fevereiro.

Antes de entrar na narração do meu processo, creio que devo citar os nomes dos oficiais que compunham o tribunal e dizer que a maioria deles aceitara, por medo dos ingleses, que ameaçavam os mais recalcitrantes de afogamento ou então de prisão. Quase todos agiam sob o impulso do medo; era preciso, freqüentemente arrastá-los até seus lugares,

como se fossem eles os acusados; não houve ameaças que Cauchon não tenha usado para torná-los dóceis instrumentos; apesar disso um pequeno grupo teve a coragem de tomar, orgulhosamente, a minha defesa.

Eis os nomes e suas funções:

Juízes:

Pierre Cauchon, bispo de Beauvais, licenciado em Direito; Jean le Maistre, irmão pregador, bacharel em Teologia e vice-Inquisidor;

Conselheiro Comissário Examinador:

Jean de Fontaine, licenciado em Direito Canônico.

Promotor⁹⁹

Guillaume d'Estivet, chamado Bénédicté¹⁰⁰, cônego de Beauvais e de Bayeux, promotor da diocese de Beauvais.

Notáveis escrivães:

Guillaume Manchon e Guillaume Colles, conhecidos como Boys-Guillaume; Nicolas Tasquel, notários públicos e da corte do arcebispo de Rouen.

Oficial de justiça, porteiro do tribunal eclesiástico: Jean Massieu.

Conselheiros ou juízes assessores:

Richard des Saussaies, licenciado na faculdade de Leis; Jean Beaupère, doutor em Teologia, cônego de Paris e Besançon; Pasquier des Vallées, doutor em Direito Canônico, cônego de Paris e de Rouen; Geoffroy de Crotoy, licenciado em Direito Civil e Canônico; Evarde Ermangarde, doutor em Teologia; Jean de Castillon, doutor em Teologia, arqui-diácono e cônego de Rouen; Everard des Vallées cônego; Nicolas l'Oyseleur, mestre em Artes, bacharel em Teologia, cônego de Rouen e de Chartres; Laurent du Busc, licenciado na faculdade de Leis; Denis de Saberveras, doutor em Teologia; Gérard Feuillet, doutor em Teologia; Pierre Castel, mestre em Artes e licenciado em Direito Civil; Jean Carpentier, doutor em Teologia; Gilles des Camps licenciado na faculdade de Leis; Lambert de la Pierre, irmão pregador, bacharel em Teologia; Thomas de Courcelles, doutor em Teologia; Gilles de Duremont, abade de Fécamp, doutor em Teologia; Guillaume l'Hermite, abade, bacharel

⁹⁹ Promotor: esse oficial ocupava as funções de procurador. (Nota da edição francesa)

¹⁰⁰ Bénédicté: oração que os católicos faziam antes das refeições (N. da E.)

na faculdade de Leis; Jean Rosai, vigário; Nicolas de Vandères, arqui-diácono de Rouen, licenciado em Direito Canônico; Jean Bosset, licenciado na faculdade de Leis; Jean Roy, cônego de Rouen; Nicolas Laval, licenciado em Direito Civil; Raoul Roussel, doutor na faculdade de Leis e tesoureiro da igreja de Rouen; Jean Tavernier, licenciado na faculdade de Leis; Jean Geroult, abade dos Petits-Prés, prior em Saint-Leu; Guillaume, abade de Salute-Catherine, doutor em Teologia; Martin l'Advenu, irmão pregador; Raoul Saulvaige, bacharel em Teologia; Nicolas Copequesque, bacharel em Teologia; Guillaume du Lin, licenciado em Direito Civil; Jacques Guesdon, doutor em Teologia; Nicolas Midi, doutor em Teologia; Jean Tiphine, doutor na faculdade de Medicina; Pierre Moinier, bacharel em Teologia; Nicolas le Gaigneur, bacharel em Teologia; Raoul Augay, licenciado na faculdade de Leis; Richard du Pré, doutor em Teologia; Guillaume Brelhester; Jean Colombeau, licenciado em Direito Canônico; Jean de l'Espée, licenciado em Direito Canônico, capelão do infante-rei; Jean Frabry, da ordem dos irmãos eremitas, doutor em Teologia, foi, mais tarde, bispo de Démétriade; Pierre Miger, prior de Longueville, doutor em Teologia; Guillaume, abade de Corneilles; Guillaume Boucher, doutor em Teologia; Maurice de Quesnay, doutor em Teologia; Richard Gronchet, bacharel em Teologia; Burel de Corneilles, licenciado na faculdade de Leis; Jean Pigache, bacharel em Teologia; Guillaume des Jardins, doutor na faculdade de Medicina; Jean Sucrin, doutor na faculdade de Leis; Jean Mahomet; Bertrand du Chesne, doutor na faculdade de Leis; Ledoux, licenciado em Direito Civil e Canônico; Pierre Carré, licenciado na faculdade de Leis; Guillaume Erar, doutor em Teologia; Guillaume Thouroude abade de Mortemer, doutor em Teologia; Jean Brulloi, licenciado na faculdade de Leis e cônego da igreja de Nour; Guillaume Hayton, bacharel em Teologia; Guillaume le Mesle, abade de Saint-Ouen; Nicolas Médices, italiano, bacharel em Teologia; Jean Pichon, licenciado em Direito, arqui-diácono de Josas e cônego de Paris; Jean Tonnelier; Jean Guérin, doutor em Teologia; Robert Barbier, licenciado na faculdade de Leis e cônego da igreja de Rouen; Eustache Cauteteur; Guillaume, abade de Compiègne, doutor em Direito; Robert Morel, cônego da igreja de Rouen, Jean de Quesmin, licenciado na faculdade de

Leis; Jean Maugier, doutor em Teologia; Jean-Nicolas le Roux, abade de Jumièges, doutor na faculdade de Leis; Aubert Morel, licenciado em Direito Canônico; Pierre Houdent, doutor em Teologia; Denys Gatinel, licenciado em Direito Civil e Canônico; Renault, o jovem; Guillaume de la Chambre, licenciado na faculdade de Medicina; o abade de Saint-Georges; Nicolas Houppesville; Jean de Wibot, doutor em Teologia; Jean Bonesque, doutor em Teologia, capelo da abadia de Fécamp; Guillaume le Grant; Guillaume de Baudrebois, bacharel em Teologia; Gérard de Fay; Jean le Vautier; Guillaume du Desert, cônego de Rouen; Jean Boucher, doutor na faculdade de Leis; Laurent le Doux; Jacques de Touraine, doutor em Teologia, Guillaume le Maistre; Nicolas Maulin; Nicolas de Séville; Jean de Faro.

Corpo consultor do Santo Ofício:

A Universidade de Paris. O cabido dos cônegos da catedral de Rouen.

Os prelados consultores do Santo Ofício:

Philibert, bispo de Lisieux; Dominique, bispo de Coutances; Jean, bispo de Avranches.

Além desses, três outros prelados estiveram na pronúncia das sentenças: Henri Beaufort, irmão natural de Henrique IV, rei da Inglaterra; ele era cardeal de Saint-Euzèbe, mais conhecido sob o nome de cardeal de Winchester ou da Inglaterra; Jean de Mally, bispo de Noyon; Louis de Luxembourg, bispo de Boulogne-sur-Mer.

A capela real de Saint-Romain, situada no castelo de Rouen, foi o primeiro teatro de meus interrogatórios.

Em 21 de fevereiro, por volta das 5 horas da manhã, Nicolas L'Oyselleur entrou na minha cela; parecia profundamente tocado; perguntei-lhe, inquieta, o que de tão ruim acontecera.

— Jeanne, disse-me, os ingleses me submeteram a uma dura prova.

— O que lhe fizeram? perguntei ansiosa.

— Ah! Amaldiçoado seja o dia em que nasci!

— O que houve?

— A morte, retomou ele, me seria menos funesta.

— O senhor pode se explicar? disse-lhe angustiada.

— Os ingleses querem que eu me sente entre os juízes, minha cara irmã, e que esse é o preço de minha liberdade. Ameaçaram-me de morte caso recuse; venho lhe ver pela última vez pois estou resoluto a me deixar matar, antes disso que fazer parte desse iníquo negócio.

Emocionada até as lágrimas com suas palavras, pronunciadas com a aparência de sinceridade e de franqueza, falei:

— Mestre Nicolas, o senhor me prova que é um verdadeiro amigo, porém não posso aceitar o seu generoso sacrifício. Sente-se entre meus juízes; fale contra mim, se for necessário, saberei que seu coração desmente as palavras que sua boca pronuncia.

— Não, prefiro morrer!

— Realmente, o senhor não é razoável, o senhor quer me privar do único amigo que tenho perto de mim; um juiz a mais ou a menos, o que isso me faz? aliás, ao invés de ser tão prejudicial como pensa, o senhor pode ser-me útil, falando por mim.

— Nesse caso, não peço nada melhor, contudo, juro que preferia morrer a lhe causar o menor desgosto.

Em seguida, disse que conhecia mais ou menos as perguntas que c fariam e as repetiu, ditando as respostas que eu deveria dar. Elas foram concebidas em tais termos que, sem levantar suspeitas, ofereciam matéria para a maldade de meus juízes. Quando ele pensou ter falado tudo, lembrou-me da intimação feita na véspera do comparecimento ao tribunal e saiu implorando para que eu seguisse todos os pontos de seu conselho.

Apesar de toda a confiança que tinha nele, não deixei de chamar as vozes para me socorrer. Elas não estavam indiferentes ao meu pedido e disseram que eu respondesse corajosamente, não o que o L'Oyseleur me aconselhara, mas sim o que Deus me inspirasse.

Às 8 horas da manhã, o bispo de Beauvais, o promotor, os notários Manchon e Boys-Guillaume, o porteiro do Tribunal Eclesiástico e quarenta juízes assessores, foram à capela real do castelo. O bispo fez ler as cartas reais e as do cabido de Rouen. Em seguida, o promotor d'Estivet disse aos assessores que eu fora citada a comparecer diante deles, àquela hora, para responder às perguntas que me seriam feitas; a seguir leu as cartas de citação do bispo e a relação do significado das mesmas:

“Pierre, por misericórdia divina, bispo de Beauvais, tendo como área a cidade e diocese de Rouen, segundo o venerável cabido da Igreja de Rouen, na falta da sede arquiépiscopal, nos emprestou para deduzir e finalizar a matéria aqui descrita, para o decano da cristandade de Rouen (Jean Massieu), bem como a todos os padres constituídos na cidade de Rouen, aos quais ele enviará as presentes cartas, cujo conteúdo segue, saúda como autor e aperfeiçoador da fé, nosso Senhor Jesus Cristo. Como certa mulher, comumente chamada a Donzela, presa em nossa diocese de Beauvais, pelo muito cristão e sereníssimo príncipe nosso senhor e o rei da França e da Inglaterra, como veementemente suspeita de heresia, para que nós fizéssemos contra ela um processo em matéria de fé, ela nos foi vendida e expedida, conduzida e entregue; e nós, visto a fama dos seus feitos e atos, em lesão à nossa fé, não somente ao reino da França, mais ainda para toda a cristandade, notoriamente difundida, após nos ser instruída diligentemente por informação e ajuda do conselho das pessoas habilitadas; querendo nesse assunto proceder com maturidade, ordenamos que a chamada Jeanne, seja convocada, citada e ouvida sobre os artigos que pesam contra ela e os interrogatórios a lhe serem feitos com referência à fé. Por essa razão, pedimos a vós e a cada um em particular, para que um não espere o outro, para citarem em termos peremptórios diante de nós, na capela real do castelo de Rouen, pelo dia de quarta-feira, vigésimo primeiro dia do presente mês de fevereiro, pela manhã, a dita Jeanne, a qual temos veementemente suspeita de heresia, para que ela seja obrigada a responder a verdade sobre os referidos artigos, e outros pontos sobre os quais nós a temos sob suspeita, e para ser feito por nós, o que será justo e segundo a razão, com intimação nós a excomungaremos caso ela não compareça diante de nós nesse dia. Vos pedimos para que relatem fielmente, por escrito, o que será feito pelos senhores e em vossa presença, na ocasião da execução de nossas ordens. Feito em Rouen, sob nosso sêlo, o ano do Senhor Mil CCCXXX, terça-feira, vigésimo dia do mês de fevereiro. Assim assinada: G. Boys-Guillaume. G. Manchon”.

Eis a narração da execução dessa ordem dirigida a Jean Massieu, bispo de Beauvais: “Ao reverendo pai e Senhor em Jesus Cristo, mestre

Pierre, pela misericórdia divina, bispo de Beauvais, tendo território em nome do venerável cabido da igreja de Rouen, a sede disponível a vós emprestada para deduzir e terminar a matéria aqui descrita, vosso humilde Jean Massieu, padre decano da cristandade de Rouen: obediência pronta às vossas ordens, com toda reverência e honra. Que vossa reverenda paternidade saiba que, em virtude de vossa ordem a mim apresentada, a qual esta minha narração é anexada, já citei peremptoriamente diante dos senhores, na capela real do castelo de Rouen, pelo dia de quarta-feira, vigésimo primeiro do presente mês de fevereiro, as oito horas da manhã, certa mulher vulgarmente chamada a Donzela, por mim pessoalmente apreendida dentro dos limites do referido castelo de Rouen, a qual é tida, veementemente por suspeita de heresia, para que ela responda a verdade, etc., com a intimação contida em vossas referidas cartas.

A tal Jeanne em questão me disse que, voluntariamente, compareceria e responderia a verdade sobre todas as questões que lhe fossem feitas, mas que ela pedia que, para esse caso, os senhores fizessem a gentileza de convocar os eclesiásticos da França do mesmo modo que os da Inglaterra e, além disso; ela suplica à vossa reverenda paternidade, permissão para que amanhã, antes de comparecer diante de vossa reverenda paternidade, ela pudesse assistir a missa e eu declarasse isso ao senhor o que acabei de fazer. Após o que foi acima dito por mim, eu comunico a vossa reverenda paternidade, através da presente, do meu selo e de minha assinatura manual, selado e assinado. Entregue no ano do Senhor Mil CCCCXXX, a terça-feira precedente da já citada quarta-feira. Assim assinada, Jean”

Após a leitura desses atos, o promotor pediu imediatamente que eu entrasse no tribunal, como eu havia sido citada a fazer, a fim de responder a algumas questões concernentes à fé. Após a resposta afirmativa do bispo, Jean Massieu saiu e veio me buscar; eu estava pronta há algum tempo. Quando me viu, Cauchon expôs a assembleia que eu pedira várias vezes para assistir à santa missa, mas que ele achava que não poderia me conceder esse favor, visto os crimes dos quais me acusavam e também pela deformidade das roupas que eu persistia em usar, apesar das exortações amigas que foram feitas diversas vezes. Ele ia abordar o pedido

que eu fizera para ter juízes do partido francês, quando eu entrei com Massieu. Ele temia ser obrigado a aceitar esse justo pedido, desse modo deixou esse assunto de lado. Recomeçou com um grande discurso, no qual recapitulou tudo o que se passou desde a minha prisão. Ele me falava com uma afetada doçura que, porém, não me enganava; começou pedindo-me para jurar, sobre o Evangelho, que eu diria a verdade sobre todas as coisas que me perguntasse.

— Não sei o que senhor vai me perguntar; talvez o senhor me faça perguntas as quais não poderei responder.

— A senhora jura dizer a verdade sobre o que lhe será perguntado, em relação à fé. Dirá o que sabe?

Não deixei tempo para ele falar mais.

— Sobre meu pai, minha mãe e sobre o que fiz na França desde minha chegada, juro de bom grado. Quanto às minhas revelações e a certos fatos, não os disse nunca e não direi jamais. Só se for ao meu rei, ainda que me cortem a cabeça. Meu conselho, ou seja minhas vozes me proibiram de os revelar, entretanto, daqui a 8 dias, poderei lhes pedir permissão para tal.

Ele me fez várias perguntas, todas iguais no fundo, mas que ele modificava na forma para tentar me enganar. Eu lhe repelia, as mesmas respostas com tal firmeza que ele então mudava de pergunta.

— A senhora não quer, pelo menos, jurar dizer a verdade sob assuntos a respeito de nossa fé, que a senhora souber?

Consenti sem imaginar que pudesse ser uma armadilha, Ajoelhei-me e pus as duas mãos sobre um missal, dizendo:

— Juro dizer toda a verdade sobre o que me for perguntado sobre a nossa Santa fé; entretanto me preservo de responder o que for relacionado com as revelações para as quais prometi silêncio.

O bispo viu que não conseguiria nada de mim e deixou nesse ponto o assunto do juramento, porém teve o cuidado de colocar, no processo verbal, que eu não tinha falado da condição que eu havia querido colocar de início, ou seja, não revelar nada do que soube através das vozes.

Cauchon continuou me interrogando:

— Qual o seu nome, apelido e sobrenome?

— Chamavam-me Jeannette, na minha região, e Jeanne desde que entrei na França; sobre meus apelidos não sei o que senhor fala.

— Não seria o de donzela?

— Sim.

— A senhora passa por virgem, no espírito dos “armagnacs”; a senhora o é realmente?

— Sim.

— Para poder crer precisamos de um outro testemunho.

— Realmente o senhor não acredita? Pois bem! mande algumas senhoras para confirmá-lo. Mas que elas sejam responsáveis e honestas; é tudo o que peço.

O bispo deliberou com seus colegas se deveriam aceitar minha proposta. A afirmativa foi unânime; decidiram, porém, perguntar primeiro duque de Bedford; o bispo achou melhor consultá-lo, visto a importância da minha virgindade. Eu já disse várias vezes a razão, não é necessário repeti-la.

— Onde a senhora nasceu?

— Na cidade de Domremy, dependência de Greux, onde está a igreja principal.

— Qual o nome de seus pais?

— Meu pai se chama Jacques d’Arc e minha mãe Isabeau.

— O que fazem? Meu pai é agricultor, cultiva seus campos com meus irmãos, e minha mãe faz os deveres de uma boa mãe de família. Quanto à reputação deles é só ir até Domremy; todos dirão que nem Deus nem o rei têm melhores servidores.

— Como cuidam eles dos deveres religiosos?

— Como todos os bons cristãos são chamados a fazer.

— Eles usam mandrágoras¹⁰¹?

— Não, isso é coisa do diabo.

— Como a senhora foi educada?

— No temor a Deus e no amor ao próximo.

¹⁰¹ Mandrágora: planta do gênero das solanáceas, com folhas grandes, que possuem sabor e odor desagradável, muito usada em feitiçaria na Antiguidade e na Idade Média. (N. da E.)

- Eles lhe fizeram alguma recomendação em particular?
- Sim, uma.
- Qual foi?
- Que fosse boa, doce e humilde; que fizesse o bem, que evitasse o mal, que respeitasse os idosos, que amasse meus amigos, que sempre que pudesse ajudasse a todos; que protegesse as crianças e os doentes que, finalmente, amasse meu próximo como a mim mesma, segundo a máxima de nosso senhor Jesus Cristo.
- A senhora os obedeceu e seguiu seus conselhos?
- Sim, tanto quanto me foi possível.
- Onde foi batizada? Na igreja de Domremy, que é próxima de nossa casa.
- Quem foram seus padrinhos?
- Uma de minhas madrinhas se chamava Agnès, a outra Jeanne e outra Sybille, um de meus padrinhos era Jean Lingue, o outro Jean Barrey. Ouvi minha mãe dizer que eu tinha vários padrinhos e madrinhas¹⁰².
- Qual foi o padre que a batizou?
- Jean Minet, eu acho.
- Ele vive ainda?
- Não sei.
- Está morto?
- Já disse que não sei.
- Ele vivia quando a senhora foi presa?
- Eu penso sim, mas, deixe-me tranqüila, isso não diz respeito ao seu processo.
- Qual é a sua idade?
- Dezenove anos, eu creio.
- O que sabe sobre sua religião?
- Minha mãe me ensinou o Pai Nosso e o Credo; foi som dela que recebi tudo o que sei sobre crença.
- Já que a senhora sabe o Pai Nosso está requisitada a recitá-lo diante de nós.

¹⁰² Com medo de comprometê-los não falei sobre Jean Morei, Béatrix-Felicité, esposa de Estellin le Clerc, Jeannette, esposa de Tiestelin du Veau, e Jeannette de Roye, esposa de Etienne Thevelin. (Nota da edição francesa)

— Queiram me escutar em confissão e eu o recitarei.

— A senhora então recusa-se a recitá-lo?

— Não, mas me escutem em confissão.

— A senhora se recusa a recitar o Pai Nosso?

— Sim, caso não aceitem meu pedido.

Se Cauchon aceitasse ele não poderia mais ser meu juiz; eu sabia disso, mas pensava que se lhe contasse, na qualidade de meu confessor, as revelações que me haviam sido feitas, ele ficaria convencido de minha inocência e poderia me julgar sem que minhas revelações corressem perigo. Ele captou minhas intenções e mudou o tema das perguntas:

— Caso traga alguns notários que falem francês a senhora recitaria o Pai Nosso?

— Sim, caso me escutem em confissão.

Ele me disse:

— Eu a proíbo de sair, sem minha permissão, das prisões do Castelo de Rouen, sob pena de ser declarada convencida de crime de heresia.

Respondi com segurança:

— Não aceito essa proibição e caso escape, ninguém poderá me acusar de ter violado minha palavra pois nada prometi.

Como eu reclamara por estar sob correntes na prisão, ele disse:

— Tempos atrás, e por diversas vezes, a senhora tentou fugir da prisão; é por isso que está presa por correntes de ferro, para estar bem guardada.

— É verdade que queria e quero ainda fugir, isso é lícito a todo prisioneiro.

A hora do término da sessão se aproximava; o bispo chamou Jean Gris, escudeiro da guarnição do infante-rei, Jean Werwik e Guillaume Talbot e lhes confiou a minha guarda, pedindo que me vigiassem e proibindo a todos de me dirigirem a palavra, sem permissão, o que eles juraram sobre os Evangelhos.

A seguir, virou-se para mim e disse:

— Jeanne, eu lhe convoco a comparecer amanhã, quinta-feira, na Câmara dos Preparativos, neste mesmo castelo.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

VI

Os assistentes sempre ousavam interromper o bispo para me fazer perguntas sobre assuntos diferentes dos da pauta. Como falavam ao mesmo tempo, eu não sabia a quem responder. Em vão eu lhes pedia para que falassem um de cada vez; em vão eu lhes pedia para que tivessem piedade de mim; eles não se entendiam entre eles, o que diminuía os interrogatórios propriamente ditos, que é só a única coisa que quero relatar; as repetições e as questões supérfluas tomavam uma boa parte do tempo.

Nessa primeira sessão, interrogaram-me sobre as aparições o que não foi feito pelo bispo, mas pelos doutores. Como todos falavam ao mesmo tempo e cada um fazia uma pergunta diferente, não respondi a nenhuma, deixei-os discutir sobre a importância de cada pergunta e decidirem qual eu deveria responder primeiro; cada um escolhia a sua. O bispo, que não tinha a intenção de me interrogar, nesse dia, sobre esse tema, pediu silêncio, e só com grande dificuldade conseguiu acabar com o tumulto.

Assim que ele liberou a assembléia, foi conversar com os conselheiros do infante-rei. Ele lhes submeteu, na presença do duque de Bedford, o pedido que eu fizera para ser examinada. Após a decisão de realizá-lo, Cauchon observou que o resultado deveria ser secreto, caso fosse positivo para mim. A duquesa de Bedford foi encarregada de designar as parteiras que me examinariam, de receber seu relatório e de se ocupar de tudo. Foram escolhidas três examinadoras: Anne e Jeanne Bavon, em seguida Clarisse Jacquemine.

O que eu vou relatar ainda não dará uma ideia ampla sobre os costumes da época. Enquanto as “parteiras” me examinavam, o duque de Bedford estava escondido no quarto ao lado e a tudo assistia, posando sobre mim, a quem ele destinava ao suplício, seus olhares indiscretos através do buraco que o bispo mandara fazer na parede, na época em que ele quis tirar de mim esclarecimentos por meio de Oyseleur. Felizmente, esconderam de mim esse infame ultraje; isso teria me causado muito sofrimento. Quando a duquesa de Bedford soube desse fato, teve um inenarrável acesso de fúria, fez uma cena violenta com seu marido, acusando-o, sem consideração, por sua infame curiosidade.

Eis o relatório das parteiras:

“A muito elevada, a muito poderosa e muito ilustre Senhora, duquesa de Bedford, Anne Bavon, Jeanne Bavon e Clarisse Jacquemine, suas muito humildes servidoras, expõem o que se segue: segundo as ordens da muito elevada, muito poderosa e muito ilustre senhora acima nomeada, as citadas servidoras foram visitar uma certa mulher chamada Jean conhecida como a Donzela, para saber se ela fazia juz a tal título; para o que elas inspecionaram, cuidadosamente, com seu consentimento, tudo o que há de secreto numa mulher, da maneira usada em tais circunstâncias; em consequência do que, após um judicioso exame, na presença de Deus, de sua bendita mãe, a muito Santa Virgem Maria, e de todos os santos e santas do paraíso, as já citadas Anne Bavon, Jeanne Bavon e Clarisse Jacquemine, declaram que a chamada Jeanne, conhecida como a Donzela, é virgem e inteira, pura de toda a sujeira e de corrupções.

Estas senhoras acima nomeadas se submetem a perder suas almas e a se tornarem vítimas do inimigo (Satanás), caso o presente relatório não esteja conforme a mais estrita verdade”.

Endereçaram esta declaração à duquesa, que a enviou ao bispo de Beauvais. Após tomar conhecimento do relatório, vendo que ele ia de encontro aos seus objetivos, rasgou-o em pedaços e ameaçou as parteiras com o peso do seu ódio, caso elas o revelassem a alguém. Isso não impediu Anne Bavon de fazer comentários com algumas pessoas, entre as quais, o notário Boys-Guillaume.

Várias razões deram origem à transferência do tribunal para a sala dos preparativos; o acesso à Capela Real era fácil e o bispo temia que estranhos, mesmo juízes assessores não convocados, ali se introduzissem e soubessem coisas que Cauchon tinha tanto interesse em esconder. Mesmo seguro da discrição e da cumplicidade dos assessores, ele só os convocava segundo as perguntas que ele devia me dirigir. Como não era obrigado a reuni-los ao mesmo tempo, ele tinha a facilidade de convocar essas criaturas, quando o que eu tinha era a necessidade de juízes imparciais.

Guillaume Manchon e Boys-Guillaume, apesar dos pedidos e das ameaças do bispo, tinham registrado minhas respostas procurando se aproximar o máximo possível da verdade; entretanto, muitos erros e falhas foram introduzidas nas minutas, alguns tão grosseiros que eles tiveram que cortar certas passagens onde elas se encontravam. Essas falhas vinham tanto das repetições que o bispo multiplicava, alterando a verdade, quanto do tumulto da assembléia do qual eles se queixavam vivamente e que os impedia de registrar muitas de minhas respostas que eles nem mesmo escutavam.

Cauchon, irritado com a obstinação deles em seguir a justiça, resolveu juntar alguns secretários com os quais ele pudesse contar para corrigir seus relatórios comparando-os com os deles e poder assim acusá-los de erro. l'Oyseleur se encarregou de lhes ditar as respostas que ele falsificaria com sua habitual habilidade. Era preciso contudo que eu nada percebesse para que ele pudesse continuar a representar seu papel em minha prisão. Cauchon recorreu a um expediente que resolveu a dificuldade: ele colocou os secretários e l'Oyseleur no vão de uma janela e estendeu entre eles e a assembléia, uma longa cortina feita de um lençol de sarja, isto a poucos metros do tribunal onde estava o bispo, e próximo ao qual estavam Manchon, Boys-Guillaume e Jean Monnet, secretário do juiz assessor Jean Beaupère.

Pouco antes das 8 horas, l'Oyseleur vela me ver:

— Jeanne, nosso reverendo pai, o bispo, vai interrogá-la sobre as aparições, o que a senhora dirá?

— As santas me disseram para falar sem temor.

Ouvindo-me falar assim, ele balançou a cabeça e disse-me que muito eu sofreria, caso seguisse esse conselho.

— Então, o que o senhor quer que eu faça? perguntei um pouco impaciente.

— A senhora falará também sobre as aparições?

— Eu, negá-las?! Mesmo que eu tivesse que morrer eu não as negaria.

— Mas a senhora tem certeza de ter visto o que diz? Essa questão desagrada muito.

— O senhor acha que sou uma louca? perguntei.

— Eu não disse isso para contrariá-la, mas a senhora tem uma grande imaginação, uma caba exaltada...

Como percebeu que eu o olhava de lado, julgou mais prudente mudar de assunto. Como na véspera, fez-me uma série de perguntas, dando, para cada uma delas, a resposta que eu deveria dar. Quando ele acabou eu falei:

— O senhor acha que vou dizer isso?

— Por que não?

— Realmente o senhor acha que vou dizer o que não é verdadeiro? Além disso, agradeço sua boa intenção; porém não se aborreça, eu seguirei conselhos melhores que os seus.

Como soavam 8 horas ele disse:

— Vou deixá-la, cuide-se bem, voltarei amanhã.

Ele saía quando Jean Massieu chegou para me levar ao tribunal. Assim que entrei, o bispo me intimou a fazer o juramento de dizer a verdade sobre tudo.

— Já prestei juramento ontem; isso deve bastar.

— Eu vos peço para fazê-lo; ninguém, nem mesmo um príncipe, pode se recusar a prestar um juramento requerido em matéria de fé.

Foi preciso ceder e pronunciei meu juramento nos mesmos termos que na véspera. Jean Beaupère, que o bispo havia encarregado de me interrogar em seu lugar, estimulou-me a responder às perguntas que ele faria segundo o que eu havia jurado. Eu o prometi, renovando, porém, a

restrição feita, e acrescentei que, se eles realmente se informaram a meu respeito, deveriam desejar que eu estivesse longe de suas mãos, pois só agi segundo as revelações. Ele começou a interrogar-me neste termos:

— Que idade a senhora tinha quando deixou a casa de seus pais?

— Não saberia dizê-lo.

— Aprendeu algum trabalho na sua juventude?

— Sim, a bordar e a fiar o cânhamo, eu creio que não existe mulher em Rouen que borde e fie como eu.

— Antes de deixar a casa de seus pais, por ordem das vozes, a senhora nunca saíra de Domremy?

— Fui a Neuchâtel, na região da Lorena¹⁰³ acompanhada por meus pais e pelos moradores da cidade com medo dos “bourguignons”.

— Durante quantos dias?

— Cinco.

— Onde a senhora ficou durante esses dias?

— Na casa de uma boa e corajosa senhora chamada La Rousse.

— Quais foram suas ocupações durante essa estadia?

— Ajudei a boa senhora a limpar a casa e a levar os cavalos para beber água.

— Quais eram suas ocupações na casa de seus pais?

— Durante minha infância, eu cuidava das cabras e de outros animais; porém, desde a idade de 14 ou 15 anos eu não os conduzia mais ao pasto, ocupava-me nos cuidados da casa.

Nesse instante me interromperam para fazer uma porção de perguntas as quais não respondi. Quando o silêncio foi restabelecido, Jean Beaupère me disse:

— A quem a senhora confessava seus pecados?

— Ao meu cura ou quando ele estava ocupado, a algum padre mediante sua permissão. Durante minha estadia em Neufchâtel me confessei duas ou três vezes a religiosos pedintes.

— Quando a senhora recebeu o Sacramento da Eucaristia?

— Na Páscoa.

— Também o recebeu em alguma outra solenidade?

¹⁰³ Lorena: região situada ao nordeste da França. (N. da E.)

— Passe adiante por favor.

Aí começou o tumulto. Como os doutores me interrogavam todos ao mesmo tempo eu lhes disse:

— Caros senhores falem um de cada vez, por favor.

Eles não deram atenção. E às diversas perguntas que me fizeram eu respondi:

— Com a idade de 13 anos escutei uma voz de Deus dizendo que me ajudaria a conduzir minha vida. Na primeira vez fui tomada de pavor.

— Onde, quando e a que horas a senhora escutou essas vozes?

— No jardim da casa de meu pai, no verão, por volta de meio dia.

— A senhora havia jejuado na véspera?

— Não.

— De que lado veio a voz?

— Do lado direito, do lado da igreja de Domremy.

— Que sinal a senhora viu quando escutou essa voz?

— Uma grande claridade, quase sempre; quando vim à França¹⁰⁴, freqüentemente escutava essa voz.

— Como a senhora podia ver a claridade, se ela vinha de lado?

— Como o senhor faz para ver a claridade de uma lâmpada se olhá-la?

— O que a senhora achava dessa voz?

— Achava que era uma voz digna e acreditava firmemente que ela era enviada por Deus. Após escutá-la três vezes, soube que era de um anjo. Aliás essa voz sempre me aconselhou muito bem e compreendo claramente o que ela me anunciou.

— Quais ensinamentos ela lhe deu para a salvação de sua alma?

— Ela recomendou que eu sempre me comportasse bem e que freqüentasse a igreja.

— Não lhe disse mais nada?

— Sim.

— O quê?

¹⁰⁴ Chamava-se França à região que compunha o território real propriamente dito; o restante era designado como reino da França. Os moradores eram considerados franceses e levavam esse título. Eis porque eu dizia vir à França. (Nota da edição francesa)

— Que era necessário que eu viesse à França.
— Sob que forma essas vozes apareciam?
— Isso o senhor não saberá de mim, por agora eu não tenho permissão para lhe dizer.
— A senhora escutava essa voz freqüentemente?
— Ela me dizia, duas ou três vezes por semana, que eu precisava partir e vir até a França.
— Seu pai foi avisado de sua partida?
— Não, ele nada soube.
— Por quê?
— A voz me apressava a partir; eu não podia continuar onde estava e temia que meu pai se opusesse à minha partida.
— O que dizia essa voz?
— Que eu libertaria a cidade de Orléans e que conduziria meu rei até Reims para que ele fosse sagrado.
— O que disse a voz no que se refere à execução de sua missão?
— Ela disse que eu fosse a Vaucouleurs, junto a Robert de Baudricourt, capitão naquela cidade, e que ele me daria militares para me levarem até ao rei; eu respondi que era uma moça pobre que não saberia cavalgar nem conduzir uma tropa.
— Contudo, a senhora obedeceu a voz?
— Sim, apressada por ela, fui falar com meu tio e disse-lhe que gostaria de passar algum tempo em sua casa. Fiquei com ele aproximadamente oito dias; então lhe falei que precisaria ir a Vaucouleurs e pedi que me levasse. Quando lá cheguei, reconheci Robert de Baudricourt, sem jamais tê-lo visto, pois a voz me disse quem era ele. Baudricourt perguntou o que eu queria; respondi-lhe que precisava ir até a França. Ele me repeliu diversas vezes; mas, na última tentativa, recebeu-me e concedeu os militares; as vozes tinham predito que tudo se passaria dessa forma.
— A senhora não fez uma peregrinação a Saint-Nicolas, na Lorena?
— Sim, uma vez.
— Lá a senhora viu algum nobre?
— Sim, o duque de Lorena pediu que me conduzissem até ele; fui e falei que queria ir a França. Ele me fez perguntas sobre sua saúde;

respondi que nada sabia a esse respeito. Revelei pouca coisa sobre minha viagem; entretanto pedi-lhe que seu filho e seus soldados me levassem à França. Disse-lhe também que pediria a Deus por sua saúde. Eu tinha ido à presença do duque com um salvo-conduto, e voltei, imediatamente, para Vaucouleurs.

— A senhora saiu de Vaucouleurs vestida de homem?

— É verdade que parti dessa cidade com roupas masculinas e portando uma espada que me fora presenteada por Robert de Baudricourt. Estava acompanhada de um cavaleiro, um escudeiro e quatro servidores. Cheguei a Saint-Urbain e passei a noite na abadia. Continuando minha viagem, passei por Auxerre, onde assisti à missa na igreja principal. Eu era então freqüentemente visitada pelas vozes.

— Por qual conselho a senhora tomou roupas masculinas?

— Não foi pelo conselho de nenhum homem. Passe adiante.

— Por que razão a senhora se vestia desse modo?

— Passe adiante por favor. Não posso nem quero dizer.

Os auditores começaram a alterar o interrogatório; respondi a várias perguntas sem importância. Leram as cópias das cartas que de Orléans enviei para os ingleses. O bispo as fizera falsificar para daí tirar um motivo de acusação; graças à minha excelente memória, distinguia imediatamente as frases que haviam sido introduzidas e as modificações feitas. Várias questões sobre a viagem de Vaucouleurs até Chinon me foram feitas, elas, porém, não tinham a menor importância. Jean Beaupère perguntou como eu reconheceria Carlos VII.

— As vozes o designaram para mim e, quando entrei na sala onde ele estava, o reconheci entre todos os outros. A conselho das vozes lhe disse que queria ir guerrear contra os ingleses.

— Dessa vez, quando as vozes lhe mostraram o rei, existia alguma luz nesse local?

— Passe adiante.

— A senhora viu um anjo sobre a cabeça do rei?

— Por gentileza, passe adiante; antes de me colocar em ação, meu rei teve muitas revelações e bons sinais.

— Que sinais e que revelações teve o seu rei?

— Eu não o direi; não é conveniente que fale sobre isso, contudo, mande perguntar ao rei, ele responderá se quiser.

— As pessoas do seu partido achavam que essas vozes vinham de onde?

— Os de meu partido acreditavam firmemente que elas me eram enviadas da parte de Deus. Eles viram e conheceram essa voz; tenho certeza. O rei, Charles de Bourbon, e mais duas ou três pessoas que estavam lá, escutaram as vozes que vinham até mim. Não há dia em que não as escute; pois tenho necessidade delas.

— A senhora não pediu a essa voz algo para si, particularmente?

— Só lhe pedi a salvação de minha alma. Ela disse que eu ficasse em Saint-Denis, na França; gostaria de ficar lá, mas, contra a minha vontade, os senhores me levaram para outro lugar. Entretanto, se eu não fosse ferida nos fossos de Paris, local para onde fui após Saint-Denis, nunca teria saído de lá. Eu fui curada em 5 dias.

— A senhora fez uma tentativa na capital?

— Sim, fiz uma escaramuça em frente a cidade de Paris.

— Era dia de festa?

— Acho que sim.

— Crê que foi uma boa ação?

— Passe adiante.

Ao final dessa longa sessão, o bispo convocou a assembléia para o dia seguinte na mesma hora.

À noite compararam as minutas. As que os dois secretários fizeram, segundo o l'Oyseleur, eram totalmente diferentes das que os dois notários tinham feito, eles afirmaram a fidelidade das suas minutas com tanta firmeza, que o bispo se viu forçado a desistir, após alguns dias, de obter, desta maneira, uma forma para me condenar. Ele teve que recorrer ao único meio que lhe restava: proibir que registrassem, das minhas respostas, aquelas que não lhe agradassem; ele conseguiu, contudo, introduzir um grande número de fraudes na redação das outras.

No dia 22 de fevereiro, Cauchon abriu a sessão me intimando a jurar, sem nenhuma restrição ou condição, dizer a verdade sobre tudo o que me fosse interrogado. Persisti na minha recusa e pedi permissão para falar; o que me foi concedido.

— O Sr. poderá me perguntar certas coisas que eu não responderei, (vendo que se dispunham a me interromper, continuei apressadamente) é possível que, sobre algumas coisas, eu não possa lhe dizer a verdade, sobretudo no que diz respeito às revelações; os senhores me forçariam a perjurar, dizendo coisas que eu jurei não dizer, e isto os senhores não podem querer. Para o senhor, continuei me dirigindo ao Bispo de Beauvais, que se diz meu juiz, reflita bem sobre isso, pois eu o digo em verdade, o senhor é meu inimigo pessoal e sofrerá, caso me julgue segundo seus sentimentos.

— O rei me ordenou que eu fizesse seu processo e eu o farei, disse o bispo.

Ele quis ainda exigir de mim o juramento.

— Já jurei duas vezes diante do tribunal, parece-me mais do suficiente.

— A senhora quer jurar, simplesmente?

— Pare! já jurei duas vezes; nenhum clérigo de Paris ou de Rouen saberia me condenar. Além disso, falarei voluntariamente a verdade sobre minha vida, mas não tudo, o período de oito dias não seria suficiente.

— A senhora terá o conselho dos assistentes para saber se deve jurar ou não.

— Direi a verdade sobre minha vida, nada além; é inútil continuar insistindo.

— A senhora se tornará suspeita caso continue se recusando a jurar que dirá a verdade.

Dei a mesma resposta.

— Jure! simplesmente!

— Eu direi de bom grado o que souber, porém não tudo; aliás, venho da parte de Deus e nada tenho a fazer aqui; deixem-me ao julgamento Daquele que me enviou, somente a Ele devo contas da minha conduta.

— Eu a intimo e aconselho a jurar, sob pena de ser considerada culpada de tudo o que é acusada.

— Passe adiante.

Esse debate se prolongou por muito tempo; enfim foi preciso ceder, contudo, reservei-me o direito de falar ou me calar, segundo o que desejasse.

Jean Beaupère começou imediatamente o interrogatório.

— A que horas a senhora bebeu e comeu pela última vez?

— Não comi nem bebi nada desde ontem ao meio dia.

— Desde que horas escuta a voz que vem até a senhora?

— Eu a escutei ontem e hoje.

— A que horas a senhora a ouviu ontem?

— Três vezes: uma vez pela manhã, uma durante as vésperas¹⁰⁵ e a última quando tocava o Angelus¹⁰⁶, à noite; eu a escuto muito mais vezes do que as que direi.

— O que a senhora fazia, ontem de manhã, quando a voz lhe chegou?

— Eu dormia, ela me acordou.

— Tocando no seu braço?

— Não, ela me acordou sem me tocar.

— A voz estava no seu quarto?

— Sim.

— A senhora lhe rendeu graças e se ajoelhou?

Eu agradei me levantando e unindo as mãos.

— Por que ela veio?

— Porque lhe pedi ajuda.

— O que a voz lhe disse?

— Que eu respondesse destemidamente.

— O que ela lhe disse quando a acordou?

— Chamou pelo meu nome; em seguida implorei seus conselhos sobre o que deveria responder, pedindo-lhe que o perguntasse a Deus, e a voz me disse para responder corajosamente, que Deus me ajudaria.

— A voz disse algumas palavras antes de seu pedido?

¹⁰⁵ Vésperas: assim se chama, na liturgia católica, a hora canônica que se diz ao cair da tarde, antes da noa, quando Vesper ou Vênus costuma aparecer. Entende-se por horas canônicas cada uma das partes em que se divide a recitação do ofício divino ou brevitário e que são: matinas, laudes, vésperas, prima, terça, sexta, noa e completas. (N. da E.)

¹⁰⁶ Ángelus: primeira palavra da oração que se faz ao amanhecer, ao meio-dia e ao anoitecer em honra a Virgem Maria. Toque de sinos que indica o momento da oração. (N. da E.)

— Ela me disse algo, mas não entendi tudo. Eu digo ao senhor — continuei dirigindo-me ao bispo — eu digo, a mando das vozes: atenção ao que faz! O senhor se diz meu juiz; tenha cuidado! Pois, na realidade, eu sou enviada de Deus, e o senhor se coloca em grande perigo!

Essas palavras produziram tal efeito sobre o prelado que ele deixou escapar como que um gesto de terror, mas, retomando o domínio sob si mesmo, abafou o grito da sua consciência, e fez sinal a Jean Beaupère para continuar.

— Essa voz não varia seus conselhos?

— Nunca vi a menor contradição em suas palavras; ainda essa noite a ouvi dizendo-me que falasse destemidamente.

— A voz a proibiu de responder ao que fosse perguntado?

— Não responderei sobre isso; no que se refere ao Rei, tenho revelações que não posso fazer.

— A voz proibiu? Não posso dizer, dê-me um prazo de 15 dias e poderei ter uma resposta segundo o conselho dela. Entretanto, caso a voz me tivesse proibido o que o senhor concluiria?

— Isso lhe é proibido?

— Não vou responder hoje; não sei se devo fazê-lo.

— A senhora acha que essas vozes vêm de Deus?

— Sim, minha certeza disso é tão firme quanto minha fé cristã, bem como não duvido da vontade de Deus, que nos livrou das penas do inferno.

— Essa voz, que a senhora diz aparecer, é de um anjo ou seria uma voz vinda diretamente de Deus, de um santo ou de uma santa?

— Essa voz vem a mando de Deus; eu não digo claramente porque temo mais cair em falta grave revelando algo que não agrade a essa voz do que responder ao senhor. Quanto ao que me perguntou conceda-me um prazo para responder, caso seja possível.

— A senhora crê desagradar a Deus falando a verdade?

— As vozes me disseram para falar certas coisas ao rei e não ao senhor. Essa noite elas me fizeram várias revelações sobre ele, gostaria que ele as soubesse, ainda que eu só tivesse que beber água de hoje até a Páscoa, se ele as soubesse ficaria mais feliz hoje, no seu jantar.

— Não poderia a senhora dizer para a voz que fosse, ela mesma, levar a notícia ao rei?

Essa pergunta camuflava uma armadilha que logo percebi.

— Caso agrade a Deus, ele poderia tudo revelar ao meu rei e eu ficaria muito feliz com isso.

Essa pergunta camuflava uma armadilha que logo percebi.

— Por que essa voz não fala mais com vosso rei, como fazia quando a senhora estava em sua presença?

— Não sei se essa é a vontade de Deus; se não fosse a graça de Deus; eu mesma não saberia como agir.

— Seu conselho revelou se a senhora escaparia da prisão?

— Realmente crê que eu lhe diria isso?

— A voz a aconselhou e a advertiu sobre o que responder?

— Se ela o fez, não entendi.

— Durante os dois últimos dias, quando a senhora escutou a voz, havia luz ao redor?

— Sim.

— Quando as vê, vê algo mais com elas?

— Não lhe direi tudo; aliás meu juramento não inclui isso; essa voz é boa e digna. Peço que me deem por escrito as perguntas que não respondi.

— Essa voz, para quem a Sra. pede conselhos, tem um rosto, olhos?

— Isso o senhor não saberá de mim, não esqueci o que se diz às crianças: que, algumas vezes, pessoas foram enforcadas justamente por dizerem a verdade.

— A senhora sabe se está sob a graça de Deus?

— Passe adiante, por favor.

— Nós exigimos que nos responda se está sob a graça de Deus.

— Não é fácil responder a tal pergunta.

Repetiram-me a mesma pergunta diversas vezes, dei diferentes respostas que, sem nada determinarem, eram, entretanto, suficientes. Jean Fabry, indignado ao ver a forma como me pressionavam para responder uma tal questão, não pôde deixar de exclamar:

— Isso é demais!

Todos os interrogadores disseram a uma só voz:

— Cale-se!

Ele continuou corajosamente:

— Essa é uma pergunta muito difícil; a acusada não é obrigada a responder.

— O senhor faria melhor calando-se, disse Cauchon furioso.

Vendo que continuando ele se perderia sem me salvar, Jean Fabry resignou-se a ficar em silêncio. Naquele momento deixaram de lado a pergunta que, contudo, foi retomada ao final da sessão. Jean Beaupère me disse:

— Jeanne, acredita estar em pecado mortal?

— Se estivesse em pecado mortal, acredito que a voz não viria mais me visitar. Gostaria que cada pessoa pudesse escutá-la assim como eu. Parece-me que eu tinha cerca de 13 anos quando a voz me apareceu pela primeira vez.

— Durante sua infância a senhora ia brincar ou passear nos campos com outras meninas?

— Fui algumas vezes, mas não saberia dizer com que idade.

— Os moradores de Domremy são “bourguignons”, ou tendem para o partido oposto.

— Não creio que haja em Domremy mais de um “bourguignon” eu gostaria muito que ele trocasse de partido.

— Na cidadezinha de Mercey eles eram “bourguignons”?

— Sim, todos eles.

— Quando era pequena, a voz lhe ordenou que odiasse os “bourguignons”.

— Desde que compreendi que as vozes eram a favor do rei da França, não gostei mais dos “bourguignons”. Caso eles não façam o que devem, eles terão a guerra; eu sei disso através das vozes.

— Na sua infância, a senhora teve a revelação, através das vozes, de que os ingleses deveriam chegar à França?

— Os ingleses já estavam na França há algum tempo quando as vozes começaram a me visitar.

— A senhora nunca foi com as crianças que combatiam pelo seu partido?

— Não, se bem me lembro; porém vi algumas dessas crianças de Domremy, que tinham lutado contra o povo de Mercey, voltarem feridas e sangrando.

— A senhora teve, quando era pequena, a intenção de destruir os “bourguignons”?

— Eu desejava, ardentemente, que meu rei tivesse seu reinado.

— Gostaria de ser homem quando teve que vir a França?

— Visto Deus me haver feito nascer mulher, eu estava feliz, pois do o que ele faz é bem feito.

— A senhora levava os animais para pastar?

— Já respondi anteriormente.

— Isso não tem problema.

— Quando cresci e atingi a idade da discricção, não os guardava mais, porém, algumas vezes, por causa dos militares, eu ajudava a conduzi-los ao prado e também ao castelo chamado a Ilha.

— O que é uma certa árvore maravilhosa que está perto da sua idade?

Essa era uma pergunta muito ardilosa; o que eu sabia a respeito, eu o havia aprendido com as senhoras da minha cidade que, imbuídas de superstições, acrescentavam o maravilhoso nas coisas mais simples; eu só podia responder segundo o que ouvira delas, o que me colocava em grande risco. Recomendai-me a Deus, do fundo do coração, e disse:

— Essa árvore fica próxima à Domremy, do lado de uma fonte, ela é chamada por alguns de a árvore das damas e, por outras, árvore das fadas. Escutei dizer que os doentes com febre bebiam de sua água para recuperar a saúde, eu mesma vi algumas pessoas irem até lá; também ouvi dizer que os doentes, assim que podem se levantar, vão passear sob essa árvore. É uma faia que também chamam de Bela-maio. Ela pertence a um cavaleiro, o Sr. Pierre de Bourlemont. Algumas vezes, quando ia passear com minhas colegas, fazia buquês e guirlandas, sob essa árvore, para colocar diante da imagem de Sainte-Marie de Domremy. Escutei, várias vezes, de pessoas idosas, que não eram da minha família, que as

fadas iam a esse local para conversar. Lembro-me que minha madrinha, Jeanne Aubry, dizia que as tinha visto lá. Não sei se é verdade ou não, quanto a mim, nunca vi fadas sob essa árvore nem em nenhum outro local. Vi moças colocarem buquês em seus galhos, eu mesma o fiz. Às vezes, elas os deixavam lá, outras, os levavam para casa. Quando soube que devia ir para a França, brincava e me divertia muito pouco nesse local. Não dancei sob essa árvore após a idade da discricção. Dancei poucas vezes antes com outras meninas; mas eu cantava mais do que dançava. Existe um bosque chamado Chesnu, que se vê da casa do meu pai, e que deve estar a meia légua de distância; nunca ouvi dizer que as fadas iam lá. Quando vim ver meu rei, algumas pessoas me perguntaram se não existia um bosque chamado Chesnu na minha região, pois certas profecias anunciavam que uma moça predestinada a fazer coisas maravilhosas viria de perto desse bosque; entretanto eu não acreditava nisso.

— A senhora desejaria ter um traje feminino?

Consiga-me um e eu o vestirei, mas somente sob a condição de me sentir bem.

— A senhora sabe se está sob a graça de Deus?

— Passe adiante, já respondi várias vezes sobre isso.

— A senhora não o fez de modo positivo.

Obrigada a responder, eu disse:

— Caso não esteja, queira Deus me receber! Se estou, queira Deus nela me conservar. Seria a pessoa mais infeliz do mundo se soubesse estar fora da graça e do amor de Deus; prefiro morrer a ter essa certeza!

Essa resposta produziu um tal efeito sobre a assembléia que os doutores se entreolharam surpresos, o bispo de Beauvais achou melhor suspender a sessão, marcando nova assembléia para terça-feira, dia 27 de fevereiro.

Nessa noite consultaram um famoso doutor, chamado Jean Lohier, sobre o meu processo. Ele disse francamente que o processo não era válido e deu as razões que o faziam condená-lo. Entre outras porque, contra o costume da Inquisição, o processo se realizava em local fechado, onde os assistentes não podiam agir nem dar a sua opinião em plena

liberdade, e também porque não tinha informações a meu respeito, além disso deixaram a mim, de menoridade, sem conselho de espécie alguma, obrigando-me a responder a tantos sábios e ilustres doutores; finalmente, que esse processo estava relacionado à honra de Charles VII, e que seria urgente convocá-lo ou pelo menos a algumas pessoas do seu partido. Cauchon se opôs veemente a esse doutor e o obrigou a abandonar a cidade, com medo de ser afogado como o haviam ameaçado.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

VII

Nessa nova assembléia, recomeçando o bispo a exigir de mim o juramento, levantou-se entre nós novo debate que eu não repetirei.

Beaupère fez a primeira pergunta:

— Como a senhora está, desde o último sábado?

— O senhor está vendo, estou o melhor que posso.

— A senhora jejuou em cada dia do carisma?

— Isso tem relação com o processo?

— Certamente, isso é importante.

— Pois bem, sim, jejuei.

— Desde sábado, a senhora voltou a escutar a voz?

— Sim, várias vezes.

— Escutou-a sábado, nesta sala, enquanto era interrogada?

— Isso não faz parte do processo.

— Continue falando.

— Sim, eu a escutei.

— O que ela disse?

— Não entendi bem, nada ouvi claramente a ponto de poder repetir, até a volta ao meu quarto.

— O que ela disse então?

— Perguntei-lhe sobre o que deveria fazer, Ela me disse para responder destemidamente. Direi de bom grado o que Deus permite revelar, entretanto, quanto às revelações feitas sobre o rei da França, não posso dizer nada sem permissão.

— A voz a proibiu de dizer toda a verdade?
— Foi isso que não entendi bem; eu lhe pedi conselho sobre algumas perguntas que me foram feitas ...
— O que ela aconselhou?
— Que sobre alguns pontos poderia falar, mas sobre outros não deveria falar sem permissão, pois, caso o fizesse, não teria a proteção dos santos, entretanto, quando tivesse a permissão de Deus, não deveria ter medo de falar, tendo sua boa garantia.
— É a voz de um anjo, de um santo, de uma santa ou de Deus sem intermediário?
— Essa voz é de Sainte-Catherine e de Sainte-Marguerite. Suas cabeças estão coroadas com belas coroas muito ricas e preciosas; a esse respeito tenho a permissão de Deus para revelá-lo. Se duvidam do que estou falando, mandem saber em Poitiers onde fui interrogada.
— Como sabe que são duas santas? A senhora distingue bem uma da outra?
— Sei quem são elas e as distingo perfeitamente.
— Como?
— Eu as reconheço porque elas dizem seus nomes; há muito tempo elas me conduzem.
— Elas se vestem com o mesmo tecido?
— Nada posso dizer hoje; não tenho permissão; se não acredita mande saber em Poitiers; repito, existem revelações dirigidas ao rei da França e não àqueles que me interrogam.
— Essas santas são da sua idade?
— Não tenho permissão para dizer.
— Falam ao mesmo tempo ou uma após a outra?
— Não tenho permissão para dizer; entretanto sempre tive o conselho das duas. Qual delas apareceu primeiro?
— Não as conheci logo; antes eu saberia dizer-lhe, mas hoje esqueci. Isso está escrito em Poitiers em um registro, eu tive também a ajuda de Saint-Michel.

- Qual, dos personagens que lhe aparecem, veio em primeiro lugar?
- Saint-Michel.
- Já se passou muito tempo desde que a senhora ouviu, pela primeira vez, a voz de Saint-Michel?
- Eu não disse “a voz de Saint-Michel”, eu simplesmente falei de uma grande ajuda.
- Qual a primeira voz que escutou quanto tinha cerca de treze anos?
- Foi Saint-Michel que vi diante de meus olhos; ele não estava só, vinha acompanhado por anjos do céu. Só vim à França por ordem de Deus.
- A senhora viu Saint-Michel e seus anjos com corpos reais.
- Eu os vi com meus olhos corporais, assim como vejo o senhor; quando eles se afastaram de mim eu chorei, queria que eles me tivessem levado com eles.
- Como é o rosto de Saint-Michel?
- Não posso responder, não tenho permissão.
- O que Saint-Michel lhe disse na primeira vez?
- Hoje o senhor não terá essa resposta; gostaria que o senhor tivesse uma cópia do livro de respostas que se encontra em Poitiers, tomara que seja essa a vontade de Deus.
- As vozes ordenaram que a senhora não falasse sem permissão?
- Não posso responder agora.
- Que sinal a senhora tem de que as revelações vem da parte de Deus e que são Sainte-Marguerite e Sainte-Catherine que falam?
- Já disse muitas vezes que é Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, acredite se quiser, respondi impaciente.
- A senhora está proibida de falar?
- Não entendi hem se isso eu posso ou não falar.
- Como a senhora sabe fazer a distinção entre os pontos que pode responder e os que não pode?
- Pedi a permissão para responder sobre alguns pontos e tive o consentimento, sobre outros, não; preferia ter meu corpo esquartejado por cavalos do que ter vindo à França sem permissão de Deus.

- Deus lhe ordenou que vestisse roupas de homem?
- Vestir roupas de homem não é nada, eu só o fiz pelo consentimento de Deus e de seus anjos e não pelo conselho de nenhum homem sobre a terra.
- Essa ordem lhe parece lícita?
- Tudo o que fiz foi pela vontade de Deus, e se ele me mandasse vestir uma outra roupa eu a vestiria pois seria ordem sua.
- Foi sob as ordens de Robert de Baudricourt que se vestiu como homem?
- Não.
- A senhora acha que está agindo corretamente vestindo-se desse modo?
- Tudo o que fiz por ordem de Deus creio ter agido bem ao fazê-lo; espero uma garantia e um bom socorro.
- Nesse caso ímpar, que é o seu, a senhora crê que agiu corretamente?
- Nunca fiz nada sem o consentimento de Deus.
- Quando viu essa voz, que veio até a senhora, havia luz?
- Sim, muita luz, em toda a parte e isso é bem natural; de resto, tudo aquilo não viria para vocês.
- Havia algum anjo sobre a cabeça de vosso rei quando a senhora o viu pela primeira vez?
- Não sei, se havia algum eu não o vi.
- Existia luz?
- Havia mais de trezentos cavaleiros e cinquenta tochas, sem contar a luz espiritual; eu raramente tenho revelações que não sejam acompanhadas de uma luminosidade.
- Como o seu rei acreditou em suas palavras?
- Ele teve boas informações para crer em mim, e pelo clero.
- Que revelação teve seu rei?
- O senhor não o saberá este ano.
- A senhora foi interrogada pelo clero?
- Sim, em Poitiers e em Chinon durante três semanas.
- Como o seu rei pode acreditar na senhora?

- Ele teve sinal de meus feitos, antes de querer acreditar.
- Qual foi a opinião dos eclesiásticos do seu partido sobre a senhora?
- A opinião deles foi que não viam nada que não fosse bom em minhas ações.
- A Sra. foi até Sainte-Catherine de Fierbois?
- Sim, ia lá assistir três missas por dia e foi de lá que saí para ir a Chinon. Enviei cartas ao rei para saber se deveria entrar na cidade onde ele estava e dizer que eu tinha percorrido cento e cinquenta léguas para estar ao seu lado e socorrê-lo. Parece que escrevi também que seria capaz de reconhecê-lo no meio de outras pessoas.
- A senhora não tinha uma espada?
- Sim, uma que peguei em Vaucouleurs.
- A senhora mandou buscar uma espada em Sainte-Catherine de Fierbois?
- Sim, enquanto estava em Tours ou em Chinon, mandei buscar a espada que estava na igreja de Sainte-Catherine de Fierbois, atrás do altar, ela foi logo encontrada toda coberta de ferrugem.
- Como sabia que essa espada estava lá?
- Ela estava sob a terra, num túmulo, e enferrujada; havia cinco cruces em cima. Soube de sua existência pelas vozes. Não conhecia o homem que foi buscá-la; escrevi para os eclesiásticos de Fierbois para lhes pedir que mandassem alguém até lá para buscá-la. Eles a enviaram para mim. Ela não estava muito enterrada, atrás do altar, é o que me parece, contudo não me lembro com exatidão se era atrás ou diante do altar que ela se encontrava, mas acho que escrevi que era atrás. Assim que foi encontrada os eclesiásticos de Fierbois a limpavam, e, se o que contam é verdade, a ferrugem caiu incontinentemente e sem esforço. Foi um armeiro de Tours que foi buscá-la.
- Os eclesiásticos de Fierbois deram-me uma capa para a espada e os de Tours uma outra. Eles fizeram duas, uma de veludo vermelho e a outra de tecido de ouro, e pedi que fizessem uma terceira, em couro bem resistente.
- A senhora estava com essa espada quando foi presa?

- Não.
- Estava sempre com ela?
- Sim, quase sempre, desde minha saída de Saint-Denis, após o ataque de Paris.
- Estava com ela em Patay?
- Não.
- Qual foi a espada que a senhora quebrou batendo nas mulheres de má vida?
- A espada de um “bourguignon”.
- Não acha que fez um ato repreensível portando-se com essa violência?
- Não, elas eram dignas desse castigo.
- A senhora crê ter agido conforme a vontade de Deus?
- Sim.
- Entretanto, essa atitude é oposta aos conselhos que nos dá Nosso Senhor.
- Não perseguiu Ele, com açoites, os vendedores do templo?
- Que benção a senhora fez ou mandou fazer sobre a espada Sainte-Catherine de Fierbois?
- Nunca fiz benção e não saberia fazer nenhuma, eu mesma.
- A senhora gostava dessa espada?
- Sim, pois ela foi encontrada na igreja de Sainte-Catherine, de quem eu gosto muito.
- A senhora já esteve em Coulanges-la-Vigneuse?¹⁰⁷
- Não sei.
- Alguma vez colocou sua espada sobre o altar?
- Que eu saiba, não, pelo menos nunca a coloquei para que ela fosse mais afortunada.
- Nunca fez orações para que ela fosse mais afortunada?
- Isso é bom que se diga! Eu desejava que todas as nossas armas fossem felizes.

¹⁰⁷ Coulanges-la-Vigneuse: está localizada no Departamento de Yonne, a nordeste de Paris e pertence ao Distrito de Auxerre. (N. da E.)

- A senhora estava com essa espada quando foi presa?
- Já disse que não, eu estava com uma que havia sido tomada de “bourguignon”.
- Onde está essa espada? Em que cidade?
- Ofereci uma espada a Saint-Denis, junto com outras armas, mas acho que não foi essa. Tinha essa espada em Lagny e desde Lagny eu a usava, até Compiègne. Mas, dizer onde deixei a outra, isso não altera meu processo. Meus irmãos têm meus objetos, meus cavalos e uma de minhas espadas, é o que penso; eles têm também vários objetos; tudo isso junto pode valer cerca de doze ou treze mil escudos¹⁰⁸.
- Quando a senhora veio a Orléans possuía um estandarte ou uma bandeira? De que cor?
- Tinha um estandarte cujo campo era semeado de flores de lys. Havia um mundo desenhado com dois anjos de cada lado. Ele era branco e de seda pura ou de linho; estas palavras: Jesus, Maria, ao que me parece, estavam escritas em cima; ele era guarnecido de uma franja de seda.
- Essas palavras: Jesus, Maria, estavam escritas em cima, em baixo ou do lado?
- Acho que ao lado.
- O que a senhora preferia? Seu estandarte ou sua espada?
- Gostava muito mais, quarenta vezes mais do meu estandarte que da minha espada.
- Por que a senhora mandou pintar, no seu estandarte, esse desenho?
- Já disse muitas vezes que não fiz nada que não fosse mandado por Deus.
- Por que a senhora possuía um estandarte?
- Eu o levava, eu mesma, quando atacava os inimigos para evitar de matar algum; nunca matei ninguém.

¹⁰⁸ Escudos: (ecus, no original francês), antiga moeda de prata valendo três libras, no seu valor mais simples, porque havia também o escudo de seis libras. (N. da E.)

Jean de Touraine, frade menor, perguntou-me se nunca estive nos locais onde os ingleses eram massacrados. Respondi:

— Sim, assim como o senhor.

— A senhora está enganada.

— Fale devagar! Por que eles não saíam da França e não iam para seus países?

Um importante senhor da Inglaterra, que não era outro senão o próprio duque de Bedford, não pôde deixar de dizer a meia voz:

— Realmente é uma grande mulher!... Ah! se fosse inglesa!

— Que batalhão lhe deu o rei quando a colocou em ação?

— Ele me confiou entre dez e doze mil homens. Para acabar com o cerco de Orléans, comecei pela bastilha de Saint-Loup e acabei pela da ponte.

— Diante de qual bastilha fez retirar seus homens?

— Não me lembro.

— A senhora acreditava poder levantar o cerco da cidade de Orléans?

— Estava certa, através da revelação que me havia sido feita, de que levantaria o cerco, e tudo disse ao rei antes de ir até lá.

— A senhora não disse aos seus soldados, na época do ataque, que receberia flechas, dardos e pedras dos canhões.

— Não! Cerca de cem homens foram feridos; mas eu disse aos meus soldados que nada temessem, e que eles libertariam a cidade. No ataque feito à bastilha da ponte, fui ferida no pescoço com uma flecha, tive porém a ajuda de Sainte-Catherine e fui curada em 15 dias. Apesar desse ferimento, não deixei de montar a cavalo e de agir normalmente.

— A senhora tinha conhecimento de que seria ferida?

— Sim, eu sabia, e o havia dito ao meu rei, acrescentando que, apesar disso, eu não deixaria de lutar; tudo me fora revelado pelas vozes das duas santas, as bem-aventuradas Catherine e Marguerite. Fui eu que coloquei a primeira escada para o ataque da bastilha da ponte, e quando levantava essa escada é que fui, como já expliquei, ferida no pescoço.

— Por que não admite chamar o capitão de Jargeau¹⁰⁹.

— Os chefes do meu partido responderam aos ingleses que eles não teriam o prazo de quinze dias que haviam pedido e que deveriam partir imediatamente com seus cavalos. Quanto a mim, eu disse que os homens de Jargeau partissem com a vida garantida, em “robes”¹¹⁰ ou em “grippons”¹¹¹ se eles quisessem, senão eles seriam atacados.

— A senhora deliberou isso com seu conselho, quer dizer, com as vozes para saber se eles teriam ou não o prazo?

— Eu não me lembro disso.

O bispo terminou a sessão, que fora demasiado longa; fui convocada para a quinta-feira seguinte. Quando me levava de volta à prisão, Jean Massieu foi abordado por um padre inglês chamado Eustache Anquetil, cantor da capela do infante rei; ele lhe perguntou, sem dar nenhuma atenção a mim.

— O que o senhor acha de suas respostas? Ela será queimada? O que vai acontecer?

— Até agora, respondeu Massieu, tudo está ao lado dela; Jeanne me parece uma honesta e digna mulher, mas eu não sei como tudo isso acabará; Deus sabe!

Anquetil foi ver o bispo de Beauvais e também o Conde de Warwick para acusar Jean Massieu de me proteger. Ele falou tanto, que o conde concebeu vivo descontentamento por Jean Massieu. Esse bom padre teve dificuldade para sair desse perigo; Cauchon chamou-o nessa mesma noite e o repreendeu severamente. Quando se despediu disse-lhe que, caso recomeçasse, ele o “faria beber”, o que equivale a dizer que seria afogado. Guillaume Manchon se empenhou por ele e o desculpou, o que não tomou Jean Massieu menos generoso comigo.

¹⁰⁹ Capitão de Jargeau: é o conde de Suffolk (Nota da edição francesa)

Jargeau: cidade localizada no Departamento de Loiret, Distrito de Orléans. (N. da E.)

¹¹⁰ “Robe”: vestimenta longa e ampla que usavam os juízes, advogados, professores, etc., no exercício de suas funções. (N. da E.)

¹¹¹ “Gripon” ou “griffon”: era um animal fabuloso, empregado, às vezes, como peça heráldica. Tinha o corpo de leão, cabeça e asas de águia e orelhas de cavalo. Geralmente fazia o papel de guardião enquanto se dormia. O “gripon” ou “griffon” era o símbolo geral do poder divino, em resumo, um guardião, e era costurado nas vestimentas usadas à época. (N. da E., com os agradecimentos à colaboração do confrade Luciano dos Anjos.)

Na minha posição, educada devotamente como eu havia sido, era penoso para mim ver-me longe dos lugares santos, como que excomungada. Vendo com que doçura Jean Massieu me tratava, ousei um dia perguntar-lhe se, ao longo do nosso trajeto, não havia um santuário ou igreja onde estivesse o corpo de Nosso Senhor. Ele teve a bondade de levar-me pessoalmente até à capela real do castelo, situada num pátio que atravessávamos para ir ao tribunal; ele me deu a permissão de orar alguns minutos, gentileza que lhe custaria caro. Meus inimigos invejaram até mesmo esse último consolo; vários membros do tribunal, entre outros o promotor d'Estivet, repreenderam Massieu; o promotor ameaçou de colocá-lo numa torre onde não veria nem o dia nem a noite durante um mês; porém, o bondoso padre, cheio de piedade por meu destino, que constantemente ele tentava abrandar, não se deixou intimidar. Diversas vezes d'Estivet veio se colocar na porta da capela para impedir que eu ali me detivesse e depois foi denunciar Jean Massieu ao bispo, que o proibira, expressamente, consentir que eu parasse diante da capela. Suportei com resignação e doçura mais esta prova, que me era entretanto muito penosa.

Meu novo interrogatório começou como os precedentes; o bispo exigiu outro juramento que eu, de início, recusei prestar, mas depois cedi e o fiz nos mesmos termos que os anteriores.

Jean Beaupère continuou suas funções.

— O que a senhora acha de monsenhor, o papa? E qual acredita que seja o verdadeiro papa?

— E existem dois?

— A senhora não recebeu cartas do conde de Armagnac, perguntando a qual dos três soberanos pontífices ele deveria obedecer?

— Esse conde me fez, sobre esse assunto, algumas perguntas as quais eu respondi, entre outras coisas que, quando estivesse em Paris ou em outro lugar, em repouso, eu lhe responderia; eu queria cavalgar quando escrevi essa resposta.

Leram então as cartas do conde e as minhas; em seguida me perguntaram se a cópia de minhas respostas estava conforme as originais.

— Creio ter dado essa resposta em parte, não na sua totalidade.

— A senhora disse saber, através do conselho do Rei dos reis, o que o referido conde devia crer?

— Não sei

— A senhora estava em dúvida sobre a qual dos três pontífices o conde deveria obedecer?

— Não sabia o que lhe dizer nem a quem ele deveria obedecer pois o conde perguntava a quem Deus queria que ele obedecesse, contudo, quanto a mim, acho que nós devemos obediência a nosso papa que está em Roma. Disse ainda outra coisa, que não está nessas cartas, ao enviado do conde. Caso esse mensageiro não partisse imediatamente, ele seria jogado as águas, não por mim, entretanto. Quanto ao que ele queria saber, a quem Deus mandava que o conde obedecesse, respondi que não sabia; mas disse várias coisas que não foram escritas. Quanto a mim mesma, creio no monsenhor, o papa que está em Roma.

— Por que a senhora escreveu que daria uma outra resposta sobre esse assunto, se acreditava naquele que está em Roma?

— A resposta que lhe dei foi sobre um outro assunto e não sobre os três pontífices. E quanto a isso eu reafirmo, sob juramento, que não escrevi nada ou mandei escrever.

— A senhora tinha o hábito de colocar em suas cartas esses nomes: Jesus, Maria e uma cruz?

— Eu os colocava em algumas, em outras no. Algumas vezes colocava uma cruz, o que significava que aqueles de meu partido, a quem eu escrevia, não fizessem o que eu lhes pedia.

Leram em seguida as cartas que eu enviara ao rei da Inglaterra, ao duque de Bedford e a outros generais ingleses.

— A senhora reconhece essas cartas?

— Sim, com exceção de três passagens: aquela onde se diz “encontro com a Donzela”, no lugar de “encontro com o rei”; em outra se lê “eu sou chefe militar”; e a terceira onde foi colocado “corpo a corpo”, essas palavras não existiam nas cartas que enviei.

— Quem lhe ditou essas cartas?

— Nenhum nobre de meu partido as ditou, fui eu mesma que as fiz; é verdade, porém, que eu as mostrei a algumas pessoas do meu partido.

Fizeram-me mil perguntas sobre as previsões que as cartas continham, mas eu não respondi; entretanto, depois que fizeram silêncio eu disse à assembléia, com a voz solene que o momento exigia:

— Dentro de sete anos, os ingleses terão abandonado muito mais riquezas do que as deixadas em Orléans, e perderão toda a posse da França; eles experimentarão a maior perda que jamais tiveram neste país, e isso será através de uma grande vitória que Deus enviará para franceses.

— Como a senhora sabe disso?

— Eu o sei através da revelação que me foi feita; isto acontecerá antes de sete anos e fico irritada que deva demorar tanto. Eu o sei por uma revelação; eu o sei tanto quanto estou segura de vê-los agora diante de mim.

— Em que dia isso acontecerá?

— Não sei o dia, nem a hora.

— Em que ano?

— Isso o senhor não saberá hoje; eu queria, contudo, que fosse antes de Saint-Jean.

— A senhora não disse que isso aconteceria antes do Saint-Martin do inverno?

— Disse que antes do Saint-Martin do inverno, veríamos muitas coisas e que talvez fossem os ingleses que se prosternariam no chão.

— O que a senhora disse à João Gris, seu carcereiro, sobre a festa de Saint-Martin?

— Já disse ao senhor.

— Através de quem soube desse acontecimento futuro?

— Por Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.

— Saint-Gabriel acompanhava Saint-Michel quando ele veio visitá-la?

— Não me recordo.

— A senhora viu Sainte-Catherine ou Sainte-Marguerite depois da última terça-feira?

— Sim, não sei a que horas.

— Em que dia?

— Ontem e hoje; não há um só dia em que eu não as escute.

— A senhora as vê sempre com as mesmas roupas?

— Vejo-as sempre sob a mesma forma. Suas cabeças estão ricamente coroadas. Não falarei do restante de suas vestimentas; nada sei sobre suas túnicas.

— Como a senhora sabe que a coisa que aparece é homem ou mulher?
— Eu sei bem; eu as reconheço pelo som de suas vozes e também pela revelação feita por elas. Tudo o que sei é através das revelações e por ordem de Deus.
— Que figura a senhora vê?
— Vejo um rosto.
— As santas que lhe aparecem têm cabelos?
— Que grande importância!
— Existe espaço entre suas coroas e seus cabelos?
— Não.
— Esses cabelos são compridos e caídos?
— Não sei.
— Elas têm braços?
— Não sei.
— Como elas falam?
— Falam muito bem, com um belo linguajar; eu as compreendo perfeitamente.
— Como podem elas falar se não possuem membros?
— Só Deus poderia responder.
— Como é a voz? Essa voz é bonita, doce e humilde.
— Como as santas falam?
— Falam em francês.
— Sainte-Marguerite fala em inglês?
— Eu disse que ela fala em francês; aliás como poderia falar em inglês se ela não é a favor dos ingleses e, além de tudo, se dirige a uma francesa!
— Essas cabeças de que a senhora fala, que são coroadas, possuem anéis nas orelhas ou em outra parte?
— Não sei. A senhora mesma, tem algum anel?
— O senhor tem um anel meu, devolva-me. Os “bourguignons” têm um outro; caso o tenham mostrem-me.

— Quem lhe deu esse anel.
— Meu pai ou minha mãe.
— O que tem escrito nele?
— Parece-me que é Jesus, Maria.
— Quem mandou escrever isso?
— Não sei.
— Ele tem uma pedra?
— Acho que não.
— Onde a senhora o recebeu?
— Em Domremy.
Dirigi-me ao bispo e disse:
— Meu irmão, me deu o outro anel; eu encarrego o senhor de doá-lo à igreja.
— A senhora fazia curas através de seus anéis?
— Nunca curei ninguém.
— Sainte-Catherine e Salute-Marguerite vieram conversar com a senhora sob a árvore das fadas?
— Não sei.
— Elas já conversaram com a senhora ao lado da fonte que está próxima a essa árvore?
— Não sei.
— O que elas lhe prometeram nesse e em outros locais?
— Não me fizeram nenhuma promessa sem a permissão de Deus.
— Que promessa elas me fizeram?
— Isso no diz respeito ao processo, em nada.
— O que elas lhe prometeram?
— Isso diz respeito ao processo?
— Sim, certamente.
— Entre outras coisas, elas me disseram que meu rei recuperaria seu reino, queiram ou não seus adversários. Prometeram me conduzir ao paraíso, como eu lhes pedi, se eu fosse bondosa e gentil.
— Elas lhe fizeram outras promessas?
— Existe uma outra, porém, nada direi pois ela não se relaciona com o processo.

- A senhora é intimada a dizê-lo.
- Em três dias, se me for permitido, falarei.
- As vozes lhe disseram que estaria livre ao final de três meses?
- Isso não diz respeito ao processo, entretanto, não sei quando serei libertada; aqueles que querem me fazer abandonar esse mundo podem provavelmente deixá-lo antes de mim. O seu conselho disse que a senhora sairia da prisão onde hoje se encontra?
- Fale-me disso daqui a três meses e eu responderei caso possa. Pergunte aos assistentes, sob juramento se isso se refere ao processo.
- Eles responderam unanimemente que sim.
- Eu sempre lhes disse que os senhores não saberiam tudo. É necessário que eu seja libertada. Gostaria de ter permissão para responder, é justamente por isso que peço um prazo.
- As vozes a proibiram de falar a verdade?
- O senhor quer que eu lhe diga o que se refere ao rei da França? Eu sei muitas coisas que não dizem respeito ao processo. Sei que o rei ganhará todo o reino da França; e sei tão bem quanto os vejo, diante de mim neste tribunal. Já teria morrido, sem a revelação que me conforta a cada dia.
- O que a senhora fez de sua mandrágora?
- Não tenho e nunca tive nenhuma. Ouvi dizer que existia uma próxima à minha cidade; mas eu nunca a vi. Também ouvi dizer que era algo perigoso e trazia mau agouro; não sei para que poderia servir.
- Em que local está a tal mandrágora?
- Ouvi dizer que estava no chão, próxima à árvore mencionada anteriormente, mas eu não conheço o local. Ouvi dizer também que ali havia um “coril”¹¹² sobre ela.
- Para que, a senhora ouviu dizer, serviria essa mandrágora?
- Para trazer dinheiro; porém não acredito nisso. As vozes nunca disseram nada a esse respeito.

¹¹² “Coril” (no original francês): acreditamos tratar-se de “couril”, pequeno demônio, duende. (N. da E., com agradecimentos à colaboração do confrade Luciano dos Anjos.)

- Sob que imagem apareceu Saint-Michel?
- Não vi coroa. Nada sei sobre suas roupas.
- Ele estava nu?
- O senhor pensa que Deus não tem como vesti-lo?
- Ele possui cabelos?
- Por que teriam cortado seus cabelos? Não vejo Saint-Michel desde que deixei o castelo de Crotoy. Não sei se tem ou não cabelos.
- Ele segurava uma balança?¹¹³
- Não sei, tenho grande felicidade quando o vejo, e não creio nessa ocasião estar em pecado mortal.
- Sainte-Marguerite e Sainte-Catherine a fizeram realizar alguns atos de religião?
- De vez em quando me fazem confessar, uma de cada vez.
- A senhora acredita estar em pecado mortal?
- Não sei se já estive em pecado mortal; não creio ter realizado nada para isso. Queira Deus que nunca o tenha feito! Queira Deus que nunca tenha realizado nada que comprometa minha alma.
- Que sinais a senhora deu ao rei para provar que vinha a mando de Deus?
- Sempre disse aos senhores que a esse respeito nada saberiam através de minha boca; vão perguntar a ele.
- A senhora jurou não revelar o que lhe seria perguntado concernente ao processo?
- Já disse que não revelaria o que se refere ao nosso rei; o que lhe é endereçado eu não direi.
- A senhora mesma não saberia que sinal deu ao rei?
- Não o saberão por mim.
- Isso diz respeito ao processo, a senhora é obrigada a responder.
- Já disse que prometi sigilo a esse respeito, nada direi; fiz tal promessa em local e forma que não poderia responder sem cair em pecado.
- Para quem fez essa promessa?

¹¹³ Esse era um dos atributos desse santo; acreditava-se que ele pesava as almas em uma balança. (Nota da edição francesa)

— Para Sainte-Catherine, Sainte-Marguerite e para outra pessoa que não mencionarei. Fiz a promessa por livre vontade sem que as duas santas pedissem nada; jurei a uma pessoa que não revelaria esse segredo e temia que ele me fosse retirado com sutileza.

— Quando a senhora mostrou esse sinal ao rei ele estava acompanhado?

— Creio que não, apesar de ter várias pessoas próximas ao local.

— A senhora viu uma coroa sobre a cabeça do rei quando mostrou a ele o sinal?

— Não posso dizer, caso contrário cometeria perjúrio.

— Que coroa possuía ele, quando estava em Reims?

— O rei, acho, tomou com distinção a que ele encontrou em Reims; porém uma coroa muito rica, e que lhe foi trazida, chegou após sua partida. Ele agiu dessa forma para apressar o evento, em consideração aos habitantes de Reims, para quem uma longa estadia de militares teria sido por demais onerosa. Caso ele houvesse esperado, teria tido uma coroa mil vezes mais rica.

— A senhora viu essa coroa mais valiosa?

— Nada lhes posso dizer sem perjurar, se eu não a vi, pelo menos ouvi dizer que ela é, por graça de Deus, rica e opulenta.

Dois dias depois, sábado, 39 assessores não assistiram à sessão. Jean le Maistre, vice-Inquisidor, estava entre eles e deplorava, bem como a maioria dos doutores, fazer parte de um processo do qual eles não ignoravam a iniquidade. A sessão começou como de hábito e, após prestar meu habitual juramento, Jean Beaupère me perguntou:

— Saint-Michel possuía asas?

— Já disse o que sei; não responderei mais nada. Vi tão bem Saint-Michel e essas santas que sei que são santos do paraíso.

— A senhora viu o rosto deles?

— Já disse o que podia. Quanto a revelar aos senhores tudo o que sei, preferia que me cortassem o pescoço; o que souber a respeito do processo direi voluntariamente.

— A senhora acha que Saint-Michel e Saint-Gabriel têm rostos naturais?

- Eu os vi com meus próprios olhos e acredito tão firmemente que sejam eles quanto creio que Deus existe.
- A senhora acha que Deus os criou da mesma forma que a senhora os viu?
- Sim.
- Crê que, desde o princípio, Deus os criou dessa forma?
- O senhor não terá agora, nada além do que eu já respondi.
- A senhora sabe, por revelações, se escapará?
- Isso não diz respeito ao processo; o senhor quer que eu contra mim mesma?
- Suas vozes nada disseram?
- Isso não faz parte do processo; me reporto a Deus; se tudo dissesse respeito eu tudo diria; não sei nem o dia nem a hora em que escaparei.
- Suas vozes não disseram nada? Sim realmente; me disseram que seria libertada e que corajosamente me mostrasse serena.
- Quando compareceu pela primeira vez diante do seu rei ele lhe perguntou se foi por causa da revelação que a senhora trocou de roupas?
- Já respondi sobre esse assunto; entretanto não me recordo se isso me foi questionado; de resto, tudo está registrado na cidade de Poitiers.
- A senhora se lembra se os doutores que a examinaram na outra obediência¹¹⁴, alguns durante um mês, outros durante três semanas perguntaram-lhe sobre sua troca de vestimenta?
- Não me lembro mais, entretanto, perguntaram-me onde peguei este aqui, eu respondi que tinha sido em Vaucouleurs.
- Esses doutores lhe perguntaram se foi de acordo com suas vozes que a senhora resolveu usá-los?
- Não me lembro.
- Sua rainha, quando a senhora a visitou pela primeira vez, perguntou algo a esse respeito?

¹¹⁴ Obediência: é um termo eclesiástico; nome dado a certas casas religiosas, dependentes de uma outra principal e da qual se encontram afastadas. (N. da E.)

— Não me recordo.

— O seu rei, a sua rainha e outras pessoas do seu partido pediram alguma vez para abandonar essa roupa viril?

— Isso não se refere ao processo.

— Não lhe pediram isso no castelo de Beaurevoir?

— Sim, realmente, e respondi que não abandonaria sem a prévia permissão de Deus.

— Madame de Beaurevoir e Mademoiselle de Luxembourg não lhe ofereceram roupas femininas?

— Sim elas me ofereceram roupas e (amt)em tecido para fazê-las, implorando-me que as usasse, mas eu respondi que não tinha a permissão de Deus e que ainda não era o tempo certo.

— Monsenhor Jean Pressy e outros não lhe ofereceram roupas femininas em Arras.

— Ele e outros me pediram, várias vezes, que não usasse roupas masculinas.

— A senhora acha que estaria em falta ou cometendo pecado mortal se vestisse roupas femininas?

— O melhor que posso fazer é obedecer a Deus, meu soberano senhor; se eu tivesse que abandonar essa vestimenta, eu o teria feito graças a essas duas senhoras e a nenhuma outra dama francesa, com exceção de minha rainha.

— Quando Deus ordenou que se despojasse das roupas de seu sexo foi através de Saint-Michel, Sainte-Catherine ou Sainte-Marguerite?

— Nada direi agora.

— Quando o rei a pôs em ação e lhe deu um estandarte, os militares também mandaram fazer outros iguais?

— Que importa! Os nobres senhores conservaram suas armas; alguns de meus companheiros de guerra, segundo vontade própria, mandaram fazer, outros não.

— Em que tecido foram feitos os estandartes? em algodão ou em linho?

— Em cetim branco; alguns tinham a flor de lys. Alguns militares mandaram fazer estandartes iguais ao meu; era para reconhecer os de minha tropa.

— Em tempo de guerra a senhora os renovava?
— Não sei; quando as lanças se quebravam, fazíamos novas.
— A senhora não dizia que os estandartes iguais ao seu eram os mais afortunados?
— Eu dizia: entrem audaciosamente entre os ingleses, e eu ia com eles pessoalmente.
— A senhora não dizia para que segurassem destemidamente o estandarte, que ele lhes traria sorte?
— Eu lhes dizia o que deveria acontecer e o que vai ainda ocorrer.
— A senhora não jogava água benta sobre os estandartes, antes de usá-los pela primeira vez?
— Se o fizeram, não foi sob minhas ordens.
— A senhora os viu jogando a água?
— Isso não faz parte do processo, e caso eu os tenha visto jogar nada direi agora.
— Seus companheiros de guerra não colocavam sobre os estandartes os nomes de Jesus e Maria?
— Nada sei.
— A senhora não fez carregarem linho, em procissão, em torno das igrejas, para depois fabricar estandartes?
— Não, nunca vi fazerem isso.
— Quando esteve diante de Jargeau o que a senhora usava atrás de seu capacete. Ali havia qualquer coisa redonda?
— Não havia nada.
Eu tinha sido atingida, sob os muros dessa cidade, com um terrível golpe na cabeça, mas sem resultados graves para mim, isso fez os ingleses pensarem que eu usava algum amuleto para conjurar os golpes.
— A senhora conhece o irmão Richard?
— Conheci-o em Troyes.
— Que recepção o irmão Richard lhe fez?
— Todos em Troyes, creio, o enviaram para falar comigo; ele me disse, por sua vez, que todos acreditam que eu venha a mando de Deus e, quando estava bem próximo, fez o sinal da cruz e me jogou água benta. Vendo isso eu lhe disse: “aproxime-se sem temor, não vou voar”.

- A senhora fez alguém pintar seu retrato ou já viu pinturas suas?
- Um escocês me mostrou uma, em Arras; na pintura eu estava com minhas armas, ajoelhada sobre um joelho e entregava uma carta para o rei. Nunca mais vi outro retrato meu e jamais mandei pintar algum.
- O que significava um certo quadro, que estava com sua anfitriã, onde se viam três mulheres e essas palavras: justiça, paz, união?
- Não sei de nada.
- Queriam que eu evidenciasse meu orgulho, através de minha própria boca, reconhecendo que esse quadro respresentava eu mesma entre Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite e que, dessa forma eu me prestava veneração do povo entre as duas bem-aventuradas.
- Saberá dizer se as pessoas do seu partido mandaram fazer missas ou orações para a senhora?
- Nada sei, se fizeram, não foi ordem minha. Aliás, caso tenham rezado por mim, parece-me que nada fizeram de mal.
- Eles acreditam que a senhora seja enviada por Deus?
- Creio que sim; se não eles não me colocariam em ação.
- Não acha que eles erraram acreditando que a senhora é enviada por Deus?
- Se eles acreditam nisso eles não estão enganados.
- A senhora sabe com que intenção as pessoas do seu partido beijavam suas roupas e seus pés?
- Muitas pessoas vinham me ver voluntariamente e se beijavam minhas mãos, pés e roupas, era contra minha vontade; essas pobres pessoas vinham até mim porque eu os defendia com toda a minha força.
- Que testemunho de respeito os habitantes de Troyes lhe fizeram quando a senhora entrou naquela cidade?
- Nenhum. Acho que o irmão Richard entrou conosco, porém não me recordo de tê-lo visto na entrada da cidade.
- Ele não fez um sermão sobre a sua chegada?
- Nunca parei em Troyes e nunca dormi lá; quanto ao sermão, nada sei.
- Quantos dias passou em Reims?
- Creio que passamos quatro ou cinco dias.

- A senhora não segurou crianças sobre a pia batismal.
- Em Troyes batizei uma, e duas em Saint-Denis, quanto a Reims e Château Thierry, não me lembro. Dava espontaneamente o nome de Charles aos meninos, em homenagem ao rei e de Jeanne para as meninas ou ainda o nome escolhido pelas mães.
- As bondosas senhoras da cidade tocavam seus anéis?
- Algumas senhoras tocavam em meus anéis; não sei contudo qual era a intenção.
- O que a senhora fez das luvas recebidas em Reims?
- Houve uma distribuição de luvas para os cavaleiros e nobres, um deles as perdeu; mas eu não disse que as faria encontrar.
- O que a senhora fez de seu estandarte em Reims?
- Eu o coloquei na igreja, perto do altar; eu mesma o segurei durante a sagração do rei, não sei se o irmão Richard o segurou também.
- Quando viajava a senhora se confessava e recebia a comunhão ao entrar em uma cidade?
- Sim, todas as vezes.
- Recebia os sacramentos vestida de homem?
- Sim, porém não me lembro de tê-los recebido armada.
- Por que a senhora pegou o jumento do bispo de Senlis.
- Ele foi comprado por 200 “saluts”¹¹⁵. Não sei se ele os recebeu; mas havia um bilhete escrito garantindo que lhe fora pago. Eu lhe escrevi dizendo que ele poderia pegá-lo quando quisesse; que eu não quer ficar com ele pois ele não servia de nada para suportar o cansaço.
- Que idade tinha a criança de Lagny?
- Tinha três dias e foi trazida à igreja; as donzelas da cidade rezavam diante da imagem de Nossa Senhora para que ela lhe devolvesse um pouco de vida, para que ele recebesse o batismo; estava na igreja e orei com elas. Notei logo que a criança dava sinais de vida; ele bocejou três vezes e tomou um pouco de cor. Foi batizado e, como morreu em

¹¹⁵ “Saluts” ou “salut d’or”: antiga moeda que trazia a efigie da Virgem recebendo a saudação angélica e que foi lançada na França sob o reinado de Charles VI e depois na Inglaterra sob o reinado de Henrique VI. (N. da E., com agradecimentos à colaboração do confrade Luciano dos Anjos.)

seguida, o enterraram em terra santa. Havia dois ou três dias que ele não dava sinais de vida, estava preto como a malha de minha armadura.

— Não dizem na cidade que Deus lhe restituiu a vida graças a sua prece?

— Não me informei sobre isso.

— A, senhora não crê que Deus o ressuscitou graças a senhora?

— Creio que Deus se sensibilizou com as preces da Virgem e que aceitou, graças a ela, a criança no paraíso.

— A, senhora viu e conheceu Catherine de la Rochelle?

— Sim, em Jargeau e em Montfaucon, em Berry.

— Ela lhe mostrou uma dama vestida de branco que dizia lhe aparecer algumas vezes?

— Não.

— O que ela lhe disse?

— Ela me contou que uma senhora clara, vestida com tecido de ouro, vinha freqüentemente vê-la e dizia que passava pelas boas cidades; que o rei lhe daria arautos e trombetas, para gritar que qualquer pessoa que tivesse ouro, prata ou tesouros escondidos, os trouxessem imediatamente; que ela conhecia bem quem possuía tesouros ocultos e que saberia encontrá-los, dizendo que isso seria para o pagamento de meus militares. Ela disse que deveria voltar à casa de seu marido para fazer a limpeza e cuidar de seus filhos. Falei dela a Sainte-Catherine e Sainte-Marguvite, que me disseram que essas visões eram loucuras e mentiras. Escrevi ao rei dizendo que lhe diria o que ele deveria fazer e, quando estive com ele, disse-lhe que as visões de Catherine de la Rochelle eram mentiras e loucuras. Entretanto, o irmão Riehard queria pô-la em ação, ele estava, bem como Catherine, bastante aborrecido comigo.

— A, senhora não disse a Catherine de la Rochelle que iria a Charité¹¹⁶

— Catherine não me aconselhou isso, pois fazia muito frio; disse-me que, no meu lugar, não faria tal coisa, e como desejasse ir falar com o duque de Borgogne para fazer a paz, eu lhe disse que só a conse-

¹¹⁶ Charité: La Charité, localizada no Departamento de Nièvre. (N. da E.)

guiríamos através da ponta das lanças. Perguntei a ela se a senhora clara vinha vê-la todas as noites e quis deitar-me junto com ela, para vê-la. Assim fizemos e velei até meia noite, depois adormeci. Na manhã seguinte, perguntei se a senhora tinha vindo. Disse que sim, que eu dormira e ela não conseguira me acordar.

Perguntei então se ela viria novamente, Catherine disse que sim; dormi durante o dia para velar à noite; deitei-me com Catherine, mas não vi ninguém, apesar de lhe perguntar a toda hora se a senhora branca viria, ela me respondia: “sim, logo”.

— O que a senhora fez sobre os fossos de Charité?

— Fiz um ataque, mas não jogava água benta em borrifadas.

— Por que não entrou, visto ter ordem de Deus para fazê-lo?

— Quem lhe disse que eu tinha ordens para entrar?

— A senhora não teve esse conselho de suas vozes?

— Queria vir a France¹¹⁷ mas os militares me disseram que era melhor apresentar-me primeiro diante da Charité.

— A senhora ficou muito tempo na torre de Beaurevoir?

— Aproximadamente quatro meses. Quando soube que fora vendida aos ingleses, me afligi bastante; entretanto minhas vozes, por diversas vezes, me proibiram de saltar e, finalmente, por temor aos ingleses, saltei, apesar dos conselhos, recomendando-me a Deus e a Nossa Senhora; eu me feri, mas escutei a voz de Sainte-Catherine que me dizia que tivesse coragem e que as pessoas de Compiègne seriam socorridas. Sempre rezei junto com o meu conselho, para os habitantes dessa cidade.

— O que se disse quando a senhora saltou?

— Alguns disseram que eu estava morta e, assim que os “bourguignons” viram que eu sobrevivera, contaram-me que eu pulara da torre.

— A senhora não disse que seria melhor morrer que se ver entre mãos inglesas?

— Preferia entregar minha alma a Deus que estar em mãos inglesas.

— A senhora não se descontrolou nem blasfemou contra Deus?

¹¹⁷ France: quer dizer, na Île de France. (Nota da edição francesa)

- Nunca tomei em vão o nome de Deus ou de seus santos, e não costumo blasfemar.
- Quando o capitão de Soissons devolveu a cidade, a senhora não disse, negando a Deus, que se o pegasse o cortaria em quatro pedaços?
- Nunca neguei Deus nem seus santos; aqueles que disseram isso, não contaram a verdade ou entenderam mal.

Levaram-me de volta à prisão, porém antes de terminar a sessão, o bispo disse que tinha a intenção de encarregar alguns doutores, hábeis em direito divino e humano, para reunir algumas de minhas confissões que eles julgassem convenientes; também disse que, para não cansar inutilmente um tão grande número de assessores, ele tinha a intenção de encarregar particularmente alguns deles para comparecerem aos interrogatórios. Ele liberou a assembléia proibindo a todos os seus membros que deixassem Rouen antes do término do processo, sem a sua permissão. Admitindo só dois ou três assessores em meus interrogatórios, o bispo poderia escolhê-los entre sua gente e assim enganar facilmente o restante da assembléia; ele reconheceu que esse era o único meio que poderia nos conduzir: ele ao seu objetivo e a mim, à fogueira.

Esta página foi deixada em branco intencionalmente.

VIII

No dia 10 de março, o bispo veio até a prisão para prosseguir os interrogatórios, estava acompanhado de Jean de Fontaine que devia substituir Jean Beaupère nas suas funções de interrogador. Dois assessores, Nicolas Midy e Gérard Feuillet, um advogado, Jean Fécard e o bedel¹¹⁸, Jean Massieu, que seriam testemunhas, compuseram toda a assembléia. O bispo recebeu, como de praxe, meu juramento e tive que prestá-lo da mesma forma.

— Pelo juramento que acabou de fazer, diga a verdade! Quando veio a primeira vez a Compiègne, de que cidade vinha?

— De Crespy, em Valois¹¹⁹.

— Ficou vários dias na cidade de Compiègne antes de sair às ruas?

— Cheguei de madrugada e entrei na cidade sem que os inimigos me vissem, pelo menos acho isso, e nesse mesmo dia, à noite, fiz a saída durante a qual fui presa.

— Quando a senhora saiu tocaram os sinos?

— Se os tocaram, não foi sob minhas ordens, não sabia e nem pensava nisso e não me lembro de ter comandado tal coisa.

— A senhora fez essa saída sob o comando de suas vozes?

— Durante a última semana da Páscoa, estava nos fossos de Melun quando Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite me disseram que seria presa

¹¹⁸ Bedel: oficial de justiça. (N. da E.)

¹¹⁹ Crespy em Valois (no original francês): trata-se de Crépy-em-Valois, localizada no Departamento de Oise. (N. da E.)

antes de Saint-Jean, que porém não me apavorasse; que Deus me ajudaria caso me submetesse à sua santa vontade.

— Após Melun, suas vozes disseram que a senhora seria presa?

— Sim.

— Várias vezes?

— Sim, quase todos os dias; e eu lhes pedia para morrer assim que fosse presa, para não sofrer em um longo cativeiro. Disseram-me para me resignar a tudo. Ocultaram-me a hora, apesar de minhas insistentes perguntas; se eu soubesse, talvez eu não saísse.

— Caso as vozes tivessem ordenado que saísse, dizendo que seria presa, a senhora teria obedecido?

— Se eu soubesse o momento da prisão, não sairia voluntariamente; porém teria obedecido às suas ordens, independente do que pudesse acontecer.

— Quando a senhora saiu, as vozes o tinham ordenado algo?

— Nesse dia elas não me disseram que seria presa, não me ordenaram que saísse, mas sempre me diziam que era preciso que eu fosse presa.

— Quando a senhora saiu, passou pela ponte de Compiègne?

— Passei pela ponte e pelo “boulevard”; fui em seguida, com meu batalhão, combater os militares do senhor de Luxembourg. Eu os empurrei duas vezes até o campo dos “bourguignons” e, na terceira vez até o meio do caminho. Foi nesse momento que os ingleses, que não estavam longe, cortaram nosso caminho; tivemos que retomar para sairmos pelo “boulevard”, próximo ao qual fui aprisionada. O rio estava entre Compiègne e esse local.

— Por que carregava seu estandarte?

— Já respondi sobre isso.

— Estava com ele quando foi presa?

— Sim, mas não sei o que lhe aconteceu.

— Nele estavam pintados o mundo, dois anjos e as palavras de Jesus e Maria?

— Sim, eu só tinha um e o renovava quando estava velho ou rasgado.

— Quando mandou pintar dois anjos e Deus segurando o mundo que sentido pretendia dar a essa alegoria?

— Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite disseram-me para pintar o Rei do Céu sobre ele e que o usasse destemidamente. Disse isso ao meu rei, apesar de não ser minha vontade e porque ele exigiu. Quanto ao significado nada sei.

— A senhora tinha um escudo e armas?

— Nunca tive; porém o rei concedeu isso a meus irmãos. Suas armas são em fundo azul com espada de prata, colocada em pala, o punho é cruzado e guarnecido na extremidade com ouro, com uma flor de lys de ouro em cada lado e sobre ela uma coroa de ouro. O rei as deu a meus irmãos sem que eu pedisse e sem me dizer nada.

— A senhora tinha um cavalo quando foi presa? Era um corcel¹²⁰ ou um jumento?

— Eu montava um meio-corcel quando fui presa.

— Quem lhe deu?

— O rei, os militares o compraram com o dinheiro que ele lhes havia dado para esse fim. Eu tinha cinco corcéis que ele também me havia dado, e mais de sete trotadores.

— O rei não lhe deu nenhuma outra coisa além desses cavalos?

— Nunca lhe pedi nada, a não ser: boas armas, bons cavalos e dinheiro para pagar meus militares.

— A senhora não possuía um tesouro?

— Os dez ou doze mil escudos que possuía não são grande tesouro; em tempo de guerra é bem pouca coisa. Acho que estão com meus irmãos e o dinheiro que tenho pertence a meu rei.

— Que sinal deu ao seu rei? Um belo e bom sinal.

— Por que a senhora não o quer revelar nem mostrar, a senhora que exigiu ter um sinal de Catherine de la Rochelle para poder crer em suas palavras?

Sabe-se de que importância era o segredo que eu havia contado ao rei, como sinal de minha missão, caso o tivesse revelado, a França

¹²⁰ Corcel: cavalo de batalha, muito corredor. (N. da E.)

estaria perdida. Como eu estava sozinha contra grande quantidade de sábios doutores, temi que eles sutilmente o arrancassem de mim. Se me recusasse a responder às perguntas que estavam relacionadas com o sinal, só teria aumentado a curiosidade dos juízes, que fariam tudo para que eu falasse, apesar da minha recusa. Olhei esse segredo como se ele não existisse e dessa forma falei. O que eu dissera ao rei diante do duque de Alençon, de La Trémouille e de tantos outros, relativamente à minha missão, me forneceu o tema da alegoria que logrou meus perseguidores.

O que se vai ler não deverá ser considerado como uma ficção poética que se impôs ao bispo e aos seus assessores, sem que eles entendessem seu conteúdo.

— O sinal de Catherine, respondi, foi tão mostrado quanto o meu a eminentes eclesiásticos e a nobres senhores tais como: Charles de Bourbon, duque de Clermont, Jean d'Alençon e o senhor de la Trémouille, que viram e entenderam o meu, tão bem quanto eu escuto a todos que me falam agora; eu não teria jamais pedido para ver o sinal de Catherine; porém sabia, antecipadamente, através de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, que o caso de Catherine de la Rochelle era nulo.

— O sinal existe ainda?

— Que pergunta! Ele está guardado no tesouro do rei; ele durará mais de mil anos.

— O sinal é de prata, de ouro, de pedras preciosas ou uma coroa?

— Não direi; porém ninguém pode imaginar nada tão precioso quanto esse sinal; entretanto, o sinal que os senhores precisam é que Deus me liberte de vossas mãos, é o mais correto que Ele poderia enviar. No momento que fui ao rei, as vozes me disseram. “Vai com coragem; terás bons sinais para que te creiam e te recebam”.

— O sinal vem da parte de Deus? Quando o viu, que testemunho de respeito a senhora lhe fez?

— Agradei a Nosso Senhor do que ele me livrara e também dos clérigos de meu partido que me caluniavam. Um anjo, vindo da parte de Deus e não de outro, deu sinal a meu rei e agradei mil vezes a Nosso Senhor. Assim que souberam isso, os padres de meu partido me deixaram em paz.

- Os clérigos viram esse sinal?
- Quando meu rei e as pessoas presentes viram esse sinal e o anjo que o trazia, perguntei a Charles VII se ele estava contente; ele disse que sim. Então saí de lá e fui para uma pequena capela próxima a esse local. Sei que mais de 300 pessoas viram esse sinal. Para a realização de seus desejos, e para que me deixassem agir, Deus permitiu que várias pessoas e eclesiásticos presentes o vissem.
- O seu rei e a senhora, fizeram sinais respeitosos para o anjo quando ele trouxe o sinal?
- Sim, eu me ajoelhei e retirei meu chapéu.
- Segunda-feira, 12 de março, fui interrogada novamente no quarto que me servia de prisão; fizeram-me prestar juramento e Jean de Fontaine continuou suas funções.
- O anjo que trouxe o sinal, falou?
- Sim, ele disse ao rei para me por em ação, assegurando que em breve o país seria libertado.
- O anjo que trouxe o sinal, é o anjo que lhe apareceu ou um outro?
- Sempre foi o mesmo, ele nunca me abandonou.
- O anjo não a abandonou visto que foi apresentada prisioneira?
- Creio, já que Deus quis assim, que foi o melhor que poderia me acontecer.
- Dentro dos bens da graça de Deus o anjo nunca a abandonou?
- Como poderia ele ter me abandonado já que a cada dia ele me consola e me encoraja, através de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.
- Elas vêm sem que a senhora as chame?
- Vêm freqüentemente sem serem chamadas; porém, algumas vezes, quando não chegam tão rápido quanto eu gostaria, rogo a Deus para me enviá-las.
- Alguma vez a senhora as chamou sem que elas viessem?
- Nunca deixaram de me atender na necessidade.
- Saint-Denis já lhe apareceu?
- Não, que eu saiba.
- Quando a senhora prometeu a Deus dedicar-lhe a sua virgindade foi com ele mesmo que falou?

— Foi suficiente prometer àquelas que eram suas representantes, ou seja, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.

— Por que a senhora citou um homem em Toul¹²¹, por causa de um casamento?

Não fui eu quem o fiz comparecer diante de um juiz, bem pelo contrário. Compareci ao tribunal e jurei dizer a verdade; eu disse que nada prometera. A primeira vez que a voz me apareceu, dediquei minha virgindade a Deus; eu tinha cerca de treze anos. Antes de comparecer ao tribunal as vozes me disseram que eu ganharia o processo.

— A senhora não falou de suas visões ao seu cura ou a algum padre?

— Não, só a Robert de Baudricourt e a meu rei.

Entretanto dissera a meu pai o que as vozes me revelavam, mas acreditei dever lhe esconder que elas me ordenaram que eu fosse até Vaucouleurs temendo que ele me impedisse.

Só falei com ele e a alguns amigos da família; mas ocultei vários segredos; com medo que os “bourguignons” me impedissem de falar com o rei.

— A senhora acha que agiu bem partindo sem avisar seus pais? Sabe que devemos honrar pai e mãe?

— Sempre obedeci aos dois, salvo dessa vez, porém, desde minha partida, eu lhes escrevi e eles me perdoaram.

— Quando saiu de casa paterna, achava que cometia pecado?

— Visto ser Deus que me mandava, era preciso fazê-lo, e mesmo que eu fosse filha do rei, mesmo que eu tivesse cem pais e cem mães, eu teria partido.

— A senhora pediu permissão às suas vozes para contar aos seus pais sobre sua partida?

— Elas ficariam contentes que eu o dissesse a meus pais, caso elas não tivessem previsto os obstáculos que disso resultariam para minha viagem; quanto a mim eu jamais o diria por nada desse mundo! As vozes, entretanto, me deixaram a liberdade de dizer ou não a meus pais.

¹²¹ Toul: localizada no Departamento de Meurthe-et-Moselle, que é constituído de uma parte da antiga região da Lorena. Toul fica a leste de Paris. (N. da E.)

— Quando a senhora viu Saint-Michel e os anjos a senhora lhes fez sinais de respeito?

— Sim, e quando desapareceram beijei a terra onde eles pisaram.

— Ficaram muito tempo?

— Como de hábito.

— Eles só vêm para vê-la?

— Eles vêm muitas vezes entre os cristãos sem que eles saibam, eu mesma os vi sem que outros os vissem.

— A senhora tem carta de Saint-Michel e das vozes?

— Não tenho permissão para dizer; dê-me oito dias e se Deus o permitir direi o que sei.

— As vozes não a chamaram de filha de Deus, filha da Igreja ou do grande coração?

— Antes de acabar com o cerco de Orléans, e desde então, elas me chamam, algumas vezes, filha de Deus, ou Jeanne, a Donzela, mas quase sempre dizem simplesmente Jeanne.

— Visto que a senhora é filha de Deus, por que não reza voluntariamente o Pai Nosso?

— Eu o direi voluntariamente, e se antes recusei foi para que o monsenhor de Beauvais me escutasse em confissão.

Terminou o oitavo interrogatório, o nono aconteceu na tarde desse mesmo dia.

— Seu pai não teve sonhos sobre sua partida para Vaucouleurs?

— Enquanto estive na casa paterna, minha mãe me disse várias vezes que meu pai sonhara que eu partiria com militares. Por causa disso eles me guardavam com extrema dependência. Eu lhes obedecia em tudo, exceto quando quiseram me casar com o jovem de Toul. Ouvi minha mãe dizer que meu pai afirmava a meus irmãos que, caso ele soubesse que seu sonho se tornaria realidade, ele gostaria que eles me afogassem e que se eles não o fizessem, ele mesmo o faria. Ele quase enlouqueceu quando soube que fui para Vaucouleurs.

— Esses pensamentos ou sonhos chegaram a seu pai quando a senhora teve visões?

— Sim, muito tempo depois.

— Foi o senhor Robert de Baudricourt que lhe disse para vestir roupas masculinas ou foi de vontade própria?

— Já respondi anteriormente.

— Isso não quer dizer nada!

— Eu o fiz por minha vontade, e não por causa de conselhos de nenhum homem deste mundo.

— A voz lhe ordenou que vestisse roupas de homem?

— Tudo o que fiz para o bem foi por ordem de minhas vozes; quanto à roupa, responderei em outro dia, não sei se posso fazê-lo hoje; amanhã talvez possa responder.

— A senhora pensa que agiu mal vestindo-se de homem?

— Já disse que não, e, mesmo agora, caso estivesse entre militares de meu partido e com roupas masculinas, parece-me que isto seria um dos grandes bens da França: agir como eu fazia, antes de ser capturada.

— Como a senhora libertaria o duque de Orléans?

— Iria prender vários ingleses para fazer a troca ou, caso não conseguisse, atravessaria o mar com os militares de meu partido para ir buscá-lo na Inglaterra.

Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite revelaram, com absoluta certeza, que a senhora prenderia muitos ingleses para libertar o duque de Orléans, que está na Inglaterra, ou que, caso contrário, a senhora teria que atravessar o mar para lhe devolver a liberdade e trazê-lo à sua pátria?

— Disseram-me somente que o duque Charles recobriria a liberdade. Caso tivesse tido três anos para agir, sem impedimento, creio que o teria libertado.

— Explique-se agora, mais claramente do que o fez esta manhã, sobre o sinal dado ao rei Charles VII.

— Não posso responder; pedirei conselho a Sainte-Catherine.

Antes do término da sessão, o bispo dirigiu-se a Jean le Maistre, que até então só tomara parte no processo na qualidade de assessor. Ele disse em sua presença que o inquisidor da França, após o recebimento de suas cartas, deu a ele, Jean Le Maistre, ordem de atuar como juiz do processo; Cauchon pediu ao vice-Inquisidor para comunicar isso à assembleia. O Inquisidor declarou entre outras coisas que, estando legitimamente impedido de ir a Rouen, delegava essa tarefa a Jean le Maistre.

No dia seguinte, o vice-Inquisidor tomou posse de suas funções como juiz, apesar de sua repugnância. Ele poderia ter sido muito útil para mim, caso o medo que sentia do bispo de Beauvais e dos ingleses não enfraquecesse seus bons sentimentos. Ele confirmou o que Cauchon fizera, e designou algumas pessoas para me vigiar em nome da Inquisição.

Na terça-feira seguinte, uma nova sessão teve lugar; fiz o juramento e Jean de Fontaine prosseguiu o interrogatório.

— Explique-se sobre o sinal dado ao rei.

O vice-Inquisidor perguntou se eu prometera e jurara a Sainte-Catherine nada falar sobre o sinal.

— Prometi e jurei, por mim mesma, jamais falar sobre isso para homem algum.

Dando como o sinal, minha recepção em Chinon, percebi que dera novos temas para perguntas capciosas e prometi a mim mesma silenciar. Foi por isso que declarei ter prometido nada falar a nenhum homem.

O bispo de Beauvais recorreu a uma ameaça que já me fizera falar quando eu não queria; ele disse que, caso eu me recusasse a responder sobre o sinal dado ao rei, seria considerada como autora dos crimes dos quais era acusada. Assim advertida, minha recusa teria encerrado o processo e me levado ao caminho da fogueira.

Era tanto para evitar que ele me ameaçasse quanto pelas razões expressas acima que procurei mascarar a verdade sob alegorias obscuras, que seriam difíceis de explicar claramente e que, sobretudo, não ofereceriam grande interesse. O anjo do qual eu falo era Saint-Michel, ou melhor ainda, era eu. Não foi por vaidade que me dei esse nome, mas eu sabia, graças aos padres, que ele significava “o enviado”, e eu era, realmente, enviada de Deus, de Saint-Michel e das santas. Como o bispo notou que eu hesitava em responder lembrou-me sua injunção.

— O sinal, disse eu finalmente, foi que o anjo disse ao rei, dando-lhe uma coroa, que ele teria o reino inteiro da França, com a ajuda de Deus e mediante meus trabalhos; que seria necessário que ele me pusesse em ação e me desse soldados e, finalmente, que ele seria coroado e sagrado.

— Desde ontem, a senhora falou com Sainte-Catherine?

— Sim, eu a escutei, ela me disse para responder sem temor aos meus juízes sobre tudo o que se referisse ao processo.

— Como o anjo trouxe a coroa e a colocou sobre a cabeça do rei?

— Ele a deu ao arcebispo, ao de Reims, eu acho; e, em presença do rei, como me parece, o arcebispo a recebeu e a entregou ao diante de mim.

— Em que local ela foi colocada?

— Junto ao tesouro real.

— Para que local foi levada?

— Para o quarto do rei, no castelo de Chinon.

— Em que dia e hora? Não sei; era o mês de abril ou de março, este mês ou no próximo vai completar dois anos; foi após a Páscoa.

— No primeiro dia que a senhora viu o sinal, seu rei o viu também?

— Sim.

— De que metal era a coroa?

— Que interesse! Ela era de ouro fino e tão rica que eu não poderia especificar quanto; a coroa significava que ele teria o reino da França.

— Ela continha pedrarias?

— Disse o que sabia.

— A senhora a tocou e beijou?

— Não.

— O anjo que trouxe a coroa descia do céu ou vinha por terra?

— Vinha do céu e, por essa razão, eu entendi que ele vinha a mando de Nosso Senhor; ele entrou pela porta do quarto.

— O anjo veio por terra e caminhou depois da porta ao quarto?

— Quando estava diante do rei, ele se inclinou e disse as palavras que já contei, e lhe lembrou a paciência com que suportou as provas e atribulações enviadas por Deus; depois, da porta ele caminhou por terra.

— Qual era o espaço entre a porta e o rei?

— Creio que igual ao comprimento de uma lança; ele foi embora por onde tinha vindo. Quando o anjo veio, eu o acompanhei e fui com ele ao quarto do rei. Ele entrou primeiro, eu o segui e disse ao rei: “Sire, eis o sinal, pegue-o”.

- Em que local ele lhe aparecia?
- Eu estava quase sempre em prece para que Deus enviasse o sinal ao rei, como prometera; eu estava em meu quarto, na casa de uma bondosa senhora que mora perto do castelo de Chinon. Quando ele veio, fomos juntos à casa do rei, acompanhados de vários anjos do céu, que somente eu via. Foi por compaixão de mim, eu acho, que Deus permitiu a várias pessoas que estavam lá, verem o anjo.
- Todos aqueles que lá estavam o viram?
- Creio que o arcebispo de Reims, o duque de Alençon, o Senhor de La Trémoille e Charles de Bourbon o viram. Quanto à coroa, vários eclesiásticos e outras pessoas a viram, embora não vissem o anjo que a trazia.
- Qual a imagem do anjo e de que altura era?
- Talvez amanhã possa responder sobre isso.
- Os outros anjos que também vieram tinham todos a mesma imagem?
- Alguns se assemelhavam outros não, alguns tinham asas, outros coroas. Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite estavam com eles; elas foram, como os outros, acompanhando o anjo dentro do quarto do rei, porém só eu os via.
- Como o anjo se separou da senhora? Ele se separou de mim dentro de uma pequena capela; fiquei muito aflita e chorei; queria muito ter ido com ele.
- Quando o anjo se foi, a senhora ficou contente ou aflita e com medo?
- Ele não me deixou nem apavorada nem aflita, mas eu estava comovida por causa de sua partida.
- Foi por seus méritos que Deus enviou seu anjo?
- Ele vinha pelas grandes causas, para que o rei acreditasse em mim, para que parasse de duvidar e falar de mim, enfim, para socorrer as boas pessoas de Orléans, graças aos méritos do rei e do bondoso duque de Orléans.
- Por que Deus escolheu a senhora e não outra pessoa?
- Foi do agrado de Deus servir-se de uma simples donzela para rechaçar os adversários do rei.

- A senhora sabe onde o anjo pegou a coroa?
- Ele a trouxe da parte de Deus e não há ourives no mundo que saiba fazer uma coroa tão bela e tão preciosa. Quanto ao local de origem diz respeito a Deus, nada sei além disso.
- Essa coroa era cheirosa e brilhante?
- Não me lembro, mas vou pensar; ela era e sempre será cheirosa, mas é necessário que ela seja guardada como convém que seja.
- Como era feita?
- Como uma coroa.
- O anjo escreveu cartas para a senhora?
- Não.
- Que sinal o rei, as pessoas que estavam com ele e a senhora tiveram para saber que era realmente um anjo?
- O rei acreditou, segundo confirmação dos clérigos presentes e através do sinal da coroa.
- Como os padres se certificaram de que era um anjo?
- Por sua ciência e porque são padres.
- Não lhe falaram de um padre concubinário e não lhe perguntaram sobre uma xícara perdida?
- Nada sei sobre isso e nunca ouvi falar.
- Quando a senhora foi até diante de Paris foi através de uma revelação?
- Não; foi a pedido de vários nobres que queriam fazer uma escaramuça e que tinham a intenção de entrar na capital.
- Foi através de uma revelação que a senhora foi até Charité?
- Não, mas a pedido dos militares como já disse anteriormente.
- E em Pont-l'Évêque¹²² a senhora teve alguma revelação?
- Desde que, em Melun, me fora revelado que seria capturada, eu me submetia à opinião dos capitães no que dizia respeito à guerra, mas não lhes disse jamais que me foi revelado que eu seria presa.
- A senhora crê ter agido bem atacando Paris no dia do nascimento de Nossa Senhora?

¹²² Pont l'Évêque: cidade situada no Departamento de Calvados, que é formado de uma parte da Normandie, a noroeste de Paris. (N. da E.)

— Parece-me que se guardam as festividades de Nossa Senhora de um dia até o outro.

— A senhora não disse diante de Paris: “entreguem-me a cidade, a mando de Jesus”?

— Não, mas disse: “entreguem-na ao rei da França”.

Nesse momento, o bispo terminou a sessão convocando-me para o dia seguinte. A partir desse dia, Pierre Tasquel, nomeado pelo vice-Inquisidor juntou-se aos notários Guillaume Manchon e Boys-Guillaume. Após eu prestar juramento, Jean de Fontaine perguntou:

— Por que a senhora saltou da torre de Beaurevoir?

— Por duas razões: a primeira é que eu queria ir socorrer as pessoas de Compiègne, pois, segundo o que me haviam dito, deveriam ser massacrados todos aqueles que tivessem mais de sete anos, e eu preferia morrer a viver após tamanha destruição de gente honesta; a segunda razão é que eu sabia que tinha sido vendida aos ingleses e cair em suas mãos era, para mim, pior que a morte.

— A senhora saltou a mando de suas vozes?

— Já respondi sobre isso.

— Pouco importa; responda.

— Sainte-Catherine falava-me para não pular; que Deus me ajudaria, bem como ao povo de Compiègne. Eu então disse que, visto a ajuda de Deus para os moradores de Compiègne, gostaria de estar entre eles. Ela disse que eu deveria suportar tudo, pacientemente, e que não seria libertada antes de ter visto o rei dos ingleses, respondi: “realmente eu não quero vê-lo, prefiro morrer a ser entregue aos ingleses”.

— A senhora disse a Sainte-Catherine e a Sainte-Marguerite: “Deus deixará perecer tão cruelmente as bondosas pessoas de Compiègne, que são tão fiéis a seu mestre?”

— Não disse “cruelmente”, disse simplesmente: “como Deus deixará perecer as bondosas pessoas de Compiègne que são tão fiéis a seu mestre?” Após meu salto, fiquei dois ou três dias sem querer nem poder comer ou beber. Sainte-Catherine me incentivava e consolava; disse para me confessar e pedir perdão a Deus por ter saltado, e me assegurou que os habitantes de Compiègne seriam socorridos antes de Saint-Martin do inverno.

- Quando saltou, a senhora pensava em se matar?
- Não; recomendei-me a Deus e a Nossa Senhora, e saltei pensando que poderia escapar e não ser entregue em mãos inglesas.
- Quando recuperou a fala, blasfemou contra Deus seus santos, como contaram testemunhas?
- Nunca blasfemei o nome de Deus nem de seus santos, nesse local ou em qualquer outro, não preciso confessar pois nunca fiz isso.
- A senhora não se importa com as palavras das testemunhas nem com a informação dada ou a ser prestada?
- Eu me importo com Deus, com mais ninguém.
- Suas vozes pedem um prazo para lhe responderem?
- Sainte-Catherine me responde sempre e se não tenho sua resposta de imediato é por causa de meus guardas. Quando pergunto algo a Sainte-Catherine ou a Sainte-Marguerite elas se dirigem a Nosso Senhor e me respondem por ordem sua.
- Quando elas vêm, há luz com elas? A senhora vê a luz, quando escuta as vozes, sem ver as santas?
- Não há dia em que não venham neste castelo e quase sempre é com luz; várias vezes escutei a voz sem que as santas aparecessem, mas não me lembro se vi luz. Pedi três coisas às minhas vozes: a primeira, o sucesso de minha expedição; a segunda, que Deus ajudasse os franceses e conservasse suas cidades; a terceira, a salvação de minha alma. Pedi que, caso fosse levada a Paris¹²³, me dessem uma cópia das perguntas que me haviam sido feitas e das respostas, para que eu as pudesse dar às pessoas de Paris dizendo: “Eis como fui interrogada em Rouen”; dessa forma não teria mais que responder sobre tantas questões.
- Por que disse que monsenhor de Beauvais se colocava em grande perigo ao pô-la em julgamento? E que perigo pode ele correr mais que um outro?
- Disse e repito ao monsenhor de Beauvais: “o senhor disse que é meu juiz, eu não creio que o seja; porém, de toda forma, reflita bem no que diz; o senhor é meu inimigo pessoal, e se me julgar errado e segundo

¹²³ Falaram em minha presença que me enviariam para essa cidade. (Nota da edição francesa)

suas idéias, o senhor se coloca em grande perigo e lamentará suas atitudes; estou lhe avisando a fim de que, caso Deus o castigue, eu não tenha nada do que me arrepender.

— Qual é esse perigo?

— O perigo a que se lança todo juiz parcial e injusto.

— Esse castigo é na alma ou no corpo?

— Na alma ou no corpo, segundo ordem de Deus, e algumas vezes nos dois; pois eu lhes digo que, na realidade, uma pesada responsabilidade a de ser chamado a julgar os homens.

— A senhora acha que Deus deixaria condenar um inocente?

— Deus não dirige os maus, porém ele recompensa, ao cêntuplo, aqueles que foram injustamente condenados.

— A senhora acha que Deus seja justo deixando perecer inocentes?

— Tudo o que Ele faz é bem feito.

— Neste caso particular, acha que é assim?

— Se os homens ousam criticar é, segundo minha opinião, porque seus espíritos são extremamente limitados para que consigam fazer um julgamento justo; aliás, Deus está muito acima de nós para condescender até mostrar seus desejos e seus desígnios à nossa fraqueza; alguém seria condenado, caso uma morte injusta não lhe abrisse as portas do paraíso, e parece-me que perder a vida é bem pouco em comparação à felicidade que se usufrui com os anjos.

— Se for assim, admitindo que seja inocente, por que não se deixa condenar sem procurar se justificar?

— Deus não pede o que é impossível, e além disso eu devo esclarecer meus juízes tanto quanta esteja a meu alcance, sob pena de me tornar culpada do crime que eles cometeriam ao me darem uma sentença injusta.

— Se os seus juízes a condenassem injustamente, apesar de tudo o que a senhora pôde fazer para lhes mostrar a verdade, o que poderia acontecer?

— Eles seriam condenados, se tivessem conhecimento de causa, ou absolvidos se estivessem inocentes.

— Caso os juízes a condenem, ainda que esteja convencida de sua inocência, a senhora acusaria a Providência?

— Não, eu pensaria que essa seria a punição para meus pecados e a cruz que Deus me impusera.

— Não acha que a cruz seria por demais pesada?

— Não, pensaria que ela era até bem leve, visto minha indignidade.

— A senhora não se queixaria contra seus juízes? Não, eu acreditaria que eles não são mais que instrumentos da vontade de Deus e eu os perdoaria de todo coração.

— Mesmo que eles a fizessem morrer? Sim, pois Nosso Senhor, que era inocente, perdoou seus algozes e eu sou obrigada a seguir seu exemplo, visto lhe dever tudo e não ser senão uma pecadora.

— A senhora crê ter ofendido gravemente a Deus?

— Se o ofendi, peço a Ele meu mais profundo perdão, caso não o tenha feito, eu o agradeço como a maior graça que Ele me concebeu após a de ser cristã.

— O que a senhora acha dos cismáticos¹²⁴ Eles estão no bom ou no mau caminho?

— Isso se refere ao seu processo?

— Sim, sem dúvida, isso faz parte do processo.

— Se isso se refere ao processo, a mim não me diz respeito.

— Nós a convocamos a explicar se os cismáticos estão ou não no bom caminho.

— Eu me entrego a Deus.

— A senhora não acha que Deus agiria bem, afligindo os infiéis, os cismáticos, os hereges e os excomungados com toda a sorte de males?

— Visto que Ele não o faz é porque tem boas razões para isso, por outro lado cabe às criaturas o direito de comentar as obras do Criador e de julgá-las?

¹²⁴ Cismáticos: eram assim chamados aqueles que seguiam o cisma, movimento de separação (Grande Cisma do ocidente) que existiu na Igreja Católica, de 1378 a 1429, durante o qual houve vários papas ao mesmo tempo: uns sediados em Roma, outros em Avignon, no sul da França. (N. da E.)

— As suas vozes disseram que seria libertada da prisão?

— Sainte-Catherine disse que eu seria libertada; não sei se ela se referia à libertação da prisão ou a alguns problemas que, ao longo do julgamento, poderiam ocorrer e por causa deles eu seria libertada; creio que será uma ou outra opção, pois ela me disse, com segurança, bem como Sainte-Marguerite que eu seria libertada através de uma grande vitória e elas me orientam para tudo suportar pacientemente: “não te aflijas com o teu martírio”, elas me dizem, “tu entrarás finalmente no paraíso”. O que as vozes me dizem tão simplesmente, acontece sempre, infalivelmente. Elas chamam martírio aos castigos e às dores que sofro na prisão; não sei se terei que suportar grandes sofrimentos, entrego-me inteiramente a Nosso Senhor.

— Desde que as vozes lhe disseram que irá para o paraíso a senhora já se vê salva e crê que não será excomungada?

— Creio firmemente no que dizem minhas vozes, creio com tanta segurança como se já estivesse no paraíso.

Essa resposta causou grande impacto e eu continuei:

— Do mesmo modo tenho essa esperança como um valioso tesouro.

— A senhora acha, após essa revelação, que poderia cometer um pecado mortal?

— Nada sei, entrego-me, em tudo, a Nosso Senhor.

À tarde o interrogatório prosseguiu.

— Se a senhora violasse o juramento feito a Deus de lhe dedicar sua virgindade, estaria cometendo um pecado mortal?

— Creio que deva manter o juramento prestado a Nosso Senhor e preservar minha virgindade de corpo e alma.

— Em que estado uma mulher agrada mais a Deus? No de virgindade ou no de casada?

— Isso não se refere ao processo.

— Isso faz parte do processo e a senhora é obrigada a responder.

— Naquele em que Deus a designar.

— Como pode a mulher, nesse caso, saber a vontade de Deus?

— Consultando sua vocação e pessoas capazes de esclarecê-la.

— A senhora acha que seja necessário confessar-se, visto a que acredita nas revelações de suas vozes que lhe disseram que seria absolvida?

— Não sei se pequei mortalmente, acho contudo que se estive em estado de pecado mortal, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite cessariam de me visitar. Para responder a sua pergunta, penso que não pode lavar demais nossas consciências.

— Desde que está na prisão, já renegou a Deus e blasfemou contra Ele?

— Não, nunca, tudo recebi com extrema paciência; aqueles que disseram o contrário, não relataram a verdade.

— Seqüestrar um homem e deixá-lo morrer prisioneiro é um pecado mortal?

— Não fiz isso.

— A senhora não mandou supliciar, em Lagny, Franquet d'Arras?

— Consenti que o fizessem morrer, caso ele merecesse, pois ele tinha confessado que era assassino, ladrão e traidor; seu processo durou 15 dias; foi o bailio de Senlis e os juizes da justiça de Lagny que o realizaram. Eu queria trocá-lo por um parisiense chamado senhor de Lours: quando soube que esse senhor morrera, disse ao bailio de Senlis, que me representava sempre, que eu não estaria agindo corretamente se libertasse Franquet, já que aquele que seria trocado por ele estava morto; “faça com esse homem o que você deve, segundo a justiça”, falei.

— A senhora deu ou fez dar dinheiro à pessoa que aprisionou Franquet?

— Não sou fabricante de moeda nem tesoureira da França para dar dinheiro.

Durante o final da sessão, repetiram perguntas as quais eu já respondera e não vou mencioná-las aqui. No dia seguinte, o bispo de Beauvar não compareceu ao interrogatório; ele delegou Jean de Fontaine em seu lugar. Fizeram-me admoestações e requisições para que me entregasse ao julgamento da Igreja, caso tivesse feito ações contrárias à fé.

— Que minhas respostas, disse eu, sejam vistas e examinadas pelos clérigos e que em seguida digam se existe algo contrário à fé, eu o direi ao meu conselho e transmitirei aos senhores as respostas. Entretanto, caso

haja respostas contrárias a fé que Nosso Senhor ensinou, eu não as apoiarei e estarei aflita por ter me desgarrado.

— A senhora crê na Igreja triunfante e na Igreja militante.

— Não entendo o que o senhor quer dizer com isso.

Nem mesmo os doutores sabiam. Isso deu origem a uma grande discussão, que ocupou toda a sessão; voltamos a nos reunir na tarde desse mesmo dia.

— Conte-nos como quase conseguiu escapar do castelo de Beaurevoir, entre dois cômodos de madeira.

— Nunca fiquei presa sem tentar fugir. No castelo de Beaurevoir, teria prendido os guardas na torre, caso Deus não tivesse enviado o porteiro que me fez voltar. Pensei que Deus não quisesse que eu escapasse dessa vez e que seria necessário ver o rei dos ingleses, como as vozes me disseram.

— As vozes lhe deram permissão para que escapasse quando bem desejasse?

— Eu pedi permissão diversas vezes mas não a recebi.

— Atualmente, a senhora escaparia, caso tivesse oportunidade?

— Caso visse a porta aberta, eu fugiria.

— Crê ter a permissão de Deus para fazê-lo?

— Creio firmemente que, se visse a porta aberta e meus guardas e os ingleses impedidos de me segurar, esse seria o sinal que Deus me daria; porém, sem essa permissão, eu não sairia. Entretanto farei tudo o que for possível para recuperar minha liberdade; pois se Deus o quer, minhas melhores tentativas falharão, assim como as mais fracas poderão funcionar, caso seja essa sua vontade. Creio que devo fazer tudo o que está a meu alcance já que se diz: *Ajuda-te e Deus te ajudará*. Digo isso por que, caso eu parta, os senhores não poderão dizer que foi contra a vontade de Deus.

— Já que a senhora pediu para escutar a santa missa por que se recusa a assisti-la?

— Porque não querem que eu esteja com roupas masculinas, como se isso mudasse meu sexo.

— Parece-me que seria mais conveniente e honesto que estivesse com roupas femininas. O que prefere, vestir-se como mulher e escutar missa ou continuar com roupas masculinas e não escutá-la?

— Dêem-me a certeza de que poderei assisti-la e responderei.

— Garanto que assistirá à missa, mas vista-se com roupas femininas.

— O que vocês diriam se eu tivesse prometido e jurado abandonar as roupas que uso? Façam-me um vestido longo, até o chão, sem cauda, eu o vestirei para ir à missa, mas, retomando, usarei novamente minhas roupas.

— A senhora se recusaria a vestir roupas femininas para assistir à missa e a usá-las sempre?

— Vou me aconselhar sobre isso; não posso responder agora. Eu lhes imploro, pelo amor de Deus e de Nossa Senhora, deixem-me as à missa nesta boa cidade.

— Vista-se com roupa de mulher, sem reservas nem condições.

— Dêem-me uma roupa de filha de burgueses, ou seja uma “houppelande”¹²⁵, eu a usarei e até mesmo o chapéu feminino para ir à missa; peço encarecidamente que me permitam assistir à missa sem trocar de roupa.

Já se sabe, suficientemente, os motivos que me conduziavam, não necessário expô-los novamente.

— Em tudo o que disse e fez não deseja a senhora submeter-se e entregar-se à determinação da igreja?

— Tudo o que fiz foi a mando de Deus e garanto que não gostaria de dizer nem fazer nada contra a fé cristã; se eu fiz ou disse qualquer coisa contra ela, longe de o sustentar, eu o negaria e rejeitaria.

— A senhora não quer se submeter ao que a Igreja ordenará?

Eu pensei que meus juízes entendiam por Igreja o seu tribunal particular, investido, segundo eles, de seus poderes e l’Oyseleur muito contribuíra para me inculcar essa idéia. Eu disse então:

— Não responderei mais nada hoje; mas enviem-me, no sábado, o clérigo¹²⁶, caso o senhor não queira vir, ele escreverá o que eu responder, com a ajuda de Deus.

¹²⁵ “Houppelande”: espécie de casaco comprido feminino. (N. da E.)

¹²⁶ O tabelião escrivão, Guillaume Manchon (Nota da edição francesa)

- Quando as vozes vêm a senhora faz gestos de respeito, como um santo ou santa?
- Sim, e se esqueci alguma vez, peço, desde então, o seu perdão. Eu lhes demonstro os maiores gestos de respeito que posso; pois creio seguramente que são Saint-Michel, Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.
- Faz-se voluntariamente aos felizes do paraíso, oferenda de velas e outras coisas; a senhora fez o mesmo para esses santos que vieram até junto de si? Acendeu velas diante das imagens deles ou já encomendou missas para eles?
- Não, entretanto ofereci velas na missa, através das mãos do padre, em homenagem a Sainte-Catherine; creio ser uma das santas que me aparecem, eu não acendi tantas quantas eu queria para homenagear Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.
- Quando colocou velas diante da Imagem de Sainte-Catherine, foi em honra daquela que lhe aparece?
- Foi em homenagem a Deus, Nossa Senhora e de Sainte-Catherine que está no céu; não faço porém diferença entre aquela que me aparece e a que está no paraíso.
- A senhora colocaria as velas em honra daquela que lhe aparece?
- Eis aí! mais de três vezes a mesma pergunta!
- Continue respondendo.
- Pois bem! Sim, pois não faço diferença entre aquela que está no céu e esta que me aparece.
- A senhora sempre fez e cumpriu o que as vozes ordenaram?
- Sim, realizei com toda minha energia as ordens do Senhor que as vozes, com a sua permissão, me transmitiam.
- No que diz respeito à guerra, a senhora sempre seguiu as ordens de suas vozes?
- Já respondi sobre tudo; leia atentamente seus registros e o achará. Entretanto, a pedido dos militares, fiz uma escaramuça diante de Paris e da Charité; porém não recebi para isso ordens de minhas vozes.
- A senhora nunca fez nenhuma outra coisa contra a ordem e a vontade das vozes?

— O que elas me ordenaram, fiz da melhor maneira possível; quanto ao salto do torreão¹²⁷ do castelo de Beaurevoir, sofri as conseqüências desse ato, e quase pereci; porém quando as santas me viram correndo perigo, elas me socorreram e impediram que eu me matasse; qualquer coisa que eu tenha feito elas me socorreram sempre, sinal que são bons espíritos.

— Não teria a senhora outros sinais de que são bons espíritos?

— Saint-Michel já me certificou isso, antes mesmo que as voz me visitassem.

— Como soube que era Saint-Michel?

— Os anjos me disseram; por sua linguagem, creio firmemente que eram anjos; acreditei quase que de imediato e tenho sempre o desejo de acreditar nele. Quando Saint-Michel veio a mim, ele disse que Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite me apareceriam; ele me recomendou que seguisse seus conselhos e acrescentou que elas eram enviadas para me conduzir e me orientar em tudo o que eu teria que fazer; que acreditasse em tudo que elas me dissessem; que elas eram enviadas por Nosso Senhor.

— Caso Satanás se transformasse em anjo de luz a senhora o reconheceria?

— Reconheceria perfeitamente Saint-Michel e seus anjos, dos maus espíritos. A primeira vez que o vi tive grande medo, e duvidei que fosse Saint-Michel, eu o vi várias vezes antes de ter a certeza de que era ele.

— Como soube que era ele e só acreditou em suas palavras depois de algum tempo, ao invés de acreditar nele na primeira vez que o viu?

— Na primeira vez, era uma simples menina e tive medo; desde então ele se apresentou várias vezes e me ensinou tão bem que acreditei sem receio que era ele.

— Que doutrina ele lhe ensinou?

— Antes de tudo, dizia para eu ser boa, que Deus me ajudaria; incentivou-me a socorrer o rei da França. Grande parte do que o anjo me ensinou está em seus registros; falava-me freqüentemente sobre os

¹²⁷ Torreão: torre larga, geralmente de forma quadrangular, isolada ou contígua a um castelo, guarnecida, em sua parte superior, com ameias, isto é, partes salientes retangulares separadas por intervalos iguais. (N. da E.)

males do reino da França e assim eu podia julgar por mim mesma, tanto quanto a idade me permitia.

— De que grandeza e estatura era o arcanjo?

— Sábado responderei; ao mesmo tempo que falarei sobre a outra questão, caso seja a vontade de Deus.

— A senhora acha que estaria cometendo grande pecado se desagradasse Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, agindo contra suas ordens?

— Sim e se as descontentei deveras foi quando saltei da torre de Beaurevoir, porém já lhes pedi perdão, bem como por outras ofensas que possa ter cometido contra elas.

— Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite se vingariam fisicamente?

— Não sei; nunca perguntei.

— A senhora disse anteriormente que pessoas foram enforcadas por terem falado a verdade; teria a senhora cometido alguns crimes e erros que justificassem um castigo ou mesmo a morte?

— Não.

Dois dias depois, sofri novo interrogatório.

— De que grandeza e estatura era Saint-Michel?

— Não sei.

— Como estava vestido e que aparência tinha?

— Era jovem e belo; suas roupas e seu exterior eram dignos dele; quanto às vestimentas e ao restante, não sei nada mais.

— Como eram os anjos? A senhora está segura de tê-los visto?

— Quanto aos anjos, eu os vi com meus olhos, como vejo os senhores; agora não saberão mais nada de mim.

— A senhora acreditou no arcanjo?

— Acredito tanto no que Saint-Michel me disse quanto creio que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu por nós a paixão e a morte; o que fortaleceu minha convicção foram os bons conselhos. As consolações e a boa doutrina que eles me deram.

— A senhora não quer se entregar ao julgamento de nossa mãe, a Santa Igreja?

— Eu amo a Igreja de todo coração e gostaria de ajudá-la com toda a minha força, para o bem de nossa santa fé; não é a mim que deveriam impedir de ir à Igreja ou de assistir à missa; quanto às boas obras que fiz e ao meu futuro, devo me entregar ao Rei do céu, que me enviou a Charles VII, filho de Charles, rei da França e que será, brevemente, rei de todo o reinado da França. Os senhores verão que logo os franceses vencerão uma grande batalha, que levará quase todo o reino da França à submissão ao rei Charles; digo isso para que, quando a ocasião chegar, todos se lembrem de minhas palavras.

— Em que época isso acontecerá?

— Eu me entrego a Deus.

— Diga-nos se a senhora se entrega ao julgamento da Igreja?

— Entrego-me a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e a todos os santos e santas do paraíso, pois creio que Nosso Senhor e a Igreja triunfante que está no céu são um só; parece-me que não há dificuldade para acreditar nisso.

— A senhora quer se entregar, a respeito de seus atos e palavras, à Igreja militante?

— Não sei o que isso quer dizer.

Disseram-me então que Igreja triunfante é aquela onde Deus está com os seus santos, os anjos e as almas salvas e que Igreja militante se compõe do nosso Santo Pai, o Papa, vigário de Deus sobre a terra, cardeais, prelados, etc.; que ela bem unida não pode se dividir, e que é governada pelo Santo Espírito. Essa explicação foi dada e me repetiram a pergunta que a originou. Nicolas l'Oyseleur, que vinha quase todos os dias me ver, já me havia dito:

— Jeanne não acredite nessas pessoas da Igreja, pois, se acreditar, morrerá!

— Vim ao rei da França, respondi, por parte de Deus, da Virgem Maria, dos santos e santas do paraíso, por ordem da Igreja vitoriosa que está lá em cima, e a qual submeto todas as minhas ações e palavras; quanto a me submeter à Igreja militante, não responderei hoje.

— O que diz a respeito das roupas femininas que lhe oferecem para que possa ir assistir à missa?

— Quanto às roupas femininas, só poderei usá-las quando Nosso Senhor quiser; caso tenha que me desnudar durante o julgamento, peço aos senhores da Igreja que me concedam a graça de me darem uma camisola de mulher e uma touca; prefiro morrer que revogar o que o Senhor me pediu para fazer; creio firmemente que ele nunca me deixará degradar mais ainda e estou certa de que ele me socorrerá em breve com um milagre.

— Já que a senhora disse que usa roupas masculinas por ordem de Deus, porque pediu camisola em caso de morte?

— Basta que ela seja longa.

— A sua madrinha, que viu as fadas, tem a reputação de ser uma boa e sensata mulher?

— Ela é tida como bondosa e virtuosa mulher, não é adivinha nem feiticeira.

— A senhora disse que usaria roupas femininas se nós a deixássemos partir; isso agradaria a Deus?

— Se me mandassem embora com roupas femininas eu voltaria a usar roupas masculinas, caso fosse essa a vontade de Deus.

— Que idade têm e que vestimentas usam Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite?

— Já respondi tanto quanto me é possível, não direi mais nada a esse respeito.

— A senhora achava que as fadas fossem espíritos maus?

— Não sabia nada.

— Saberá dizer se Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite gostam dos ingleses?

— Elas amam o que Deus ama e odeiam o que Ele odeia.

— Deus odeia os ingleses?

— Não sei do amor nem do ódio de Deus pela alma dos ingleses, mas sei que eles serão expulsos da França, salvo aqueles que morrerem em nosso solo, e que Deus enviará a vitória aos franceses.

— Deus era a favor dos ingleses quando eles prosperavam na França?

— Não sei se Ele odiava os franceses, creio porém que se permitiu que eles fossem vencidos foi por causa de seus pecados.

— Que garantia e que recompensa espera de Nosso Senhor por ter usado roupas masculinas?

— Por tudo o que fiz e por ter usado roupas masculinas, não espero de Deus a não ser a salvação de minha alma.

— Que armas a senhora ofereceu a Saint-Denis?

— Um arreio branco de militar e uma espada que eu ganhara dias de Paris.

— Por que motivo a senhora fez essa doação?

— Por devoção e para seguir o costume dos militares que assim agiam quando estavam feridos; eu havia me machucado diante de Paris, e as ofereci a Saint-Denis pois “Montjoie Saint-Denis!”¹²⁸, é o grito guerra da França.

— Era para que os venerássemos?

— Não.

— Para que serviam as cinco cruzes que estavam sobre a espada de Sainte-Catherine de Fierbois?

— Nada sei.

— Por que a senhora mandou pintar anjos com braços, pés, pernas e roupas, em seu estandarte?

— Já respondi sobre isso.

— A senhora os pintou tal como eles lhe apareciam?

— Mande-i pintá-los tal como estão nas igrejas.

— A senhora os viu como na pintura?

— Nada mais falarei.

— Por que não mandou pintar a claridade que vem até a senhora junto com os anjos e as vozes?

— Isso não me foi indicado.

A tarde, o bispo de Beauvais assistiu à sessão, o que não fazia há dois ou três dias.

— Os anjos pintados sobre o seu estandarte, representavam Saint-Michel e Saint-Gabriel?

¹²⁸ Montjoie Saint-Denis! Grito de guerra dos reis da França, devotos da Abadia de Saint-Denis. (N. da E.)

- Eles só estavam lá para honrar Nosso Senhor que foi pintado segurando o mundo.
- Esses dois anjos eram os que protegiam o mundo? Por que não via outros já que Nosso Senhor lhe dissera para usar tal estandarte?
- Todo o estandarte fora designado por Nosso Senhor; Sainte-Catherine Sainte-Marguerite me disseram: “por ordem do Rei do céu, usa o estandarte”; eis porque nele fiz pintar Nosso Senhor e dois anjos, segundo ardem de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.
- A senhora lhes perguntou se, graças ao seu estandarte, ganharia batalhas e obteria grandes vitórias?
- Elas me disseram para usá-lo corajosamente e que Deus me ajudaria.
- Quem ajudava mais: a senhora ao estandarte ou o estandarte à senhora?
- Eu me entrego a Nosso Senhor.
- A esperança de obter vitória estava fundada no estandarte ou na senhora?
- Fundada em Deus Nosso Senhor e em nada mais.
- Se outra pessoa o tivesse levado, teria tido tão boa sorte quanto a senhora teve?
- Nada sei, entrego-me a Deus.
- Caso alguém do seu partido lhe tivesse dado esse estandarte, a senhora o teria conduzido com tanta confiança quanto aquele que Deus lhe havias dado?
- Teria levado com mais boa vontade o que Deus me confiara, contudo entrego-me a Ele para essa resposta.
- Para que servia o sinal que colocava em suas cartas: Jesus, Maria?
- As pessoas que as escreviam os colocavam e algumas diziam que me cabia colocar Jesus, Maria.
- Alguém lhe revelou que, caso perdesse a virgindade, perderia sua felicidade e as vozes a abandonariam?
- Isso não me foi revelado.

— Se a senhora tivesse casado, acredita que as vozes continuariam vindo?

— Não sei, dirijo-me a Deus para essa resposta.

— A senhora acha e crê realmente que seu rei tenha agido corretamente matando ou mandando matar o duque de Borgonha?

— Esse fato resultou em graves problemas para o reino da França; mas, quaisquer que tenham sido eles, Deus me enviou para socorrer o rei da França.

— A senhora disse ao Senhor de Beauvais que responderia, tanto a ele quanto a seus comissários, como se estivesse diante do nosso Santo Pai, o Papa, entretanto há questões às quais recusa responder. Se a senhora estivesse diante do nosso Santo Pai, o Papa, responderia mais completamente do que diante de Monsenhor de Beauvais?

— Respondi o mais verdadeiro e amplamente que pude; se sei algo que não disse, eu o revelaria voluntariamente, com a permissão das vozes.

— Que idade tinha o anjo que trouxe o sinal do seu rei? De que altura era e como se vestia?

— Passe adiante!

— Responda!

— Eu disse o que sabia; nosso Santo Pai, o Papa, ele mesmo não saberia falar mais do que isso.

— A senhora acha que poderia se recusar a lhe dizer isso, caso ele a interrogasse?

— Levem-me até ele e eu lhe responderei com a permissão das vozes.

— A senhora acha que deveria responder amplamente com toda verdade a nosso Santo Pai, o Papa, vigário de Deus na Terra, a tudo que ele perguntasse a respeito de fé e de sua consciência?

— Imploro aos senhores que me levem a ele, responderei em sua presença sobre tudo o que devo responder.

Esse apelo ao Papa, teria sido suficiente para anular o processo; ainda que tivesse sido segundo a justiça e as formas usuais, do mesmo modo, meus juízes não lhe deram atenção e o bispo de Beauvais conseguiu

sobre ele o silêncio do pequeno grupo de pessoas presentes, seja através dinheiro seja por ameaças.

— De que metal era aquele seu anel que continha a inscrição Jesus, Maria?

— Não sei, se era de ouro, não era de ouro puro, acho que continha três cruzeiros e a inscrição Jesus, Maria, não sei nada além.

— Por que sempre olhava para ele antes de partir para a guerra?¹²⁹

— Porque me lembrava de meu pai e de minha mãe e porque quando o estava usando toquei em Sainte-Catherine.

— Em que parte?

— Não saberão.

— A senhora beijou Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite?

— Sim, as duas.

— Elas eram cheirosas?

— Que pergunta! Claro!

— Quando as beijou sentiu calor ou outra coisa?

— Não poderia beijá-las sem senti-las e tocá-las.

— Em que parte do corpo as beijou? Na superior ou na inferior.

— O respeito ordena que seja na inferior, beijei-lhes os pés.

— A senhora oferecia a elas, coroas de flores?

— Sim, diante de suas imagens, nas igrejas, mas não me lembro de tê-las oferecido quando elas apareciam.

— Quando colocava as guirlandas nos galhos da árvore das fadas, colocava-as em homenagem a elas?

— Não.

— Para que então?

— Para decorar a árvore, que dava, a mim e a meus amigos, sombra e fresco durante o calor.

— Quando as Santas vinham falar consigo, a senhora lhes dava testemunhos de respeito como ajoelhar-se ou inclinar-se?

— Sim, o mais possível, pois sei que elas estão no paraíso.

— A senhora não sabe nada sobre as pessoas que falam com as fadas?

¹²⁹ Durante muito tempo, antes de minha prisão, os ingleses puseram espões que lhes descreviam meus menores gestos. (Nota da edição francesa)

— Nunca soube, ouvi dizer que elas iam até lá às quintas-feiras. Não creio no que dizem, acho que isso é bruxaria e coisa ruim.

— A senhora passou o estandarte em torno da cabeça do rei?

— Não.

— Por que ele foi levado para a Igreja de Reims antes dos estandartes de outros capitães?

— Ele tinha sofrido riscos, merecia essa honra.

Nos dias 18 e 19 de março, os assessores e o vice-Inquisidor se reuniram na casa do bispo de Beauvais; organizaram vários assuntos e, no sábado dia 24, meus dois juízes, os assessores e o promotor vieram até a prisão. A intenção era que eu reconhecesse como verdadeiras algumas respostas minhas que eles escreveram em francês num caderno. Antes que as lêsse o promotor se ofereceu para certificar que essa cópia estava de acordo com a original, caso eu negasse algumas perguntas ou respostas; como estavam quase totalmente conforme a verdade, não opus objeção. Pedi humildemente ao bispo que me permitisse assistir à missa do domingo, pedi que me deixasse confessar e comungar na Páscoa.

Eu tinha uma vaga suspeita sobre l'Oyseleur e não podia definir e que reprimia com todas as minhas forças; sua insistência para que eu negasse as aparições, o fizeram cair em descrédito, em meu espírito, enquanto confessor. Tolerava seus conselhos como sendo de um amigo, mas como, vinham de um padre, eu os achava ruins. Eu desejava ardentemente um outro confessor que me orientasse com maior clareza.

Em 25 de março, domingo de Ramos, Cauchon veio me visitar com o promotor e quatro assistentes; eles me deram permissão para assistir à missa caso pusesse roupas femininas como em Domremy. Renovei meu pedido para fazê-lo vestida como homem; se ele não arredou pé, eu tão pouco; e ele se foi sem me haver permitido nada.

No dia 26 de março o promotor apresentou aos juízes, na presença de 16 assessores, 60 artigos sobre os quais me interrogariam; eles tinham sido formulados após os interrogatórios. Estavam de comum acordo que, caso me recusasse a respondê-los, eles seriam dados como confessados e averiguados.

No dia 27 fui interrogada, e no dia seguinte complementei as respostas. Não as direi aqui por serem exatamente as que foram feitas nas sessões precedentes.

Na quinta-feira santa, 29 de março, dois religiosos, frei Isambert de la Pierre e frei Martin l'Advenu, entraram em minha cela sob um pretexto qualquer; consolaram-me e deram-me boas idéias, dentre as quais, a de que deveria submeter-me ao Papa e ao Concílio, advertiram-me de que, caso não o fizesse estaria correndo perigo. Estava certa da sinceridade de Nicolas l'Oyseleur, para duvidar dele, o que fez com que eu ficasse muito indecisa.

No dia 30 de março, o bispo me convocou. Frei Isambert sentava-se ao meu lado sempre que assistia às sessões, ele me soprava respostas e me ajudava com seu poder. Pediram-me então para que me submetesse à Igreja. Pedi que me enviassem ao Papa, que me submeteria a ele e não ao julgamento de meus inimigos. Frei Isambert lamentava que meus juízes teimassem em apresentar seu tribunal como investido de poderes da Igreja universal, entretanto, não ousava protestar publicamente contra a falsidade de tal pretensão. Aconselhou-me a me submeter ao Concílio de Bâle. Apesar de minha confiança nesse bom religioso, eu temia armadilhas escondidas nessa proposta. Perguntei o que era o Concílio Geral; ele respondeu que era a congregação de toda a Igreja universal e que nele havia igual número de franceses e de ingleses.

— Nesse caso, disse eu vivamente, submeto-me a nosso Santo Pai, o Papa e ao Concílio de Bâle. O bispo, transtornado de ódio, disse a frei Isambert: “Cale-se, pelo diabo!” Ao mesmo tempo ordenou que nada escrevessem sobre minha submissão ao Concílio de Bâle.

— Pobre de mim! exclamei, vocês escrevem o que é contra, porém se recusam a escrever o que é a meu favor.

Os ingleses e seus protegidos fizeram todo tipo de ameaça ao frei Isambert para fazê-lo calar-se. O bispo perguntou quem, desde a véspera, poderia ter me convencido a me submeter ao Concílio. Os ingleses que me vigiavam disseram que Jean de Fontaine, frei Isambert e frei Martin l'Advenu foram os únicos a falar comigo. O primeiro e o último não

estavam presentes. Cauchon se irritou com o vice-Inquisidor e ameaçou os culpados com o peso de sua indignação. Jean le Maistre os defendeu corajosamente. Cauchon, que sabia o quanto sua presença era necessária para a validade do processo, rendeu-se aos seus pedidos, permitindo que os dois religiosos e Fontaine continuassem a me visitar. Mal acabara a sessão, ele escreveu ao conselho dos ingleses para rogar que cessassem essas entrevistas.

Frei Isambert, frei Guillaume Duval, que era seu colega, e Jean de Fontaine, vindo à minha prisão, encontraram o Conde de Warwick, que os cobriu de injúrias.

— Por que você apoia e orienta essa malvada, disse ele dirigindo-se a frei Isambert, irra! canalha! caso recomece mandarei jogá-lo no rio Sena!

Os dois amigos do bom padre ficaram com tanto medo que fugiram; Fontaine, que achava que deveria temer mais que ninguém, deixou Rouen e nunca mais voltou.

Numa nova sessão com o bispo, reduziram o número de artigos para doze. Era, segundo o bispo e seus cúmplices, uma análise rápida e fiel de minhas confissões. Nicolas Midy os redigiu, e o fez com tanta arte que suas asserções davam-me como culpada em todos os tópicos, conservando uma aparência de grande verossimilhança; elas foram comunicadas a algumas pessoas de confiança do bispo, entretanto, uma delas viu claramente que ali havia inexatidões importantes e propôs correções que apresentou em conselho secreto e que foram todas aceitas. Essa decisão frustrava toda a trama do bispo que tomou uma atitude audaciosa, ignorou as correções e enviou a cédula dos doze artigos aos assessores consultores do Santo Ofício, sem lhe fazer a menor alteração; cada um deles, deveria, em prazo determinado, dar seu parecer por escrito e carimbá-lo com seu carimbo pessoal.

Eis os do

“Uma certa mulher diz e afirma que aos treze anos, aproximadamente, viu, com seus olhos corporais, Saint-Michel que vinha consolá-la e, algumas vezes, também Saint-Gabriel; que os dois apareciam sob figura

corporal e que, freqüentemente, uma multidão de anjos os acompanhava e que, desde então, Sainte-Catherine e Sainte- Marguerite aparecem para ela corporalmente; que ela as via todos os dias e que escutava suas vozes; que às vezes as abraçava e beijava, tocando seus corpos; que via também o rosto dos anjos e das duas santas; mas ela não quis dizer nada sobre as outras partes, nem sobre suas roupas. Segundo declarou, as duas santas falaram algumas vezes junto a uma fonte, situada próximo a uma grande árvore chamada de árvore das fadas, porque, segundo dizem, elas freqüentavam tal local, e as pessoas lá iam para recuperar a saúde; apesar de ser um local profano, segundo sua confissão, ela ali venerou, várias vezes, os santos e lhes fez reverências.

Ela diz ainda que, desde essa época, as duas santas lhe aparecem e se mostram a ela com coroas muito belas e preciosas; que, por ordem de Deus elas lhe ordenaram ir ter com um certo príncipe e de lhe prometer que com sua ajuda e seus trabalhos, ele recuperaria um grande domínio temporal e uma grande honra mundana; que ele alcançaria a vitória sobre seus inimigos, se a recebesse em seu serviço e lhe desse armas com um corpo do exército para executar suas promessas. De mais, ela acrescenta que essas duas santas lhe ordenaram, em nome de Deus, pegar e usar roupas de homem, o que ela fez, como o faz ainda, para obedecer a esta ordem, e que ela preferia mesmo morrer do que deixá-las, a menos que fosse por ordem de Deus; ela preferiu antes não assistir à missa, e ficar sem o sacramento da Eucaristia nos dias prescritos aos fiéis, do que tomar a vestir roupas femininas deixando as masculinas.

Ela acrescenta, também, que essas duas santas a autorizaram quando, sem que soubessem e contra a vontade de seu pai e de sua mãe, com a idade de dezessete anos aproximadamente, ela deixou a casa paterna e, juntando-se a uma multidão de soldados, passou os dias e as noites com eles, sem ter jamais, ou muito raramente, outras mulheres com ela.

No seu entender essas santas lhe disseram e ordenaram muitas outras coisas, razão porque ela se considera enviada por Deus do céu e pela Igreja vitoriosa dos santos que já desfrutam da bem-aventurança.”

Artigo II

“Essa mesma mulher diz ainda que o sinal, através do qual o príncipe, ao qual ela foi enviada, se decidiu a crer em suas revelações, recebendo-a para fazer a guerra, consiste no seguinte: Saint-Michel, acompanhado por uma multidão de anjos, alguns com asas, outros com coroas, e, entre eles, Sainte-Catherine e Sainte- Marguerite, veio falar com o príncipe; esse anjo e essas santas caminhavam em terra firme ao longo do caminho, sobre degraus e, em seu quarto, com outros anjos; um deles presenteou o príncipe com uma preciosa coroa de ouro puro e, se inclinou em reverência. Essa mulher acha que o príncipe estava sozinho quando recebeu esse sinal, apesar de haver pessoas nas proximidades; e, uma outra vez, um arcebispo recebeu um sinal, que era uma coroa e a entregou ao príncipe, na presença e à vista de vários senhores temporais.”

Artigo III

“Essa mulher conhece quem a visita e está certa de que é Saint-Michel, graças aos bons conselhos e ao socorro que ele lhe dá, bem como, por causa da doutrina que ele lhe ensina; ela acredita nele, pois ele se nomeou a si próprio. Ela distingue perfeitamente uma santa da outra pois elas dizem seus nomes quando chegam e a cumprimentam. Por isso ela crê que o santo é Saint-Michel e está tão certa que os discursos e ações do dito santo são coisas verdadeiras e boas, quanto crê que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu e morreu por nossa redenção.”

Artigo IV

“Ela diz ainda que tem certeza de que muitos fatos, previstos para o futuro, se realizarão e se orgulha de ter tido conhecimento, através das revelações feitas pelas santas, de acontecimentos secretos como, por exemplo, que ela seria libertada da prisão e que os franceses fariam em sua companhia o maior feito militar que jamais existiu na cristandade e ainda que ela reconheceu, através da revelação, pessoas que jamais havia visto, e que ela revelou e fez encontrar uma certa espada enterrada na terra.”

Artigo V

“Essa mesma mulher diz e afirma que recebeu ordem de Deus para usar continuamente roupas masculinas, ela podia usar vestido curto, um

“gripçon”, com mangas e calções amarrados com várias fitas, para manter sempre os cabelos cortados redondos, acima das orelhas e que não guardasse nada sobre si que indicasse ou fizesse reconhecer o sexo feminino, somente o que a natureza pôs nela para a diferença de seu sexo. Ela declara ter recebido várias vezes a Eucaristia assim vestida; e ela não quis, apesar de avisada e advertida amigavelmente várias vezes, voltar a vestir suas roupas femininas, dizendo que preferia morrer a ter que deixar essa roupa. Disse que, se ela estava vestida de forma masculina junto daqueles em favor dos quais ela lutava, e podia agir assim antes de sua prisão e detenção, esse seria um dos maiores bens para todo o reino da França; acrescentando que, por nada desse mundo, prestaria juramento de abandonar suas vestes masculinas nem suas armas; em tudo isso, ela diz que agiu certo e corretamente obedecendo a Deus e às suas ordens.”

Artigo VI

“Ela confessou e confirma ainda que fez escrever diversas cartas onde colocava: Jesus, Maria, com uma cruz; que às vezes colocava outra cruz e que isso significava que não era para realizar o que ela pedira na carta. Em outras, escrevia que mandaria matar aqueles que não obedecessem suas cartas nem suas ordens e que se faria reconhecer de imediato, pois ela possuía a maior autoridade vinda de Deus do céu; e diz sempre que não fez nada que fosse contrário às revelações ou às ordens de Deus.”

Artigo VII

“Diz ainda e confessa que, na idade de cerca de dezessete anos, ela foi de livre arbítrio, e graças a uma revelação, encontrar um escudeiro que ela nunca havia visto antes, deixando a casa paterna contra a vontade de seus pais, que quase perderam a razão quando souberam de sua partida; ela pediu a esse escudeiro para levá-la ou ajudá-la a encontrar o príncipe mencionado acima; que então esse capitão lhe deu, a seu pedido uma vestimenta de homem e uma espada, e lhe entregou também um escudeiro e quatro valetes para escoltá-la, que chegando junto ao príncipe ela lhe disse que desejava dirigir a guerra contra seus adversários e prometeu-lhe conseguir um vasto território e vencer seus inimigos pois ela era enviada por Deus do céu.”

Artigo VIII

“Ela diz e confessa ainda que, por ela mesma e sem ser forçada ou obrigada, jogou-se de uma torre muita alta, preferindo antes morrer que ser posta em mãos adversárias ou sobreviver à destruição da cidade de Compiègne. Diz também que não pôde evitar esse salto apesar da proibição das santas e apesar de saber que era um grande pecado ofendê-las; porém, segundo ela, esse pecado lhe foi perdoado em uma confissão e que essa revelação lhe fora dada posteriormente.”

Artigo IX

“As duas santas lhe revelaram que seria salva na glória dos bem-aventurados; que obteria a salvação da sua alma, caso guardasse a virgindade que ela lhes dedicara desde a primeira vez que as viu e escutou; nessa ocasião ela confirmou que estava segura de sua salvação tal como se estivesse, realmente e concretamente, no reino dos céus.

Essa mesma mulher diz que as duas santas prometeram conduzi-la ao paraíso, caso ela conservasse a pureza de seu corpo e de sua alma que ela havia devotado a elas; disse também estar certa de já estar glória dos santos e não crê ter cometido pecado mortal pois, se estive nesse estado, as duas santas, segundo ela, não viriam vê-la todos os dias como o fazem.”

Artigo X

“Essa mesma mulher diz e confirma que Deus ama certas pessoas que ela designa e nomeia e que estão ainda na Terra; que Ele as ama até' mais de que a ela; que ela sabe disso através da revelação de Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite, que lhe disseram, não em inglês, mas sim em francês, pois elas não são a favor dos ingleses; que assim que soube que as vozes eram a favor do príncipe, do qual se falou anteriormente, ela não gostou dos “bourguignons.”

Artigo XI

“Ela diz e afirma que, como sinal de respeito às vozes e aos espíritos que ela chama de Michel, Gabriel, Catherine e Marguerite, ela os venerou diversas vezes, descobrindo sua cabeça, ajoelhando-se e beijando a terra sobre a qual eles pisavam e oferecendo-lhes sua virgindade; que, quando abraçou as duas santas ela as tocou corporal e sensivelmente; que ela as

chamou várias vezes para pedir-lhes conselhos e socorro, apesar delas virem sempre visitá-la mesmo sem serem chamadas; que ela aceitou e obedeceu aos seus conselhos desde a primeira aparição sem pedir a opinião de quem quer que seja, como de seu pai, de sua mãe, de seu padre ou qualquer outro prelado ou eclesiástico. De acordo com suas palavras, ela crê que as vozes dos santos e santas dessa natureza lhe vêm de Deus e, através de suas ordens, também crê na religião cristã e que Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu a morte para nos libertar; ela acha que, se um mau espírito lhe aparecesse dizendo-se Saint-Michel, ela saberia discernir sua intenção. Essa mesma mulher diz ainda que, de sua própria vontade, sem que a isso a tenham levado ou induzido, ela jurou a essas duas santas não revelar, de maneira alguma, o sinal da coroa que devia ser dada ao príncipe a quem a enviariam, e que ela não poderia revelá-lo sem que tivesse permissão.”

Antigo XII

“Essa mesma mulher diz e confessa que se a Igreja quisesse que ela fizesse algo contrário ao que ela afirma ser ordenado por Deus, ela não o faria por coisa alguma, dizendo que ela bem sabia o que continha seu processo vindo por ordens de Deus, e que lhe seria impossível agir de outra forma. Acrescenta que, a esse respeito, ela não se entrega, de modo algum, à decisão da Igreja militante nem a decisão de nenhum homem no mundo, mas tão somente a Deus, Nosso Senhor, principalmente no que se refere às revelações e às matérias que dela são tema; igualmente a tudo o que fez em razão dessas mesmas revelações; acrescenta ainda que não respondeu nada retirando idéias de sua cabeça, mas sim de acordo com a ordem das vozes e em virtude das revelações que lhe foram feitas; apesar dos juízes e outras pessoas que estavam presentes lhe terem citado várias vezes o artigo de fé: *Eu creio na Igreja, única, santa e católica* dizendo-lhe que todo fiel vivo é obrigado a obedecer e a submeter seus discursos e suas ações à Igreja militante, sobretudo em matéria de fé no que diz respeito à doutrina sagrada e às ordens eclesiásticas.

Ela renegou e recusou submeter-se (ela, suas ações e seus discursos) à Igreja militante, apesar de ter sido advertida e convocada, dizendo que

era impossível fazer o contrário do que, em seu processo, ela afirma ter realizado por ordem de Deus; e que sobre isso, ela não se inclina à decisão nem ao julgamento de nenhum homem vivo, mas somente ao julgamento de Deus.”

Minhas respostas aos interrogatórios destruíram suficientes essas acusações.

Quase todas as opiniões dos assessores me foram contrárias pois ninguém se preocupou em comparar esses Artigos com minhas respostas, que aliás tinham sido, em sua maioria, falsificadas. Além dos consultores do Santo Ofício, um grande número de pessoas deu sua opinião, mas o bispo só revelou aquelas que poderiam ser-lhe úteis.

Mil inquietações o agitavam; os ingleses o ameaçavam sem parar e se irritavam com a lentidão do processo. Entretanto ele não poderia apressá-lo mais do que já fazia; o medo de que um incidente qualquer revelasse ao público suas infames manobras, não lhe dava nenhum momento de paz. Ele resolveu então, para acabar com suas cruéis inquietações, por fim à minha vida, secretamente. Com essa finalidade mandou-me uma carpa envenenada, que comi sem desconfiança alguma, e nessa mesma noite, uma febre ardente me consumia.

O cardeal de Winchester e o conde de Warwick, informados de que eu estava gravemente doente enviaram médicos, recomendando que fizessem tudo para me curar. Eles queriam a todo custo que eu morresse; mas era preciso, para seus interesses, que isso fosse publicamente e de uma forma violenta. Os médicos, após me examinarem, foram informar ao conde de Warwick que eu tinha febre e que seria preciso fazer uma sangria. O conde os proibiu de fazê-la, dizendo que eu era astuciosa e poderia aproveitar e tentar me matar. Os médicos, e sobretudo o interesse, agiram tão intensamente sobre seu espírito que ele afinal consentiu.

Um dos cozinheiros do bispo, o mesmo que preparou a carpa, revelou ao conde a perversidade do prelado, pedindo por recompensa uma soma em dinheiro. Warwick chamou imediatamente Cauchon, reprovou-lhe a atitude e ameaçou jogá-lo no rio Sena, caso ele não me fizesse voltar a viver. Muito feliz por salvar-se a esse preço, ele o prometeu formalmente; administrou-me secretamente um antídoto que me salvou, e

a sangria feita pelos médicos acabou com a febre. Desnecessário dizer que o bispo e o conde guardaram sobre isso um profundo silêncio; o primeiro teria pago caro sua tentativa se o segundo tivesse podido encontrar para fazê-lo uma criatura bem devotada.

Acabara de ser sangrada quando o promotor d'Estivet e Jean Tiphaine, mestre em Artes e em Medicina, vieram me visitar por parte dos juízes. O médico tocando meu pulso perguntou o que eu tinha e onde doía. Conteí que o bispo me enviara uma carpa, que eu a comera e que, seguindo minha opinião, era esse o motivo do meu mal. D'Estivet gritou que eu estava caluniando e disse-me injúrias que prefiro não comentar.

— Tu comestes arenques, disse, e outras coisas que não te fazem bem.

Seus insultos atrozes esquentaram minha cabeça, ele, por sua vez, se irritou tanto que os guardas o retiraram a força. A impressão que senti com a cena foi tal que a febre voltou e colocou minha vida em perigo. O conde de Warwick repreendeu fortemente d'Estivet e proibiu que ele voltasse a me xingar.

Minha doença foi longa e cruel; a todo instante as pessoas acreditavam que eu estava prestes a morrer. Ainda corria risco de vida quando a primeira advertência episcopal aconteceu; eu estava muito mal para responder e contentei-me em pedir os últimos sacramentos e a certeza de repousar em terra santa após minha morte. Disseram-me que estavam prestes a me permitir a confissão; quanto ao resto, entretanto, não deveria pensar nisto antes de ser submetida à Igreja.

Preces, ameaças, nada pôde me alterar; eu pedia somente para ser enterrada em terra santa, dizendo que havia sido batizada e que morreria como boa cristã.

Entrementes, o bispo, para pôr a prova minha confiança nas preces da Igreja, perguntou-me se eu queria que se fizesse uma procissão para obter de Deus meu restabelecimento; respondi que me consideraria feliz se os católicos e a Igreja quisessem rezar por mim.

Minhas boas amigas de Beaurevoir pensavam sempre em mim.

O conde de Ligny veio me visitar, a pedido delas, para tentar me dar um reconforto. Ele veio me ver em minha prisão com o conde

Scanffort, o conde de Warwick e alguns outros nobres. O conde de Ligny disse que viera para tratar do meu resgate, caso eu promettesse nunca mais utilizar armas contra os ingleses e os “bourguignons”.

— O senhor está brincando, sei muito bem que o senhor não tem nem o querer nem o poder.

Ele persistiu em suas afirmativas e eu repeti as mesmas palavras acrescentando:

— Bem sei que os ingleses me matarão, pensando que minha morte fará ganhar o reino da França; mas, ainda que fossem cem mil “goddams”¹³⁰ a mais do que são atualmente, eles não ganhariam.

Essas palavras irritaram o conde de Scanffort que tirou sua adaga e teria me ferido, caso o conde de Warwick não o tivesse impedido.

O cabido de Rouen não podia se resolver nem a acreditar na verdade dos doze artigos nem a dar sua opinião sobre os mesmos antes que a Universidade de Paris, e as duas Faculdades, de Teologia e Direito, tivessem dado seus pareceres. Por outro lado, era pouco provável que a Faculdade de Direito pudesse acreditar que eu sustentasse obstinadamente essas respostas, admitindo-se que eu gozava de pleno bom senso. Para decidir sobre o caso de Rouen, recorreram a uma nova admoestação, que foi pública.

L’Oyseleur teve a preocupação de me preparar para o papel que deveria representar; não lhe foi difícil me persuadir de que estaria perdida caso me submetesse à Igreja, pois assim eu reconheceria a jurisdição de meus juízes que usurpariam os poderes.

No dia 2 de maio fui convocada na sala do castelo de Rouen onde se instalara o tribunal. Mal me curara da doença, Cauchon me disse para atender aos pedidos que me faria Jean Castillon, que era o encarregado proceder às admoestações.

Este me fez um longo discurso sobre meus deveres e meus pretensos crimes, dos quais o principal era o uso de roupas masculinas. Ele se estendeu sobre as mentiras que eu dissera ao longo dos interrogatórios; entre outras a alegoria sobre o sinal dado a Charles VII. Finalmente ele

¹³⁰ “Goddam”: assim se chamava comumente aos ingleses por causa da sua maneira familiar de praguejar “God Dam”: “Deus me dane”. (Nota da edição francesa)

falou da Igreja militante e da Igreja universal de uma maneira muito diferente da de Jean de Fontaine; seu discurso estava repleto de contradições. Ele terminou seu longo sermão perguntando se eu queria me corrigir e emendar como os sábios doutores consultados me ordenaram.

— Leia seu livro e eu responderei aos senhores; entrego-me a Deus, meai Criador e a quem amo de todo meu coração.

— A senhora não quer responder mais nada a esta admoestação geral?

— Confio em meu juiz, que é o Rei do céu e da terra.

— Anteriormente a senhora pediu que suas ações e palavras fossem vistas e examinadas comumente como foi feito nessa cédula.

Pediram-me para crer e submeter-me à Igreja militante.

— Creio, respondi, na Igreja daqui de baixo; porém quanto às minhas ações e minhas palavras, eu só confio em Deus, como já disse. Acredito que a Igreja militante não pode se extraviar nem cair em erro; não obstante a isso, quanto às minhas palavras e minhas ações, eu me submeto a Deus, meu Criador, quem me fez fazer tudo o que fiz e só quero me dirigir a ele.

— A senhora quer dizer com isso que não tem juízes na Terra, nem mesmo monsenhor, o Papa?

— Não direi outra coisa; Nosso Senhor é bom e me entrego em tudo a Ele e a nenhum outro.

Exausta pelo cansaço e enfraquecida pela doença, esqueci de fazer menção ao Papa; caso tudo fosse explicado de boa fé, no que se refere à minha submissão à Igreja, o quíprocó teria sido esclarecido; mas não era essa a intenção de meus juízes; eles recorreram às ameaças, sabendo que não existia melhor meio para me firmar em minha resolução. Ameaçaram-me de que, se persistisse na recusa, me declarariam herege e me queimariam como tal.

— Caso visse o fogo, respondi, não diria mais nada.

Estava persuadida de que eles queriam me reconhecer como criminosa por ter prestado socorro a Carlos VII; era esse o real objetivo de meus juízes, as questões que me dirigiram eram de tal forma obscuras e confusas que decidi me recusar a continuar dando explicações.

— Se o Concílio Geral estivesse aqui a senhora gostaria de se submeter e confiar a ele?

— Não responderei.

— A senhora deseja se submeter ao nosso Santo Pai, o Papa?

— Levem-me até ele e responderei.

Minhas vestimentas serviram ainda de motivo para uma quantidade enorme de perguntas; respondi a todas do mesmo modo que antes e quando Castillon me convocou a retomar roupas femininas, recusei. Todas admoestações tinham sido feitas no intento de me obrigar a recusas formais e era tudo o que desejavam de mim. Só falarei sobre as perguntas e respostas significativas. Perguntaram se gostaria de falar sobre o sinal dado ao rei, ao arcebispo de Reims, a Charles de Bourbon, a la Trémoille e outros senhores, que segundo eu declarara, estavam presentes à minha recepção em Chinon; respondi então:

— Dêem-me um mensageiro e escreverei o que é necessário para o meu processo.

— Se enviássemos dois ou três curas de vosso partido, que viriam com salvo-conduto, gostaria de falar com eles sobre suas aparições e sobre o conteúdo do processo?

— Faça-os vir e responderei.

— A senhora quer se submeter e se confiar à Igreja de Poitiers?

— O senhor pensa que eu cairia nessa armadilha e me entregaria im para o senhor?

Somente o Concilio podia me salvar e reconhecendo a jurisdição da Igreja de Poitiers, teria reconhecido a de Rouen também. Disseram-me que era preciso me submeter à Igreja sob pena de ser rejeitada por ela e, nesse caso, correria o risco de fogo eterno para minha alma e o da Inquisição para meu corpo, através da sentença de outros juízes.

— Os senhores nunca farão o que dizem contra mim, porque o mal tomaria conta de seus corpos e de suas almas.

Admoestaram-me caridosamente para que me submetesse à Igreja militante, ao Papa e ao Concílio Geral. As definições sobre a Igreja militante se distanciavam consideravelmente das de Castillon o que me embaraçou de tal modo que eu adia explicar-me nessa sessão. Reconheci a Igreja

militante, seus poderes e suas atribuições, mas recusei submeter-me a ela, Essa contradição deveu-se à maneira pela qual os juízes se explicaram. Eu realmente recusei a submissão à Igreja, mas somente àquela da qual meus juízes falavam, isto é, ao seu tribunal investido, segundo eles, de seus poderes. O cabido de Rouen e os assistentes foram vítimas dessa cena arranjada; o primeiro deu a sua opinião e disse que eu deveria ser julgada como herege.

No dia da terceira admoestação, Sainte-Marguerite me apareceu:

— Filha de Deus, tem confiança, o “Eterno distribui o vento conforme a ovelha tosqueada”.¹³¹

Ela desapareceu sem me deixar o tempo de lhe falar, porém, essas palavras e seu doce sorriso incitavam minha coragem e fiquei mais tranquila, esperando essa nova prova que tanto temia.

As pessoas que deviam assisti-la não demoraram a chegar. Antes do interrogatório, disseram-me que os carrascos estavam lá com todos os instrumentos necessários para me torturar; com efeito enviaram algumas pessoas para me fazer sofrer. Essas ameaças não me fizeram falar mais do que o de costume; eu prometi solenemente que, se a violência dos tormentos me arrancasse falsos votos, eu sustentaria que somente a força os arrancou de mim, e desmentiria tudo, Os juízes não julgaram conveniente submeter-me à tortura: vendo que a horrível visão dos instrumentos não me causou nenhuma impressão eles acharam que a tortura só faria aumentar minha persistência, e atrairia a meu favor os espíritos indecisos.

Jean Castillon, até aquele momento tão devotado ao bispo tomou meu partido abertamente; seguiu-se uma discussão finda a qual Castillon declarou, diante do bispo de Beauvais, que o processo estava inteiramente nulo. Jean Massieu recebeu ordem para não inserir Castillon, a partir de então, em suas convocações, e ele não participou mais de meu processo.

Os juízes, seguindo a opinião dos doze assessores consultados, decidiram que eu não sofreria torturas; minha longa doença tinha me enfraquecido tanto que temiam que eu expirasse durante as mesmas, o que perturbaria as opiniões e os projetos dos ingleses.

¹³¹ “L’Eternel mesure le vent à La brebis tondue”, no original francês; este dito popular deve corresponder ao nosso “Deus dá o frio conforme o cobertor”. (N. da E.)

A duquesa de Bedford tentava incessantemente me dar algum alívio. Como as poucas pessoas que se interessavam por mim e que ignorava vinha verdadeira situação, ela imaginou que as roupas masculinas eram a principal causa para os rigores que se exerciam contra mim. Ela acreditava que se eu usasse novamente roupas femininas, essa prova de submissão poria os juízes a meu favor; ela mandou um costureiro fazer os vestidos e ele veio pessoalmente trazê-los; não me decidindo a vesti-los, ele colocou levemente a mão sobre meu seio para retirar a roupa que eu vestia. Eu me irritei com esse gesto e, tomada de indignação, dei-lhe uma tamanha bofetada que ele ficou desorientado:

— Ah! senhora Jeanne! A senhora não vai mal! pela Páscoa de Deus! Nunca recebi um tapa assim.

Ele foi contar a cena para a duquesa, que não pode deixar de rir de minha desventura.

IX

Após ter tomado conhecimento dos doze Artigos, a Universidade de Paris queria, segundo todas as aparências, ver minhas respostas para dar sua opinião com mais clareza. Parecia pouco provável que se pudesse impor algo a esse corpo esclarecido, até lhe fazer admitir como verdadeiras as respostas falsas e adulteradas; o menor incidente poderia revelar toda a trama.

A Universidade demonstrava muita confiança no bispo de Beauvais; isso lhe facilitava a realização do projeto concebido. Ele para lá escreveu dando conta da instrução que submetia à sua apreciação e enviou a Paris dois assessores que lhe eram inteiramente devotados: Jean Morice e Nicolas Midy; que tinham o título de plenipotenciários do rei da Inglaterra.

Eles deram conta à Universidade e às duas Faculdades, de Teologia e de Direito, de tudo o que elas desejaram saber e dando toda a segurança que elas pediram; enfim, eles eliminaram até a mais ligeira dúvida sobre a verdade dos doze Artigos. As Faculdades e a Universidade deliberaram isoladamente. Vou citar as qualificações das condenações aplicadas a cada um dos doze Artigos.

Esta deliberação é da Faculdade de Teologia, a da Faculdade de Direito foi concebida dentro do mesmo espírito, e a Universidade adotou as duas completamente. Eis como a Faculdade de Teologia resumia suas decisões.

Sobre o primeiro Artigo:

“Essas aparições e revelações são dissimuladas, mentirosas, destinadas a seduzir, e são perniciosas, ou procedem ainda supersticiosamente dos espíritos malignos e diabólicos: Béliãl, Satanás, Belzebu.”

Sobre o Artigo II:

“O segundo Artigo parece não ser verdadeiro, mas antes uma mentira presunçosa, sedutora, perniciosã, inventada e derogatória à dignidade angélica.”

Sobre o Artigo III

“Os sinais anunciados não são suficientes; essa mulher acredita neles irrefletidamente e o afirma com audácia. Além disso, pela compara que ela fez, vê-se que ela não crê direito e que erra na fé.”

Sobre o Artigo IV

“Superstição, adivinhação, história presunçosa, plena de vã arrogância.”

Sobre o Artigo V

“Essa mulher é blasfema e contempladora de Deus, em seus sacramentos; prevaricadora da lei divina, da santa doutrina e das ordens eclesiásticas; com maus pensamentos e vacilante na fé, repleta de uma vã arrogância, pode-se tê-la como suspeita de idolatria e de ter dado sua pessoa e suas roupas ao demônio, imitando os costumes pagãos.”

Sobre o Artigo VI

“É uma mulher perniciosã, enganadora, cruel, ávida de sangue humano, sediciosa, evocando a tirania e blasfemadora de Deus nas ordens que dá e nas revelações que ela se atribui.”

Sobre o Artigo VII

“Essa mulher é ímpia para com seu pai e mãe, prevaricadora do preceito de honrá-los; escandalosa, blasfema contra Deus; ela erra na fé; ela fez uma promessa temerária e presunçosa.”

Sobre o Artigo VIII

“O que contém este Artigo é uma pusilaminidade que chega ao desespero; deve-se interpretá-la como homicida de si mesma.

A afirmação de que esta falta lhe foi perdoada é temerária; ela indica ainda que essa mulher pensa errado no que diz respeito ao livre-arbítrio do homem.”

Sobre o Artigo IX

“É uma temerária e presunçosa afirmação, uma mentira perniciosa, uma contradição ao artigo precedente, essa mulher pensa errado na fé”

Sobre o Artigo X

“É uma afirmativa presunçosa, uma temerária adivinhação, uma superstição, uma blasfêmia contra Sainte-Marguerite e Sainte-Catherine; é uma transformação do princípio do amor ao próximo.”

Sobre o Artigo XI

Supondo que essa mulher tenha tido as relações e aparições das quais ela se vangloria e, unindo o presente Artigo ao que foi decidido a este respeito no primeiro, ela é idólatra, invocadora de demônios; ela erra na fé, o afirma com audácia e fez um juramento ilícito.”

Sobre o artigo XII

“Essa mulher é cismática; ela pensa erroneamente sobre a unidade e a autoridade da Igreja; ela é apóstata e erra na fé.”

Essas qualificações eram subordinadas a duas circunstâncias que a Faculdade prescrevia a verificação: se eu realmente havia dito e se persistia em dizê-lo, em pleno uso da minha razão. Em conclusão, a Faculdade decidiu que se eu recusasse voltar à unidade da Igreja e fazer a reparação que julgassem conveniente, após ser exortada e repreendida publicamente, o juiz competente deveria me pronunciar e entregar aos juízes seculares, para receber uma pena proporcional aos meus delitos. Como se vê, a Faculdade não admitia positivamente a competência de meus juízes.

No dia 19 de maio, os juízes e um grande número de assessores foram ao arcebispado de Rouen para ouvir as deliberações da Universidade. Recebemos em seguida os pareceres dos assessores presentes; três prevaleceram:

O primeiro, de Nicolas de Vendères, que consistia em me condenar imediatamente e me entregar à justiça secular.

O segundo, o do abade de Fécamp, era conforme ao anterior, mas fazendo preceder a condenação de uma admoestação preliminar cujo resultado decidiria o meu destino.

O terceiro, o de Guillaume Boucher, tendia a ordenar uma admoestação preliminar, onde me comunicariam os doze Artigos ou asserções

que me eram atribuídas, e a só ordenar minha sorte após nova deliberação, posterior a essa admoestação.

O parecer do abade de Fécamp teve o maior número de sufrágios; os assessores estavam convencidos de que os doze Artigos eram verdadeiros. O bispo, porém, veria por diversas vezes, suas artimanhas serem desmascaradas graças à minha memória. Ele não se enganou quanto às dificuldades pelas quais ele passaria, fazendo-me reconhecer coisas que eu nunca dissera. Trêmulo, ele viu chegar o momento da prova que mais temia.

Pierre Marice leu de uma só vez o conteúdo dos doze artigos que me eram endereçados a título de reprovação, depois ele colocou, após cada artigo, a qualificação de condenação que lhe era respectiva. A seguir fez um longo discurso para me exortar a me submeter à Igreja, tendo o cuidado de me fazer compreender que ele interpretava com isso, o tribunal de meus juízes.

Eu disse em poucas palavras que, quanto às minhas declarações e minhas ações, eu só me referia ao que havia dito durante o processo e que eu o sustentava. Mal entendera o que continham os doze Artigos, visto a rapidez da leitura. Pensei que, declarando que me referia ao que dissera no processo, eu os levaria naturalmente a repassar as respostas. Fizeram-me advertências sobre o perigo de minha obstinação e eu respondi:

— Mesmo estando em julgamento, mesmo vendo o jogo preparado, a fogueira acesa e o carrasco pronto para atirar-me nela, não diria nada além do que disse no processo.

Enquanto que eu só estava mantendo a verdade, os assessores presentes, iludidos pelos doze artigos que eles acreditavam verdadeiros, se convenceram de que eu me obstinava nas mentiras contra as quais eu protestaria com todas as minhas forças, caso as tivesse conhecido. Não dei mais respostas às questões dos meus juízes e fui citada para o dia seguinte, para ouvir meu julgamento definitivo.

A sentença de condenação foi preparada no mesmo dia, mas os assessores não souberam disso.

Só citarei uma passagem que os fará julgar suficientemente o restante; nela se dizia, falando a meu respeito, que eu tinha inventado as

revelações e aparições e que eu acreditava nelas superficialmente; terminaram declarando que eu era obstinada, perseverante em meus erros e herética; que, como tal eu estava eliminada da Igreja, da qual era um membro infecto, e que seria confiada à justiça secular a quem eles imploravam que me tratassem com doçura.

O objetivo do bispo não fora totalmente atingido; ele queria me fazer revogar as afirmações que nunca fizera e me obrigar a retratar-me publicamente sobre minha missão celeste.

Ele enviou várias pessoas para me preparar para a cena que aconteceria no cemitério de Saint-Ouen. Nicolas l'Oyseleur veio pedir para que eu fizesse tudo o que os juízes quisessem; essa conduta era tão contrária à sua maneira habitual que não pude esconder a surpresa; ele aparentava estar ultrajado pelos verdadeiros perigos que eu corria; suas palavras pareciam tão sinceras que fui enganada.

— Jeanne, creia em mim; pois se a senhora quiser será salva; aceite as roupas femininas, faça o que digo e será salva, ficará muito bem, não sofrerá nada e será aceita no seio da Igreja.

Eu desejava ardentemente estar longe de mãos inglesas, essa promessa então produziu grande efeito sobre mim.

No dia 24 de maio, Jean Beaupère veio me anunciar que eu seria levada ao cadafalso para ser advertida; disse que se eu fosse boa cristã, submeteria minhas ações e minhas palavras ao julgamento da Igreja e dos juízes eclesiásticos. Respondi que agiria de acordo.

Quando ele saiu, escutei as vozes das duas santas; elas me encorajaram e me contaram tudo o que eu faria.

Na hora da reunião, Jean Massieu e Mauger le Parmentier vieram me buscar para me conduzirem ao cemitério da abadia de Saint-Ouen. Tinham montado dois cadafalsos, em um via-se o bispo de Beauvais, o vice-Inquisidor, e o cardeal de Winchester, os bispos de Noyon e de Boulogne-sur-Mer, trinta e três assessores e algumas pessoas estranhas ao processo.

Subi no outro com Jean Massieu, Mauger le Parmentier, Guillaume Manchon, Boys-Guillaume; Frei Martin l'Advenu e Nicolas l'Oyseleur se colocaram diante de Guillaume Énard que estava encarregado da função de pregador. Uma multidão imensa se comprimia em torno dos cadafalsos.

A fogueira foi montada na praça do Velho Mercado e o carrasco mantinha-se próximo ao cadafalso onde eu estava.

Havia também um quadriga, tipo de carroça puxado por quatro cavalos, para me conduzir à fogueira, caso fosse necessário.

Guillaume Énard me fez um longo sermão sobre os deveres de um bom cristão, sobre a Igreja, sobre minha vida e minha doutrina; ele enumerou meus pretensos crimes, erros e mentiras; quando acabou, leu minha sentença de condenação e intimou que me submetesse à Igreja. As palavras do pregador vinham repletas de fel, não contente em me injuriar ele chamou Charles VII de herege e de cismático. Eu havia sofrido pacientemente os insultos que me eram dirigidos, mas não pude fazer o mesmo quando se referiam ao rei, e disse energicamente:

— Fale de mim o que o senhor quiser, mas não fale do rei; ele é bom cristão.

Isso não o impediu de continuar. Tomada de indignação, gritei:

— Mestre Guillaume, reverência guardada, ousou dizer e mesmo jurar sob pena de minha própria vida, que meu rei é o mais nobre de todos os cristãos, que ele ama a fé e a Igreja e não é assim como o senhor o apresentou.

O pregador e Cauchon ordenaram a Jean Massieu que me impusesse silêncio, mas só me calei quando Guillaume Énard mudou de assunto. Quando acabou, fez um sinal para Jean Massieu para que lesse a cédula de abjuração.

Eis em que termos ela foi concebida.

“Eu, Jeanne, declaro prometer e jurar diante de Deus e dos santos não mais usar roupas viris, nem os cabelos cortados redondos, não mais pegar em armas nem cavalgar junto com os militares; enfim, eu, Jeanne, declaro formalmente e sem restrições abjurar aquelas minhas palavras e ações que o nosso Santo Pai, o Papa, e nossa mãe, a Santa Igreja julgaram contrárias a fé. Prometo praticar o bem e evitar o mal como todo bom católico deve fazer.

O pregador disse:

— Jeanne tu abjurarás e assinarás essa cédula.

Respondi:

— Não sei o que é abjurar e pedirei conselho sobre isso.

Jean Massieu recebeu ordem para me explicar; ele disse que seria aconselhável me entregar à Igreja universal para saber se devia ou não abjurar os artigos.

— Dirijo-me à Igreja universal para saber se devo ou não abjurar.

— Tu abjurarás ou serás queimada, retomou o pregador; abjura e responde se tu te submetes à Igreja.

— Já respondi sobre minha submissão à Igreja, no que se refere às minhas palavras e minhas ações; consinto que enviem minhas respostas à Roma para serem examinadas lá e, submeto-me à decisão da Igreja; afirmo, porém, ao mesmo tempo, que nada fiz que não fosse por ordem de Deus. Além disso, se em meus discursos houver algo que seja ruim, declaro que tudo procede de mim mesma e que meu rei não me obrigou a nada.

Perguntou-me se eu gostaria de revogar minhas palavras e ações que foram condenadas pelos eclesiásticos.

— Entrego-me a Deus e a nosso Santo Pai, o Papa.

Respondeu que isso não era suficiente, que o Papa morava muito distante para que se pudesse recorrer a ele.

— Os bispos, acrescentou, são juízes em suas dioceses; assim, é necessário que a senhora se dirija à nossa mãe, a Santa Igreja e que aceite tudo o que o clero e pessoas hábeis decidiram sobre suas palavras e ações.

Eu estava muito pouco instruída sobre essas questões teológicas para poder combater essa pretensão; assim tomei a decisão de ficar em silêncio.

O bispo leu a sentença de condenação. Apesar de, momentos antes, ter reiterado meu apelo ao Papa, ele não deixou de dizer:

— Além do mais, a senhora recusou, com um espírito obstinado e com perseverança, submeter-se a nosso Santo Pai, o Papa e ao Concílio Geral.

Multiplicaram-se as instâncias e as exortações para que eu abjurasse; até os expectadores me pressionaram. As preces, ameaças de

admoestação, tudo foi feito para me obrigar a fazer esse ato tão ardentemente desejado pelos juízes. Sob a opressão das perguntas do pregador sobre minhas vestes masculinas, disse que as usava pois fora chamada para conviver em meio militar e, era mais prudente e decente que me vestisse como eles ao invés de usar roupas femininas. Os ingleses e sua gente vociferavam incessantemente ao meu redor, no intuito de me apavorar. Algumas pessoas me jogavam pedras. As ameaças do povo e principalmente as de Énard me causavam uma indescritível irritação. Num momento de impaciência disse-lhe energicamente:

— Tudo o que fiz e faço, fiz bem e estou correta agindo assim.

Vendo o resultado de suas ameaças, ele mudou de linguagem e disse com uma voz melosa:

— Jeanne, temos tanta piedade de ti. É preciso que revogues o que disseste ou teremos que abandonar-te à justiça secular.

— Nada fiz de mal, respondi, creio nos doze Artigos de fé e nos preceitos do Decálogo, dirijo-me à corte de Roma e quero crer em tudo em que crê a Santa Igreja.

Énard recorreu a urna promessa que me sacudiu, a de ser libertada da prisão, caso fizesse o que me pediam.

O bispo, que continuara sua leitura durante esse tempo, interrompeu o final da sentença de condenação para incorporar suas instâncias às do pregador. A população interpretou mal essa intervenção; injúrias endereçadas a Cauchon foram ouvidas; um capelão do cardeal de Winchester entrou na discussão e trocou palavrões com o bispo. Não pude deixar de rir vendo-os agir desse modo. O bispo estava vermelho de ódio, batia o pé de raiva e amassava nas mãos a sentença de condenação que não podia alterar nada. O cardeal de Winchester mal conseguiu impor silêncio aos dois adversários que, obrigados a se calarem, trocaram olhares enfurecidos. Eu me divertia bastante, apesar de minhas aflições.

O que me impedia de assinar a cédula, era o medo de cair em uma armadilha. Repassei seu conteúdo mentalmente; não encontrei a menor expressão que me inquietasse; desconfiava contudo de minhas idéias e temia colocar, quando assinasse, armas perigosas em mãos inimigas que sabiam tão bem se servir das coisas mais inofensivas.

Jean Massieu ganhara inteiramente minha confiança, com suas boas palavras e pela doçura e piedade como me tratava; devo-lhe essa justiça, tudo o que pôde fazer para me aliviar, ele o fez corajosamente, ainda que soubesse que se expunha ao perigo. Graças ao debate que se levantou entre o bispo e o capelão, me aproximei dele e o interroguei em voz baixa, enquanto a atenção dos assistentes estava concentrada na briga. Ele me disse sinceramente que acreditava que eu poderia assinar a cédula sem nenhum medo. Sabia que ele era incapaz de me enganar, porém, temia que o enganassem, então eu disse aos doutores:

— Que essa cédula seja vista pelos clérigos e pela Igreja nas mãos dos quais eu devo ser entregue; caso me aconselhem a assiná-la e a fazer o que me disserem, eu o farei de bom grado. Se tivessem aceito essa súplica, eu poderia ser salva. Guillaume Énard percebeu instantaneamente que existia aí uma chance de salvação para mim, e se apressou em dizer:

— Assina agora, ou acabarás teus dias no fogo.

Respondi sem hesitar que preferia assinar a morrer queimada. O bispo do Beauvais, assim que eu disse essas palavras, perguntou ao cardeal do Winchester o que era preciso fazer, vendo que eu estava submissa, ele respondeu que o bispo devia me admitir uma penitência.

Laurent Callot, secretário do rei da Inglaterra, tirou de sua manga a cédula de abjuração; aquela que Jean Massieu lera, tinha desaparecido. Como Callot estava sobre o cadafalso comigo, assim como várias pessoas que eu citei, acho que ele a colocou em sua manga bem naturalmente, mas era uma nova que queriam que eu assinasse.

Para melhor me enganar escreveram a outra sobre um papel branco, esta, que era maior, teria levantado suspeitas se não tivesse sido escrita no mesmo papel. Com efeito, como tiveram a preocupação de copiá-la sobre um caderno do igual dimensão e de colocar na página que deveria assinar o mesmo número de linhas, não percebi nada nem duvidei de nada. A primeira das duas cédulas foi lida acima, traduzirei a segunda nos termos consagrados pelo uso, para alterar o mínimo possível as expressões originais dessa peça importante:

“Toda pessoa que errou e desprezou a fé cristã, e depois, pela graça de Deus, retorna à luz da verdade, e à união de nossa mãe, a Santa

Igreja, deve-se resguardar muito bem para que o inimigo do inferno não a envolva e a faça cair novamente em erros e tentações. Por essa razão, eu, Jeanne, comumente chamada a Donzela, miserável pecadora, após o que fiz de errado segundo minha condição e que, por graça de Deus, voltei à nossa mãe, a Santa Igreja, para que vejam que não fingidamente, mas sim de bom coração e de boa vontade retornei a ela, eu confesso que pequei gravemente, fingindo hipocritamente ter lido revelações e aparições por parte de Deus, dos Anjos, de Sainte-Catherine e de Sainte-Marguerite, seduzindo as almas, criando loucamente e alucinadamente. Fazendo supersticiosas adivinhações, blasfemando contra Deus, seus santos e suas santas; anulando a lei divina, a Santa Escritura, os direitos canônicos, usando vestimenta dissoluta, licenciosa e desonesta, contra a decência da natureza, usando cabelo cortado redondo contra os homens, contra toda honestidade do sexo de mulher; usando armas, com grande presunção e desejando cruelmente efusão de sangue humano; dizendo que fiz todas essas coisas por ordem de Deus, dos anjos e dos santos acima citados, e que agi bem, não tendo errado; menosprezando a Deus e seus sacramentos, fazendo revoltas, idolatrando para adorar maus espíritos e invocando-os; confesso também que fui cismática e de diversas maneiras errei na fé. Os quais crimes e erros, de bom coração e sem ficção, eu, Jeanne, por graça de Deus nosso Senhor, de volta a caminho da verdade pela Santa Doutrina e pelos bons conselhos dos doutores e mestres que me enviaram, abjuro, detesto, renego a tudo isso, e sobre todas as coisas declaradas, submeto-me à correção, autoridade, emenda e total determinação de nossa mãe, a Santa Igreja e de vossa boa justiça. Assim, eu juro, declaro e prometo a monsenhor Saint-Pierre, príncipe apóstolo, a nosso Santo Pai, o Papa de Roma, seu vigário e seus assessores e aos senhores reverendos padres de Deus, monsenhor o bispo de Beauvais, e religiosa pessoa mestre Jean Le Maistre, vigário de monsenhor o inquisidor da fé, como aos meus juízes, que nunca, por qualquer exortação ou maneira, cometerei os erros que enunciei, dos quais agradou a nosso Senhor me eliminar e libertar; mas sempre continuarei na união de nossa mãe, a Santa Igreja, e na obediência de nosso santo Pai, o papa de Roma. Dito isso, afirmo e juro por Deus todo poderoso e pelos santos

do Evangelho. E como sinal assinei esta cédula com minha assinatura. Jeanne.”

Uma espécie de pressentimento me impedia de assinar essa cédula, cujo conteúdo, entretanto, tal eu o conhecia, não deveria me inquietar. Avisaram-me que a fogueira estava preparada e o carrasco pronto para jogar-me nela caso eu me recusasse a assinar. Tudo bem pesado achei que seria melhor ceder às admoestações e aos pedidos dos assistentes; repetia sorrindo a fórmula de abjuração e traçava um zero embaixo para me divertir de meus juízes. Meu zero não agradou a Laurent Callot pois ele pegou minha mão e me fez traçar uma cruz embaixo com uma pena. Então os franceses e “bourguignons”, tocados de piedade por mim, gritaram de alegria. Os ingleses não ficaram contentes com minha submissão e apedrejaram todos os que estavam nos cadafalsos — eu principalmente. Eu ria bastante vendo esse desapontamento e escutando os “goddans” furiosos ressoarem em vários pontos na multidão. L’Oyseleur, meu melhor amigo, me disse em tom hipócrita:

— Jeanne, a senhora fez uma bela jornada e salvou sua alma, se Deus quiser!

— O Senhor sabe para onde serei mandada? Não serei posta nas mãos da Igreja, já que é ela que me condena, não é?

Ele respondeu que não estava informado. Essa pergunta foi dirigida aos assistentes; contudo ninguém respondeu.

— Ora, membros da Igreja, disse eu, levem-me para suas prisões; tenho pressa de sair das mãos dos ingleses.

Várias pessoas pediram a Pierre Cauchon para aceder ao meu pedido; ele porém não levou em consideração os pedidos e as admoestações dos que se interessavam por meu destino; disse simplesmente a Jean Massieu e a Mauger le Parmentier:

— Levem-na para onde vocês a pegaram!

Voltei à minha cela, com a doce esperança de não sofrer por muito tempo nesse local. Nicolas l’Oyseleur, com medo que meus pedidos fizessem grande impressão nos assistentes veio me dizer que foram feitas modificações nas prisões eclesiásticas e que por esse motivo seria obrigada a ficar ainda alguns dias na prisão do Castelo de Rouen.

O conde de Warwick reprovou seriamente o bispo de Beauvais por me deixar escapar ao destino que me aguardava. Cauchon respondeu apertando as mãos:

— Não se preocupe nós o reencontraremos.

Jean le Maistre veio com algumas pessoas me visitar; o bispo não os acompanhava. Falou-me da misericórdia de Deus e da indulgência dos eclesiásticos que me colocaram em estado de graça com a Igreja. Advertiu-me sobre a promessa feita de retomar roupas femininas e de deixar crescer os cabelos. Disse que estava prestes a executá-la; com efeito, quando Morice e Nicolas l'Oyseleur trouxeram as roupas, à tarde, eu as vesti sem hesitar.

As roupas usadas foram colocadas numa bolsa deixada na minha prisão. Meu destino não melhorou, as mesmas correntes me prendiam, os mesmos guardas me vigiavam e minhas roupas tornavam minha situação ainda mais crítica.

Poton de Xaintrailles, os marechais de Boussac, de Saint Sevère e outros capitães resolveram tentar uma expedição para a Normandia; eles contavam tomar a capital e em seguida se apossar do infante-rei, de seu conselho, de meus juizes e de mim. Sem que os ingleses soubessem nem tivessem tempo de me embarcar para a Inglaterra. Desde que fora feita prisioneira, um navio aparelhado estava pronto para me conduzir a qualquer hora para esse país. Porém essa ação fracassou completamente e Xaintrailles foi preso e conduzido a Rotten.

X

No dia seguinte à abjuração, eu já lamentava ter retomado roupas femininas: não foi por espírito de insubordinação nem por teimosia, mas sim os instintos mais sagrados de mulher. Pierre Morice veio me visitar para me encorajar a continuar no bom caminho. Ele fora enviado pelo bispo de Beauvais que queria dar às suas ações a aparência de equidade. Ele planejou com o cardeal de Winchester os meios para me fazer vestir novamente roupas masculinas. Com sua aprovação, ele enviou Nicolas Midy e Jean Beaupère a minha cela para me incitar a praticar as boas resoluções tomadas. Os ingleses subalternos, que não sabiam o segredo, lhes fizeram tantas ameaças que eles julgaram prudente não entrar.

Na noite de 26 para 27 durante meu sono, os guardas levaram minhas vestes femininas que estavam sobre a colcha da cama e colocaram em seu lugar as masculinas, que estavam na bolsa. Quando acordei, apressada para as necessidades naturais, quis me levantar. Quando vi que as roupas desapareceram e que sobre a cama só estavam as proibidas, achei que os guardas estivessem querendo caçoar de mim; e lhes supliquei de forma a mais comovente para que devolvessem minhas roupas, lembrando das interdições que foram feitas. Eles não deram atenção às minhas súplicas e riam de minhas lágrimas. Disse-lhes que seriam responsáveis pela minha morte. Eles me responderam que era justamente o que queriam. Tive que me levantar.

Mal me vestia, o bispo de Beauvais entrou, assim que me viu nesse estado voltou para casa e convocou o conde de Warwick, os assessores,

os notários e outras pessoas. Disse-lhes que eu caíra novamente em heresia, retomando as roupas masculinas e recomendou que verificassem a verdade com seus próprios olhos. Realmente vieram até minha prisão, mas os ingleses usaram de força para impedir a entrada, pensando ainda que eles queriam me salvar.

Contudo, alguns assessores conseguiram entrar; é verdade que com bastante dificuldade. André Marguerie disse em voz alta que precisava saber de mim porque voltara a vestir roupas masculinas. Imediatamente um inglês bradou “Goddam! Goddam! Calem-se em nome do diabo!” Não contente com isso, levantou seu machado; nem Marguerie nem outros esperaram que ele lhes batesse. Foram todos embora. Boys-Guillaume conseguiu, com certa dificuldade, me ver, porém não falou comigo.

No dia seguinte, o bispo de Beauvais e Jean le Maistre vieram com oito assessores me questionar respondi a verdade.

— Usei essas roupas, disse pressionada pelas perguntas, mas contra minha vontade. Aliás não foram realizadas as promessas que me fizeram; a de me permitir assistir à missa e comungar; e também de me tirar as correntes. Prefiro morrer, acrescentei, que continuar com esses ferros, mas se me permitirem ir à missa, se eu não ficar mais acorrentada, se me derem uma prisão mais suave, serei boa e farei o que a Igreja quiser. O bispo me fez muitas perguntas sobre isso, depois, mudando de assunto, disse que soubera que eu ainda acreditava nas ilusões às quais renunciara anteriormente. Em seguida perguntou se na quinta-feira, 24 de maio, dia da assinatura da cédula, havia escutado Sainte-Catherine e Sainte-Marguerite.

— Isso é verdade, disse francamente.

— O que elas lhe disseram? Disseram-me que eu havia cometido um grande erro, quando consenti em assinar a cédula para salvar minha vida.

Antes da última quinta-feira, elas predisseram que eu agiria assim e que faria o que fiz quando estava sobre o cadafalso. Disseram-me para responder ousadamente àquele que pregava e eu disse que ele era um falso pregador pois me acusava de ações que nunca fizera; enfim, tudo o que disse e fiz desde a última quinta-feira, contrário à minha consciência e ao que disse durante o processo, foi por medo do fogo.

Ele me fez mil perguntas sobre diversos pontos que foram objeto de meus interrogatórios; eu renovava as respostas ou dava outras com o mesmo sentido. Era tudo o que desejava o bispo e seus cúmplices; antes de se retirar, Cauchon me disse:

— A senhora abjurou e reconheceu falso diante do povo e dos eclesiásticos tudo o que afirma agora ser verdade, vejo com muito pesar que a senhora é relapsa; a senhora declarou formalmente que se vangloriava de ter escutado as vozes de Sainte-Catherine, Sainte-Marguerite, do Arcanjo Michel e do Anjo Gabriel.

— Isso é o que eu creio nunca dizer nem fazer; não me escutei revogar essas aparições, nem dizer que não eram as vozes dessas duas santas que me falavam, e tudo o que fiz me foi arrancado por medo do fogo e foi contra a verdade que revoguei tudo o que pude revogar. Prefiro fazer minha penitência de uma só vez, do que sofrer por mais tempo tudo o que sofro nesta prisão. Além disso, nunca disse ou fiz nada contra Deus ou contra a fé das coisas que me ordenaram revogar. Eu não entendo o que havia na cédula de abjuração, não revoguei nada que não fosse na suposição de estar agradando a Deus. Enfim, se os juízes quiserem usarei novamente roupas femininas, porém, não farei nada além disso.

Saindo da prisão o bispo encontrou o conde de Warwick cercado por ingleses; correu até eles bradando: "Farowelle, Farowelle"¹³², alegrem-se, nós a ternos!

No dia seguinte os dois juízes se reuniram com o arcebispo e os assessores que puderam encontrar pois alguns fugiram e outros se esconderam tão bem que não foram descobertos. Para remediar esse inconveniente, ele convocou outros que mal sabiam do que se tratava.

Os juízes deram detalhes sobre a visita que me fizeram, como se tivesse sido uma sessão de interrogatório conforme a regra. Três opiniões foram apresentadas; a primeira queria que eu fosse declarada herege e entregue à justiça secular, a quem pediriam que me tratasse com indulgência; a segunda dizia a mesma coisa acrescentando porém que seria

¹³² Tenham alegria (Nota da edição francesa).

"Farowelle Farowelle": expressão idiomática da época (século XV) e que corresponde a "farewell", interjeição que significa: "Adeus, Adeus!" (N. da E.)

necessário me fazer ler a cédula de abjuração bem como me expor a palavra de Deus; a terceira era semelhante à segunda proposta, todavia aqueles que a formularam não falavam de justiça secular mas sim em me entregar a meus juizes. Estes agradeceram aos assessores e os liberaram sem a mínima comunicação sobre as resoluções tomadas.

Na quarta-feira, 30 de maio, o irmão Martin l'Advenu, acompanhado pelo irmão Jean Toutmouille e por Jean Massieu veio me anunciar que eu fora condenada a ser queimada naquele mesmo dia. Essa notícia inesperada causou-me um choque terrível; fiquei durante alguns minutos imóvel como uma estátua; minha cabeça estava em fogo, todas as minhas faculdades mentais se anularam, meu peito estava violentamente oprimido e eu só sentia que vivia graças às dolorosas batidas do meu coração; uma torrente de lágrimas me aliviou um pouco. Quando voltei a mim, vi-me sozinha na presença do cardeal de Winchester que me disse:

— Jeanne, o que a senhora disse sobre o sinal que deu ao vosso rei é uma ficção; sei, através dos franceses, que a senhora lhe revelou um segredo, conhecido somente por ele, e de suma importância segundo o que dizem; revele-me esse segredo e em uma hora a senhora estará livre e feliz; caso contrário, hoje mesmo será queimada viva. Ergui bem a cabeça e lhe disse:

— Reverendo pai, eu sou francesa!

Essa poucas palavras parecem ter produzido nele um efeito mágico; ele pegou de modo muito sensível minha mão e disse:

— A senhora é uma nobre criança!

Em seguida, cruzou as mãos atrás das costas e se pôs a andar, com grandes passos, na cela; parecia vítima de uma violenta agitação, mas quando parou diante de mim, seus sentimentos de inglês haviam retomado seu poder sobre etc.

— A senhora não acredita em minhas palavras? Perguntou olhando-me fixamente.

— O senhor se engana!

— A senhora ignora o destino que a espera?

— Não; mas eu sou francesa!

— Esse segredo é então de uma grande importância?

Não respondi nada, mas abaixei a cabeça para evitar seu olhar que parecia ler até o fundo de minha alma.

— Seu rei é um ingrato. Continuou ele.

— Não fale assim dele! gritei energicamente, se ele não me salvou foi porque não pôde!

Ao ouvir essas palavras ele teve um acesso de riso.

— A senhora é muito ingênua se acredita nisso, disse levantando os ombros.

— Pouco me importa, eu quero crer nisso.

— Nada é mais fácil que salvá-la, caso consinta em revelar esse segredo; reflita! A senhora seria livre, rica e feliz, junto a um esposo que a amaria.

— Dediquei a Deus minha virgindade!

Ele fez um gesto de menosprezo e continuou:

— A senhora voltaria a ver o local onde nasceu, sua mãe, seus parentes, seus amigos; reviveria os dias felizes de sua infância; a senhora estaria lá, feliz, cercada de amor e de veneração, continuou ele vendo minha emoção.

— Não, não! Não posso! Disse com uma voz abafada.

— Atribuíram sua libertação à proteção do céu, acrescentou ele sem parecer notar a minha interrupção, escolha entre esse destino feliz, essa vida cheia de felicidade que correria calma e tranquila, e a fogueira que a aguarda hoje mesmo.

Eu me senti enfraquecer...

— Meu Deus, disse do fundo do coração, não me deixe dominar.

— Lembre-se de sua mãe que tanto a ama, pense em seu velho pai, pense na felicidade deles quando a revirem; veja-os abraçando-a e cobrindo-a com lágrimas de felicidade!

— Não, não, não quero! Sou francesa e saberei morrer por meu rei e por minha pátria!

— Minha exaltação ao pronunciar essas palavras tiraram-lhe toda a esperança de me convencer; ele saiu e irmão Martin l'Advenu, o irmão Jean Toutmouille e Jean Massieu que estavam num aposento ao lado

para nos deixar mais à vontade, entraram após suas ordens. Tocada de toda minha fraqueza, chorava amargamente e lamentava angustiada o cruel destino que me esperava.

O que fiz? me perguntava, por que me tratam de forma tão terrível e cruel? Por que é preciso que meu corpo, que nunca foi sujo nem corrompido, seja hoje consumido e reduzido a cinzas? Ah ! preferia ser decapitada sete vezes que ser assim queimada! Pobre de mim! se eu tive sido presa nas prisões eclesiásticas, como deveria ter sido, se tive sido guardada por pessoas da Igreja ao invés de estar em mãos inimigas e adversárias, não estaria onde estou!

Irmão Martin l'Advenu deixou passar o primeiro instante de minha dor, depois, quando viu que me acalmava um pouco, ofereceu-me os consolos inefáveis da religião. Eles me fizeram voltar a mim e eu me preparei para morrer com toda a resignação e piedade de que era capaz.

Renovei ao irmão Martin a condição sincera de todos os erros de minha vida e lhe pedi encarecidamente que me desse a comunhão. Ele enviou imediatamente Jean Massieu para falar com o bispo de Beauvais e saber se ele podia e devia me ministrar o sacramento da Eucaristia. Cauchon se aconselhou com alguns de seus assessores e permitiu que me dessem não somente a Eucaristia, mas ainda tudo o que eu pedisse. O irmão Martin entendeu que ele o autorizava a dar a absolvição àquela que estava condenada a perecer como herege, relapsa e excomungada; ele mandou buscar o santo viático¹³³. Como o trouxeram sem estola nem velas, com medo de ofender os ingleses, ele dispensou a pessoa que o trouxe e ordenou que buscassem também o corpo de Cristo com as cerimônias usuais; com efeito, trouxeram-no à luz de tochas e cantando litânias¹³⁴; as pessoas que acompanharam o padre diziam de vez em quando:

— Rezem por ela! Eu acabara de receber os últimos sacramentos quando o bispo de Beauvais entrou com um pequeno grupo.

¹³³ Viático: sacramento da Eucaristia administrado aos enfermos impossibilitados de sair de casa. (N. da E.)

¹³⁴ Litania: forma erudita da palavra ladainha. (N. da E.)

— Ah! Monsenhor, morro par sua causa, gritei.

— Jeanne, respondeu, tenha paciência; Se a senhora morrer é porque não cumpriu o que prometeu e porque caiu novamente em suas inúmeras heresias.

— Pobre de mim! Se os senhores tivessem me colocado nas prisões eclesiásticas isso não aconteceria; porém eu os perdoo de todo meu coração, bem como a todos os que me fizeram ou quiseram fazer mal e peço a Deus que ele use de clemência para com os senhores; mas acredito que muitos nem se comovam com a minha morte.

Ele ficou bastante chocado. Quando não o vi mais, disse à Pierre Morice que estava perto de mim:

— Ah! Mestre Pierre, onde estarei hoje?

— Não tem a senhora esperança no Senhor?

— Sim e espero ir para o paraíso.

Deixaram-me um momento sozinha para dar tempo de me recolher. Vi logo minhas doces protetoras. Nunca me pareceram tão belas. Elas aumentaram minha coragem, e, quando me deixaram, garantiram que logo eu as encontraria para nunca mais nos separarmos.

Deram-me roupas femininas e, às nove horas da manhã, subi numa quadriga com o irmão Martin l'Advenu, irmão Isambert de la Pierre e Jean Massieu. A quadriga ia se por a caminho, escoltada por oitocentos homens, quando Nicolas l'Oyseler subiu. Ele me confessou todas as suas perfídias e me suplicou que o perdoasse. Seus remorsos eram tão dolorosos que ele me emocionou até o fundo da alma; quando a carroça saiu do pátio do castelo, meu rosto ainda estava banhado em lágrimas causadas pela piedade que ele me havia feito sentir. As pessoas que me viram assim pensaram que eu chorava por mim e ficaram tão enternecidas que a maioria não teve coragem de me seguir até a praça do Velho Mercado. Os ingleses que lá estavam quiseram massacrar l'Oyseleur, e o conde de Warwick teve grande dificuldade para lhe salvar a Vida; ele lhe implorou que deixasse a cidade o mais rápido possível.

Do castelo de Rouen até a praça do Velho Mercado, não fiz mais que rezar baixinho; entretanto, de vez em quando, não podia deixar de gritar:

— Ah! Rouen, temo que vocês tenham que sofrer por causa de minha morte.

A fogueira montada era bem alta, e havia ao lado dois cadafalsos, no primeiro estavam meus juízes e os assessores, no outro, os prelados e pessoas que não tinham participado do julgamento. Subi nele para escutar minha sentença.

Nicolas Midy me fez um longo sermão que escutei sem nada dizer, mas, quando ele ousou tratar Charles VII de herege, gritei:

— Fale com cuidado! meu rei é bom cristão; ele cumpre seus deveres religiosos talvez melhor que o senhor.

Apesar disso ele quis formular contra o rei novas acusações, eu, porém, defendi tão energicamente meu rei que ele continuou seu sermão sem falar mais sobre isso; quando acabou me disse:

— Jeanne vai em paz; a Igreja não pode mais te defender e te entrega à mão secular.

Ajoelhei-me imediatamente e orei a Deus com fervor. Quando vi que Cauchon se preparava para ler a sentença levantei-me e pedi aos padres e às pessoas presentes que me assistissem com preces. Não darei aqui a sentença, pois, salvo algumas contradições, ela não continha nada digno de nota e havia sido redigida na véspera.

Quando o bispo se calou, pedi imediatamente que me dessem um crucifixo. Tocado de piedade um inglês quebrou um bastão onde ele formava uma espécie de cruz e me deu; coloquei-a sobre meu coração e pedi ao irmão Isambert a bondade de ir buscar uma cruz na igreja vizinha e segurá-la bem elevada na minha frente, para que eu pudesse ver, até meus derradeiros momentos de vida, o sinal sagrado de nossa salvação. O bispo e alguns assessores gritaram para o carrasco:

— Faz teu ofício.

Antes da execução de qualquer criminoso tinha-se o hábito de fazer ler, através dos seculares, sua sentença de morte; não foi assim comigo, eu beijei a cruz que o irmão Isambert trouxe da igreja e desci do cadafalso com o irmão Martin l'Advenu. Mal estava sobre os últimos degraus, os arqueiros ingleses me seguraram com força e me levaram violentamente para a fogueira. Quando lá cheguei, colocaram-me sobre a cabeça a

mitra¹³⁵ da Inquisição onde estava escrito: “herege, relapsa, apóstata, idólatra”. Um grande número de assistentes e prelados, tomados de horror e piedade, se retirou banhado em lágrimas. Sobre um cartaz que estava diante da fogueira lia-se: “Jeanne, que se faz chamar a Donzela, mentirosa, pernicioso, embusteira, blasfema de Deus, não crente da fé de Jesus Cristo, pretensiosa, idólatra, cruel, devassa, invocadora de diabos, cismática e herege”.

Subi na fogueira com o irmão Martin L’Advenu e fui amarrada a um grande poste que estava no meio. O carrasco logo em seguida ateou fogo embaixo da fogueira. A chama levou quase uma hora para chegar ao cimo.

Irmão Martin, muito preocupado comigo, não percebeu que em breve seria impossível descer; o lado onde estava a escada logo seria invadido, eu lhe disse enquanto havia tempo:

— Irmão Martin eu lhe agradeço, retire-se e reze por mim.

O bispo aproximou-se para me ver; eu o exprobase sobre minha morte e o incitava ao arrependimento; ele me perguntou se ainda acreditava nas minhas vozes e eu respondi:

— Sim.

— Entretanto elas a enganaram quando lhe asseguraram que seria libertada.

Já me haviam feito essa observação e eu reconheci sua justiça; porém ali, sobre a fogueira, compreendi claramente seu sentido; oprimida por suas perguntas, falei:

— Sejam eles bons ou maus espíritos eles aparecem para mim.

Ele parou de falar comigo; mas como o escutei dizer a algumas pessoas que estavam perto dele que Charles VII era um herege, gritei:

— Reverendo pai, não fale assim! meu rei é bom cristão, juro sobre minha alma.

O carrasco fazia todo os esforços possíveis para abreviar minha cruel espera; contudo apesar do que ele pode fazer, o logo levou quase uma hora para chegar até mim; assim que senti as primeiras queimaduras,

¹³⁵ Mitra: espécie de barrete, de touca usada pelos bispos em certas cerimônias (N. da E.)

pronunciei o nome de Jesus, elevei os olhos para o céu e vi minhas doces protetoras e anjos do céu que seguravam uma palma e uma coroa.

Durante cerca de 15 minutos sofri horríveis torturas; mas as santas me encorajavam, e, quando dei finalmente o último suspiro, levaram com elas minha alma para os céus...

Os ingleses, chocados de terror, pensaram ter visto minha alma sair em chamas sob a forma de uma pomba branca que se perdeu nos céus. Eles se retiraram consternados com minha morte, como se fosse uma calamidade pública, dizendo:

— Estamos perdidos, pois queimamos uma santa mulher.

Quando expirei, o carrasco recebeu ordem para as isolar um pouco as chamas a fim de que todos me vissem quase consumida e para que não dissessem que eu conseguira escapar. Ele ateou em seguida fogo em meus restos, porém não conseguiu reduzir a cinzas nem meu coração nem minhas vísceras. O cardeal de Winchester, temendo que o povo achasse que era um milagre, mandou jogar meus restos mortais no rio Sena. Eu tinha então 19 anos e dois meses de idade.

O bispo de Beauvais, Nicolas l'Oyseleur, Nicolas Midy, enfim, todos os que foram culpados por minha morte ou que para ela contribuíram, pereceram miseravelmente, atormentados pela vergonha e o remorso.

A partir do ano de 1449, Charles VII começou a recolher informações a meu respeito para me reabilitar. A súplica de meus familiares foi recebida em 1455 e o resultado do processo de revisão foi o de provar para todos a minha inocência.

FIM

Apêndice

Primeira Carta

Sobre a Evocação dos Espíritos

Meu caro amigo,

Na entrevista que tive com o senhor no final de dezembro de 1853, o senhor me falou sobre a evocação dos espíritos; o senhor se lembra de ter dito que estava persuadido de que minha filha poderia tentar uma experiência com sucesso? Um mês após eu cumpri com minha promessa trazendo-a. O senhor então lhe pôs um lápis entre os dedos e um participante colocou sua mão sobre a dela evocando um espírito. Alegre e despreocupada, como se é na sua idade, ela não encarou essa experiência seriamente, bem como essas duas palavras: “Ermance, risonha”, foi tudo o que obtivemos durante esse serão.

Alguns dias após nosso regresso a Fontainebleau recebemos a visita do senhor Marquês de M. A conversa versou sobre as mesas girantes, falei-lhe dos resultados obtidos pelo senhor. Ele pediu que minha filha tentasse uma experiência em sua presença. Após algumas perguntas, satisfeitas ou não, ele evocou Sain-Louis, rei da França, que sua família, descendente de um nobre cruzado daquele período, tem como seu protetor celeste. Ele veio e nos escreveu, sobre nossa prece, os quatro conselhos seguintes:

Seja como um rio benfeitor, que expande a fertilidade e a felicidade por todos os lugares por onde passa.

Perdoe os seus inimigos e imite seu divino salvador que, morrendo sobre a Cruz, rezou por seus carrascos, dando-nos assim o exemplo da mais perfeita abnegação de si mesmo, exemplo muito pouco seguido por esses vis insetos que se chamam homens, que usam suas miseráveis existências para procurar grandezas que não podem saciar sua ambição.

Ame seus inferiores e não imite esses homens que se tornam os tiranos de seus irmãos, perdendo, com seus exemplos, almas que eles teriam que guiar e proteger nesse vale de provas. Eles tornam-se assim a presa do anjo rebelde que os encaminha aos abismos eternos.

Não pare por causa dos espinhos que margeiam a estrada; pois o caminho da virtude é penoso; mas um caminho de flores te conduziria ao precipício.

Diante da sabedoria profunda e da simplicidade tocante de seus conselhos, quem não reconheceria o caráter desse grande rei?

Foi, objetou uma pessoa presente, um ou outro dos dois médiuns que traçou essas máximas; porém, um deles, minha filha, contava apenas 14 anos, e o outro, que fora escolhido por sua ignorância, era a doméstica da casa que não sabia nem ler nem escrever. Não combaterei mais essa objeção, pois só essa reflexão já a faz cair naturalmente.

Após vários comentários sobre a beleza da vida desse santo, perguntei-lhe se ele não poderia ditá-los para nós. Após sua resposta afirmativa, pedimos que começasse logo, o que ele fez de imediato. Escreveu então esse admirável prefácio que os senhores e outros julgarão digno de ser meditado pelos reis e príncipes que são convocados a subir ao trono. Cada sessão terminava com um até amanhã. Assim foram escritas as vidas de Louis IX, de Jeanne d'Arc e de Louis XI que serão liberadas para a publicação.

Um dia, era a festa de “la Chadeleur”¹³⁶, e nós estávamos ocupados com esse atraente trabalho; a mão de Ermance, movia-se com

¹³⁶ Chadeleur: do latim “candela”, em francês “cierge”: vela, círio; Festa de la Chadeleur: festa da apresentação de Nosso Senhor ao Templo e da purificação da Virgem, celebrada a 2 de fevereiro. (N. da E.)

rapidez, parou de repente, logo recomeçou seu movimento habitual e nos escreveu essas palavras:

“Preparem-se, as vésperas soam”. Olhamos o relógio que, com efeito, marcava duas horas e cinquenta minutos, tempo necessário para nos prepararmos e fazermos o trajeto até a igreja.

Permitam-me narrar um outro acontecimento não menos curioso: o senhor Marquês F. de S., presente ao ditado de um fragmento da história, evocou a alma de um de seus familiares. A fim de se convencer da real presença dessa pessoa, ele pediu para que ele escrevesse os nomes de seus irmãos. Uma longa pausa seguiu essa pergunta várias vezes repetida, enfim, uma resposta totalmente estranha foi escrita no papel. Sem lhe dar atenção, repetimos a fórmula do que queríamos saber; a mesma resposta se deu diversas vezes. Surpresos com essa obstinação e com a espécie de mistério oculto nessas poucas palavras, que eu não repetirei, provocamos uma explicação, que foi a mais terrível predição que se possa imaginar; contudo qual não foi nossa surpresa, ao ver, nessa mesma noite, o lápis traçar estas palavras muito pouco lisonjeiras para nós: “Eh! meus palermas, eu amedrontei vocês bastante, agora a pouco, assim como ao marquês!” Quem disse isso? Resposta: “Luzel!” Por que nos fez essa predição? “Para me divertir, infelizmente Deus me ordenou que lhes dissesse que, com um outro espírito eu caçoei de vocês falsificando Napoleão, o grande”.

Prestem atenção a essa construção de frase que apresenta um grande contraste com a elegante e nobre simplicidade do estilo de Saint-Louis. Esse acontecimento veio ainda apoiar a judiciosa observação que o senhor fez, a de que a evocação dos espíritos oferece mil perigos e que sem a grande sedução dos motivos, e sobretudo sem todas as precauções que pede a prudência cristã, não se deve confiar nessas entrevistas do mundo dos vivos com o dos falecidos. Tendo perguntado a Saint-Louis o meio de evitar que essa cena engraçada, para não dizer perigosa, se renove futuramente, ele aconselhou que nos ocupássemos apenas com a história, e nos propôs ditar, ou fazer ditar por eles mesmos, as histórias dos reis da França, desde a origem da monarquia até nossos dias, e de homens célebres de todos os tempos. Com efeito, nunca mais nenhum

esperto ousou vir nos atormentar quando nós nos ocupávamos com essa tarefa séria.
Vosso muito aficionado amigo.

Segunda carta

Meu querido amigo,

Já lhe disse, na minha precedente carta, como minha filha, conseguiu obter a história dessas vidas que já causaram tanta confusão em nossa pequena cidade, Agora só me resta responder a algumas objeções que vocês me submeteram. Por que a vida de Saint-Louis, por exemplo, não foi ditada na linguagem do século XIII?

Essa pergunta foi feita ao Santo que nos respondeu que suas obras eram destinadas tanto às primeiras quanto às últimas classes da sociedade e que, devendo concorrer para um objetivo estabelecido por Deus, só podem e só devem ser escritas na língua mais conhecida, para estar assim ao alcance de todos; ali, as pessoas que atribuíram essas obras a uma criança de quatorze anos, ficariam mais convencidas caso ela estivesse em língua estrangeira, senão ao país pelo menos ao século presente?

Entre as pessoas que assistiram a esses ditados, algumas declararam francamente suas convicções, outras se recusaram à evidência de uma coisa que, de qualquer lado para o qual ela penda, sobrepuja a inteligência, seja porque admite a fonte sobrenatural seja, coisa mais extraordinária, porque reconhecesse Ermance como autora dessas obras; mas porque este raciocínio, bem simples, não se ofereceu ao espírito dos incrédulos: se minha filha tivesse tal talento, não seria o primeiro a me felicitar e a publicá-lo, ao invés de atribuir todo o mérito a seres sobrenaturais, deixando para ela somente o fato de ser um instrumento cego? Mas, me dirão vocês, qual o objetivo? Só tenho como resposta: não sei. Permitam entretanto algumas conjeturas; não seria para se derrubar o ateísmo, privando-o de sua única base, o materialismo, que a imortalidade da alma torna impossível? Não seria para dar a convicção a tantas almas que duvidam, e a dúvida para tantas outras que estão endurecidas?

Quando não fosse somente esse último motivo, que vitória explosiva não daria ele à igreja, trazendo-lhe tantas almas desgarradas?

Uma pessoa respeitável da cidade me apresentou, assim como à minha filha, um célebre pregador que estava em missão aqui nessa época; eu tinha comigo os conselhos citados na primeira carta, e os mostrei dizendo-lhe a fonte, um “é espantoso!” escapou-lhe sem querer, revelando-me o efeito produzido. Interrogado sobre sua opinião, ele me disse que estava persuadido que não era Saint-Louis, mas um demônio que ocultava suas armadilhas debaixo de bons conselhos para se impôr a todos nós; com o apoio dessa afirmação, ele me citou a história de uma moça cujos milagres foram realizados diante de pessoas dignas de fé, foi considerada uma santa e que, na realidade estava possuída pelo demônio, como foi reconhecido mais tarde. Mas que aparência Satã vai buscar para nos perder, sustentando a linguagem dos Paulos e dos Agostinhos? Admitindo, contudo, visto por que desde mais de dois anos nós realizamos essas entrevistas de além-túmulo, o espírito do mal não teria se traído por um pensamento ou mesmo por uma palavra? É verdade que nós somos sempre excluídos do círculo dessa ciência que a igreja bloqueou com uma espécie de reprovação; nunca dirigimos uma pergunta que pudesse dar margem a esses diálogos ateus que, se não defenderam, pelo menos não desaprovaram a evocação dos espíritos; por outro lado, os eleitos e os espíritos celestes velaram sobre nós com uma vigilância que não se desmentiu uma única vez e que distanciou todo perigo, circunstâncias que vêm ainda apoiar a opinião que emiti anteriormente.

Restava aos incrédulos um último recurso; minha filha, diziam, aprendia de cor a vida em questão, depois ela a escrevia, sem se questionar se foi ela, acrescentaram outros. Caso não tivesse bom senso, nem teria me preocupado em responder a essa última objeção; quanto à primeira, eis meu pensamento: se, como eles dizem, essas vidas fossem meras cópias, de onde viriam os prefácios tão tocantes; o trecho da chegada de Saint-Louis ao paraíso e os esclarecimentos dados à história, ela mesma? Admitamos que Ermance os tenha tomado de sua imaginação: mas digam-me, com toda sinceridade da alma, se é possível que a pessoa mais dotada de memória possa, conversando, rindo, escutando e

respondendo a diversas perguntas, escrever, sem erro de memória, um fragmento de história sabido anteriormente? O que diriam então se acrescentassem que esses ditados, em sua maioria foram realizados diante de pessoas estranhas e quase sempre de improviso?

Um acontecimento mais extraordinário, do qual várias pessoas foram testemunhas, contribuirá poderosamente para a destruição dessa conjectura: após ditar sua vida, cada espírito pediu para reprisá-la, para acrescentar circunstâncias omitidas; sem colocar o manuscrito diante dos médiuns, eles fizeram indicações ditando a página e a linha onde elas deveriam ser inseridas. A passagem relida em voz alta; sem nada tirar ou acrescentar, não apresentava corte algum, nem palavra mal colocada, apesar de, freqüentemente cair exatamente no meio de uma frase.

Permitam-me citar uma nova curiosidade: uma senhora de Paris, bem situada no círculo literário, após ler o prefácio de Saint-Louis, ficou tão impressionada com a sabedoria dos pensamentos que fez, somente para ver minha filha, a viagem de Fontainebleau¹³⁷, com um amigo, senhor M. de E, ex-deputado. Essas duas pessoas, que temiam um distúrbio em minhas faculdades mentais, não levaram muito tempo para estarem inteiramente convencidas. A senhora que sofria grandes infortúnios, após receber de Saint-Louis várias consolações, pediu para lhe fazer um pedido particular; eis o que foi ditado:

Saint-Louis, o senhor, que Deus fez passar por essa terra de provas, consinta interceder por mim junto a Deus, nosso soberano Senhor; lembre-se que o senhor foi nosso rei e que sempre protegeu os infelizes. É com um coração dilacerado pelos espinhos que margeiam meu caminho que venho vos suplicar; conceda-me vossa intercessão junto a Deus e, obtenha para mim, após ter atravessado corajosamente este vale de lágrimas e misérias, que eu chegue finalmente à eterna felicidade. Assim seja.

Essa prece está conforme os dogmas da Igreja e seria preciso grande esforço para vê-la como sendo obra de Satanás! Confesso meu caro amigo que não posso fazê-lo e vejo nessa idéia uma blasfêmia. Não

¹³⁷ Fontainebleau: cidade localizada no Departamento de Seine-et-Marne, a sudoeste de Paris. (N. da E.)

seria isso atribuir ao demônio um poder que se recusaria a Deus? Não seria reconhecer a criatura rebelde Corrie sendo mais forte que seu Criador?

Vosso muito afeiçoado amigo.

Terceira carta

Meu caro amigo,

O senhor me disse que, apesar de todas as considerações emitidas em minhas cartas precedentes, o clero não voltará atrás sobre a desaprovação total à evocação de espíritos.

Queira escutar-me: a Igreja, com sua prudência habitual suspendeu seu julgamento até o dia em que poderá fazê-lo com a sabedoria que caracteriza todos os seus atos. Ele será favorável à evocação dos espíritos, estou seguro, já que ela só tem bons resultados.

Permita-me detalhar alguns: não somente aos homens que podem ler obras dos materialistas, mas ainda ao povo, negam a imortalidade da alma. Quantas vezes escutei essas palavras descrentes, que são uma espécie de provérbio: “Quando estamos mortos estamos bem mortos”. Que prova mais convincente que a evocação dos espíritos pode lhes oferecer? Que arma invencível essa admirável descoberta não põe nas mãos da Igreja? Mostrando-nos a alma separada de seus laços, superior àquela que é retida em seu envelope mortal, ela fornece uma nova prova da superioridade incontestável do Cristianismo sobre todas as religiões, oferecendo a seus eleitos não uma felicidade sensual como o Islamismo, mas sim uma felicidade digna de sua grandeza, quer dizer, a posse de Deus.

Em que, perguntarão, consiste, a superioridade da alma libertada? Primeiro, na caridade ardente e esclarecida dos Santos, que as leva a deixar, sem interesse, suas felizes moradas para vir nos darem conselhos e consolos que não são impregnados nem de orgulho nem de afetação, como comumente se passa sobre essa terra. Segundo, a humilde confissão de seus erros e seu arrependimento que até mesmo reis nos fizeram, pedindo a nós uma simples oração.

Atribuindo somente ao demônio a evocação dos espíritos, não é negar as bases essenciais do Cristianismo que cada dia nós reconhecemos recitando o símbolo dos apóstolos “*a comunhão dos santos*”. Através dessas palavras, admitimos, com a Igreja, a existência da relação, não somente entre os vivos e os santos, mas ainda com as almas sofredoras do purgatório. Diga-me por favor, o que a evocação dos espíritos tem demais? Nesse caso, as relações mais íntimas e mais diretas, e não são uma novidade. Por esse meio viemos socorrer as almas falecidas; através dele obtém-se a história escrita com imparcialidade e, os esclarecimentos numerosos que a tomam clara e precisa. Os reis e os acontecimentos são julgados com toda justa serenidade que esse título *Vidas ditadas do além-túmulo*, pode fazer esperar. Esses detalhes já são muito longos para que, acrescentando algo, eu faça uma inútil e cansativa digressão.

Não contestarei essas vantagens, me diriam vocês, talvez, mas, me parece que é para evitar o perigo que vocês não mencionam. Ele existe, mas o que, na Terra não o comporta? Os elementos mais úteis ao homem, não se tornam eles seus mais cruéis flagelos? A água e o fogo por exemplo, tão necessários e preciosos, quantos prejuízos podem causar? Seria necessário então, por essa razão proibir seu uso? Diga-me agora se o exemplo desses dois elementos não fala em favor da evocação dos espíritos? Quais são os perigos que ela pode causar em vista das devastações que ela causa?

Entretanto os utilizamos menos por esta razão? Porque seria assim para esta bela descoberta? Quais são na realidade, esses perigos, em comparação ao bem que os compensa? Os demônios que, através das mesas, mantiveram discursos ateus, não foram forçados a confessar suas mentiras e más intenções, de revelar suas armadilhas e de reconhecer o poder da força de Deus e, as verdades que eles quiseram negar; aliás quem lhes deu a chance para se exprimirem assim? Questões supérfluas ou a frivolidade das pessoas que os interrogaram. Aos olhos das pessoas do mundo da Ciência, bem incompleta, as mesas falantes são um passatempo bem perigoso, eu confesso, mas elas estão contudo, longe do gênero de evocações que nós praticamos. A primeira é boa para divertir as pessoas que se perdem rindo, a segunda porém, oferece aos

homens sensatos, tudo o que devemos esperar de tema tão grave. Qual o efeito ruim que a evocação dos espíritos produziu? Nenhum, as pessoas que abusaram foram todas punidas sem terem alcançado seus objetivos. Esse doutor que o senhor citou, por ter evocado maus espíritos, recebeu uma terrível punição: dia e noite fantasmas medonhos o importunam e o ameaçam, feliz quando só ficam nisso.

Sua vida é um suplício e a morte que deveria acabar com ele, lhe parece ainda mais terrível. A cupidez quis explicar essa ciência, que resultado obteve?

Inúmeras mistificações... Permitam-me citar um novo exemplo: um tesouro foi descoberto pelos espertos, para pessoas cujo olho era maior que a barriga; não contentes de designar o local, indicaram as camadas da terra, e os cursos da água que os trabalhadores encontrariam; tudo se concretizou, o tesouro porém não aparece. Uma nova indicação dada pelos espíritos fez reconhecer as escavações; esforços inúteis, os espertos declaram finalmente, só querer mistificar. Digam-me francamente, essas pessoas não foram punidas pelo que haviam pecado? Eis entretanto, os únicos perigos, únicos inconvenientes que um exame sério me revelou nas evocações dos espíritos; quanta benfeitoria não achou, por outro lado. A alma, o espírito, o coração, todos aí encontram consolação infinitas. Para os dois primeiros, a simples reflexão os indicará, quanto ao último que doçura não sente ele ao poder atenuar o sofrimento dos seres bem amados ou adquirir convicção da sua felicidade?

Nós o perguntamos a esse clérigo, tão digno de nossa veneração e respeito, devemos quebrar esse instrumento que produziu obras que respiram a moralidade mais pura e religiosa, que oferecem na vida de Saint-Louis, lições mais úteis aos reis, aos príncipes e aos povos; que dão, na vida de Louis XI, uma confissão pública dos crimes, os mais odiosos, acompanhados por um maior arrependimento, verdadeiro e extenso; que, enfim, mostram todo o poder e misericórdia da bondade de Deus, na vida miraculosa de uma jovem moça, que mal saíra da modesta choupana de seu pai, toma-se rival dos maiores capitães de seu tempo, ultrapassando-os pela sabedoria de seus conselhos e ações? Espero que a leitura dessas três cartas e das histórias que vamos publicar demons-

trem ao nosso clero que, longe de abolir a evocação dos espíritos, tal qual a praticamos, ele deve encorajá-la com todo seu poder, como prova evidente da imortalidade da alma e da bondade da religião cristã.

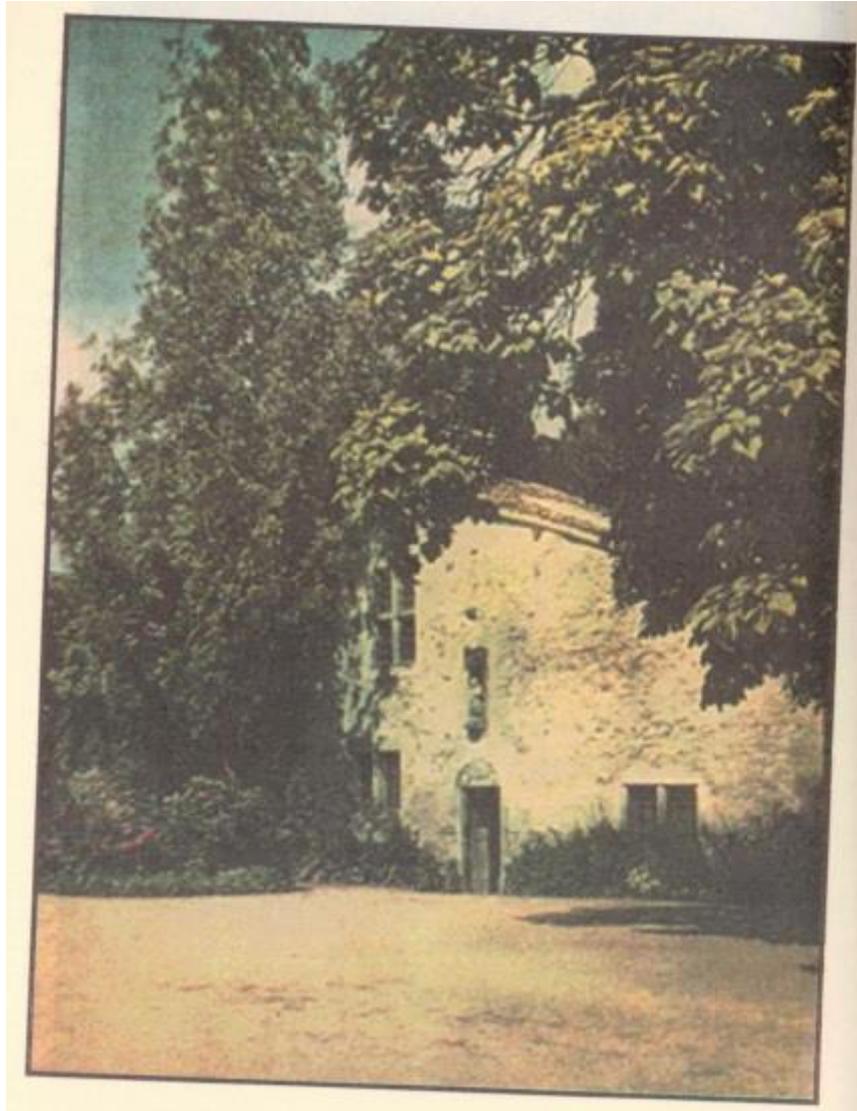
Vosso muito aficionado amigo.

MOMENTOS FOTOGRAFÍCOS

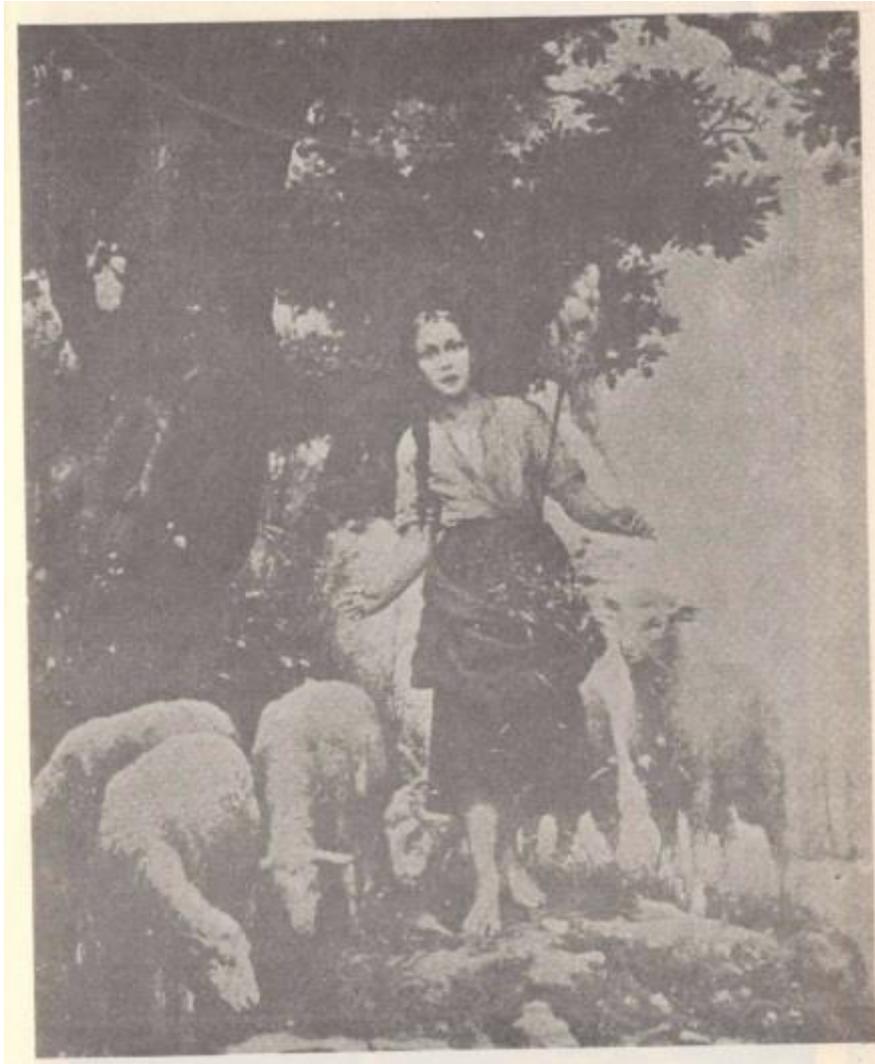
Esta página foi deixada em branco intencionalmente.



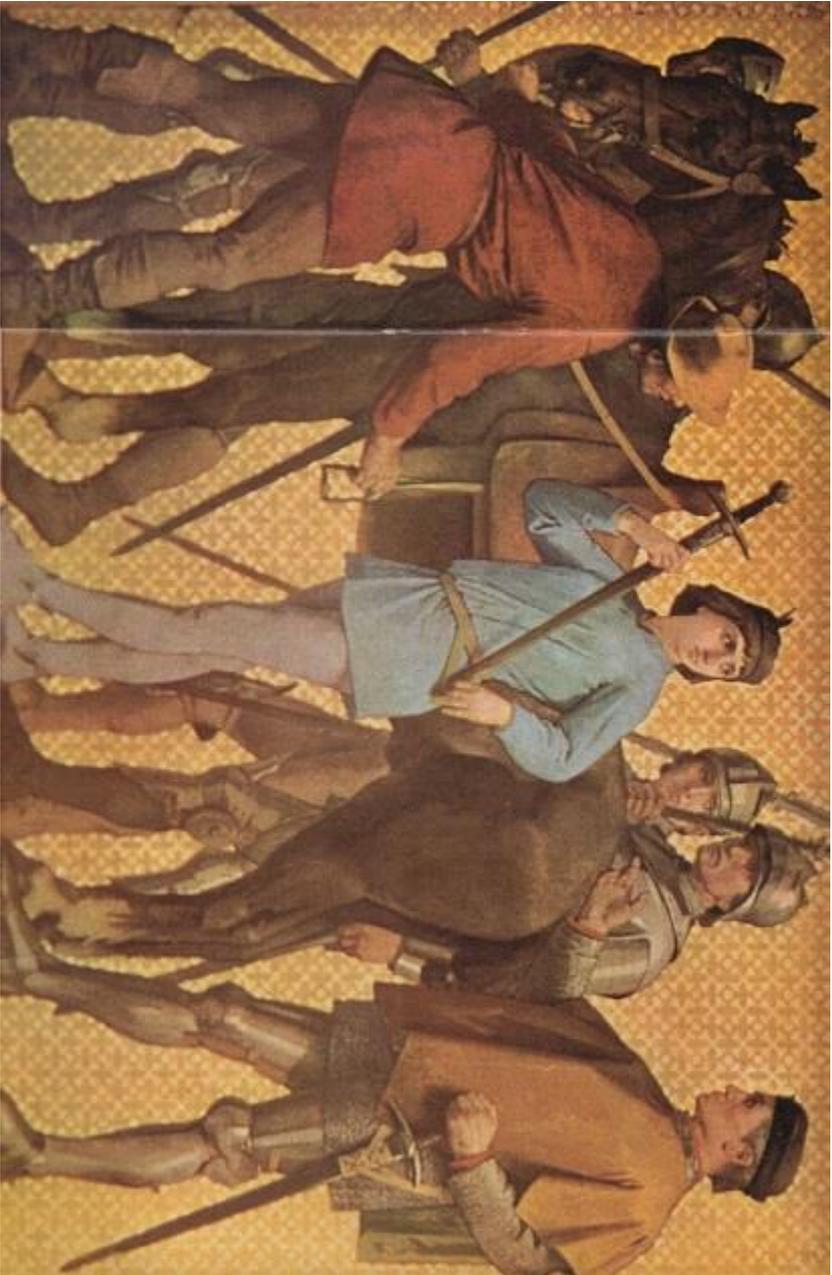
“Jeanne d’Arc em Domremy”, famosa escultura, em mármore, de Henri-Michel-Antonie Chabu, em exposição no Museu do Louvre.



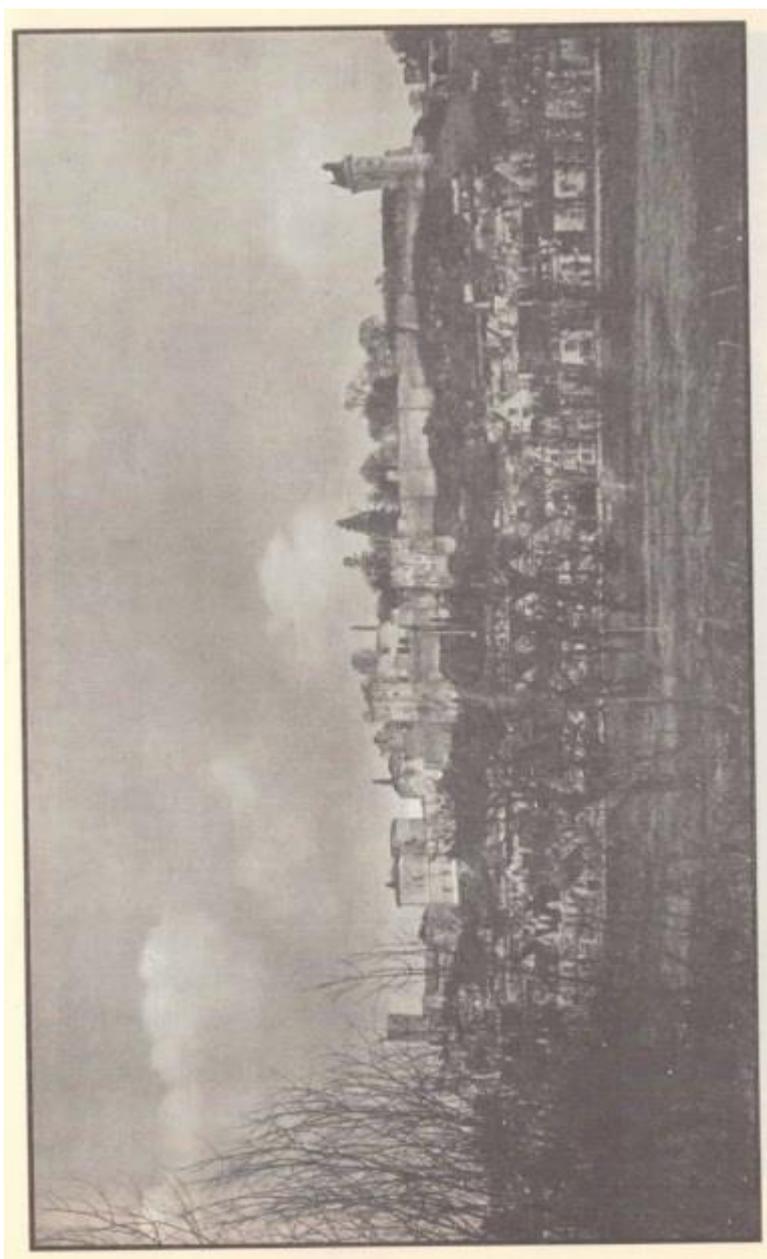
Casa em que nasceu Jeanne d'Arc, na cidade de Domremy,
em seu estado atual.



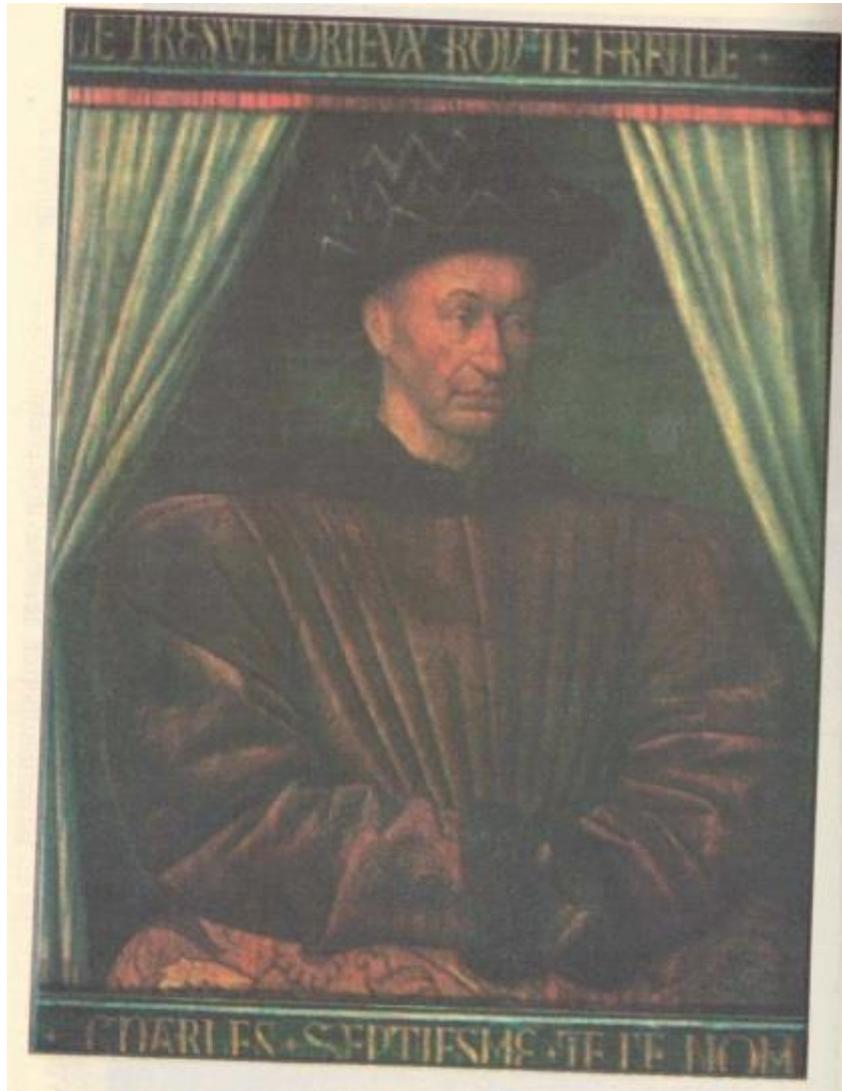
Numa concepção artística de Lematte, Jeanne d’Arc, aos 13 anos, quando, segundo suas palavras, ouviu “uma voz vinda de Deus”



“A partida de Vaucouleurs”, representada na pintura mural de autoria de Lenepveu.



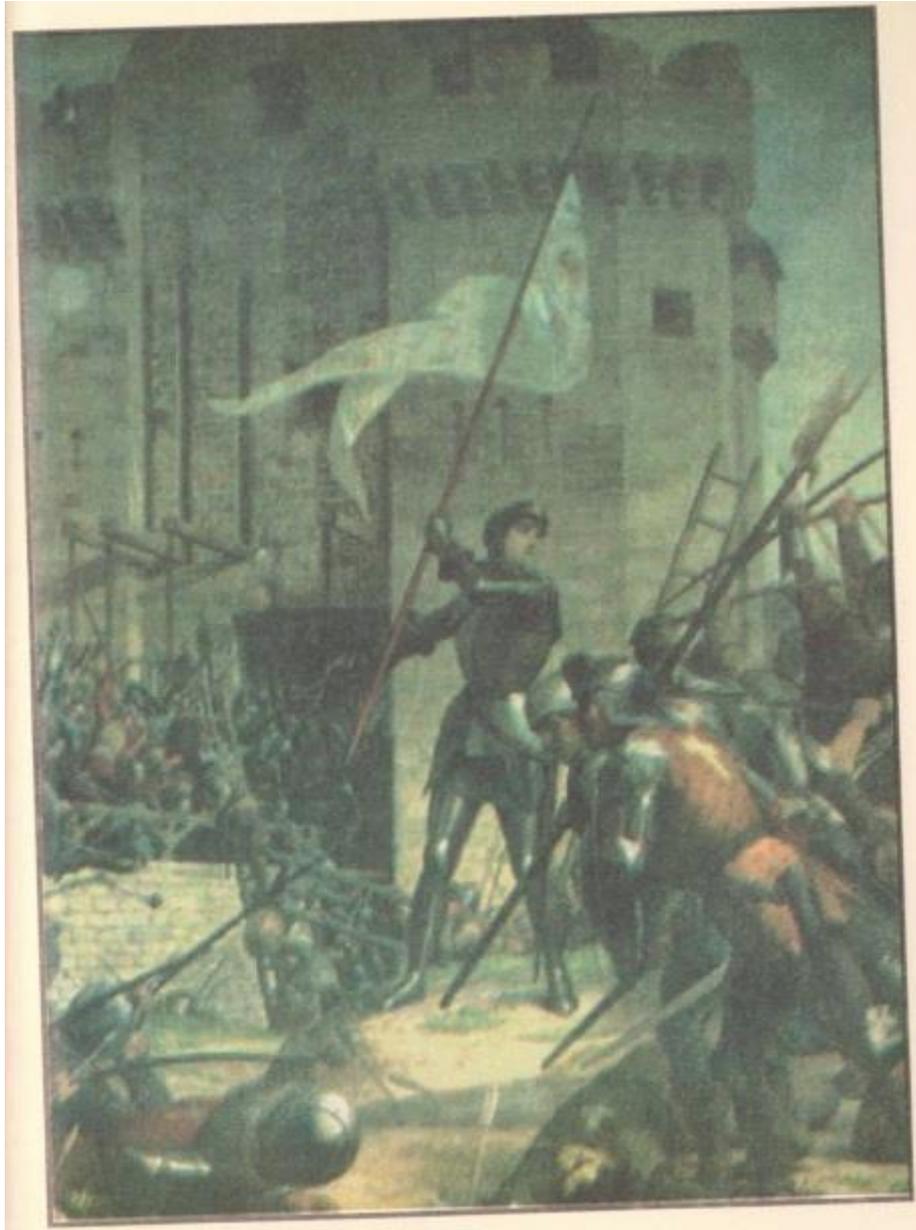
Vista da cidade de Chinon, onde Jean chegou no dia 23 de fevereiro de 1429;
na parte superior, as ruínas do castelo.



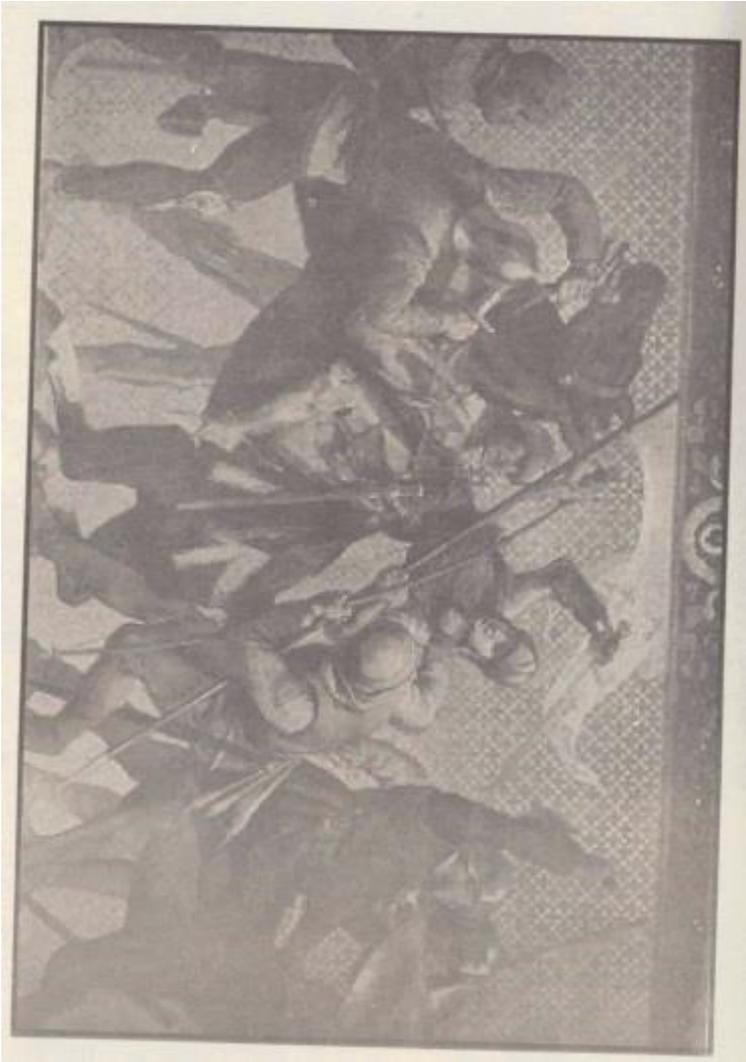
Charles VII, na famosa pintura de Jean Fouquet. Este quadro pertence ao Museu do Louvre, Paris



“O cerco de Orléans”, desenho do manuscrito “Vigiles de Charles VII”, de Marcial d’Auvergne, pertencente à Biblioteca Nacional, em Paris.



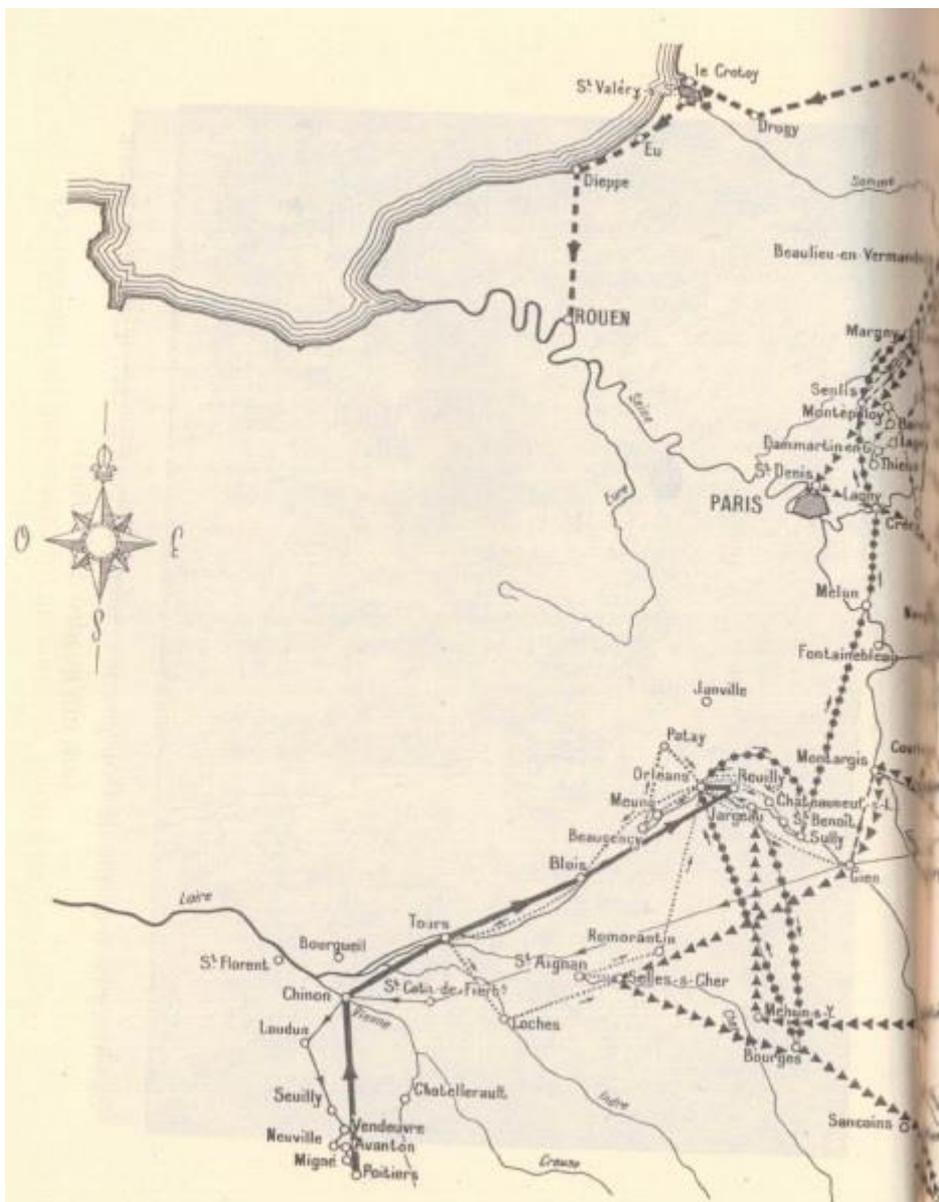
“Ataque ao forte de Tourelles”, pintura de Lenepveu.



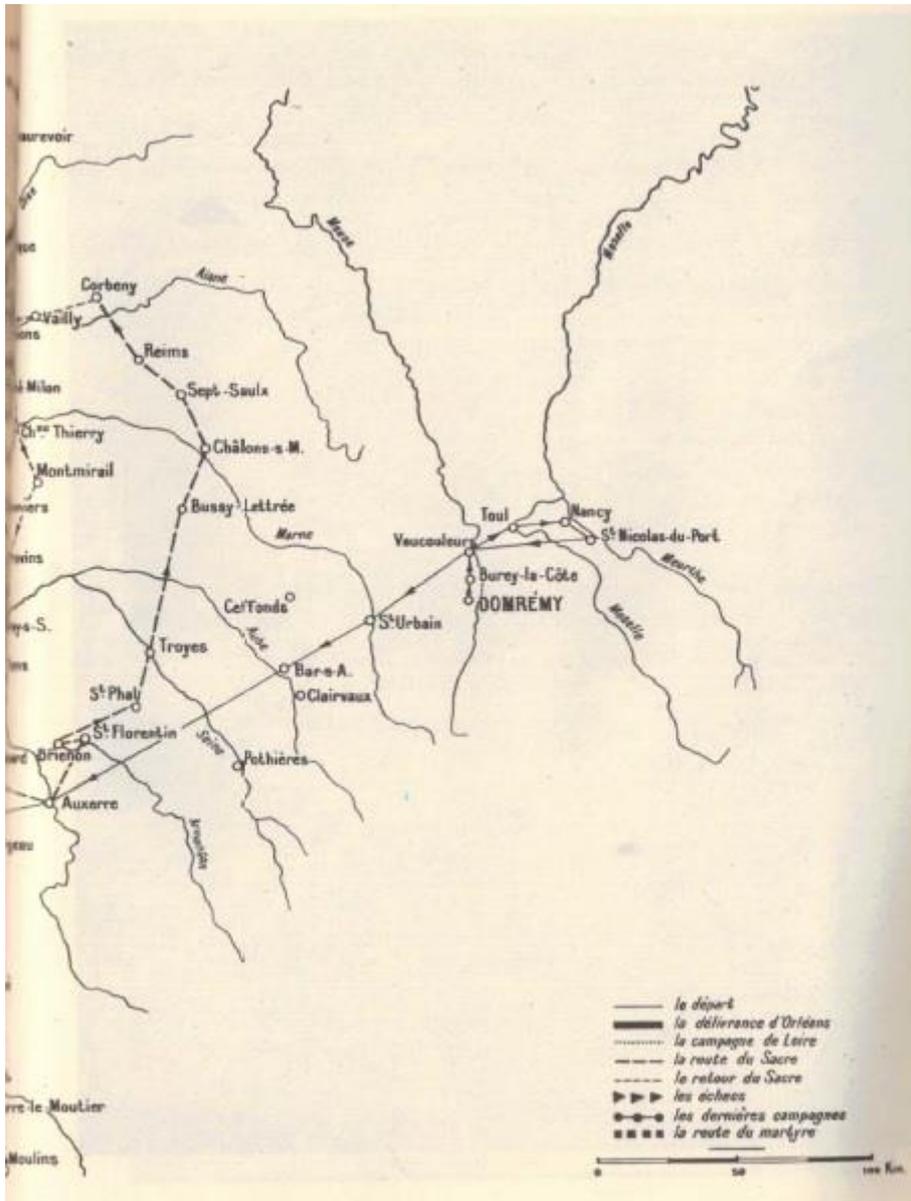
O momento em que Jeanne foi aprisionada, pintura de Lenepeveu.

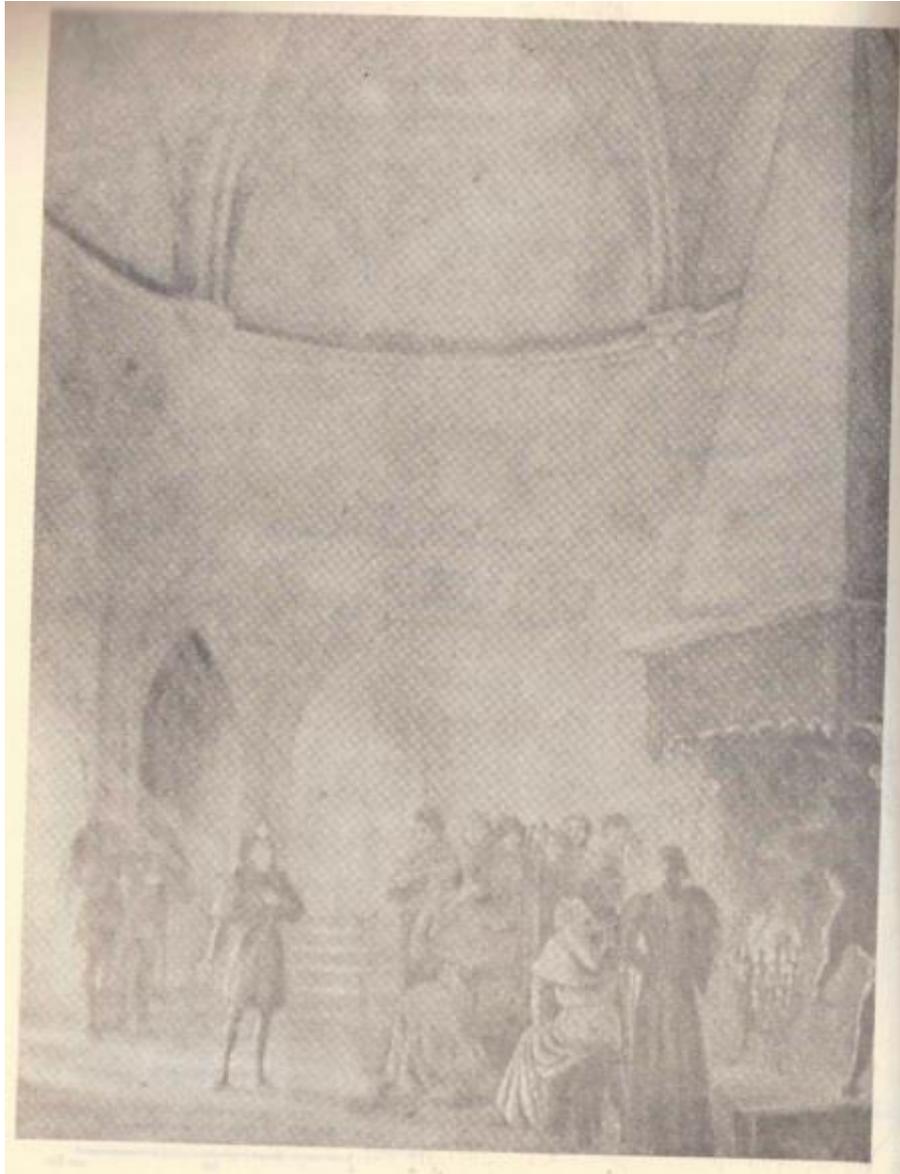


Em Margny, o duque de Bourgogne contempla, com prazer, a sua prisioneira.
(em um quadro de Patrois)



A trajetória de Jeanne d'Arc

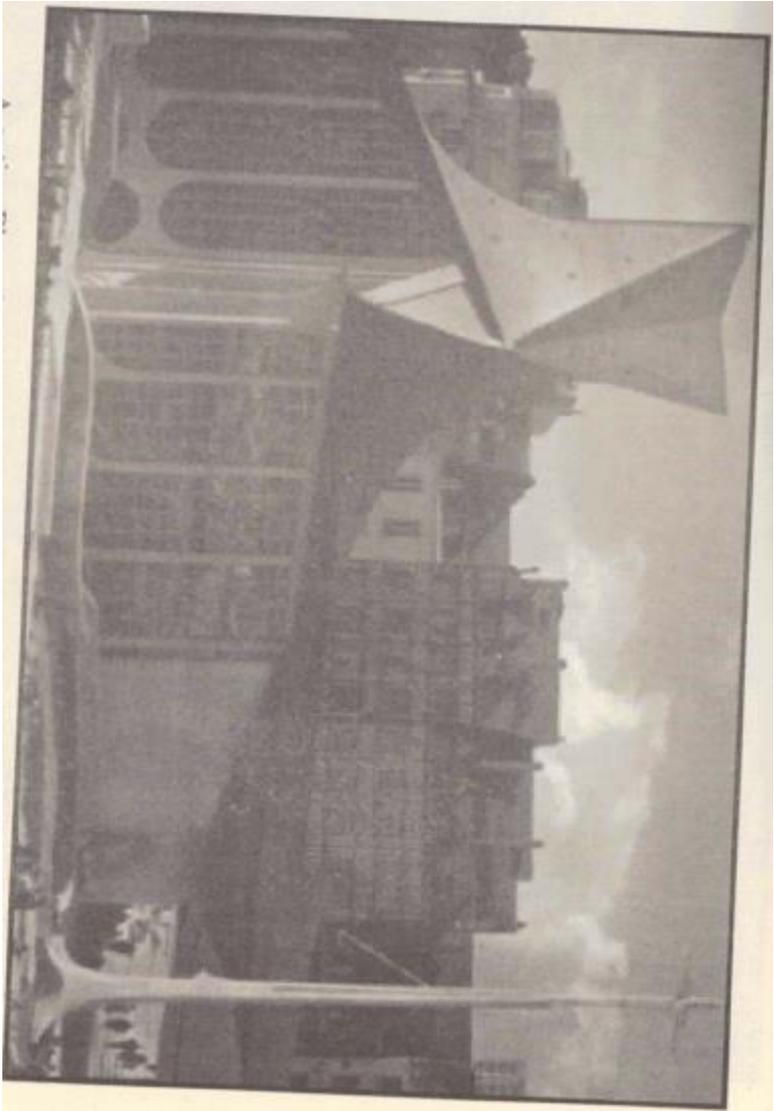




Jeanne sendo interrogada por seus juízes. (Émile Deshays, 1901)



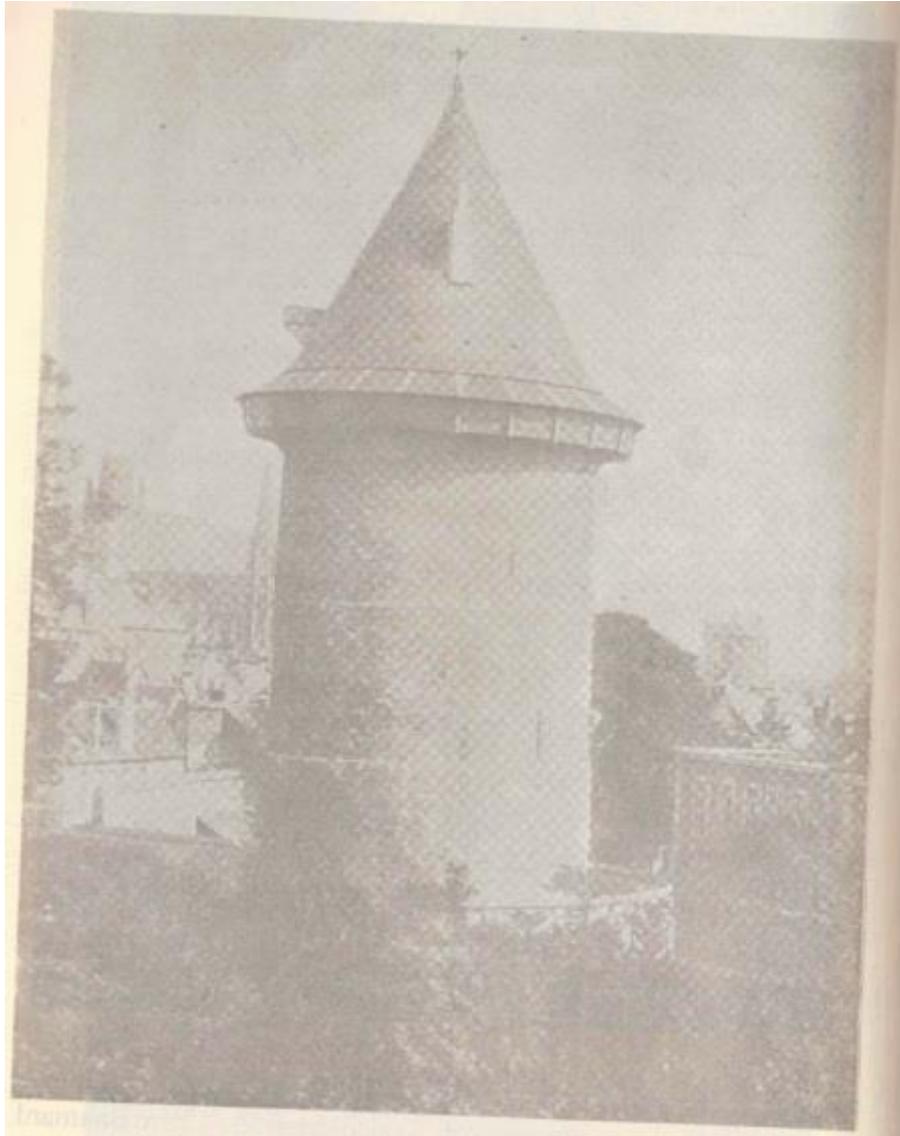
Jeanne em meio às chamas. Reprodução de uma litografia do século XIX.



A antiga Place du Vieux-Marché, em seu estado atual, com a moderna igreja erigida em honra a Saint-Jeanne d'Arc.



“Jeanne d’Arc prisioneira”, escultura de Barrias erigida no monumento da colina de Bon-Secours, perto de Rouen. Segundo Claire Baumard, dedicada secretária de Léon Denis, entre todas as obras estatutárias de Jeanne D’Arc esta era a preferida do Mestre Denis que possuía uma reprodução dessa estátua à cabeceira de seu leito.



Torre em que Jeanne d'Arc esteve encarcerada, no Castelo de Rouen, reconstruída no mesmo local e de acordo com o plano do antigo Torreão.



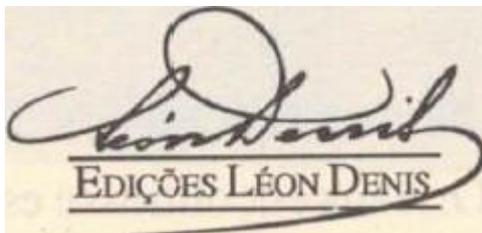
Rouen, Place Du Vieux-Marché: uma placa determina o local onde foi armada a fogueira em que Jeanne foi queimada viva.



No Museu de Orléans encontra-se esta cabeça de mulher, que provém de um monumento orleanês do fim do século XV, e que se presume seja a reprodução da cabeça de Jeanne d'Arc.



Produção Gráfica
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Diretoria de Divulgação da Doutrina Espírita



Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
Telefax (0XX21) 2452-1846 Fax (0XX21) 2450-4544
Site: <http://www.celd.org.br>
E-mail: editora@celd.org.br